



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ADRIANO SOARES SAMPAIO

NAS ÁGUAS TURVAS DO PRATA:
Brasil Gerson e as páginas continentais de “Através das Américas” no jornal Tribuna Popular
(1945 - 1946)

FORTALEZA
2024

ADRIANO SOARES SAMPAIO

NAS ÁGUAS TURVAS DO PRATA:

Brasil Gerson e as páginas continentais de “Através das Américas” no jornal Tribuna Popular
(1945 - 1946)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História. Área de concentração: Cultura e Poder.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S181Á Sampaio, Adriano Soares.

NAS ÁGUAS TURVAS DO PRATA : Brasil Gerson e as páginas continentais de “Através das Américas” no jornal Tribuna Popular (1945 - 1946) / Adriano Soares Sampaio. – 2024.
217 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza, 2024.

Orientação: Prof. Dr. Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo.

1. Tribuna Popular. 2. América Latina. 3. Intelectual comunista. 4. Peronismo. I. Título.

CDD 900

ADRIANO SOARES SAMPAIO

NAS ÁGUAS TURVAS DO PRATA:

Brasil Gerson e as páginas continentais de “Através das Américas” no jornal Tribuna Popular
(1945 - 1946)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História. Área de concentração: Cultura e Poder.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo

Aprovada em: 12/07/2024

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Adelaide Maria Gonçalves Pereira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Carine Dalmás
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho a minha mãe, Maria Hidelvanice dos Santos Soares, e meu pai, Antônio José Sampaio Ferreira, que de perto acompanharam o meu crescimento nas mais variadas fases da vida e me ensinaram o verdadeiro significado de respeito, agradeço o apoio a minha decisão de adentrar no universo da licenciatura e da pesquisa histórica. Aos meus irmãos Matheus, Daniel e Rodrigo, devo um agradecimento mais do que especial por me fazerem uma pessoa mais sensível, paciente e alegre. Obrigado pela ajuda e compreensão nos momentos de escrita da dissertação.

Obrigado querida vó Liquinha, professora e educadora, pelo presente que me deu no meu aniversário de 20 anos: o anel usado por você na sua formatura do curso de Letras. Depois de décadas, saiu do seu armário para ser agraciado pelo seu primeiro neto-professor.

Meu muito obrigado ao espírito da tessitura delicada da minha avó Maria do Carmo (Carminha) e avô Adão (*in memoriam*), sinônimos de amor, força, audácia e grandes mestres para a vida. Se hoje sou, sei que devo muito a eles.

Agradeço também a todos os familiares, parentes, primos, primas, tios e tias interessados ao longo dos dois últimos anos nos ofícios e jornadas de trabalho dedicadas para a conclusão desta dissertação, obrigado pela força, parceria e bebedeiras. Obrigado especialmente aos tios Hildebrando, Hildevandro, Darlan, Mauricio e Marcelo, as tias Hidelvanice, Hidelvania, Hidelvandra, Vânia, Liduina, Clezia, Thalita e Nena, aos primos Guilherme, Humberto, Gustavo, Gabriel, João Pedro, Henrique e Kevin, as primas Livia, Liana, Beatrice, Natalia, Lavínia e Ester.

Aline, sempre querida, obrigado pela força, incentivo, motivação, escuta e companheirismo. Seu suporte foi fundamental para reencontrar-me nos eixos da vida e da dissertação.

A prima Liana e seu esposo Daniel pela estadia tão confortável na sua residência, trocas sinceras e na difícil tarefa de serem guias turísticos pelas encantadoras ruas, restaurantes, bares e estações de São Paulo. A Sofia e Rodrigo, pela acolhida paulistana.

Acredito que esta é uma das mais prazerosas partes do trabalho, também árdua e não mais fácil. São muitos e muitas as que me ajudaram a concluir a respectiva dissertação. Inicialmente, dou os meus mais sinceros agradecimentos à minha professora e orientadora Ana Amélia. Nos encontramos em meados de 2019, quando fui seu bolsista de Iniciação Científica. Desde então, mergulhei nas investigações sobre intelectuais, comunismo e

América Latina. Agradeço por todo o apoio ao longo desses anos, pelos encontros, conselhos, almoços, caminhadas e muitos livros.

A queridíssima professora Adelaide Gonçalves, agradeço pelas agradáveis tardes de conversas e acolhidas no Plebeu Gabinete de Leitura. Não poderia esquecer do seu incentivo desde os anos de graduação para enveredar pelos caminhos da pesquisa histórica e o toque humano e inspiração de engajamento social. Foi de enorme contribuição para a dissertação às leituras ofertadas pelo Plebeu.

A professora Carine Dalmás, pela leitura, incentivo e sugestões para aprimorar a pesquisa.

Aproveito para registrar a importância, para esta pesquisa, do acervo da biblioteca do Plebeu. Nele pude pesquisar nas coleções das revistas *Memória & História*, publicação do Instituto Astrojildo Pereira, da década de 1980, e dos variados números de *Perseu: História, memória e política*, do Centro Sérgio Buarque de Holanda. Bem como o acesso à farta bibliografia sobre história da imprensa, história do comunismo e às raras produções do Arquivo de Memória Operária e do Arquivo da Polícia Política, publicadas pelo Arquivo Público do Rio de Janeiro em parceria com a FAPERJ.

As professoras e colegas do grupo de estudo *História e Literatura* pelos debates, dedicação e sugestões sobre a pesquisa, especialmente Irenísia e Kedma, pela acolhida, debates e sugestões sobre a pesquisa desde 2021, a época que aguardava para submetê-lo ao processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará.

Gostaria também de agradecer a todos os professores da graduação e pós-graduação que, desde 2017, tive o prazer de compartilhar discussões dentro e fora da sala de aula. A todos os funcionários das bibliotecas da Universidade Federal do Ceará, especialmente a Biblioteca do Centro de Humanidades e do Programa de Pós-Graduação em Economia, fundamentais para o recolhimento destinado à leitura e escrita da dissertação. Aos trabalhadores da Biblioteca Pública Estadual do Ceará, pela manutenção e cuidado diário com esse importante patrimônio da sociedade cearense.

A todos os funcionários do CEDEM-SP, especialmente a arquivista Yara, pela ajuda na localização das fontes e sugestões de documentação. Ao querido servidor do Arquivo Público de São Paulo, o qual se apresentou como ‘ex-marido de uma crateuense’ que permitiu a minha estadia por três dias nas dependências do arquivo.

A todos os meus amigos e amigas pelo suporte, incentivo e confiança permanente a minha pessoa nesse período da pós-graduação. Agradeço profundamente à vocês, nessa

pesquisa que há um pouco de cada um, desde as discussões nos primeiros anos do curso, culminando na criação do Movimento Piracema, alçando as gestões do Centro Acadêmico Frei Tito de Alencar, as noites acordadas no breu do pátio do Centro de Humanidades II, para a preparação dos “cadeiraços” às 5 horas da manhã, interrompendo o trânsito na avenida da Universidade e sendo observado com expectativa pelos transeuntes da avenida 13 de maio, como também dos homens e mulheres nas bicicletas, carros, motos, ônibus e topiques. Dos xingamentos raivosos aos apoios e aplausos, dezenas de estudantes erguiam faixas, bandeiras e ecoavam palavras de ordem contra o sucateamento da educação e em defesa de uma série de direitos fundamentais conquistados a duras lutas.

A todos os amigos que fiz na militância estudantil, nas salas de aulas, no bosque de história e espaços além dos muros da universidade, sou grato pelo nosso encontro. Alberto, foi nos primeiros semestres da graduação que contigo aprendi o significado de “camarada”. Ester, agradeço a nossa grande amizade. Eduarda, pelo incentivo incessante nesses anos de mestrado. Cito alguns, correndo o risco de esquecer outros, os de Bruno, Cabral, Redson, Robson, Reinaldo, Jean, Gabrielle, Nathalia, Noelle, Rassanth, Ranna, Raiomara, Keciane, Naiza e Stephanie.

Agradeço a instituição Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), pelo apoio financeiro com a concessão da bolsa de estudos durante 12 meses.

RESUMO

Essa dissertação versa sobre a coluna jornalística *Através das Américas*, de autoria do intelectual comunista Brasil Gerson, publicada nas páginas do matutino *Tribuna Popular*, jornal de massas do Partido Comunista no Rio de Janeiro. Jornalista, escritor, tradutor, dramaturgo, roteirista e crítico de teatro, Brasil Gerson foi autor de inúmeras crônicas, romances, contos e colunas de jornais. Entre as décadas de 1930 e 1940, participou ativamente das lutas sociais e mobilizações políticas contra o fascismo, chegando a dirigir o periódico da Aliança Nacional Libertadora em São Paulo, *A Platéia*. Fugindo das perseguições do Estado Novo, foi um dos comunistas exilados no Rio do Prata entre 1939 a 1942. No exílio, desenvolve uma série de relações complexas e ricas, construindo diálogos e experiências que impactarão decisivamente o seu ofício. Procuramos examinar como Brasil Gerson e a coluna diária *Através das Américas*, a seção continental do impresso, veiculam informações, debates, polêmicas e abordagens sobre a luta social na América Latina na conjuntura do pós-guerra. Objetivamos entender, dentro das limitações de sua época, o papel de Juan Domingo Perón no panorama continental e os desdobramentos das tensões regionais sul-americanas para o debate político na coluna fixa de Brasil Gerson. Dessa forma, a investigação e problematização da seção continental da *Tribuna Popular* expõe as complexidades políticas entre Brasil Gerson, o PCB e a intelectualidade comunista portenha, adentrando nas divergências, polêmicas e contradições entre a própria *inteligência* dos partidos comunistas latino-americanos.

Palavras-chaves: Tribuna Popular; América Latina; Intelectual comunista; Peronismo.

RESUMEN

Esta disertación trata sobre la columna periodística *Através das Américas*, escrita por el intelectual comunista Brasil Gerson, publicada en las páginas del matutino *Tribuna Popular*, periódico de masas del Partido Comunista en Río de Janeiro. Periodista, escritor, traductor, dramaturgo, guionista y crítico teatral, Brasil Gerson fue autor de numerosas crónicas, novelas, cuentos y columnas periodísticas. Entre las décadas de 1930 y 1940 participó activamente en luchas sociales y movilizaciones políticas contra el fascismo, llegando incluso a dirigir el periódico de la Aliança Nacional Libertadora en São Paulo, *A Platéia*. Huyendo de la persecución del Estado Novo, fue uno de los comunistas exiliados al Río de la Plata entre 1939 y 1942. En el exilio desarrolló una serie de relaciones complejas y ricas, construyendo diálogos y experiencias que tendrían un impacto decisivo en su obra. Buscamos examinar cómo Brasil Gerson y la columna diaria *Através das Américas*, la sección continental del impreso, transmiten información, debates, controversias y enfoques de la lucha social en América Latina en la situación de posguerra. Nuestro objetivo es comprender, dentro de las limitaciones de su época, el papel de Juan Domingo Perón en el panorama continental y las consecuencias de las tensiones regionales sudamericanas para el debate político en la columna fija de Brasil Gerson. De esta manera, la investigación y problematización de la sección continental de *Tribuna Popular* expone las complejidades políticas entre Brasil Gerson, el PCB y la intelectualidad comunista porteña, ahondando en las divergencias, controversias y contradicciones entre la propia inteligencia de los partidos comunistas latinoamericanos.

Palabras-claves: Tribuna Popular; América Latina; Intelectual comunista; Peronismo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 A VIDA DE BRASIL GERSON.....	24
2.1 - Juventude, imprensa e cultura.....	24
2.2 - A Tribuna Popular.....	41
2.3 - Brasil Gerson, intelectual comunista.....	59
3 DAS CRÔNICAS PAULISTAS AO RIO DO PRATA: POLITICA E ANTIFASCISMO.....	79
3.1 - A batalha antifascista.....	79
3.2 – “A Platéia” e a Aliança Nacional Libertadora.....	90
3.3 – O exílio no Rio do Prata.....	99
4 “ATRAVÉS DAS AMÉRICAS”: A SEÇÃO CONTINENTAL DA TRIBUNA POPULAR..	112
4.1 - Junho de 1945, o Estatuto dos partidos políticos.....	112
4.2 - Câmbio, intransigência e a coligação de união nacional.....	128
4.3 – Os golpes estilo “South América”: Perón, Medina e Vargas.....	150
4.4 – “O outubro de Perón foi diferente”: A tormenta argentina a vista.....	172
4.5 - As eleições de 1946: Brasil Gerson versus Spruille Braden.....	186
CONCLUSÃO.....	203
REFERÊNCIAS.....	210

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD: Ação Democrática

AIAPE: Agrupación de Intelectuales, Artistas, Periodistas y Escritores

ALN: Aliança Libertadora Nacionalista

ANL: Aliança Nacional Libertadora

CGT: Confederação Geral do Trabalho da República Argentina

COU: Comando Obrero Único

DEOPS: Departamento de Ordem Política e Social

EUA: Estados Unidos

GOU: Grupo de Oficiais Unidos

ONU: Organização das Nações Unidas

PC: Partido Comunista

PCA: Partido Comunista Argentino

PCB: Partido Comunista Brasileiro

PCV: Partido Comunista Venezuelano

PIR: Partido de la Izquierda Revolucionaria (Partido da Esquerda Revolucionária)

PRP: Partido Republicano Paulista

PS: Partido Socialista

MNR: Movimento Nacional Revolucionário

TSE: Tribunal Superior Eleitoral

TSN: Tribunal de Segurança Nacional

UCR: União Cívico Radical

UD: União Democrática

URSS: União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

1 INTRODUÇÃO

O comunismo, um dos movimentos político-ideológicos cruciais do século XX, desde cedo, produziu jornais, panfletos, manifestos e volantes dedicados à formação da classe trabalhadora. No Brasil, forjou identidade e cultura política a homens e mulheres, dirigindo publicações voltadas para conquistar leitores, simpatizantes e aderentes não só operários e camponeses, senão também amplos setores das camadas médias, pequeno-burguesas, profissionais liberais, escritores e artistas.¹

A proposta desta dissertação consiste em estudar o comunismo não como uma história política assentada na perspectiva institucional. Supomos apropriado, então, o enfoque voltado para os empreendimentos internos, as mediações intelectuais e o enfoque transnacional como espaço de militância comunista, composta por valores e visões de mundo situadas historicamente. A exemplo dos empreendimentos internos, referimo-nos às iniciativas comunicacionais dos comunistas, imprimindo, em seus jornais, colunas, revistas e livros, os debates públicos na acirrada luta política pela democracia, traduzindo-se nas tentativas de alcançar, assim, a conscientização popular.

Entre essas elaborações internas, identificamos a coluna *Através das Américas*, escrita pelo intelectual Brasil Gerson durante os anos de 1945 e 1946, presente no diário comunista *Tribuna Popular*. Nosso trabalho tem como fio condutor a reflexão sobre a forma como a coluna abordou os conflitos, tensões, discussões e o estado de expectativa em voga na América no contexto do pós-guerra e do processo de democratização da sociedade brasileira. Dedicamos atenção e cuidado aos processos que envolvem a produção cultural e os debates travados por Brasil Gerson no período de existência e circulação legal do jornal.

Na historiografia brasileira, Brasil Gerson tornou-se conhecido por sua investigação sobre a história das ruas das cidades do Rio de Janeiro, da colônia à república, resgatando os vários processos de ocupação urbana, os episódios que marcaram a capital do país e o contexto histórico dos sujeitos históricos que nelas viviam e foram homenageados com seu nome em importantes ruas e avenidas da Zona Sul, Norte, Centro e áreas rurais do Rio de Janeiro. Porém, de forma ínfima, a sua atuação no *O Homem do Povo* e o seu papel como “intelectual do partido” ocupa um pequeno espaço na historiografia. Para além dos trabalhos

¹ ANDRETO, Lucas Alexandre. A formação do Partido Comunista do Brasil (PCB) na cidade de São Paulo (1922–1930). Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018, p. 36.

de Ângela Meirelles de Oliveira, Ronald Chilcote e Raul Antelo, o estudo da sua vida, obra e militância não encontrou maiores esforços e pretensões dos pesquisadores.

Uma das frutíferas discussões no campo da historiografia na virada do nosso século refere-se às revisões críticas sobre autores, temas e assuntos já estudados em abundância. No campo da história política, por mais que muito se tenha discorrido a respeito da imprensa e da intelectualidade, não se torna uma temática esgotada. Novas possibilidades, auxiliadas por abordagens e métodos inovadores, podem acrescentar a história dos intelectuais e do comunismo em perspectiva transnacional.

Jean Sirinelli, em seu trabalho *Os intelectuais*, na obra *Por uma história política*, organizada pelo historiador René Rémond, analisa detalhadamente a validade do retorno ao tema, valorizando como uma nova possibilidade para agregar a compreensão da história. Para ele, a “história dos intelectuais tornou-se, assim, em poucos anos, um campo histórico autônomo que, longe de se fechar sobre si mesmo, é um campo aberto, situado no cruzamento das histórias política, social e cultural.”²

Comento sobre as primeiras dificuldades da pesquisa, ao me deparar com a escassez de fontes e estudos envolvendo a trajetória do jornalista Brasil Gerson. Enxergá-lo, portanto, exigiu um grande esforço da reunião da documentação, buscando referências a sua pessoa nos livros, dissertações e teses.

A ida aos arquivos de São Paulo, em março de 2023, no Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual Paulista, na Biblioteca Mário de Andrade e no Arquivo Público do Estado de São Paulo, este último, acessado a duras penas pela intransigência de um funcionário pedante. Minha entrada se deu graças a contestação de um outro servidor do arquivo que, gentilmente, permitiu a consulta do acervo, ao escutar e reconhecer o sotaque cearense no balcão do arquivo, argumentou que jamais deixaria de ajudar alguém vindo de tão longe e do Estado que tanto apeteceu a sua trajetória, confessando que a sua ex-esposa nasceu no interior do Ceará, natural de Crateús.

A reunião das fontes foi feita a partir de pequenos fragmentos, seguindo os pequenos indícios e pistas, a assinatura de “Brasil Gerson ou B.G.” nas páginas dos diários, semanários e mensários, como também nas atas ou notícias de fundação de entidades culturais e a assinatura do seu nome nos manifestos políticos.

Além disso, localizei dois parentes de Brasil Gerson, o seu sobrinho Hilton Görresen, e a sua filha, Maria Consuelo Görresen. Generosamente, Hilton me respondeu que pouco

² SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 232.

sabia da trajetória do seu tio, e que o seu texto *Brasil Görresen - Fundador*, publicado no site da Academia Joinvilense de Letras, foi escrita com base nos comentários do editor da última edição do livro de Brasil Gerson, o livro *História das ruas do Rio de Janeiro*³.

Os caminhos interpretativos escolhidos têm a ver diretamente com as escolhas pessoais do autor, da seleção de temáticas e predileção das fontes. A bibliografia, aliadas a longos debates e conselhos, me inspiraram a procurar as afinidades intelectuais de Brasil Gerson no pós-guerra, na coluna intitulada *Através das Américas*. Como o próprio nome indica, estava destinando a sua atenção ao panorama continental da América continental e insular. Como ressalta Thompson, a experiência histórica é, em certo sentido, única. Porém, não se pode acobertar o fio da história. Como ressalta o historiador britânico, para adentrar a história, é necessário adentrar os episódios⁴.

Dessa forma, a presente pesquisa busca discutir a América Latina a partir de uma coluna autoral e diária escrita por um homem da intelectualidade comunista, como parte da imprensa do PCB. Para compreendê-la, optamos por investigar primeiramente a vida do intelectual comunista e colunista da *Através das Américas*, visando compreender a sua trajetória, seus círculos intelectuais e momentos específicos vividos por esse sujeito histórico. Para compreender seu espaço no partido e especialmente no jornal, é preciso investigar a sua herança política, cultural e social.

A presente dissertação focaliza o estudo sobre a inscrição dos intelectuais comunistas no pensamento latino-americano. Assim, a preocupação da investigação balizou-se em dois aspectos fundamentais: a) reconstruir a vida, obra e militância do intelectual comunista Brasil Gerson em Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires; b) identificar as discussões e problematizar a repercussão da coluna *Através das Américas* entre maio de 1945 a março de 1946, escrita por Brasil Gerson no principal periódico do PCB no Rio de Janeiro: o diário *Tribuna Popular*.

Para demonstrar esta dissertação, organizamos o nosso estudo em três capítulos. No primeiro capítulo, nos dedicamos a posicionar, historicamente, o sujeito e fonte que compõem o universo da atual investigação: o intelectual Brasil Gerson e o periódico *Tribuna Popular*. Começamos apresentando dimensões de sua vida e seus primeiros ofícios no universo da imprensa e no âmbito da cultura. Do ponto de vista cronológico, sua vida começa em 1904, porém, suas raízes familiares provém da Noruega e Prússia. Instalados no Sul do Brasil na

³ GÖRRESEN, Hilton. Brasil Gerson - Um jornalista de dois mundos. Acesso 25 de maio de 2024, em: <https://www.recantodasletras.com.br/homenagens/1743386>.

⁴ THOMPSON, Edward Palmer. As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. São Paulo: Editora UNICAMP, 2012, p. 133.

segunda metade do século XIX, sua família se destacou face aos comerciantes da região catarinense de São Francisco do Sul, onde a aparente bonança, aliada a fatores históricos, propiciou a Brasil Gerson desfrutar de uma cômoda infância na mansão dos Görresen e estudar nos colégios tradicionais de Joinville. Aos 18 anos, fez sua mala e foi viver no Rio de Janeiro. Por lá e também na cidade de São Paulo, entre as décadas de 1920 e 1930, atou os seus principais laços de sociabilidades, de vital importância para suas atividades culturais e intelectuais. Brasil Gerson foi jornalista, tradutor, autor de romances e livros históricos, tendo também escrito para o teatro e o cinema, e colaborado em diversas publicações culturais. Com sua produção intelectual e suas ações concretas, realizou uma intensa militância no meio social em que viveu e atuou.

O segundo tópico do primeiro capítulo, se concentra nos elementos que conectam Brasil Gerson ao universo da cultura, dos impressos e da política paulista, uma vez que serão nesses espaços que construirá e estabelecerá condições necessárias para que, inserido num campo político, adotasse posições determinantes na sua militância intelectual, essencialmente vinculada ao ideal antifascista e das frentes populares. Procuramos constatar sua presença nos espaços de sociabilidades durante o decorrer da década de 1930, dimensionando os debates, projetos, ideias e concepções de sociedades, possibilitando aguçar a sensibilidade do jornalista catarinense. No exercício da sua atividade intelectual, optou por combater por meio da escrita, da imprensa, do livro, do teatro e do cinema, face ao processo de transformação social. A conclusão do primeiro capítulo completa-se neste quadro, estudando seu papel no PCB, na imprensa comunista e no projeto editorial do partido, certamente definido por sua trajetória militante nos anos pregressos, no capítulo por vir.

No capítulo dois, analisaremos as particularidades da sua trajetória e seu posicionamento político-ideológico. Para o estudo da luta da intelectualidade antifascista, é preciso estabelecer periodizações para identificar e mapear suas redes de afinidades e contatos políticos-militantes, para assim compreender sua articulação nos grupos de esquerda, marcada pelo impacto da ascensão do nazifascismo na Europa e do governo autoritário de Getúlio Vargas na primeira metade da década de 1930.

Desse modo, os dois primeiros tópicos do segundo capítulo abordam, justamente, aspectos que compuseram as cordiais relações mantidas por Brasil Gerson com diversos nomes da intelectualidade do PCB e da luta contra o fascismo. O primeiro tópico se concentra no período do Governo Provisório de Getúlio Vargas, de 1930 a 1934. O segundo tópico aborda sua militância no ano de 1935, marcado pela formação e constituição da Aliança Nacional Libertadora, examinando sua militância nas ruas, nos jornais e revistas sob a

influência da ANL. Por tais motivos, o seu envolvimento no movimento antifascista evidencia sua trajetória nas organizações da esquerda brasileira e internacional, tornando-se diretor do principal veículo da Aliança Libertadora Nacional em São Paulo, o periódico *A Platéia*. O terceiro e último tópico se volta ao período do seu exílio em Montevideú, durante os anos de 1939 a 1942. Sob a vigência do Estado Novo, Brasil Gerson foi julgado e condenado à prisão. Fugindo de São Paulo, depara-se com uma triangulação que permeia toda a sua vida pessoal e intelectual: as conexões entre Brasil, Uruguai e Argentina. O exílio, vivido de 1939 a 1942, acrescenta em sua experiência intelectual a vivência e o desterro no Rio do Prata.

Ao tempo do exílio Brasil Gerson busca novas perspectivas criativas, inserido numa rede de apoio intelectual. Buscando validar o argumento como o desterro de Brasil Gerson, repercutiu em sua escrita, assim como impulsionou a elaboração de novas ideias e problemas para a construção de vínculos políticos e a cooperação intelectual na América Latina. O objetivo do segundo capítulo é pois compreender o significado da experiência do exílio para Brasil Gerson, procurando contextualizar os fatores históricos e reconstituir a circulação de ideias que impactou a sua atividade intelectual nos anos pós-exílio, na coluna *Através das Américas*.

O capítulo três aborda a coluna *Através das Américas* no período de sua circulação impressa. Levamos em consideração as relações construídas e constituídas no Prata para discutir sobre as formulações e representações na referida coluna. Nos interessa pensar que o exílio ativou novas sensibilidades e também aguçou sua criação visando oferecer uma visão ampla da política, história e cultura latino-americana.

As notícias sobre a América, por certo, não eram novidades na imprensa e para o público leitor. No entanto, *Através das Américas* surge com o propósito de não reproduzir simplesmente os telegramas das agências de notícias norte-americanas sobre o continente, como mero reprodutor de informações, uma vez que pretendia inaugurar um novo modelo de coluna jornalística, postulada na investigação da realidade dos próprios elementos nacionais.

A partir dos anos 1980, abre-se espaço de produção de conhecimentos voltado para a ação dos comunistas e do PCB nas mais variadas faces da vida política nacional, como o papel dos intelectuais, da imprensa, das artes, da cultura e dos movimentos populares. Desde então, circulam vários livros escritos por militantes, como as memórias de Leôncio Basbaum, Octávio Brandão, Heitor Ferreira Lima, Astrojildo Pereira, Gregório Bezerra e Anita Prestes, com a mescla de textos de memórias, análise política e autocrítica, das vitórias e derrotas do Partido na empreitada revolucionária.

Além deles, os imprescindíveis os estudos, alguns clássicos, de Eliezer Pacheco, Moisés Vinhas, Ronald Chilcote, Evaristo Netto, Arnaldo Spindel, Leandro Konder e Edgard Carone, este responsável por organizar uma coletânea de documentos históricos do PCB, dirigido por Fernando Henrique Cardoso e Boris Fausto, publicada no 60º aniversário de fundação do Partido. Estes trabalhos pioneiros sobre o PCB, fundamentais para a historiografia brasileira, têm como preocupação reconstruir a trajetória política e institucional do Partido Comunista, sua composição social e formas de atuação e organização.

No sentido de pensar o papel dos comunistas na história do Brasil, deve-se citar o estudo de Antônio Carlos Mazzeo, *A sinfonia inacabada: a política dos comunistas no Brasil* e a Tese de doutorado de Dulce Chaves Pandolfi, *Rasgando a fantasia: Um estudo sobre a identidade do Partido Comunista Brasileiro*. Estudos clássicos sobre os debates e projetos comunistas, forneceram análises acuradas (ainda que muitas das suas discussões e conclusões tenham passado por revisões historiográficas nas últimas décadas) e importantes contribuições para a empreitada de compreender os influxos externos e internos na trajetória e papel do Partido Comunista na sociedade brasileira do século XX.

A coletânea *História do PCB*, organizada por Luiz Bernardo Pericás e Lincoln Secco, em comemoração ao centenário do Partido Comunista Brasileiro, demonstrou a vitalidade dos estudos produzidos sobre o universo do comunismo brasileiro, fundamentados a partir de múltiplos problemas, lançando novos olhares e inovando nas suas conclusões, como o artigo de David Ribeiro, *O PCB e o Conflito pelo Controle da Democratização (1943-1947)*, sobre a tão polêmica aliança entre os comunistas e Getúlio Vargas no contexto de convocação Constituinte.

Gostaria de destacar especialmente os trabalhos acadêmicos de Karina Pinheiro Fernandes, *As dores e as cores do povo: O realismo socialista e a Tribuna Popular (1945 - 1947)*, que compartilham conosco um determinante comum da nossa pesquisa: a análise da *Tribuna Popular* como fonte primária para a construção historiográfica, e o de Valéria Lima Guimarães, *O PCB cai no samba: os comunistas e cultura popular*, estudo imprescindível para pensar a relação entre os comunistas e o samba, destrinchando as relações com o universo da cultura popular no Rio de Janeiro, analisando a forma como o partido construiu suas atividades e buscou solidificar-se nas festividades carnavalescas, culminando com a nomeação da *Tribuna Popular* como órgão oficial da União Geral das Escolas de Samba em 1946.

Como arguiu Valéria Guimarães, a sua investigação dedicou-se menos a acompanhar a política oficial do PCB, fitando os seus olhos na análise de uma questão bastante cara aos

comunistas e que não havia recebido a atenção adequada dos pesquisadores: a interação do Partido com o mundo do samba e a cultura popular, na capital federal entre os anos de 1945 a 1950.

Preocupação similar tivemos no nosso caso. Ao estudar a coluna *Através das Américas* como escrita autoral de Brasil Gerson, fixada diariamente na terceira página da *Tribuna Popular* no período de junho de 1945 a março de 1946, cuidamos em não cair no equívoco de confundir os escritos da coluna como se fosse escarrada a posição oficial do PCB. Ao observar a lógica social do texto, a disposição das suas colunas e os tópicos internamente construídos, consideramos a existência de certo grau de afinidade com a posição do Partido. É interessante percebermos a participação do próprio intelectual, usufruindo de certo grau de autonomia nas páginas do periódico, como um agente construtor de política.

Através da observação minuciosa e percorrendo o escopo documental, deparamo-nos com os variados sistemas de valores que não se circunscrevem simplesmente em torno das perspectivas dos partidos comunistas ou da União Soviética. Influenciado também, mas não só pelas diretrizes do Partido Comunista Brasileiro, Brasil Gerson tem o mérito de articular em seu trabalho na coluna que assina diariamente uma rede própria de informações até então inédita na imprensa comunista.

Ainda que se reconheça isto, é preciso não perder de vista que *Através das Américas* fez parte das ações de integração política e cultural em nível continental. Preocupadas por informar o leitor sobre os acontecimentos da América, sob a ótica do intelectual comunista, a coluna de Brasil Gerson foi precedida pelas tímidas seções continentais de duas publicações influenciadas pelos comunistas na época do Estado Novo. A revista *Seiva*, da Bahia, chegou a imprimir em suas edições uma coluna nomeada *Roteiro da América*, sem grandes repercussão, e o mensário *Leitura* (RJ), timidamente, chegou a veicular a *Caminhos da América* nas suas páginas, ambas estiveram sob a órbita de influência do PCB⁵. Em contrapartida, esses experimentos jornalísticos não vingaram, foram experiências efêmeras, talvez por não atingirem os objetivos planejados, ou não ter correspondido às expectativas dos diretores dos próprios periódicos.

Nesse caso, acreditamos que Brasil Gerson e *Através das Américas* tenham tido importante papel para ampliar a discussão sobre a América Latina e, principalmente, a

⁵ DALMÁS, Carine. *Frentismo cultural em prosa e verso: comparações, conexões e circulação de ideias entre comunistas brasileiros e chilenos (1935-1948)*. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012, p. 130-153.

política Argentina nos jornais do Rio de Janeiro. Sua atividade jornalística como colunista continental possibilitou o contato com uma série de periódicos e a produção de jornalistas do Prata, certamente favorecidos pelos contatos intelectuais estabelecidos no período do seu exílio, de 1939 a 1942, na região do Prata e em Montevideú, capital do Uruguai.

Por outro lado, ainda que se reconheça a limitação de liberdade política no principal do periódico do Partido Comunista, tratamos a coluna *Através das Américas* a partir de dois pontos. O primeiro, a coluna não deve ser encarada como sem autonomia e liberdade criativa, encarada unicamente como extensão dos interesses ou diretrizes do partido para a América Latina, como se fosse um simples “garoto de recados”. E, por outro lado, tampouco pode ser confundida como estritamente responsável por realizar as orientações do PCB e, por ventura, tratada como um porta-voz da totalidade do partido ou da esquerda comunista de sua época. O que poderia nos levar a cair nos riscos de um reducionismo tão prejudicial à nossa investigação histórica. Nesta pesquisa, constituímos *Através das Américas* como um dos canais de comunicação entre Brasil Gerson e o leitor da *Tribuna Popular*, uma vez que na relação entre Partido e Imprensa existem diversas nuances a considerar⁶.

Angela Meirelles nos ajudou a acompanhar o processo de circulação de ideias e atuação dos intelectuais no plano transnacional, evidenciando as relações duradouras mantidas entre os intelectuais brasileiros e platinos. A sua tese *Palavras como Balas: Imprensa e intelectuais antifascistas no Cone Sul (1933-1939)* dedicou-se à problematização das relações entre os intelectuais na luta contra o fascismo, dando espaço nas suas páginas para a atuação de Brasil Gerson e reconhecendo sua importância na articulação do grupo de brasileiros exilados no Prata.

Também contribuiu para a compreensão do significado das condições sociais do trabalho intelectual no âmbito da luta antifascista, a tese de Carine Dalmás, *Frentismo cultural em prosa e verso: comparações, conexões e circulação de ideias entre comunistas brasileiros e chilenos. (1935 - 1948)*; e a dissertação de Ana Paula Palamartchuk, *Ser intelectual comunista, escritores brasileiros e comunismo (1920-1945)* pelas sugestões dos intercâmbios e mediações envolvidas na agência da intelectualidade comunista.

Amparamo-nos aqui nas exposições de Tânia de Luca relacionadas à imprensa como fonte na produção do conhecimento histórico. Na reflexão da autora, os historiadores por meio de um método especializado de crítica das fontes, podem analisar com particular

⁶ GUIMARÃES, Valéria Lima. O PCB cai no samba. Os comunistas e a cultura popular (1945-1950). Dissertação de Mestrado (História), UFRJ, 2009. p. 33.

empenho as expressões fundamentais de conteúdo social ou político da época⁷, considerando as publicações impressas como um campo interessante para a pesquisa, por fornecer meios de evidências históricas para a recuperação e escrita do passado⁸.

Outros trabalhos também nos permitiram construir o enfoque metodológico da pesquisa. De maneira mais geral, muitos dos livros já citados acima fazem apontamentos teórico-metodológicos sobre a relação da imprensa e a intelectualidade comunista. Dentre esses, importa ressaltar obras fundamentais para pensar a relação dos intelectuais com os partidos comunistas, como em Adriana Petra, *Intelectuales y cultura comunista: Itinerarios, problemas y debates en la Argentina de posguerra*, diferindo substancialmente das teses reducionistas e concepções mecânicas que acabam por subordinar o campo de ação intelectual a simples unificação entre política e ideologia, ou até mesmo do compromisso intelectual como parte da simples cooptação do escritor como joguete do partido.

A obra de Beatriz Sarlo, inovadora na sua abordagem, valoriza em especial os intelectuais vinculados a imprensa e luta antifacista nos anos de 1930 e 1940 na América Latina, constituindo um campo privilegiado para a investigação daquele período⁹. Os apontamentos metodológicos de Eric Hobsbawm e Edward Thompson são pertinentes para pesquisar os partidos comunistas e os movimentos populares, desde o modelo de partido de vanguarda à experiência do fazer-se classe.

Todavia, cabe fazer o esclarecimento dos estudos analisados como ferramenta para possibilitar lançar novas perspectivas, estabelecendo recortes de problemas mais pontuais e particulares, contribuindo para o debate entre as áreas das ciências humanas, em especial o debate articulado a historiografia cultural.

A clássica questão sobre a imprensa como “organizador coletivo”, torna necessário o nosso diálogo pertinente com autores fundamentais nesta pesquisa, como Adriana Petra, Ângela de Castro Gomes, Pedro Estevam Pomar, Carlos Altamirano, Roger Chartier, Peter Burke e Jean Sirinelli, questionando o caráter factual da *historia magistra vitae*, rompendo com o entendimento de uma história centrada nas figuras dos “grandes nomes”, que tradicionalmente balizou os estudos de história política. Assim, o exame de tais estudos torna possível a aproximação com novos conceitos instrumentais para a problematização das condições de produção política das ideias e como se articulam através de projetos, de um agir

⁷KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora Puc-RJ, 2006. p.103

⁸ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio de periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, p.111 - 153. 2008.

⁹ SARLO, Beatriz. *Intelectuales y revistas: razones de una práctica*. In: América : Cahiers du CRICCAL, n°9-10, 1992. p. 10.

na sociedade, possibilitando a revitalização da história política, intelectual e da imprensa em novas bases.

As mesmas aspirações, temores e tensões estão lá, o dia de hoje é parte contínua do velho debate do século passado¹⁰.

O que estava acontecendo segundo os jornais, as notícias das Nações Unidas, as declarações internacionais sobre os direitos dos povos, dos trabalhadores, emigrantes, exilados e refugiados? Em outras palavras, novas ordens sociais são plasmadas no pós-guerra com a crença da participação popular, de liberdades públicas, novas Constituições democráticas e o direito à autodeterminação. Este mundo idealizado, não se concretizou. Até hoje, o fascismo continua à espreita, conspirando nos quatro cantos do planeta. Enquanto assistimos a carnificina promovida pelo exército de ocupação israelense em Gaza e Cisjordânia, alegando o suposto direito de “defesa” devido a atuação de organizações lidas como “terroristas”, “anti-semitas” e “nazistas-islâmicas” dentro do Estado da Palestina, difundidas na imprensa e meios de comunicação internacionais, justificando o deslocamento de milhões de palestinos para tendas improvisadas nos campos de refugiados, desterrados na sua própria terra, relegados à própria sorte contra os milionários mísseis *made in USA*.

O imperialismo muda os seus métodos, estratégias e discursos, mas o seu horror permanece. A presente pesquisa, como se quer demonstrar, adere a um caminho particular, partindo de preocupações individuais e coletivas, como a minha própria relação com a história e, sobretudo, da interação com a sociedade ao meu redor.

A relevância desta pesquisa em termos de periodização está circunscrita aos anos que precederam a Guerra Fria e as ondas repressivas contra os movimentos populares, intelectuais e de trabalhadores. Ainda que valendo-se de uma breve redemocratização proporcionada na política interna dos países da América, nunca é demais ressaltar o caráter limitado desses tão festejados processos políticos nacionais, continentais e internacionais. O imperialismo e as classes dominantes, nesses anos, não deixaram de desempenhar papéis centrais para combater as reivindicações das classes subalternas em pleno processo de “redemocratização” do Brasil e de outros países na América Latina.

As marcas do discurso da *Através das Américas*, como o povo, trabalhadores, militares, fascismo, antifascismo, nazismo, ditadura, imperialismo e democracia entrecruzam-se em debates significativos que interessam não somente aos seus produtores, pelo contrário: interessa para compreender os papéis exercidos na sociedade, no partido e na

¹⁰ LINEBAUGH, P. Todas as montanhas atlânticas estremeceram. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, nº 6, 1984, p. 10

imprensa, como ferramenta para compreender os dilemas e preocupações coletivas daquele período. A circulação de discursos e bens simbólicos pelos sujeitos identificados enquanto intelectuais fornecem subsídios para estabelecer o sentido de sua produção, por meio de práticas simbólicas sobre o mundo humano¹¹.

Brasil Gerson, entre os anos de 1945 e 1946, não raro se debruçou em sua mesinha de redação na rua do Lavradio, sede da *Tribuna Popular*, defrontando-se com a incógnita da política argentina e as concepções reinantes sobre Juan Domingos Perón na imprensa carioca e platense.

Considerando a trajetória e ideologia do partido comunista, *Através das Américas* tem como papel forjar um cenário de prosperidade para o futuro continental, articulando as tarefas do pós-guerra para a concretização da revolução democrático-burguesa, a fim de alcançar o desenvolvimento industrial e o amadurecimento do capitalismo por via pacífica, assim, tornando possível alcançar a próxima etapa, que conduziria o Brasil e a América Latina a revolução socialista.

Por meio da análise de *Através das Américas*, sustentamos que a Argentina foi o centro das grandes discussões e polêmicas em torno da democratização da América do Sul. Nossa hipótese é que a transição para a democracia argentina, em *Através das Américas*, é a concretização da vocação contra-hegemônica da coluna continental, pela qual Brasil Gerson ostensivamente trabalhou nos debates e discussões sobre Farrell, Perón e o antiperonismo na imprensa brasileira entre junho de 1945 e abril de 1946.

O entendimento inicial, por parte do governo Farrell-Perón, da política argentina como um regime ditatorial de reminiscência nazista, uma visão circunscrita à luta antifascismo *versus* fascismo, cederá lugar aos conflitos de interesses entre diversos setores civis da sociedade, envolvendo organizações políticas, estudantis, religiosas, feministas, estudantis e operárias, assim como o confronto de interesses nacionais e estrangeiros. É importante destacar também a relação intrínseca entre as divergências, reviravoltas e interpretações do peronismo para a compreensão da conjuntura continental e o desenvolvimento da luta de classes na Argentina.

A título de esclarecimento, o termo “peronismo” trata-se, antes de tudo, do empréstimo do conceito usado por Brasil Gerson para referir-se aos grupos próximos politicamente de Perón, englobando radicais, militares, sindicalistas e trabalhadores. É preciso lembrar que, conforme Luis Romero, até 1946 existem apenas os contornos do que

¹¹ ALTAMIRANO, Carlos. Ideias para um programa de história intelectual. *Tempo social*, v. 19, 2007. p. 9-17.

viria a ser o movimento peronista, não existindo ainda o movimento peronista *per se*, como os estudos clássicos e consagrados sobre o maior movimento de massas operárias na Argentina nas décadas seguintes.

Logo, o enfoque de Brasil Gerson discute o momento de transição de Perón, o seu transcurso entre 1945 a 1946, inicialmente como liderança militar com alta popularidade, lapidando, ao longo da Secretaria do Trabalho e Provisão, o seu percurso para a presidência do país.

Brasil Gerson se concentrou a discutir na *Através das Américas*, com prioridade, o contexto político argentino. Confere importância também a discussão sobre a política venezuelana, principalmente depois do golpe de Estado em outubro de 1945, de pensar essas ações golpistas, a relação com os militares e os Estados Unidos, pensando o Brasil nesse panorama continental. Dedicou alguns artigos sobre a Bolívia, ainda que muito passageiramente, e sua relação com Perón e o governo argentino, no entanto, consideramos importante trazer essas notícias sobre o país, ainda que pontuais, para refletirmos sobre a sua preocupação em decifrar os processos políticos em curso na América do Sul.

Regido por sua interação com a sociedade, a política e meios de comunicação da época, assim como a sua própria intencionalidade, *Através das Américas* assume uma perspectiva destoante da imprensa hegemônica e dos próprios comunistas de outros países do Cone Sul sobre as eleições argentinas de 1946.

Percorrendo os detalhes da escrita diária de *Através das Américas*, poderemos desvendar o pensamento intelectual de Brasil Gerson nesse período, no sistema de valores e representações naquilo que considerou uma das mais importantes batalhas do pós-guerra: a garantia de transição pacífica à democracia no continente, repelindo as sucessivas intervenções e tentativas de golpes de Estado patrocinadas por interesses de potências estrangeiras.

2 A VIDA DE BRASIL GERSON

2.1 - Juventude, imprensa e cultura

A antropóloga Françoise Zonabend afirma que “antes de ‘se’ ser, é-se ‘filho’ ou ‘filha’ de X ou Y: nasce-se numa ‘família’, é-se marcado por um ‘nome de família’ antes de ser socialmente quem quer que se seja”.¹² O seu nome de registro é Brasil Vanderheyden Görresen e só na década de 1920, quando começou a sua carreira de jornalista, passou a se identificar com o pseudônimo abasileirado de Brasil Gerson.

Para saber quem é Brasil Gerson, partimos de alguns questionamentos para refletir sobre o seu caso específico. Era filho de quem? Como chegou aos espaços em que esteve presente? Como se moveu? Quais idiomas dominava? Faz-se importante pensar socialmente seu traço de classe, indício significativo, aliás, na vida de qualquer sujeito. Uma herança compreendida como simbólica, na mesma medida que tão real e concreta.

Brasil Vanderheyden Görresen nasceu em 1º de janeiro 1904 na cidade de São Francisco do Sul, uma península no norte do estado de Santa Catarina. Filho de Olympio Görresen e Maria Vanderheyden. A sua árvore genealógica nos leva à época do Brasil Império, quando um de seus tios-avôs da família materna Vanderheyden fora um dos fundadores da cidade de Joinville,¹³ limítrofe de São Francisco do Sul. Neto, por uma parte, de migrantes Noruegueses, e por outro de prussianos. Ambas famílias chegaram na Colônia Dona Francisca na década de 1850, que depois deu origem a cidade de Joinville, conectada à ilha de São Francisco do Sul por meio do Rio Cachoeira, que resulta na Baía de Babitonga.

Do casamento dos seus avós nasceram nove filhos, entre os quais estavam Marcos Görresen, Olympio Görresen, Adolph Görresen, Oscar Görresen, Ewald Görresen, Carolina Görresen, Emilia Gorresen, Ana Görresene Laura Görresen.

Em 1868, começou a ser construído o casarão comercial da família Görresen, as obras do grande imóvel em estilo colonial açoriano foram concluídas em 1873.¹⁴ No primeiro andar, estabeleceu-se uma reconhecida casa comercial na região, responsável pelo

¹² ZONABEND, Françoise. A memória familiar: do individual ao colectivo. Sociologia – Problemas e práticas. Nº 9, 1991. p. 179.

¹³ IMPRENSA POPULAR, Ed. 1330, 29/01/1953. Rio de Janeiro.

¹⁴ CASARÃO GÖRRESEN. Disponível em: <https://www.saofranciscodosul.sc.gov.br/2-casarao-gorresen>. Acesso em: 24 jul. 2023.

abastecimento de sabão, louça de barro, cerveja, charuto e cigarros produzidos na indústria regional.¹⁵ No andar superior, localizava-se a ampla residência da família Görresen.



Imagem 1: Casarão da Família Görresen, à direita. Acervo Histórico Municipal.



Imagem 2: Casarão da família Görresen, na Praia da Mota, 2015. Acervo Luiz Augusto Ozorio.

O local escolhido, com vista à beira-mar, localizado na Praia do Mota, era uma das primeiras vistas dos marinheiros, imigrantes e visitantes que chegavam aos portos de São

¹⁵ PAVANELLO, Laércio José. Ferramentas, fumo, farinha... Um estudo sobre o patrimônio comercial de Joinville. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) Universidade da Região de Joinville, 2012, p. 62.

Francisco do Sul, sendo facilmente identificada pela imponência da arquitetura e magnitude do prédio.

O armazém e a venda de secos e molhados renderam aos Görresen a posição de uma das mais destacadas famílias de São Francisco, ocupando funções para além da compra e revenda comercial, exercendo cargos ligados à direção administrativa e burocrática da cidade. O pai de Brasil Gerson, Olympio Görresen, trabalhou como secretário da superintendência municipal de São Francisco, e seu tio, Marcos Görresen, foi suplente de juiz de direito da comarca de S. Francisco, major do exército brasileiro e presidente do Conselho Municipal na legislatura de 1919.¹⁶ A tia de Brasil Gerson, a viúva Carolina Görresen da Rosa, é mencionada no almanaque comercial carioca como uma das quatro “capitalistas” da cidade de São Francisco do Sul, junto aos nomes de José Antonio de Oliveira, Augusto Affonso dos Santos e José Basílio Correia.¹⁷

Marcos Görresen foi o filho que levou adiante os negócios do armazém de seu pai, ou, pelo menos, seu nome foi o escolhido pela família para divulgar e publicizar os negócios. Marcos foi representado na imprensa catarinense como um conceituado industrial e destacado comerciante no ramo de importação e exportação, provindas das possibilidades de negócio mediante também a localização do armazém nas proximidades do importante porto de São Francisco, pelo grande trânsito de navios e embarcações nacionais e estrangeiras.

Em uma breve consulta aos diários e semanários de Santa Catarina, pudemos constatar a presença dos nomes de Olympio e Marcos, mencionados em diversas ocasiões pelas folhas de Florianópolis, Joinville e São Francisco do Sul. Em uma investigação nos jornais *O Dia* e *Republica*, órgãos do Partido Republicano Catarinense, encontramos breves notas a respeito da passagem dos aniversários dos irmãos ou de suas viagens à capital do estado. A presença dos irmãos Görresen na folha republicana pode ser uma das chaves de compreensão para refletir sobre os vínculos políticos desenvolvidos pela família Görresen. A presença da família nesses espaços da imprensa e a proximidade dos Görresen com os representantes da política catarinense, são indicativos de sua inserção nesses círculos políticos. Marcos Görresen foi um bernardista, apoiador de Arthur Bernardes, na eleição para presidência da república.¹⁸

¹⁶ Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ) – 1891 a 1940. Ed. B076, 1919, p. 1399. Rio de Janeiro.

¹⁷ Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ) – 1891 a 1940. Ed. C080, 1924, p. 2084. Rio de Janeiro.

¹⁸ REPÚBLICA, 30/06/1921. Ed 814A. Florianópolis.

Os Görresen tornaram-se assim uma importante família de negociantes e comerciantes da cidade. Brasil cresceu no casarão da família usufruindo da vista privilegiada das suas janelas. Além da beleza da Baía de Babitonga, o local propiciou-lhe, durante a sua infância e adolescência, presenciar recorrentes sessões de lembranças dos importantes feitos de seus antepassados para a economia e política da sua terra.

Quando criança, na época da escola, Brasil Görresen conta que se sentia perplexo com a abordagem dos livros escolares sobre as “terras férteis e lindas” que viviam “alegres e despreocupados, os mais fartos e felizes camponeses de todos os continentes sem nenhum problema que fosse capaz de afligi-los”. Nessa passagem, publicada pelo diário comunista baiano *O Momento*, o autor recorda o sentimento de confusão dos conteúdos que estudava com a realidade de pobreza que o rodeava, ou pensava que só os camponeses, ou “homens do sítio”¹⁹ do seu Estado é que seriam uma exceção, por não estarem de acordo com a descrição dos livros didáticos. Já na adolescência, sua leitura crítica seria em torno dos contos de Monteiro Lobato na *Revista do Brasil*, assinado pelo seu pai. O contato com os contos de Lobato parece ter exercido expressiva influência sobre o jovem Brasil Görresen, abrindo seu entendimento sobre a realidade nacional e uma compreensão distinta daquela lida em seus livros escolares, uma fabulação sobre a situação dos camponeses do país inteiro.

Brasil Görresen e seus primos tiveram esmerada educação e instrução formal de acordo com sua condição de classe social. Em 1920, o jovem Brasil Görresen já assinava suas primeiras colaborações na imprensa, como redator do *Jornal de Joinville* e do periódico *O Correio do Povo*, além de redator-secretário do jornal *A Razão*. Aos 16 anos, foi nomeado o correspondente em Joinville dos jornais *O Imparcial* e *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro e *O Estado* de Florianópolis.

Oriundo de uma família de expressivo capital político, em certa medida, o seu *locus* pode revelar a inserção e garantia de Brasil Görresen no espaço da mídia impressa, escrevendo temas polêmicos e de difícil apreensão no momento em que se lançava no mundo dos jornais e das letras. Seus escritos desse período tratam de aspectos ligados às discussões político-institucionais do governo federal, à época presidida por Epiácio Pessoa, questões sobre a agricultura brasileira e balanços feitos sobre o comércio, indústria e exportação catarinense.

Em 1921, após uma série de escritos de Brasil Görresen críticos ao governo do presidente Epiácio Pessoa e conflitos envolvendo desafetos na cidade de Joinville, foi

¹⁹ O MOMENTO, 20/01/1948. Ed. 601, Salvador.

expulso do jornal *A Razão*. O primeiro desses conflitos aconteceu em uma festa do grupo escolar “Conselheiro Mafra” quando três oficiais do exército foram tirar satisfação e agrediram o jovem Görresen por um artigo escrito no *Jornal de Joinville*.

Os oficiais obrigam o jovem a engolir o fragmento da notícia que havia escrito, causando profundo temor no adolescente, que, depois, explicou-se afirmando: “Sou inexperiente, reconheço; tenho ainda a inexperiência dos meus 17 anos” e, contextualizando a situação, afirma que, se as linhas que havia escrito e publicado, de alguma forma, insultassem a “nobre classe militar, que tanto admiro e preso, estaria pronto a ratificá-las, e o faria com a satisfação de quem cumpre um dever”.²⁰

A notícia que foi introduzida forçadamente em sua boca dizia respeito a uma conferência realizada pelo cirurgião-dentista Ary Machado, do 13º batalhão dos caçadores. Brasil Görresen, seguindo o modelo dos diários das grandes capitais do país, publicou apreciações no estilo jornalístico conhecido como “a nossa gente e a nossa terra”. Assim, publicou a conferência do doutor Ary Machado e referenciou em seguida os comentários de conhecidos médicos higienistas sobre a necessidade de “cuidar com eficiência a saúde e do ensino da parte pobre da população brasileira, que é a maioria, sem exclusão, é claro, do militar e do soldado”.²¹ Os seus comentários não foram bem recebidos por uma parcela de militares que se sentiram desprezados e trataram de cobrar explicações ao autor do texto, agredindo-o fisicamente.

Pouco tempo depois, foi expulso da redação de *A Razão* por ter tecido críticas ao governador Hercílio Luz em um jornal paranaense, sendo veementemente criticado na primeira página no editorial do jornal que alegou “mau-caratismo” e “infantilidade” por parte do jovem Brasil Görresen. O diretor do periódico se desculpou junto aos leitores do jornal pela atitude do redator, e, posteriormente, lamentou-se de ter defendido o estudante no caso da agressão que este sofrera dos dois oficiais militares.

Após a sua juventude em Joinville, Brasil Görresen se transfere para o Rio de Janeiro e passa a atuar como jornalista do vespertino *Boa Tarde*. Em seguida, fixa-se em São Paulo, onde inicia seu trabalho na redação do *Diário da Noite* como colunista teatral.

É no começo da sua carreira profissional no Rio de Janeiro que Brasil Görresen torna-se Brasil Gerson, nome que adota desde meados da década de 20 até o final da sua vida. Segundo suas memórias, o nome “Brasil Gerson” foi criação de um secretário quando trabalhou na redação de um jornal carioca. O seu superior estranhou o sobrenome

²⁰ A RAZÃO: ORGÃO POPULAR, Ed. 106, 30/04/1921. Joinville.

²¹ A RAZÃO: ORGÃO POPULAR, Ed. 106, 30/04/1921. Joinville.

“Görresen” por ser um “nome difícil” de pronunciar e obrigou o jovem subordinado a escolher um sobrenome brasileiro comum, para, segundo o seu patrão, encaixar-se melhor na área jornalística.²²

No começo da sua trajetória profissional, Brasil Gerson manifestou seu gosto pela crônica e pelo teatro, o que o levou a escrever em diversos veículos da imprensa carioca e paulista. Sua inserção definitiva no universo das publicações culturais aconteceu na revista *Para Todos*, de Álvaro Moreyra, que acolheu na redação o jovem de São Francisco do Sul, à época com 22 anos.

As primeiras colaborações de Brasil Gerson na revista datam de 1926. Experimentando a cultura urbana do modernismo, ele se aproxima dos intelectuais em torno da *Para Todos* e parte, junto a eles, em busca de uma “arte nacional”. Ocupa as páginas do impresso com crônicas românticas, influenciadas pela sensualidade e dramaticidade do tango. A participação de Brasil Gerson na publicação, segundo identificamos, cobre o período de 1926 a 1932. O seu pai, Olympio, chegou a ser um dos representantes da revista *Para Todos* em Santa Catarina, atuando como agente em São Francisco do Sul.²³

O teatro parece ser uma afinidade em comum com o amigo Álvaro. O Teatro do Brinquedo, fundado por Álvaro e Eugênia Moreyra na cidade do Rio de Janeiro, em 1927, almejava construir um “teatro que fizesse sorrir, mas que fizesse pensar. Um teatro com reticências. O último ato não seria o último ato”.²⁴

Após a sua mudança para São Paulo, sua jornada de trabalho dividiu-se entre as redações no *Diário da Noite* e as traduções de peças francesas para a companhia de Jayme Costa. Entre fins de 1926 e começo de 1927, Brasil Gerson adaptou duas obras do dramaturgo francês Félix Gauder para a companhia teatral de Jayme Costa, na época, destacada figura do teatro nacional. Autor das traduções de *O Homem das cinco e meia*, apresentada no Teatro Boa Vista²⁵ e *Dama, valete e rei*, considerada sucesso teatral no Rio de Janeiro.²⁶

As colaborações com o ator teatral renderiam a Brasil Gerson, além de certo destaque e reconhecimento no universo do teatro, uma nova oferta para trabalhar na adaptação da comédia *Negócio da China*, dos comediógrafos franceses Yean Conti e Emily Codey. A peça,

²² IMPRENSA POPULAR, Ed. 1330, 29/01/1953. Rio de Janeiro.

²³ PARA TODOS. 16/01/1932. Ed. 683. Rio de Janeiro.

²⁴ MOREYRA, Álvaro. *As amargas, não...* p. 85.

²⁵ PARA TODOS, 13/11/1927. Ed. 413. Rio de Janeiro.

²⁶ DIÁRIO DA NOITE, 31/03/1927. Ed 739. São Paulo.

estrelada pela companhia de Jayme no Teatro Trianon, foi um “completo fracasso” de público e crítica.²⁷

Examinando as crônicas teatrais do jornalista catarinense, encontramos considerações suas a respeito do teatro contemporâneo, que considerava “simplesmente ignóbil”.²⁸ Certamente os laços estabelecidos previamente favoreceram o juízo de Jayme, uma das grandes personalidades do teatro nacional, a lançar-se na empreitada de co-autor da primeira composição dramática de Brasil Gerson.

No começo de 1928, Brasil Gerson redigiu o roteiro de *Maldito Tango* e, após a leitura do ensaio por Jayme Costa, este escreveu que pediu “licença ao autor para colaborar com ele. O pedido foi aceito. Não modifiquei a peça na sua parte espiritual. Acrescentei observações minhas e colaborei na parte técnica”.²⁹ O apoio e a colaboração do ator carioca parecem ter sido fundamentais para a concretização da obra de Brasil Gerson, que antes passara pela leitura de “várias pessoas entendidas” que “saíram desanimadas, dizendo que tudo aquilo era loucura”.³⁰

Naquele ano corrente, o marco da maior confluência dessa parceria se dá com o lançamento da primeira peça dramática de Brasil Gerson. O espetáculo *Maldito Tango* estreou em 9 de março e foi considerado pela crítica uma obra para “agitar o mar morto do teatro nacional”³¹ e foi bem recebido pelo público. As discussões sobre a peça de Brasil Gerson, então colunista teatral do *Diário da Noite*, levou o colunista de cinema do respectivo jornal, identificado com as iniciais “J.U.R.”, a escrever elogiosos comentários sobre a peça do seu companheiro de redação, que, na verdade, mais “parece uma fita colorida, uma dessas de Ernest Lubitsch de enredo banalíssimo e detalhes esplêndidos”.

²⁷ PARA TODOS, 03/09/1927. Ed. 455. Rio de Janeiro.

²⁸ DIÁRIO DA NOITE, 09/04/1928. Ed. 1083. São Paulo

²⁹ DIÁRIO DA NOITE, 07/01/1928. Ed. 1007. São Paulo.

³⁰ A ESQUERDA, 17/03/1928. Ed. 220. Rio de Janeiro.

³¹ DIÁRIO DA NOITE, 21/03/1928. Ed. 1068. São Paulo.



Imagem 3: PARA TODOS, 24/03/1928. Ed. 484. Rio de Janeiro.

Na edição seguinte do semanário, mais uma página foi dedicada à crítica de *Maldito Tango*. A página de número 22 é ocupada pelas caricaturas e desenhos feitos à mão retratando os autores da peça: Brasil Gerson e Jayme Costa; e os “pintores” do cenário: Manso e Alvarus, feitas pelo próprio artista Alvarus e os desenhos de Flávio de Carvalho dos autores da peça: Brasil Gerson e Jayme Costa; ao lado dos personagens: “A agitada deusa do fiorde que não apareceu”, “Simplesmente lisete”, “Jayme Costa, co-autor”, “ilegível”, “Brasil Gerson, o autor sentado de pernas cruzadas e pensativo” e, por último, “Três intrusos: um garçom, um argentino e um coronel”.



Imagem 4: PARA TODOS, 31/03/1928. Ed. 485. Rio de Janeiro.

A crítica ficou a cargo de Flávio de Carvalho, apresentado como engenheiro e “autor do projeto modernista para a construção do nosso palácio do governo de São Paulo”.³² Segundo Flávio, o sucesso da peça com “cenas rápidas e bem escritas” foi recebido com aplausos no Teatro Boa Vista e encantou a plateia pelas novidades da obra. O espetáculo “teve uma grande imprensa e teve a propaganda falada, dos que foram ao teatro e gostaram” e “A crítica, em geral, elogiou”.³³

Segundo o crítico e pesquisador de teatro Sebastião Milaré, a influência das peças de Álvaro Moreyra como *Adão, Eva e Outros Membros da Família* (1927) é nítida na obra

³² PARA TODOS, 31/03/1928. Ed. 485. Rio de Janeiro

³³ PARA TODOS, 31/03/1928. Ed. 485. Rio de Janeiro.

Maldito Tango.³⁴ A seção teatral do jornal *A Esquerda* noticiou que “Ao contrário do que se esperava, ‘Maldito Tango’ foi aceito com entusiasmo pelo público que encheu as noites do Boa Vista. A crítica é que ficou indecisa, elogiando com reservas”.³⁵ Os redatores de *Para Todos* não economizam elogios ao espetáculo, o seu estilo e os resultados, que pareciam até então inesperados, podem ter proporcionado o tom das matérias elogiosas e nitidamente empolgadas pelo sucesso da atração.

No entanto, diversos cronistas teatrais da imprensa, como o “sr. Jeovane” do *S. Paulo-Jornal*, criticaram, polemizaram e diminuíram a obra.³⁶ No período que se segue, com o sucesso na obra e a manutenção no cartaz do Teatro Boa Vista, diversas reportagens são publicadas por artistas na *Para Todos* elogiando Brasil Gerson, Jayme Costa e o fruto da sua colaboração: *Maldito Tango*.

A estreia do dramaturgo foi considerada um sucesso, e, apesar dos críticos teatrais, a comédia modernista contou com uma boa apreciação do público e causou forte abalo no universo teatral do eixo sudeste. Na capital federal, o espetáculo foi encenado pela companhia do ator Jayme Costa em julho de 1928, no Teatro Fênix.

Durante 1928 a 1929, conseguimos identificar quatro peças teatrais compostas e uma adaptada por Brasil Gerson, entre elas comédias, sainetes e teatros de revistas. Redigiu o sainete paulista *Italianinha* que seria encenado junto ao sainete carioca *Vitrine*, por Jayme Costa, sob a direção de Octavio Rangel, estreando a “temporada de inverno³⁷” do teatro Boa Vista de São Paulo. *A Mulher... é sempre mulher* foi um sainete adaptada por Brasil Gerson para a companhia Paulista de Sainetes e ficou exposto por dois meses no Teatro Apolo, de 10 de agosto a 2 de outubro. Em 9 de outubro foi a estreia de *Estação da Luz*, escrito junto a Luiz Iglesias e com música de Verdi de Carvalho, foi um teatro de Revista encenado pela companhia “Tro-lo-ló”. A peça estreou no Teatro Boa Vista e ficou em cartaz durante uma semana, o preço do bilhete era 6\$000³⁸. Mais tarde, foi levada para outro palco da cidade, no Teatro Colombo, na última semana de outubro. Na virada de outubro para novembro, o Teatro Santa Helena foi palco de seis sessões da Revista *Rua 15*, escrita junto a Antônio de Macedo e com música de Antonio Lago.

³⁴ MILARÉ, Sebastião. *Batalha da quimera*. Funarte, Ministério da Cultura, 2009. p. 152.

³⁵ A ESQUERDA, 17/03/1928. Ed. 220. Rio de Janeiro.

³⁶ DIÁRIO DA NOITE, 21/03/1928. Ed. 1068. São Paulo.

³⁷ DIÁRIO DA NOITE, 24/04/1928. Ed. 1096. São Paulo.

³⁸ CORREIO PAULISTANO, Ed. 23387, 31/10/1928, p.9.

De novembro de 1928 até fevereiro de 1930, não houve a apresentação de novas peças, apenas duas reexibições de *Maldito Tango* no Teatro Colombo em março, e uma no Teatro Santana, em abril de 1929. Em fevereiro de 1930, Brasil Gerson retoma os palcos com a sua composição autoral *Cocktail Sincronizado*, encenada pela companhia “Teatro de Mentira” no Teatro Pedro II.

Pouco menos de um ano depois como dramaturgo, observamos uma aparente diminuição das suas criações para o teatro. A investigação a partir de alguns fragmentos da revista *Para Todos* permitiu confrontar essa hipótese, confirmada por meio da divulgação de uma correspondência sentimental entre Brasil Gerson e René de Castro.

A reportagem inicia falando da fundação do Clube dos Cronistas Teatrais de São Paulo e a adesão de Brasil Gerson, que, na época, não estava na cidade. A repercussão da iniciativa dos seus colegas, contudo, não o alegrou tanto. Brasil Gerson comenta a respeito desse episódio, com um ar de decepção, que o teatro já não lhe interessava muito.³⁹ Nesse momento, o catarinense passava uma temporada no interior de São Paulo, hospedado na fazenda Coruputuba, de propriedade de Caio da Silva Prado, pai do jovem Caio Prado Júnior.

Na sua correspondência, o autor de *Maldito Tango* escreve a respeito dos seus planos após o retiro na fazenda Coruputuba, comunicando ao destinatário que retornaria a escrever na sua antiga seção de teatro no *Diário da Noite*, porém, rejeitando o título de “verdadeiro cronista [teatral]” para ser “um cronista a margem do teatro, para tomar conhecimento apenas de certas peças e de certas mulheres interessantes de teatro...” porque havia chegado à conclusão “de que os homens de teatro no Brasil não merecem atenção”, e, por fim, argumenta que “Agora vou me passar as letras”.⁴⁰ O seu ideal de criar um “teatrinho melhor que esse que há por aí”⁴¹ fracassou. Decepcionado, acompanhou o caminho do seu antigo amigo de crítica, Antônio de Alcântara Machado, e passou a dedicar-se à escrita de livros. Não é por coincidência que a diminuição da sua intervenção no teatro seja concomitante ao aumento da sua produção literária.⁴²

O seu primeiro livro, ao que consta, foi lançado antes da sua estreia nos palcos dos teatros, porém, talvez pela pouquíssima repercussão do romance *A Viagem de Miramar*, publicado pela editora *O Livro Nacional*, em 1927, acreditamos que este livreto foi de pouca importância para o próprio escritor, e sequer foi incluído no quadro “Obras do Autor” publicado nas contracapas de suas produções posteriores.

³⁹ PARA TODOS, Ed. 09/11/1928. Rio de Janeiro.

⁴⁰ PARA TODOS, Ed. 09/11/1928. Rio de Janeiro.

⁴¹ DIÁRIO DA NOITE, Ed. 1083, 09/04/1928. São Paulo

⁴² No entanto, trabalharia pontualmente em algumas peças teatrais em 1930, 1932 e no final da década de 1940.

Após sua estreia abafada, retorna à literatura, publicando a novela *Miss*, em 1929, na revista *Para Todos* e, no ano seguinte, *O Homem do destino* no *Correio Paulistano*.⁴³ A sua brochura *Vinte anos de circo* foi anunciada na edição de agosto da revista *Para Todos* como “Livro gostoso, cínico romântico e atualíssimo”.⁴⁴

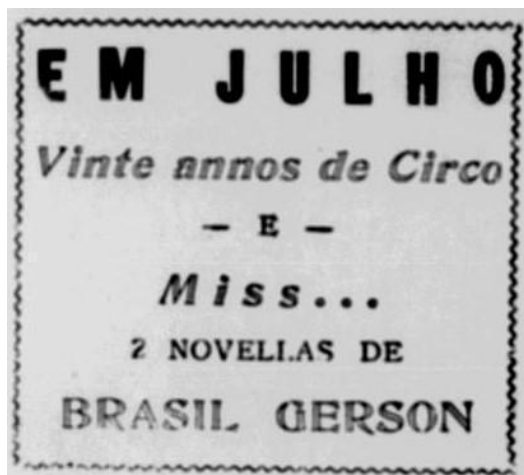


Imagem 5: *PARA TODOS*, 13/07/1929, Ed. 552. Rio de Janeiro.

No começo da década de 1930, Oswald de Andrade e Patrícia Galvão já haviam oficializado a sua entrada no Partido Comunista e dado à estampa *O Homem do Povo*, que manifestava o ativismo comunista e a sátira à sociedade burguesa, contando com a participação fundamental de Pagu,⁴⁵ além de colaboradores como Brasil Gerson, Flávio de Carvalho e Geraldo Ferraz.⁴⁶

A importância das revistas precisa ser contextualizada não só por representarem espaços de divulgação de artigos, textos e trabalhos variados. O rastreamento dos hebdomadários permite compreender os círculos intelectuais e o contexto experimentado pelos autores nos seus momentos de atuação político-cultural. É possível perceber então a imersão e o contato de Brasil Gerson com a produção intelectual, cultural e artística modernista. Em 1932, publica seu romance *A vida acaba no meio*, editado pela Civilização Brasileira, com ilustração de capa de Paulo Werneck.

⁴³ ANTELO, Raul. Doce de abóbora dá chumbo para canhão: Brasil Gerson. *Cadernos de Literatura Comparada*, n. 46, 2022.

⁴⁴ *PARA TODOS*, Ed. 554, 27/07/1929. Rio de Janeiro.

⁴⁵ CARRERI, Márcio Luiz. O socialismo de Oswald de Andrade: cultura, política e tensões na modernidade de São Paulo na década de 1930. Tese (Doutorado em História) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2015, p. 3.

⁴⁶ RUBIM, Antonio Canelas. *Marxismo, Cultura e Intelectuais no Brasil*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995, p. 384.

A efervescência cultural impulsionou o modernista Brasil Gerson a novos patamares de compreensão para promover mudanças político-culturais. “Peculiarmente Feminista”, como diz Antelo, o romance é considerado uma obra de discussão da situação social da mulher na sociedade brasileira, escrito posteriormente ao seu contato com a literatura marxista e, talvez até mesmo, já como membro do Partido Comunista. Raul Antelo levanta hipóteses sobre a influência de Patrícia Galvão sobre o livro redigido por Brasil Gerson, após a convivência na redação de *O Homem do Povo*.⁴⁷

A vida acaba no meio foi objeto de crítica no semanário ilustrado *Jornal das Moças*. Sob o título “Um romance que interessa a mulher”, a revista destacou que o livro “contém coisas novas sobre o amor e a emancipação econômico-social do belo sexo” e, dessa forma, o nome de Brasil Gerson estava sendo propagado “nesse momento intensamente pelo país inteiro, graças ao romance que acaba de publicar” evidenciada pela saída de 4.000 exemplares em três semanas, no país em que “os editores levam meses para vender mil exemplares de um livro”.⁴⁸

O autor de *A vida acaba no meio* foi descrito como “novo romancista ultra moderno” e o “mais bravo” advogado das mulheres brasileiras, por ter agitado “pela primeira vez no Brasil o magno e palpitante problema da emancipação econômica-social da mulher” que seria resolvido mediante “uma reforma das atuais leis econômicas e uma remodelação dos métodos de educação modificaram o aspecto geral da vida de hoje”.⁴⁹

Pela trajetória percorrida e inserção nas redes constituídas pelos intelectuais modernistas, quando entra para o Partido Comunista em meados da década de 1930, já é um intelectual reconhecido. As colaborações nas revistas culturais, na dramaturgia e na literatura, demonstram a importância dessas redes para o estabelecimento de contatos, que se tornam duradouros, com a intelectualidade modernista que encontra no comunismo um novo patamar de progresso social. As resenhas e críticas do livro parecem confirmar a hipótese de Raul sobre a influência de Patrícia Galvão, assim como os elementos da doutrina marxista.

Na década de 1920, Brasil Gerson trabalhou para o *Diário da Noite* escrevendo na coluna teatral do jornal e crônicas políticas. A investigação do periódico *Diário da Noite* permitiu identificar parte do seu posicionamento político. Fora da seara profissional, no entanto, a ação político-intelectual de Brasil Gerson manifestou-se de variadas formas. No ano de 1925, diante da visita de Marinetti ao Brasil, Argentina e Uruguai, publicou um

⁴⁷ ANTELO, Raul. Doce de abóbora dá chumbo para canhão: Brasil Gerson. *Cadernos de Literatura Comparada*, n. 46, 2022. p. 25.

⁴⁸ JORNAL DAS MOÇAS, 12/05/1932. Ed. 882, Rio de Janeiro.

⁴⁹ JORNAL DAS MOÇAS, 12/05/1932. Ed. 882, Rio de Janeiro.

manifesto em defesa da arte futurista no jornal *Diário da Noite*, sendo alvo de críticas e polêmicas. A direção do jornal viu-se obrigada a declarar que o manifesto não representava o posicionamento editorial da publicação e correspondia, unicamente, ao posicionamento do seu autor.⁵⁰

Em 1927, já nos confrontamos com artigos de Brasil Gerson assumindo a defesa do programa do Partido Democrático, divulgando as ações do partido e endossando as suas candidaturas no pleito eleitoral, além de repudiar a prática política dos membros do Partido Republicano Paulista. No começo de 1928, em texto de sua autoria, autodeclara-se tenentista: “Eu sou, mentalmente, tenente de cavalaria da Coluna Prestes!”⁵¹ A citação é a conclusão de uma crônica escrita por Brasil Gerson a respeito de uma entrevista concedida à imprensa chinesa durante a sua viagem a Pequim enquanto conversava com um ministro britânico.

A Coluna Prestes a que se refere Brasil Gerson está inserida em uma série de rebeliões tenentistas cujas revoltas e marchas expressavam o descontentamento e contestação contra a política dominante na república oligárquica. A sua simpatia pelo tenentismo foi manifestada na sua época perrepista no já citado *Diário da Noite*.

Posteriormente, aderiu ao PRP e tornou-se um dos quadros intelectuais do *Correio Paulistano*, órgão oficial de imprensa do Partido Republicano Paulista, representantes da oligarquia cafeeira paulistana. A historiadora Helaine Queiroz, citando as memórias do jornalista Cassiano Ricardo, diz a respeito do *Correio Paulistano* que Antônio Carlos da Fonseca, Agenor Barbosa, Brasil Gerson, Fausto de Almeida Prado Camargo, Francisco Pati, Genolino Amado, Hélio Silva, Hermes Lima, Alcides Cunha, João Raimundo Ribeiro, José Lannes, Vítor Azevedo, Nóbrega da Silveira, Oswaldo Costa formavam o corpo intelectual do órgão do PRP.⁵²

Como um dos jornalistas que formava o “corpo intelectual” do órgão diário de divulgação do partido, constatamos a sua circulação e inserção nos espaços do Partido Republicano Paulista além da imprensa oficial, participando da fundação de órgãos ligados aos “perrepistas”, como um dos membros fundadores do Clube de Imprensa. Nas eleições de 1930, trabalhou para a eleição do vitorioso candidato Júlio Prestes, derrotado em outubro pela força das armas de Vargas.

⁵⁰ D'AMBROSIO, Matteo. FT Marinetti in Brasile (1926): i Manifesti Contro i capelli corti (con la risposta di Toddi) e Fascismo e Futurismo; il Manifesto futurista paulista di Brasil Gerson. *Transparenze*, n. 31/32. 2007. p. 144-145.

⁵¹ DIÁRIO DA NOITE. Ed. 728. 20/03/1928. São Paulo.

⁵² QUEIROZ, Helaine Nolasco. *Verdeamarelo/Anta e Antropofagia: narrativas da identidade nacional brasileira*. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. p. 22-23.

Na década de 1920, um grupo de intelectuais, militares e trabalhadores acompanharam o expressivo protagonismo dos tenentes na luta contra as oligarquias brasileiras e sua inserção no palco da luta de classes, representada pelos tenentes dos dezoito heróis do Forte de Copacabana e a Revolução Paulista de 1924, à qual se seguiu a Coluna Prestes, que acabaram por identificá-las com o almejo da necessidade de transformações políticas e sociais da sociedade brasileira.

Após a posse de Getúlio Vargas, Brasil Gerson rompeu com o PRP e fez parte do grupo de intelectuais que acreditaram que a revolução social havia começado com a Aliança Liberal em 1930 e que os operários fariam parte dela pois estariam “representados” no poder.⁵³ Na virada da década, mudou-se para Santos e esteve próximo a um grupo de intelectuais ligados ao periódico *Praça de Santos*,⁵⁴ de caráter progressista e anti-oligárquico, reunindo na sua redação sujeitos ligados aos comunistas, prestistas, tenentes e membros da Aliança Liberal.⁵⁵

Segundo Rodrigo Tavares, autointitularam-se “outubristas” aqueles “que acreditavam que a Revolução de 1930 era o começo de uma revolução social e não uma mera disputa política”,⁵⁶ como Reis Perdigão, Brasil Gerson e Rafael Correa de Oliveira. Desses três, o primeiro tornou-se interventor do Maranhão; o segundo foi comandar o jornal tenentista *Correio da Tarde*; e o terceiro, ex-diretor do *Praça de Santos*, assumiu diversos postos administrativos.⁵⁷

Desligado do seu antigo partido, Brasil esteve à frente como diretor do jornal tenentista *Correio da Tarde*, no intuito de apoiar o movimento, porém, essa sua aproximação com os vitoriosos tenentes e a Aliança Liberal findou rapidamente. A desilusão com o novo governo pode ter favorecido em certa medida seu interesse de estudo pelo marxismo e da vinculação com a doutrina comunista, pelo vínculo com o periódico *O Homem do Povo*, de Oswald de Andrade e Patrícia Galvão. Na época em que se juntou ao projeto de Oswald de Andrade, Brasil Gerson já era um intelectual reconhecido, redator do jornal *Diário da Noite* e colaborador da revista *Para Todos*.

⁵³ TAVARES, Rodrigo Rodrigues. A “Moscouzinha” brasileira: cenários e personagens do cotidiano operário de Santos (1930-1954). São Paulo: Associação Editorial Humanitas: FAPESP, 2007. p. 78-79.

⁵⁴ TAVARES, Rodrigo Rodrigues. A “Moscouzinha” brasileira: cenários e personagens do cotidiano operário de Santos (1930-1954). São Paulo: Associação Editorial Humanitas: FAPESP, 2007. p. 70.

⁵⁵ TAVARES, Rodrigo Rodrigues. A “Moscouzinha” brasileira: cenários e personagens do cotidiano operário de Santos (1930-1954). São Paulo: Associação Editorial Humanitas: FAPESP, 2007. p. 67.

⁵⁶ TAVARES, Rodrigo Rodrigues. A “Moscouzinha” brasileira: cenários e personagens do cotidiano operário de Santos (1930-1954). São Paulo: Associação Editorial Humanitas: FAPESP, 2007. p. 68.

⁵⁷ TAVARES, Rodrigo Rodrigues. A “Moscouzinha” brasileira: cenários e personagens do cotidiano operário de Santos (1930-1954). São Paulo: Associação Editorial Humanitas: FAPESP, 2007. p. 78-79.

Na década de 1930, Brasil Gerson escreveu crônicas de cinema na imprensa e trabalhou como colunista cinematográfico no *Globo*, colaborou nos periódicos *Gazeta Popular*, *O Imparcial*, *Praça de Santos* e *Jovem Proletário*, órgão clandestino do Partido Comunista. Permaneceu como jornalista no *Diário da Noite*, compondo suas crônicas, discutindo sobre política e marxismo, publicou três textos sobre a macumba e religiosidade popular no suplemento literário-cultural do jornal argentino *Critica*, um dos impressos de maior tiragem da América Latina, colaborou com *O Homem do Povo*, de Oswald de Andrade e Patrícia Galvão, e com o jornal literário feminista gaúcho *O Corymbo*. Participou das iniciativas culturais do Partido Comunista Brasileiro e da Aliança Nacional Libertadora, trabalhou como redator do diário carioca *A Manhã*, órgão de divulgação oficial do programa da ANL, e foi diretor do jornal *A Platéia*, veículo de comunicação da ANL em São Paulo.

Publicado em 1954 pela Editora Souza, sua obra *A história das ruas do Rio de Janeiro* passou por diversas reedições, acréscimos e comentários do escritor até a sua morte, em 1981. Após o falecimento do autor, a obra continuou sendo revista e ampliada. No século XXI, duas editoras trataram de adquirir os direitos e publicar novas edições da obra. Relançada em 2000 pela *Edições Lacerda*, a nova edição trouxe um índice onomástico e de logradouros, e contou com um caderno de fotos raras do acervo de Carlos Lacerda.

A sexta edição da obra chegou ao público leitor em 2015 pela *Editora Bem-te-vi*, que lançou uma edição “premium” com capa dura e 520 páginas. O livro encontra-se esgotado nos *sites* das editoras e nas livrarias brasileiras, sendo necessário recorrer aos sebos e bibliotecas para sua aquisição.

A edição que tenho em mãos foi a nona publicação do selo “Coleção Cidade do Rio de Janeiro”, datada de 1968, organizado pela Prefeitura do Distrito Federal e pela Secretaria Geral de Educação e Cultura, durante as gestões de José de Sá Freire Alvim (Prefeito do Distrito Federal) e Luiz Gonzaga da Gama Filho (Secretário-Geral de Educação e Cultura do DF). A edição ficou a cargo da *Folha Carioca Editora S/A*, com sede na Rua João Cardoso, nº 23, Rio de Janeiro. A presente edição foi registrada pela Biblioteca da Escola de Arquitetura da Universidade Federal do Ceará em 19 de julho de 1968, com dedicatória assinada pelo autor.

Os livros de Brasil Gerson ocupam outras estantes de bibliotecas do país. No quarto centenário de fundação da cidade do Rio de Janeiro, comemorada em 1965, a Biblioteca Nacional organizou a exposição “Quatro séculos de Rio de Janeiro” e editou uma publicação com o objetivo de oferecer um panorama geral da história da cidade aos visitantes da Mostra. Na publicação comemorativa *4 Séculos do Rio de Janeiro – Exposição comemorativa do IV*

centenário da fundação da cidade do Rio de Janeiro (1565-1965), parte do acervo da biblioteca foi selecionado. Durante o processo de pesquisa, catalogação e organização, 285 impressos foram selecionados para compor a exposição, considerados pelo Diretor da Biblioteca Nacional, Adonias Filho, como “peças que reanimam os séculos da cidade. É toda uma documentação que corresponde ao grande passado, os livros das crônicas, as memórias dos viajantes, mapas e estampas, como se ficasse mantido o reconhecimento sobre o tempo”.⁵⁸

Entre os 285 documentos históricos selecionados, encontramos dois livros de Brasil Gerson listados pela exposição como parte integrante da Mostra: o livro *Botafogo*, de 1959, publicado com 101 páginas, da série “História dos Subúrbios” e editado pelo Departamento de História e Documentação da Prefeitura do Distrito Federal, e a obra *História das ruas do Rio de Janeiro*, da coleção “Cidade do Rio de Janeiro”, com de 335 páginas.⁵⁹

Na sua principal obra *A história das ruas do Rio de Janeiro*, Brasil Gerson realiza uma profunda investigação histórica em jornais, dicionários, revistas, livros de história e geografia, crítica literária, poesia, memórias e uma variedade de fontes históricas que o consagrou como o historiador das ruas do Rio de Janeiro. As ruas são espaços públicos, podendo ser experimentadas de diversas formas. A ocupação das vias públicas pelos trabalhadores é narrada por Brasil Gerson como exercício dos direitos cidadãos.

Nas breves biografias sobre Brasil Gerson acerca da sua obra, deparamo-nos com a sua “paixão” pela cidade maravilhosa, dedicando sua escrita para tratar da memória da cidade. Uma vez que a cidade é um espaço onde se criam memórias, construídas em meio às relações pessoais, culturais e sociais dos sujeitos históricos presentes.

As representações das cidades passam por uma seleção, armazenamento, exclusão e registro do que deve ser contado. A ocupação da capital, das áreas nobres e subúrbios pelos comércios, teatros, cinemas, clubes, praças, casas e instituições públicas são alvos de preocupação do autor, na tentativa de enquadrar as transformações históricas e contemporâneas da cidade do Rio de Janeiro. Escolheu dedicar espaço no seu livro para abordar o surgimento do jornal aliancista *A Manhã*, em 1935, no quarteirão entre o Mercado de Flores e a Uruguaiana, na rua Buenos Aires.⁶⁰

⁵⁸ 4 Séculos do Rio de Janeiro – Exposição comemorativa do IV centenário da fundação da cidade do Rio de Janeiro (1565 - 1965), p. 6.

⁵⁹ 4 Séculos do Rio de Janeiro – Exposição comemorativa do IV centenário da fundação da cidade do Rio de Janeiro (1565 - 1965), p. 14.

⁶⁰ GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio de Janeiro*. Folha Carioca Editora, 1965. p. 60.

A publicação do livro *Botafogo*, da coleção “História dos Subúrbios” pode indicar um desejo antigo do autor, que, reconheceu as suas limitações, afirmando ao final do livro que

aqui estas páginas terminam, sem que nelas se faça a história das ruas suburbanas, porque essa não seria uma tarefa para um homem só, e sim para toda uma equipe, durante vários anos - tantos são os documentos que para isso teriam de ser consultados e espalhados ainda eles se acham por aí...⁶¹

Dois anos antes de falecer, o poeta Rubem Braga escreveu o texto “Uma rua para Brasil Gerson!” no *Jornal do Commercio*. No texto, recuperou trajetória do seu amigo e os feitos da sua produção, dizendo que, desde o lançamento do seu livro *História das ruas do Rio de Janeiro*, “ninguém escreve sobre nenhuma rua do Rio de Janeiro sem citar Brasil Gerson” e sugeria que lhe fosse posto o nome em alguma placa de rua do Rio, como forma de homenageá-lo simbolicamente, “Pode ser uma ruazinha à-toa, Brasil não ia ligar (...) A rua ele merece”. O pedido de Rubem foi atendido. Hoje, a via pública que levou o seu nome é uma rua restrita aos moradores do Condomínio Brasil Gerson, no bairro Taquara, no Rio de Janeiro.

2.2 - A Tribuna Popular

Em 1945, após serem alvos de uma intensa perseguição do Governo Vargas e do Estado Novo, os comunistas são anistiados e conquistam o registro legal do seu partido, no contexto da vitória da União Soviética e dos Aliados na Segunda Guerra Mundial. No declínio do Estado Novo, o PCB apresentou um projeto político-cultural cuja proposta era a difusão das ideias comunistas a partir da produção de jornais, revistas, traduções, livros, filmes, documentários, campanhas artísticas e culturais, ou seja, da montagem de uma ampla rede de produção e difusão cultural. Nessas circunstâncias, o partido mobilizou seus esforços para construir e consolidar um aparato próprio de meios de comunicação.⁶²

Em um prédio localizado na rua do Lavradio, na madrugada de 21 de maio, começou a ser editado o jornal *Tribuna Popular*, que seria distribuído legalmente nas ruas do Rio de Janeiro, após uma longa jornada de censuras, perseguições e aprisionamentos vivenciados pelos comunistas nos porões da ditadura do Estado Novo. A equipe do jornal reunia um

⁶¹ GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio de Janeiro*. Folha Carioca Editora, 1965. p. 348.

⁶² POMAR, Pedro Estevam. Nas páginas do Hoje: O diário paulista do PCB e sua vocação contra-hegemônica. Perseu: História, memória e política, nº12, p. 12.

grupo de escritores e intelectuais aclamados pela crítica do momento. Nomes como Carlos Drummond de Andrade, Álvaro Moreyra, Pedro Motta Lima, Paulo Motta Lima, Dalcídio Jurandir e Aydano do Couto Ferraz faziam parte da direção do jornal. A redação do diário *Tribuna Popular* ocupava o 13º andar do prédio localizado na Esplanada do Castelo, na Avenida Aparício Borges, nº 207. As edições do jornal diário do PCB eram postas à venda nas bancas ao custo de Cr\$ 0,50 nos Estados e a Cr\$ 0,40 na Capital.

A cidade do Rio de Janeiro era então a capital do Brasil e um dos importantes centros intelectuais do país, concentrando expressiva atividade política, jornalística e cultural desde o início do século vinte. Na capital federal, a *Tribuna Popular* teve uma ampla circulação e foi o carro chefe do Partido Comunista. A folha visava dialogar e atingir um público mais amplo, circulando com relevância no debate público da sociedade carioca.

O vínculo histórico de Brasil Gerson com associações de escritores antifascistas e a sua trajetória militante junto à imprensa latino-americana, tópico do capítulo dois, parece ter exercido influência no corpo editorial do jornal na decisão de convidá-lo para compor a redação da *Tribuna Popular*. Por ter sido um interlocutor dos exilados brasileiros na região do Prata, sua experiência militante e profissional na “imprensa progressista” pode ter sido determinante na sua designação para trabalhar na *Tribuna Popular*.

No terceiro capítulo, discorreremos sobre a coluna diária intitulada *Através das Américas*, assinada por Brasil Gerson desde a sua criação, durante a segunda semana de circulação do periódico. Para ser possível compreender a sua atuação jornalística, é preciso investigar *a priori* a própria origem de sua seção autoral: o jornal *Tribuna Popular*.

Pedro Motta Lima e Álvaro Moreyra, diretores do jornal, já haviam trabalhado junto ao jovem Brasil Gerson nas revistas e jornais que dirigiam na época. O seu companheiro de exílio, Pedro, já o havia acolhido na década anterior na redação do jornal aliancista *A Manhã*, na época em que fora seu diretor, e Álvaro Moreyra, amigo de longa data, companheiro de profissão e correspondências, já havia acolhido diversas crônicas e textos literários do escritor quando dirigira a revista cultural *Para Todos*.

Antes da estreia da sua seção *Através das Américas* na *Tribuna Popular*, Brasil Gerson já aparece compondo o segundo número do periódico, escrevendo pequenos artigos, textos de opinião e notas esparsas. O tema da América Latina aparece em cinco textos de sua autoria entre a segunda e a nona edição da *Tribuna Popular*. São estes: *Nosso amigo Rodolfo* [Ghioldi], *El Salvador no bom caminho*, *O exemplo dos cubanos*, *O caso uruguaio* e *Américas Unidas*.

O texto intitulado *Américas Unidas* disserta inicialmente sobre o desconhecimento que os países da América Latina têm uns dos outros, seguido de comentários do jornalista sobre uma reportagem publicada recentemente pelo periódico *El Mundo*, de Havana. Pedro Cue, diretor do respectivo jornal, publicou uma matéria traduzida e transcrita (por Brasil Gerson) nas páginas da *Tribuna Popular*, em que chama a atenção para o fato de que “O intercâmbio de notícias no continente só tem existido entre Brasil e os Estados Unidos, Cuba e os Estados Unidos, o Uruguai e os Estados Unidos Mas não existe entre o Brasil e Cuba, entre Cuba e o Uruguai, e o Chile e Cuba e o Peru e Cuba”. Prossegue, afirmando que a relação desenvolvida

entre os Estados Unidos e as demais nações latino-americanas, não é um mal, evidentemente. Pelo contrário, é um bem. E tudo devemos fazer para que melhore mais ainda. Mas o que não é feito é que no segundo sentido – entre as nações latino-americanas entre si – ainda continue como antes, desconhecendo-nos todos nós mutuamente.⁶³

A demanda por uma maior aproximação e relação das nações entre si é percebida como uma forma de realização política e social, por meio da qual o autor apoia a conexão do universo latino-americano entre si, para que possam superar o dilema da fragmentação entre as “pátrias americanas”.

Seguindo esse raciocínio, Brasil Gerson chama a atenção para a importância do estabelecimento de vínculos mais estreitos entre todos os povos continentais. O escritor resgata os casos emblemáticos dos “exilados de 1935”, que, ao chegarem ao destino de exílio, levaram as notícias de Prestes e “de sua significação na vida brasileira e continental, e imediatamente todos eles se interessaram pelo Brasil e seu líder, como se fosse coisa sua, carne de sua carne...”.⁶⁴

Outro exemplo usado para sustentar a sua justificativa foi a passagem de “La Madre Heróica” pela América Central, que fez com que mexicanos vissem Dona Leocádia Prestes não apenas como a mãe de um homem preso em terras distantes, mas sim como uma representante deles mesmos, como a mãe de um líder que, apesar de ter nascido no Brasil, era tão deles como Lázaro Cárdenas. Sem dúvida, a referência a Dona Leocádia insiste no esforço da construção de uma memória e identidade, acionando um passado de experiência sensíveis, dialogando com uma perspectiva que tornasse possível a edificação de novos futuros.⁶⁵

⁶³ TRIBUNA POPULAR, Ed. 6, 27/05/1945. Rio de Janeiro.

⁶⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 6, 27/05/1945. Rio de Janeiro.

⁶⁵ HUYSSSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política, amnésia. In: *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000, p. 9-37.

Dessa forma, prossegue o artigo *Américas Unidas*, com o jornalista manifestando os esforços para conectar e aproximar os países continentais, afirmando que a conjuntura latino-americana suscitou em razão dos novos debates uma “intimidade popular inter-americana entre nós e eles” que “não deve ser subestimada nesta fase nova da vida brasileira e continental, inaugurada com a sua volta à atividade política mais ampla”.

E, no último parágrafo, uma afirmação de muito interesse a nossa pesquisa é o enunciado: “Por isso mesmo faz parte do programa da TRIBUNA POPULAR o registro diário de tudo quanto nas Américas acontece, sobretudo do aspecto mais popular, mais democrático da vida americana – o que é uma maneira prática e eficiente de trabalhar pela unidade de todos nós”.⁶⁶

A coluna *Através das Américas* configurou-se como uma coluna autoral diária do jornal, junto à seção fixa do diretor Pedro Motta Lima, publicada desde a primeira edição. A análise da terceira página do periódico evidencia o destaque que a publicação conferiu aos intelectuais, escrevendo recorrentemente neste espaço da publicação escritores como Astrojildo Pereira, Jorge Amado, Álvaro Moreyra, Dalcídio Jurandir, Rui Facó, entre outras figuras intelectuais e dirigentes do Movimento Comunista Internacional.

A *Tribuna Popular*, dirigida por Pedro Motta Lima, representou um momento de maior amadurecimento dos comunistas na montagem do seu trabalho editorial. No entanto, a configuração do diário carioca se inspirou em algumas características do seu periódico lançado em 1935: *A Manhã*. Ambas as publicações contaram com expressiva participação e intervenção dos intelectuais nas redações e edições do jornal.

⁶⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 6, 27/05/1945. Rio de Janeiro.

O integralismo, defensor do latifundio

As classes de classe média e a operária que se situam... O integralismo não passa de um ideal de expansão... O integralismo não passa de um ideal de expansão...

O cacete de velludo...

Para os porta-vozes do conservatismo, deve ser proibida a intercessão do soldado em todas as questões políticas... O resultado da última eleição de 1934...

A CAMARA MUNICIPAL VOTO UMA LEI PROVOCADORA DE ODIOS RELIGIOSOS

As manobras do conego Olympio de Mello... O conego Olympio de Mello... O conego Olympio de Mello...

MINORIA RESOLVEU DAR TREGUA AO SR. GETULIO VARGAS

Ex-ecução de policia, Erico de Souza Leão, foi a bomba da paz

Roosevelt derrotado!

O Senado e a Camara, reunidos, puzeram abaixo o veto presidencial ao projeto de pagamento dos bonus aos veteranos... O projeto de pagamento dos bonus aos veteranos...

DECLARADA A GRÉVE DO PESSOAL DA TELEPHONICA MEXICANA

MEXICO, 22 (Havas). — O pessoal da Telephonica Mexicana declarou greve... O pessoal da Telephonica Mexicana...

TEMPESTADE SOBRE ROMA

ROMA, 22 (Havas). — Uma tempestade política está sobre Roma... Uma tempestade política está sobre Roma...

NO SENADO

Passado a noite, a sessão do Senado... O Senado aprovou o projeto de pagamento dos bonus aos veteranos...

ALASTRA SE GRÉVE DOS MINEIROS BELGAS

BRUXELAS, 22 (Havas). — A greve dos mineiros belgas continua... A greve dos mineiros belgas...

O caso mais sério

Desde dois períodos que, durante anos, tinham-se desenvolvido... O caso mais sério...

O caso mais sério

Desde dois períodos que, durante anos, tinham-se desenvolvido... O caso mais sério...

TRITURADO PELO RODA DO MINEIRO

LIBERIA, 22 (Havas). — O pessoal da mina de Liberian está triturado pelo roda do mineiro... O pessoal da mina de Liberian...

Imagem 7: A Manhã, Ed. 24, 23/05/1935. p. 3. Rio de Janeiro. Ao centro, escritos de Pedro Motta Lima, à esquerda a seção de Brasil Gerson e centralizado na parte de baixo a coluna de Álvaro Moreyra.

A página "nobre" da Tribuna Popular é inspirada na terceira página do diário A Manhã, entretanto, a semelhança está para além de uma página dedicada à escrita dos intelectuais. Como podemos analisar, Brasil Gerson, Álvaro Moreyra e Pedro Motta Lima são os colonistas da terceira página do A Manhã, em 1935, e, dez anos depois, na Tribuna Popular, das quatro colunas diárias, três são assinadas respectivamente por Brasil, Pedro e Álvaro. A única exceção fica sendo a coluna Economia, escrita por Benjamin Soares Cabello, ex-aliancista e exilado na região do Rio da Prata.

O sucesso do diário aliancista de Pedro Motta Lima certamente exerceu impacto na montagem e configuração da *Tribuna Popular*, cujo propósito era torná-la um jornal de “massas” e de variados assuntos tematizados.

Essas iniciativas de imprensa do PCB assumem diversos formatos e objetivos. Esses órgãos estão inseridos no “sistema leninista de imprensa”, que, citando Madeleine Worozontoff, tem como ponto fundamental a

existência de um órgão central e uma revista teórica, centros ideológicos do partido e diretamente vinculado ao Comitê Central; um ou vários jornais “populares” / “de massa” buscando atingir trabalhadores com certo nível de consciência e atuação e, por fim, folhetos, agitação legal e “jornais de massa”.⁶⁷

O período posterior à democratização de 1945 representou para os comunistas, como assinala Rubim, a fase áurea de sua imprensa no Brasil.⁶⁸ A rede de comunicação organizada pelos comunistas possuía cinco características principais, já sumariamente analisadas por Antônio Rubim: o reconhecimento pelo partido do caráter estratégico de suas publicações; a criação de sociedades comerciais para o registro, produção e circulação legal do jornal, sem vínculo formal com o partido; a criação de jornais em várias capitais, na contramão da tese do “periódico central” defendido por Lênin no período anterior à Revolução de Outubro na Rússia; o financiamento baseado em vendas nas bancas, assinaturas, vendas de espaços publicitários e campanhas de arrecadação para financiamento da sua imprensa; e a arregimentação de intelectuais e quadros profissionais ligados ao partido, como jornalistas, fotógrafos, desenhistas, gráficos, linotipistas, entre outros.⁶⁹

O diário carioca abrangia uma elasticidade de temas, continha colunas fixas sobre cinema, teatro, rádio e festas na cidade do Rio de Janeiro. Dedicava uma página aos esportes, abrigando notícias sobre jogos do futebol profissional e amador, além de entrevista com os desportistas e reportagens sobre turfe, basquete, remo, atletismo e ciclismo. Destacavam-se ainda as colunas sobre o movimento sindical, comitês populares, células do PCB e matérias escritas por intelectuais.

Nosso interesse, portanto, volta-se agora para a nossa fonte primária, o jornal *Tribuna Popular*, a fim de compreender o papel da imprensa comunista nesse novo contexto, inédito, que guardou muitas diferenças do período da Primeira República e Era Vargas. O partido e

⁶⁷ RUBIM, Antônio. *Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995. p. 21.

⁶⁸ RUBIM, Antônio. *Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995. p. 29.

⁶⁹ DE ROCHA POMAR, Pedro Estevam. Os aparatos de comunicação de massa e a luta pela hegemonia no Brasil. *Lutas Sociais*, n. 19/20, p. 80-93, 2008. p. 89-90.

suas iniciativas comunicacionais superaram, então, o isolamento sofrido pela perseguição política pós-1935, quando suas principais lideranças foram encarceradas, exiladas ou forçadas a viver na clandestinidade. Da anistia em abril às eleições de novembro de 1945, o PCB já é “um partido bem diferente: legal, com prestígio na população, reforçado pela presença de Prestes e pelas vitórias soviéticas na guerra”.⁷⁰ Na esfera eleitoral, o partido elegeu uma expressiva bancada a nível federativo, com a eleição de Luiz Carlos Prestes para o Senado e vários deputados federais ligados ao PCB, tornando-se um protagonista da cena política.

Rapidamente o impresso tornou-se um veículo fundamental para a divulgação das ideias, práticas e ações dos comunistas, no contexto de uma abertura do PCB para alianças com outras forças políticas da sociedade brasileira. O diário circulava com destaque devido a quantidade e qualidade do “prestígio de seus colaboradores, entre os quais estavam muitos artistas e escritores reconhecidos”,⁷¹ alguns historiadores creditam à publicação uma tiragem inicial de 30 mil exemplares, chegando a atingir, em seu auge, 50 mil exemplares vendidos diariamente em 1946.⁷² Esses números demonstram a importância do periódico durante os seus anos de existência, equiparando-se aos números dos grandes jornais em circulação no período, talvez só suplantado pelos Diários Associados de Assis Chateaubriand.⁷³

O jornal era editado, distribuído e publicado legalmente e, por ter o intuito de ser o principal porta voz do partido, visava atingir um público mais amplo e, de modo geral, dialogar com diversos segmentos da sociedade, aglutinando em torno de si uma rede de colaboradores, simpatizantes, divulgadores, pequenos comerciantes e financiadores do jornal. Aos domingos, o Partido Comunista aumentava suas vendas promovendo comandos e mutirões com as suas células e militantes. O diário carioca não foi o único articulador dessa rede jornalística no Brasil, porém, é indiscutível a sua importância e atuação entre os anos de 1945 a 1947 para a constituição dessa rede, considerada um dos maiores aparatos de comunicação da época.⁷⁴

A *Tribuna Popular* era lida na capital, em muitas cidades do interior do Rio de

⁷⁰ DE ROCHA POMAR, Pedro Estevam. Os aparatos de comunicação de massa e a luta pela hegemonia no Brasil. *Lutas Sociais*, n. 19/20, p. 80-93, 2008. p. 89.

⁷¹ DUPRAT, Andréia Carolina Duarte. Clube de Gravura de Porto Alegre e revista Horizonte (1949-1956): arte e projeto político. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Porto Alegre, 2017, p. 42.

⁷² OLIVEIRA, Luís Eduardo. Na “Tribuna Popular”: a atuação sindical do PCB e o início da luta pelo abono de Natal no Rio de Janeiro (1945-1946). In: FERREIRA, Jorge (org.). *O Rio de Janeiro nos jornais*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011, p. 11.

⁷³ RUBIM, Antônio. *Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995. p. 30.

⁷⁴ RUBIM, Antônio. *Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995. p. 30-38.

Janeiro, em Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Ceará, Bahia e outros Estados. O Partido Comunista constituiu uma ampla rede de comunicação, possuidora de uma série de jornais nas capitais e interiores, como *Tribuna Popular* (RJ), *Hoje* (SP), *O Democrata* (CE), *Quixadá* (CE), *O Momento* (BA), *Folha do Povo* (PE), *Folha do Povo* (RJ), *Folha Capixaba* (ES), *Tribuna Gaúcha* (RS), *O Estado de Goiás* (GO), além de vários diários, semanários, quinzenários e mensários. Essa cadeia jornalística criou e manteve uma agência de notícias chamada *Interpress*, responsável por realizar a distribuição de material jornalístico para as publicações do partido e, de forma gratuita, para a imprensa de pequenas localidades no interior do país não vinculada aos comunistas.⁷⁵ Jacob Gorender, segundo as suas recordações, fala sobre as tarefas jornalísticas recebidas quando trabalhou nos veículos da *Interpress*, espaço que exercia o dever primordial atribuído aos “engenheiro das almas” do Partido Comunista.⁷⁶

Em agosto de 1946, a imprensa comunista iniciou a campanha nacional “Pró-Imprensa Popular” que, em três meses, arrecadou a quantia de 10 milhões de cruzeiros, “com a qual equiparam seus diários com máquinas e oficinas próprias”.⁷⁷ Essa é uma das primeiras de muitas campanhas para comprar oficinas, equipamentos gráficos e sustentar financeiramente os seus diários, semanários e mensários.

Esse é um dos modelos de campanha que se tornaram frequentes na vida partidária. Os comunistas contaram com a solidariedade de militantes e simpatizantes para contribuir com as campanhas de arrecadação e finanças em prol do partido. A partir do exame da *Tribuna Popular*, observamos a criatividade dos artistas plásticos para arrecadar fundos, como a organização da exposição de “Artistas de Plásticos ao PCB” e outros eventos em benefício ao partido, por meio do leilão e venda de quadros (fornecidos pelos próprios artistas) para cooperar com a campanha Pró-Imprensa Popular. Amigos e militantes do partido organizaram pinturas ao ar livre com dezenas de artistas com a finalidade de doar as telas para as campanhas de finanças do partido.

Com uma profícua inserção e diálogo com o universo intelectual brasileiro, uniu as categorias de artistas, literatos e cientistas para a organização do suplemento literário-cultural da *Tribuna Popular*, publicado aos domingos. O entusiasmo despertado nos expoentes da

⁷⁵ RUBIM, Antonio Canelas. *Marxismo, Cultura e Intelectuais no Brasil*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995, p. 30.

⁷⁶ QUADROS, Carlos Fernando de. Jacob Gorender, um militante comunista: estudo de uma trajetória política e intelectual no marxismo brasileiro (1923-1970). 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. p. 92.

⁷⁷ DE ROCHA POMAR, Pedro Estevam. Os aparatos de comunicação de massa e a luta pela hegemonia no Brasil. *Lutas Sociais*, n. 19/20, 2008. p. 90.

cultura pelo comunismo desde a década anterior reuniu, no período de gozo da liberdade partidária, filiações partidárias como as de Graciliano Ramos e Carlos Drummond de Andrade.

O diário comunista passa por diversas reconfigurações nos meses iniciais, lançando, em sua nona edição, a seção semanal *A Literatura e a vida: resenha semanal de livros, ideias e fatos*, com a justificativa de que as suas pretensões consistiam em “dar ao leitor uma impressão rápida mas justa dos livros aparecidos no Brasil e dos principais acontecimentos da vida literária” dos livros que “se vem publicando, em meio ao oceano de livros, originais e em tradução, que enchem hoje as nossas cidades (e quando chegarão aos nossos campos?)”. A apresentação da coluna concluía da seguinte forma

Não temos a pretensão de fazer crítica literária, tarefa especializada, nem as de orientar o gosto popular mais autônomo e exigente que se supõe. Apenas iremos assinalando obras de maior interesse e fatos literários que encerrem alguma significação. Daí o título: A literatura e a vida. Uma ligada a outra e exprimindo-lhe o movimento constante, a segunda agindo sobre a primeira e dela também recebendo influência. E não a separação álgida entre o que é papel e o que é vivo.⁷⁸

As resenhas da primeira edição tratam sobre o ensaio do sr. Eduardo Frieiro, *O diabo na livraria do cônego*; *Malraux, convertido?*; *Um poeta fascista* e *Ruy e o sulfureto*. Na primeira fase da seção de livros, ideias e fatos, as temáticas apresentadas propunham reflexões sobre o papel do intelectual na sociedade moderna. A resenha *Eles lutaram na França* descortinava o cenário inicial da tão esperada chegada ao Brasil de livros franceses diretamente da França, e não mais da Algéria ou do Canadá, demonstrando que, na França do pós-guerra, a “recuperação das condições normais de divulgação” somente se deu porque “mesmo nas piores condições de clandestinidade, esse pensamento esteve vigilante e ativo” e comemorava a vitória da *inteligência* francesa contra a ocupação fascista. O drama da resistência intelectual é representado pelos escritores que “nunca deixaram de produzir e de espalhar as suas obras, em luta implacável com o invasor nazista”, evidenciando a “afirmação do poder de resistência do intelectual, numa fase em que a literatura teve de renunciar a toda espécie de jogo para desempenhar, também ela, o seu papel na luta comum” e, seguida de uma resenha sobre a poesia soviética, é apresentada a edição brasileira com compilados de textos de Marx, Engels, Lenin e Stalin sobre os problemas da arte e da literatura, edição lançada pela Editorial Calvino e traduzida de uma publicação francesa, destinada a “agir

⁷⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 9, 31/05/1945. Rio de Janeiro.

beneficemente na formação de nossos escritores novos". No final, a recomendação de que "vale a pena lê-lo".⁷⁹

Com o surgimento do suplemento cultural aos domingos, a tônica dos textos e publicações torna-se mais profissional. O suplemento também contou com desenhos e ilustrações de Portinari, Carlos Scliar e Paulo Werneck, poemas dos brasileiros Annibal Machado Aydano do Couto Ferraz, Vinicius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade e dos chilenos Pablo Neruda e Gabriela Mistral, crônicas de Lia Corrêa Dutra e Aline Paim, e com a publicação de textos de escritores consagrados na literatura, como Máximo Gorki e Euclides da Cunha.



Imagem 8: TRIBUNA POPULAR, Ed. 132, 21/10/1945 e TRIBUNA POPULAR, Ed. 108, 23/09/1945. Rio de Janeiro.

Circulando aos domingos com dez páginas, duas foram destinadas ao suplemento. As reportagens de Rui Costa e Rui Facó ocuparam, muitas vezes, por completo a primeira página do Suplemento, noticiando a participação de escritores, artistas e cientistas no Partido

⁷⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 15, 07/06/1945.

Comunista, a exemplo de “Graciliano Ramos, escritor do povo e militante comunista”⁸⁰ e “Clóvis Graciano, um artista do povo”.⁸¹ Em outros momentos, as reportagens dos homônimos Rui preencheram às vezes metade ou um quarto da primeira página do Suplemento, como a entrevista feita com Arnaldo Estrela, recém-filiado ao PCB e apresentado pela manchete da reportagem como “O maior pianista do Brasil no Partido Comunista”.⁸²

Os leitores, comunistas ou não, tinham as suas cartas publicadas na seção *Cartas do povo*, denunciando as explorações de empresas e situações intoleráveis por que passavam como trabalhadores, e recorrentemente solicitando o apoio do jornal às reivindicações por remunerações justas. A *Tribuna Popular* retratou o mundo do trabalho a partir dos depoimentos e visão dos cidadãos trabalhadores, ou, como expressa o título da seção, pela perspectiva do povo da cidade. Servindo como espaço para amplificar as vozes de denúncia, foram veiculadas cartas referentes à agressiva urbanização da cidade, à carência de infraestrutura sanitária e insegurança alimentar.

Presente também no jornal encontrava-se uma seção diária sobre as notícias e informes do Comitê Metropolitano do Partido Comunista divulgando avisos, convocações, reuniões e preparações de atividades das células na capital federal. Colunas sobre a política institucional também foram anexadas em pequenas sessões, como as *Notícias da prefeitura*, que consistia em acompanhar, atualizar e cobrar as atividades do poder administrativo municipal. Receberam ainda destaque as seções *Vida dos comitês populares* e *O povo se organiza*, apresentando os desafios dos comitês democrático-populares e os trabalhos de organização da classe trabalhadora. Outras seções de caráter mais amplo e com uma duração expressiva foram *Olho mágico*, *Pense nisso* e *O que nem todos sabem*, dispendo-se a discutir as tramas da conjuntura internacional e nacional.

Uma importante seção chamada *Tribuna Sindical* era destinada às discussões sobre o mundo do trabalho e ao movimento sindical, chegando, por vezes, a ocupar uma página inteira do periódico. A coluna *Unidade Juvenil*, presente na mesma página da Tribuna Sindical, circulou de forma mais restrita no corpo do jornal.

A ironia e o humor não poderiam estar fora desse importante instrumento de agitação social. A seção retangular *E a caravana passa* ironizou com bom humor a “imprensa sadia” e, escreveu sobre os acontecimentos e burburinhos existentes nas redações dos jornais

⁸⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed.84, 26/08/1945.

⁸¹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 108, 23/09/1945.

⁸² TRIBUNA POPULAR, Ed. 132, 21/10/1945.

tradicionais. Recorrendo à sátira para comentar o cenário político brasileiro, em um diálogo entre dois personagens, um deles questiona “Do que está rindo?”, e o outro retruca “De vez em quando eu me lembro daquela do Lira:⁸³ fazer de Tiradentes o patrono da polícia...”.⁸⁴ O sarcasmo esteve presente nas críticas ao Itamaraty, a exemplo de um comentário acerca da renovação política do Brasil, que considerava importante “mais tutano e menos ilustrador de cabelo”, ou, de outro modo, de “gente moça e progressista”⁸⁵ ligada aos interesses do povo.

Algumas das sessões tiveram longevidade no periódico e outras uma efêmera existência nos anos de circulação da *Tribuna Popular*. Nas colunas sociais da folha carioca, aniversários, casamentos, noivados e nascimentos foram presença constante e, como forma de contribuir para o acesso ao lazer pela classe trabalhadora, demanda historicamente negada pela institucionalidade burguesa, o jornal publicou acerca da sociabilidade e festividades em *O povo se diverte*, divulgando as festas em clubes recreativos, escolas de samba e sindicatos; os bailes com chorinhos e bandas de jazz eram divulgadas como garantia de sucesso, assim como os encontros de carnavais e batalha de confetes nos salões da cidade, bem como a anúncio de espetáculos teatrais e até mesmo viagens e excursões para acompanhar partidas de futebol pelo interior do estado.

O periódico, por sua importância estratégica, contou com o envolvimento direto do conjunto da militância, de dirigentes partidários, militantes de bases e simpatizantes do partido. Nas cidades de Niterói, Belo Horizonte, São Paulo, entre outras, foram criados escritórios e sucursais da *Tribuna Popular*. Na ausência das sucursais, existiram na capital e no interior dos Estados correspondentes decisivos. A divulgação de reportagens, matérias, registros, fotografias e coberturas das mobilizações sociais conjuntamente à atuação do PCB em nível local. O conteúdo das reportagens enviadas pelas sucursais e seus correspondentes transmitiam discursos dos dirigentes partidários, análises de conjunturas, notas informativas, campanhas sindicais, entrevistas com operários, palestras, espetáculos cívicos, apurações eleitorais, ilustrações fotográficas dos comícios e solenidades de instalação das seções municipais e estaduais do PCB.

O aparato de comunicação buscou consolidar, durante esses anos, uma interlocução entre a imprensa e o próprio partido, reunindo em situações diversas os representantes do

⁸³ Lira se referia a José Pereira Lira, que, à época, era chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, do governo Eurico Gaspar Dutra, após uma breve passagem pela chefia do Departamento Federal de Segurança Pública. A discussão e ironia se inserem na disputa pela apropriação da memória e figura de Tiradentes, personagem reivindicado pelos comunistas como mártir do povo brasileiro e por outras tendências políticas brasileiras, inclusos os integralistas.

⁸⁴ TRIBUNA POPULAR, 04/02/1947.

⁸⁵ TRIBUNA POPULAR, 04/02/1947.

Comitê Central e os diretores da *Tribuna Popular* e seus congêneres, cuja finalidade era amarrar os nós e definir qualitativamente as diretrizes da sua “imprensa popular”, já que pretendiam incidir diretamente nas batalhas de grande importância para a sociedade brasileira.

A ligação intrínseca entre partido e a matriz carioca foi determinante para a união e coesão dos meios de comunicação do partido. A unidade dos esforços jornalísticos foi assunto vital para os comunistas. Pedro Pomar, membro da direção nacional do partido, ficou encarregado de dirigir a *Tribuna Popular* e promoveu diversos encontros para discutir as diretrizes, desempenho e balanço da imprensa popular, com a presença dos representantes dos principais diários comunistas espalhados pelo país.⁸⁶

Com a convocação das eleições para 2 de dezembro de 1945, o Tribunal Eleitoral concedeu ao Partido Comunista o registro definitivo para concorrer à presidência da República e sufragar os senadores e deputados federais representantes da Assembleia Constituinte. Luiz Carlos Prestes tornou-se senador e o Partido Comunista obteve êxito, elegendo uma bancada de 14 deputados federais constituintes. O candidato presidencial pelo PCB, o civil Yedo Fiúza, consagrou-se com mais de 569 mil votos no pleito de dezembro, respectivamente 9,71% dos votos válidos, contra os 3.251.507 concedido ao general Eurico Gaspar Dutra e os 2.039.341 depositados ao Brigadeiro Eduardo Gomes.

Em Santos, os resultados das eleições presidenciais evidenciaram a capilaridade dos comunistas na cidade. Yedo Fiúza recebeu o maior número de votos a candidato presidencial, obtendo 19.861 votos nominais e conquistou 45,06% dos votos do pleito, enquanto Eurico Gaspar Dutra e Eduardo Gomes obtiveram, respectivamente, 12.818 (29,08%) e 11.299 (25,64%) votos.⁸⁷

De acordo com a historiadora Valéria Lima, é preciso ressaltar o “caráter limitado dessa tão festejada democratização” da República de 1946.⁸⁸ A primeira suspensão do jornal sucedeu após o golpe e deposição de Getúlio Vargas em outubro de 1945. Em tais circunstâncias, dirigentes comunistas foram perseguidos e presos, sindicatos foram invadidos e depredados, tanques, metralhadoras e canhões do exército foram direcionadas contra a sede nacional do PCB.⁸⁹ Após suspensão de três dias, a *Tribuna Popular* volta a circular nas ruas do Rio de Janeiro. Seria a primeira interdição ao Diário comunista das muitas que se

⁸⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 340, 30/06/1946.

⁸⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 175, 14/12/1945. Rio de Janeiro.

⁸⁸ GUIMARÃES, Valéria Lima. O PCB cai no samba. Os comunistas e a cultura popular (1945-1950). Dissertação de Mestrado (História), UFRJ, 2009. p. 19.

⁸⁹ PRESTES, Anita Leocádia. *Viver é tomar partido*: memórias. Boitempo Editorial, 2019. p. 52.

sucederam até o seu fechamento definitivo, em vista das perseguições e dificuldades impostas pelo governo Dutra, quando fecha as portas em dezembro de 1947.

Na semana seguinte ao golpe que destituiu Vargas, o envio de remessas da *Tribuna Popular* em São Paulo teve que ser aumentado, conforme relata a notícia da sucursal paulista: “A procura desse jornal em todas as bancas, tem sido intensa. Filas e filas formam-se diante das bancas dos jornais e centenas de vozes gritam ao mesmo tempo: TRIBUNA POPULAR” e “em poucos minutos esgotam-se os exemplares desse órgão democrático”.⁹⁰ É certo que o reconhecimento do diário carioca extrapolou as fronteiras municipais e estaduais.

Em maio de 1946, Pedro Pomar, responsável do Comitê Central pela imprensa⁹¹ substituiu o jornalista Pedro Motta Lima e assume o posto de direção da *Tribuna Popular*. As colunas da página “nobre” rapidamente desapareceram, à exceção da seção *Farrapo*, de Álvaro Moreyra, de duração ligeiramente maior. O jornal mantém a competência técnica, as páginas de esporte, o suplemento cultural e uma variada cobertura temática da questão social.

A mudança de conjuntura e a análise do partido podem ter orientado essas mudanças. Em agosto de 1946, a decisão do Ministro da Justiça Carlos Luz determinou a apreensão e a suspensão da *Tribuna Popular* por 15 dias.⁹² Impedida a circulação do periódico, o Partido pôs em circulação o novo jornal *Folha do Povo*, dirigido por Aparício Torelly, como protesto e resposta à ação do ministro.

Cabe destacar, na teorização gramsciana, a atuação da *Tribuna Popular* e da imprensa comunistas como instrumento “contra-hegemônico” a serviço da causa proletária. Representando e garantindo ao mundo do trabalho espaço que não disporia nos jornais comerciais de grandes tiragens, a “imprensa sadia”, da qual os comunistas tanto buscavam distanciar-se.

Nas proximidades do Comitê Metropolitano, o arquiteto comunista Oscar Niemeyer herdou um prédio de sua prima, Milota. Inicialmente, a casa funcionou como seu escritório de arquitetura e serviu como ponto de encontro e discussão para os comunistas. Tempos depois, Niemeyer cedeu o prédio de quatro andares para a instalação do Comitê Nacional do PCB, na rua Conde de Lage, 25, no bairro da Glória.

Brasil Gerson, no capítulo *A Lapa e a Glória*, reconstituiu a instalação do Comitê Metropolitano no número 52 na rua da Glória, escrevendo que, entre 1945 a 1947, funcionou

⁹⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 142 (2), 06/11/1945. Rio de Janeiro.

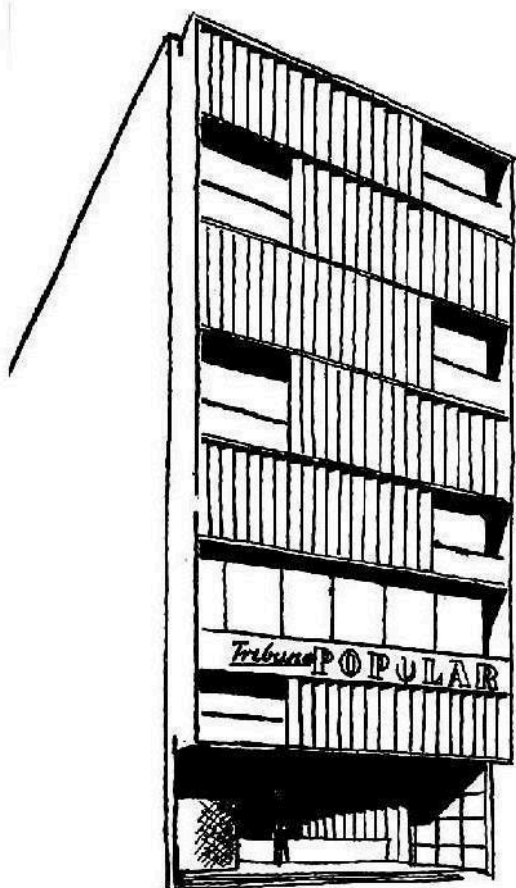
⁹¹ QUADROS, Carlos Fernando de. Jacob Gorender, um militante comunista: estudo de uma trajetória política e intelectual no marxismo brasileiro (1923-1970). 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. P. 86.

⁹² GUIMARÃES, Valéria Lima. O PCB cai no samba. Os comunistas e a cultura popular (1945-1950). Dissertação de Mestrado (História), UFRJ, 2009. p. 133.

“a primeira sede legal do P.C. do Brasil, a dois passos do mais bizarro e estranho dos edifícios cariocas, o do Elixir de Nogueira, construído em 1916”.⁹³

Empolgados e entusiasmados com o prestígio que o partido atingira nacionalmente, a direção partidária tomou uma importante decisão e contratou Oscar Niemeyer para projetar o edifício do jornal diário do PCB. Influente arquiteto e reconhecido profissional da época, havia projetado, alguns anos antes, o edifício do Ministério da Educação. A reportagem noticiando a construção da futura sede do jornal foi publicada no suplemento literário-cultural na edição de comemoração de um ano de existência da *Tribuna Popular*.

Segundo Oscar Niemeyer, responsável por desenhar e projetar a futura sede da *Tribuna Popular*, do ponto de vista arquitetônico, a construção deveria exprimir a técnica moderna. Projetada para ter oito pavimentos, incluiria uma oficina gráfica no térreo e a instalação da redação na sobreloja. Para as oficinas e redação, foi previsto um salão de 35 x 11 m².



⁹³ GERSON, Brasil. História das ruas do Rio de Janeiro. Folha Carioca Editora, 1965. p. 242.

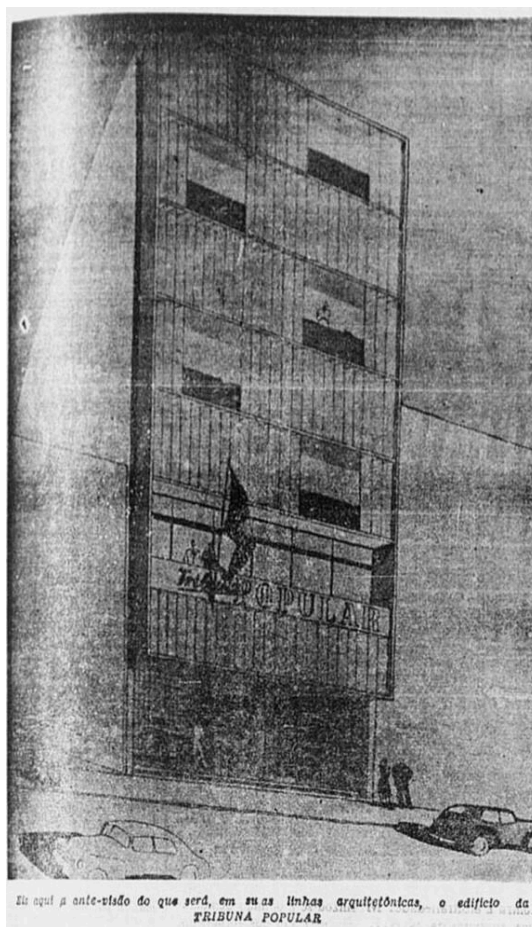


Imagem 9: Tribuna Popular – Sede (1945). Oscar Niemeyer, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.oscarniemeyer.org.br/obra/pro023>. Acesso em: 11 set. 2023.

Imagem 10: O Edifício da Tribuna Popular. TRIBUNA POPULAR, Ed. 306 (2), 22/05/1946. Rio de Janeiro.

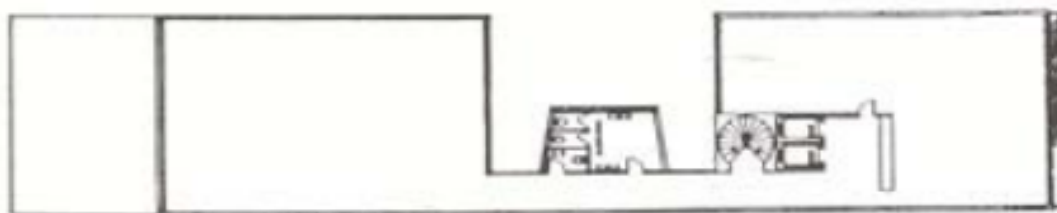


Imagem 11: Desenho da oficina gráfica no térreo do prédio da *Tribuna Popular*. PIZZATO, Eduardo. Curvas na obra de Oscar Niemeyer. ARQTEXTO, 10/11. 2008. p. 51.

O primeiro pavimento teria um auditório com capacidade para mil pessoas, e previsto um pequeno palco e uma tela de cinema. Os pavimentos de redação acima seriam destinados aos escritórios e, assim, “a fachada que é ensolarada à tarde está provida de *brise-soleils*

móveis, verticais, que evitarão a incidência do sol nas salas além de permitir o controle de iluminação interna”.⁹⁴ Os planos de construção do Prédio foram impossibilitados diante das tensões, instabilidades e abalos sofridos pelos comunistas, como as despesas com aluguel da redação, impressão, papel, dobragens do jornal, pincéis, cordas, entre outros gastos como as campanhas eleitorais tornou difícil a vida da imprensa comunista, somados a repressão do governo de Eurico Gaspar Dutra.



Imagem 12: Fechamento e “empastelamento” da Tribuna Popular, periódico vinculado ao PCB, em 28 de dezembro de 1947.

Em maio de 1947, o PCB foi colocado na ilegalidade após a cassação do seu registro partidário pelo TSE. A circulação da *Tribuna Popular* manteve-se até o final de dezembro. Após dois anos e sete meses de circulação, não sem interrupções e proibições, apreensões de edições, processos judiciais, prisões e o espancamentos de jornalistas e gráficos,⁹⁵ a *Tribuna Popular* foi “empastelada” pelo Exército e deixou de circular. O registro fotográfico evidencia o grau de intervenção preconizado no governo Dutra, marcado pelo terrosimo de Estado praticado entre os anos de 1946 a 1951, caracterizado especialmente pela sanha aos impressos, jornais e gráficas comunistas, atingindo os comunistas em geral, como a maior parte do sindicalismo independente e também os setores socialistas, nacionalistas e outros

⁹⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 306 (2), 22/05/1945, p. 11. Rio de Janeiro.

⁹⁵ DE ROCHA POMAR, Pedro Estevam. Os aparatos de comunicação de massa e a luta pela hegemonia no Brasil. Lutas Sociais, n. 19/20, p. 89.

militantes engajados nas reivindicações populares⁹⁶.

2.3 - Brasil Gerson, intelectual comunista

Em fevereiro de 1928, no boletim da seção carioca do PCB, constava a preocupação do partido com os livros e as leituras. No documento a ser enviado para os seus militantes, atribuíam-se a “falta de literatura comunista em nosso idioma” um dos grandes entraves à preparação e formação dos militantes do Partido Comunista.⁹⁷ O significado atribuído ao livro e à leitura fornecem alguns indícios de que eles eram considerados não apenas em seu valor simbólico, senão indispensável para adentrar no âmbito próprio da formação política marxista-leninista, nos modos de ler e aprender dos mais diversos.

Segundo Edgar Carone, da fundação do partido até a virada da década, a falta de recursos, estrutura, dinheiro, papel e máquinas próprias para manter as oficinas e imprimir as suas publicações impediu o crescimento editorial da literatura marxista no Brasil, isto tudo amordaçado pela censura e repressão estatal e aliado à incapacidade dos comunistas de tomar iniciativas mais complexas.⁹⁸

A primeira metade da década de 1930 representa uma mudança na fisionomia do partido, conseguindo atrair para as suas fileiras intelectuais, civis e militares desapontados com os rumos da Revolução de 30. O seu crescimento é concomitante ao obreirismo, a política de proletarização dos quadros e do seu isolamento diante outras forças políticas brasileiras.⁹⁹

É assim que, nos anos trinta, as novas condições permitiram um funcionamento editorial mais consistente. A ampliação dos quadros e militantes do partido proporcionou maior estabilidade a uma questão sempre cara aos comunistas: a produção e circulação editorial de literatura marxista. O número de publicações, jornais, livros, revistas e traduções se intensificou.¹⁰⁰

Em meio ao flagelo da Grande Depressão, o crescimento econômico e o interesse

⁹⁶ DE ROCHA POMAR, Pedro Estevam. Dutra, Adhemar e a repressão ao PCB: o incidente de Ribeirão Preto. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista. 2000. p. 18 - 32.

⁹⁷ Boletim mensal regional do PCB. Rio de Janeiro, 1º de fevereiro de 1928 (CEDEM – ASMOB: Fundo Astrojildo Pereira).

⁹⁸ CARONE, Edgard. *O marxismo no Brasil: das origens a 1964*. DEAECTO, Marisa Midori; SECCO, Lincoln (org.). *Leituras marxistas e outros estudos*. São Paulo: Xamã, 2004. p. 57-69.

⁹⁹ SECCO, Lincoln. A batalha dos livros. Formação da esquerda no Brasil. Cotia: Ateliê Editorial, 2017. p. 96.

¹⁰⁰ CARONE, Edgard. *O marxismo no Brasil – das origens a 1964*. DEAECTO, Marisa Midori; SECCO, Lincoln (org.). *Leituras marxistas e outros estudos*. São Paulo: Xamã, 2004. p. 64-65.

pelos planos quinquenais da União Soviética estamparam as manchetes nas bancas de jornais e se tornaram *best-sellers* nas livrarias brasileiras. Em 1934, Caio Prado Júnior ajudou a Editora Caramuru e fez a primeira tradução da obra de Bukharin, *Tratado do materialismo histórico*, para o português, em quatro volumes pela respectiva editora.¹⁰¹

Caio Prado Júnior e o seu irmão Carlos Prado, pintor, participaram da fundação do Clube dos Artistas Modernos. O Clube paulista foi parte de uma estratégia de intervenção dos intelectuais, escritores e artistas na esfera da vida cultural do país, por meio de palestras, exposições, concertos e festas, estabelecendo conexões e trocas entre as diversas artes.¹⁰² O dramaturgo Paulo Fausto De Lamare Torres integrou a diretoria dos Clubes dos Artistas Modernos, responsável pelo Departamento de Teatro, após o sucesso de sua peça *O Andaime*, que contou com a colaboração dos cenários de Lívio Abramo e foi levada à cena no Teatro Boa Vista, em 1932, por Jayme Costa e Brasil Gerson.¹⁰³

Responsável pela composição dos estatutos do Clube em 1932, Caio Prado Júnior publicou nesse ano seus primeiros textos sobre marxismo e economia brasileira. No ano seguinte, fez uma viagem de estudos à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e, após o seu retorno, ministrou palestras sobre essa viagem de dois meses no Clube dos Artistas Modernos, nos baixos do Viaduto Santa Ifigênia, em São Paulo. As conferências das viagens de Caio Prado Júnior foram anotadas por espíões. Como fruto de suas palestras, publica o livro *URSS, um mundo novo* no ano de 1934, produzido pela Editora Martins e custeado pelo próprio autor. Já no ano seguinte, tornou-se vice-presidente regional da Aliança Nacional Libertadora (ANL). Passou a ser então vigiado pelos órgãos de repressão, tendo a segunda edição do seu livro toda confiscada pela polícia paulista.¹⁰⁴

Tarsila do Amaral é outra pintora que viaja para a URSS e, após o seu retorno, começa a retratar o cotidiano da classe trabalhadora, sendo considerada uma das primeiras manifestações da arte social no Brasil nos anos 1930. Tarsila promoveu palestras sobre a arte proletária na União Soviética no Clube dos Artistas Modernos. Outro artista a ingressar no PCB no final da década de 1920 foi Emilio Di Cavalcanti, sua produção artística teve como referência o muralismo mexicano, influenciado por Diego Rivera, retratou as classes dominantes como deformadas. Di Cavalcanti chegou a fazer a capa do livro *Extremismo*:

¹⁰¹ O historiador Edgar Carone, professor do Departamento de História da FFLCH/USP, associou a Caio Prado Júnior a tradução da obra, que saiu sem o nome do tradutor na edição original.

¹⁰² NOGUEIRA, Antônio Gilberto; GONÇALVES, Adelaide. *Caio Prado Jr.: Legado de um saber-fazer histórico*. São Paulo: Hucitec, 2013, p. 232.

¹⁰³ ANTELO, Raul. Doce de abóbora dá chumbo para canhão: Brasil Gerson. *Cadernos de Literatura Comparada*, n. 46, 2022, p. 37-38.

¹⁰⁴ SECCO, Lincoln. *A batalha dos livros: Formação da esquerda no Brasil*. Cotia: Ateliê Editorial, 2017. p. 86.

doença infantil do comunismo de Lênin, lançado pela Calvino Filho.¹⁰⁵

O declínio desse aparato político-cultural é decorrente da repressão ao movimento de 1935, desmantelando a ampla rede organizacional do PCB. A vigilância policial e a censura, contudo, não obstruem por completo a influência dos comunistas na imprensa e na edição e difusão do livro, o que pode ser notado nas revistas *Problemas* (SP); *Cultura: Mensário Democrático* (SP); *Seiva* (BA); *Diretrizes* (RJ); *Dom Casmurro* (RJ); *Boletim de Ariel* (RJ); *Esfera* (RJ); *Leitura* (RJ) e *Continental* (RJ).

Construída por iniciativa da seção paulista do partido, a revista *Cultura: Mensário Democrático* circulou de outubro de 1938 a setembro de 1940, alcançando durante toda a sua fase de funcionamento a marca de dezessete edições, com algumas interrupções. Seu primeiro número circulou com quarenta páginas, sob a direção de Álvaro Moreyra, Affonso Schmidt, Monteiro Lobato, Graciliano Ramos, Oswald de Andrade e Sérgio Millet, e contou como secretário com Barreira Matos. O mensário tratou de temáticas relacionadas à política interna e externa, ciência, arte, literatura, poesia, cinema, matemática, física, economia e história.

A redação e administração da revista localizava-se na sala 1023C do 10º andar do prédio Martinelli. Circulando a 1\$000 para todo o Brasil, a assinatura anual, entregue sob registro postal, custava 20\$000. Era possível encontrar representantes da revista *Cultura* no exterior, em Lima, Santiago e Buenos Aires, e nas cidades do Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Fortaleza, Goiânia, Porto Alegre, Belém, São Luís, Manaus, Aracaju, Maceió e Curitiba.

Na primeira edição, o artigo estreado coube a Sérgio Milliet acerca do *O Intelectual e o Fascismo*, discutindo “a diretriz que devia ser observada pelos intelectuais” acerca dos regimes racistas e totalitários, aprofundando sua crítica especificamente ao caso da Itália fascista.¹⁰⁶

A Revista, fundada em meio à vigência do Estado Novo, conseguiu driblar parcialmente a censura graças ao prestígio dos seus colaboradores e dos textos que utilizavam referências da política internacional para definir sua posição e externar seu posicionamento ante o Estado Novo. Sérgio Milliet, integrante do Conselho Editorial do mensário e autor do primeiro texto da revista, ocupava à época cargo de direção no Departamento de Cultura de São Paulo.

¹⁰⁵ JUBERTE, Vinícius. José Calvino Filho: A trajetória de um editor comunista no Brasil (1930-1959). Amoxltli, n. 1, p. 19-52, 2018, p.22.

¹⁰⁶ CULTURA. Ed. 1. Out/1938. São Paulo.

Cultura se apresentou como uma revista que pretendia articular o internacionalismo, o antifascismo e a defesa da cultura, considerando a possibilidade de articulação frentista. Para a sua primeira edição, o jornalista Brasil Gerson enviou um capítulo do seu título *Tiradentes e a sua Revolução*. A quarta página da revista é inteiramente tomada de excertos do seu livro, anunciados em uma nota editorial como parte do aguardado “livro de Brasil Gerson a sair brevemente”.¹⁰⁷

No terceiro número da revista, o artigo de abertura ficou a cargo de Brasil Gerson, que escreveu especialmente para *Cultura* o texto intitulado *Esse temor é ingenuidade*, sobre a suposta “invasão asiática” da Europa, apregoada pelos fascistas.

A criação da *Cultura* está imbricada ao cenário enfrentado pelo partido. Desde a derrota do *putsch* de 1935, o PCB encontrava-se em profunda clandestinidade, com graves deficiências organizativas, tendo também reduzida sua influência na sociedade. No período seguinte, os comunistas trataram de organizar um recuo tático, reorganizando as direções estaduais e municipais e reformulando a linha a ser adotada.¹⁰⁸

Fragmentado e debilitado, frequentes foram as ambiguidades e desencontros sobre a linha política a ser adotada, assim como as expulsões e cisões partidárias na agremiação política. O CR de SP conseguiu permanecer com um reduzido grupo de dirigentes, como Heitor Ferreira Lima, Hermínio Sacchetta, Sebastião Francisco, Tito Batini e Hílio Manna, que pode continuar agindo na ilegalidade após 1935.

Na tentativa de fugir da repressão policial, os comunistas transferiram a direção do PCB para o nordeste, atraídos pelos governos de Juracy Magalhães, na Bahia, e de Lima Cavalcanti, em Pernambuco, de oposição ao governo federal.¹⁰⁹ O Comitê Regional da Bahia, por ser um dos poucos órgãos partidários em funcionamento nesse período, era o principal Comitê Regional do PCB organizado e funcionando como uma espécie de Comitê Central do PCB durante esses anos de ilegalidade. Anita Prestes identifica duas correntes distintas que disputavam a hegemonia do PCB entre os anos de 1936 a 1938: a corrente paulista, representada pelo Comitê Regional de SP, e o Secretariado Nacional do PCB, instalado na Bahia. Com o partido fragmentado, debilitado e com profundas deficiências organizativas, em pouco tempo, encontrou-se internamente dividido.

¹⁰⁷ CULTURA. Ed. 1. Out/1938. São Paulo

¹⁰⁸ BANTINI, Tito. Salve, Heitor Ferreira Lima. In: PINHEIRO, Paulo Sérgio; DEL ROIO, Marcos. *Combates na história: a trajetória de Heitor Ferreira Lima*. 1990. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra/FAPESP, 1990.

¹⁰⁹ SENA JUNIOR, Carlos Zacarias Figueirôa de. Os impasses da estratégia: os comunistas e os dilemas da União Nacional na revolução (im)possível-1936-1948. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal de Pernambuco, 2007, p. 52.

Criada por iniciativa dos intelectuais comunistas Heitor Ferreira Lima e Hermínio Sacchetta, a revista *Problemas*, por sua vez, surgiu em agosto de 1937 e foi dirigida por Arnaldo Pedrosa.¹¹⁰ A revista fez parte das iniciativas do PCB, tendo em seu conselho redator, intelectuais que foram da ANL, que integravam o partido ou simpatizantes.¹¹¹ Porém, apenas três meses após o lançamento da publicação, Hermínio Sacchetta e Heitor Ferreira Lima foram expulsos do PCB, em novembro de 1937. A expulsão ocorreu no contexto da disputa de hegemonia entre a corrente paulista, representada pelo Comitê Regional de SP, que defendia a consigna de “derrubada de Getúlio”, enquanto a Secretaria Nacional do PCB, ao passar do tempo, já orientava cada vez mais certa neutralidade em relação a Vargas e o seu governo, e adotou uma virada tática no começo de 1937 que estruturou uma política de “frente única pela democracia” defendendo a perspectiva de resolução dos problemas políticos dentro dos marcos da “democracia burguesa”.¹¹²

Após um período de colaboração dos intelectuais na revista *Problemas*, a exemplo de Afonso Schmidt, Rubem Braga, Edison Carneiro, Moacir Werneck de Castro e Aydano do Couto Ferraz, estes se afastaram para editar a *Cultura: Mensário Democrático*, idealizada pelo secretário-geral do PCB, Lauro Reginaldo da Rocha. Antônio Rubim assinala que essa nova iniciativa garantiu o controle da publicação pelo partido para se opor ao grupo da revista *Problemas*.¹¹³ Dessa forma, o surgimento dessas revistas é também uma consequência direta das cisões e lutas internas vivenciadas pelo PCB.

Dentro da turbulenta conjuntura interna do partido, a participação de Brasil Gerson nas primeiras edições de *Cultura* representa, se não a sua fidelidade à corrente representada pelo Secretariado Nacional do PCB, pelo menos seu voto de confiança ou, ainda, o “benefício da dúvida” concedido à corrente liderada por Lauro Reginaldo.

A tarefa de intervenção nas mídias brasileiras ganhou importância, ainda que não sob a sua exclusividade, da intelectualidade marxista. A aproximação de escritores e artistas com o comunismo foi responsável pela emergência de uma rede de intelectuais vinculados ao Partido Comunista, os quais encontraram a expansão das suas práticas em relação à cultura nestes tempos diretamente pelas instituições do PCB ou indiretamente por via de entidades e

¹¹⁰ OLIVEIRA, Ângela Meirelles. Palavras como bala. Imprensa e intelectuais antifascistas no cone sul (1933-1939). Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2013, p. 64.

¹¹¹ OLIVEIRA, Ângela Meirelles. Palavras como bala. Imprensa e intelectuais antifascistas no cone sul (1933-1939). Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2013, p. 64.

¹¹² PRESTES, Anita Leocádia. *Da insurreição armada (1935) à união nacional (1938-1945): a virada tática na política do PCB*. São Paulo: Paz e Terra, 2001, p. 28.

¹¹³ RUBIM, Antônio. *Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995. p. 28.

instituições influenciadas por eles, proporcionando significativa intervenção no campo cultural¹¹⁴.

Manifestada sob a forma impressa, Brasil Gerson assinou dois artigos para o primeiro e o terceiro número da publicação, anunciando, nas folhas do mensário, seu projeto em fase de escrita e que seria concluído em 1944: o livro *História popular de Tiradentes*.

Para o caso específico de Brasil Gerson, a imprensa, o livro e o cinema foram espaços privilegiados de atuação como intelectual. Incentivado pelas tentativas de criação da indústria cinematográfica no Brasil e motivado pelo teor moderno da sétima arte, a cultura tornou-se espaço privilegiado para “os debates que envolviam a definição dos caminhos a serem seguidos para se alcançar a modernidade”.¹¹⁵ O período que se inaugura com a “Revolução de 30” impõe aos intelectuais de várias tendências políticas a tarefa de revisar a história do Brasil e promover novas interpretações para constituir o “solo nacional”.¹¹⁶

Em 1934, incentivada pelo impulso da política governamental à indústria cinematográfica,¹¹⁷ a Brasil Vox Filmes, depois renomeada Brasil Vita Filmes, foi fundada sob a presidência de Carmen Santos e teve como diretor técnico Humberto Mauro e diretor artístico o pintor Augusto Bracet.¹¹⁸ O propósito da fundação de um grande estúdio de cinema no país consistia em produzir filmes nacionais para alavancar a indústria cinematográfica e enfrentar a influência e a concorrência desleal do mercado estrangeiro ao cinema brasileiro.¹¹⁹ Em 1936, Brasil Gerson escreveu o roteiro do filme *Cidade Mulher*, do diretor Humberto Matos, em que o Homem se identifica com o seu caráter repressivo. No mesmo ano, escreveu o argumento de *Caminhantes*, encomendada por Humberto Matos.¹²⁰

Carmen Santos, atriz, roteirista, cineasta e diretora, foi o motor da Brasil Vita Filmes. No artigo *Carmen Santos: a admirável intérprete de “Favela dos meus amores”*, do jornalista Afonso de Carvalho, no jornal *A Manhã*, ela é apresentada como uma personalidade que exemplifica a mulher moderna, que entre os homens “se sente a vontade de

¹¹⁴ RUBIM, Antonio Canelas. *Marxismo, Cultura e Intelectuais no Brasil*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995, p. 18.

¹¹⁵ LINO, Sônia Cristina. *Projetando um Brasil moderno. Cultura e cinema na década de 1930*. Locus: Revista de história, v. 13, n. 2, 2007. p. 164.

¹¹⁶ OLIVEIRA, Francisco. *No silêncio do pensamento único: intelectuais, marxismo e política no Brasil*. In: NOVAES, Adauto (org.). *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 290.

¹¹⁷ PESSOA, Ana. *Carmen Santos e o cinema brasileiro: trajetórias indelévelis*. Arquivo em Cartaz, v. 1, p. 35-43, 2015.

¹¹⁸ CABRERA, Livia. “A flama viva do cinema nacional”: a produção de “Inconfidência Mineira” (Carmen Santos, 1948) e a relação entre Estado e cinema. Acesso em 05/06/2021. <https://revistamoventes.com/2019/09/27/a-flama-viva-do-cinema-nacional-a-producao-de-inconfidencia-min-eira-carmen-santos-1948-e-a-relacao-entre-estado-e-cinema/>

¹¹⁹ A MANHÃ, Ed. 51, 28/06/1935. Rio de Janeiro.

¹²⁰ PESSOA, Ana. *Argila, ou falta uma estrela... és tú!*. Fênix-Revista de História e Estudos Culturais, v. 3, n. 1, 2006.

igual para igual, sem interesse, sem malícia, sem maldade, como se a eles se igualasse pela masculinidade do seu espírito” e foi definida como expressão da mentalidade artística de um “talento em revolta permanente contra todas convenções, preconceitos e mentiras sociais”.¹²¹

A passagem de conteúdo machista refere-se a compreensão dos comportamentos de gênero retratados pela ótica masculina, podendo ser observada pela associação da figura da atriz ao “espírito masculino”, reforçando as convenções sociais, as expectativas dos comportamentos das mulheres e reconhecendo a virtude de Carmen Santos a partir da comparação com o ideal masculino de ser.

A encomenda de Carmen Santos, de um argumento cinematográfico sobre a história de Tiradentes, que despertou o interesse de Brasil Gerson por aprofundar uma investigação histórica sobre o inconfidente mineiro. O roteiro do filme *Inconfidência Mineira*, assinado por Brasil Gerson e começou a ser filmado em 1936, e concluído somente em 1948. Há controvérsias quanto à fidelidade do filme exibido nas telas do cinema Plaza ao primeiro roteiro da obra feito por Brasil Gerson. Resta certo, porém, que, ao longo de onze anos, o roteiro passou por várias modificações, assim como os atravessamentos da costura da agulha em uma colcha de retalhos.

O papel do cinema era percebido por vários grupos e sujeitos históricos, todavia, mesmo para o grupo reunido em torno da Brasil Vita Filmes, eram constantes os debates, as dissensões e as disputas em torno do significado e da expressão cinematográficos. No projeto do longa-metragem *Inconfidência Mineira*, Carmen Santos, Brasil Gerson e Humberto Matos apostaram no caráter emergente da cultura de massas para mobilizar o cinema como aparato pedagógico de modo a popularizar a verdadeira face da “conspiração democrática de Villa Rica, chefiada por Tiradentes”, que, de acordo com Brasil Gerson, “terá entre o povo um largo sentimento educativo e mostrará ainda que fomos no mundo, logo depois da França e dos Estados Unidos, dos primeiros a lutar pela República e pela Liberdade”.¹²²

No campo das atividades culturais, a influência e a interferência dos comunistas podem ocorrer diretamente pelas instituições do PCB ou indiretamente por entidades e instituições influenciadas por eles.¹²³ A segunda alternativa se deu durante produção de três argumentos para a companhia cinematográfica Brasil Vita Filmes, pelo comunista Brasil Gerson.

¹²¹ A MANHÃ, Ed. 118, 10/09/1935. Rio de Janeiro.

¹²² CARIOCA, Ed. 63. Rio de Janeiro.

¹²³ RUBIM, Antônio. *Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995. p. 18.

O material produzido pelo roteiro e a experiência adquirida do fruto do seu trabalho estimularam Brasil Gerson a publicar um livro sobre Tiradentes, recuperando a história do “mártir republicano” e revestindo sua aura revolucionária, na conversão da sua luta como expressão universal dos interesses populares.

A mudança de conjuntura interna após a declaração de guerra do governo brasileiro aos países do Eixo em 1942 e a aderência aos Aliados, juntando-se à União Soviética, coincide com a empolgação da direção partidária do PCB com a perspectiva de uma frente nacional, patriótica e antifascista em torno de Getúlio Vargas e a possibilidade de reconciliação dos comunistas, ratificado no ano seguinte, na “Conferência da Mantiqueira”, em agosto de 1943.

É nesse contexto de reorganização do partido que suas editoras surgem como “um dos primeiros esforços dos comunistas brasileiros nesse momento de retomada de suas atividades e estruturas partidárias”, como afirma Vinicius Jubarte.¹²⁴ A retomada com maior peso da produção editorial teve como foco a “união nacional”, linha de ação do PCB e priorizou a edição de livros antifascistas e de divulgação da URSS.¹²⁵ Cabe lembrar que, desde abril de 1943, Vargas havia abolido a obrigatoriedade da submissão prévia dos livros antes de sua publicação ao DIP, no entanto, apesar da mudança de conjuntura, a perseguição aos livros de editores e escritores comunistas continuavam intensas, em decorrência da censura e apreensões promovidas pelos agentes estatais.¹²⁶

Desde a sua fundação, o PCB tratou de acionar símbolos da história identificados com as lutas populares e engajadas pela liberdade do povo brasileiro. Dada a sua importância ideológica, a memória e a figura de Tiradentes foram alvos de numerosas disputas.

Recorrendo à categoria de “compromisso intelectual”, enunciada por Adriana Petra, e à sua análise a respeito de uma série de representações e discursos vitalistas assumidos pela figura do intelectual comunista,¹²⁷ tal assertiva encontra ressonância no debate de Rubim sobre a “cultura de Partido” que atendeu ao projeto comunista de reivindicar uma tradição cultural a partir de um conjunto de critérios de valoração e seleção dos materiais culturais

¹²⁴ JUBERTE, Vinicius de Oliveira. O PCB e os livros: A editorial Calvino no período da legalidade do partido nos anos 1940 (1943-1948). 2020. Dissertação de Mestrado (História), Universidade de São Paulo. p. 86.

¹²⁵ JUBERTE, Vinicius de Oliveira. O PCB e os livros: A editorial Calvino no período da legalidade do partido nos anos 1940 (1943-1948). 2020. Dissertação de Mestrado (História), Universidade de São Paulo. p. 88.

¹²⁶ JUBERTE, Vinicius de Oliveira. O PCB e os livros: A editorial Calvino no período da legalidade do partido nos anos 1940 (1943-1948). 2020. Dissertação de Mestrado (História), Universidade de São Paulo. p. 88.

¹²⁷ PETRA, Adriana. *Intelectuales y cultura comunista: Itinerarios, problemas y debates en la Argentina de posguerra*. Fondo de Cultura Económica Argentina, 2022. p. 13.

presentes no social, julgados pertinentes pelo Partido para serem estimulados e desenvolvidos na sociedade.

Adverte Rubim que seguir as “frágeis pistas deixadas na natureza deste percurso no traspasse de ideias” dos intelectuais trata-se de uma “tarefa de Sísifo” para reconstruir os projetos e produções influenciadas pelos comunistas. Não seria diferente a intervenção político-cultural de um intelectual do Partido Comunista nos primeiros anos de regime ditatorial. A investigação de Brasil Gerson a respeito de Tiradentes mostra-se muito sensível e em sintonia com a posição do PCB, podendo ser indício de um amplo projeto intelectual organizado pelos comunistas, que, desde o começo da década de 1930, buscava acionar símbolos da história nacional identificados com as lutas populares e engajados pela liberdade do povo brasileiro.

A tese de Miriam de Souza Rossoni cita a interpretação de Brasil Gerson sobre Tiradentes como uma narrativa que entrecruza o fato histórico com a ficção literária para “mostrar sempre o quão perfeito, inteligente, corajoso ele era”,¹²⁸ tratando-a sem “qualquer seriedade” pois “o que se tem é abertamente uma análise pessoal, movida por interesses diversos”,¹²⁹ propondo a hierarquização e divisão entre fato real *versus* ficção inventada.

Se o recurso à ficcionalização era preocupante para explicar o pensamento sobre o homem e a sociedade, o historiador Matheus de Mesquita advoga pela necessidade de compreendê-la como estruturantes de códigos culturais. Embora dedicado especialmente à produção literária de Jorge Amado sobre o seu conterrâneo Castro Alves, o trecho recortado aplica-se na medida certa a Brasil Gerson em relação a Tiradentes, como veremos.

A verdade biográfica tornou (sic *tornou-se*) essencial para a tática da credibilidade na exaltação, já que o intuito do escritor era de apontar aos seus leitores modelos exemplares que servissem de balizamento para as ações necessárias naqueles anos de incerteza e de guerra. Para além da comprovação da verdade, sustentada nas fontes, Amado também se utilizava da narrativa linear, indo da genealogia familiar à ligação com o contexto histórico vivido pelos biografados, como também a seleção de fatos individuais e sociais que moldavam a caracterização dos seus protagonistas, segundo os seus interesses e do(s) grupo(s) envolvidos na mediação social, métodos comuns aos dos historiadores ou de outros cientistas sociais.¹³⁰

Com efeito, o livro anunciado em 1938 nunca foi editado. O manuscrito, escrito quase todo de 1936, sofreu alterações e acréscimos para a sua edição definitiva, publicando-se a

¹²⁸ ROSSINI, Miriam de Souza. As marcas do passado: o filme histórico como efeito de real. 1999. Tese de Doutorado (História). UFRGS, 1999. p. 205.

¹²⁹ ROSSINI, Miriam de Souza. As marcas do passado: o filme histórico como efeito de real. 1999. Tese de Doutorado (História). UFRGS, 1999. p. 206.

¹³⁰ PONTES, Matheus de Mesquita e. ABC de Castro Alves e Jorge Amado: A intensificação das mediações com o campo comunista. Anais XXIX Simpósio de História Nacional, ANPUH, 2017, p. 4.

obra ampliada em 1944 sob o título *Uma história popular de Tiradentes*. Além da renomeação da sua obra, o novo título indica a permanência da intenção de torná-la popular e sedimentar a identificação do público alvo com determinado ideário. É preciso considerar que o livro *História popular de Tiradentes* não é exatamente o mesmo anunciado como *Tiradentes e sua revolução*, da década progressa.

No prefácio, o autor anuncia que priorizou o “conteúdo político” em detrimento dos “detalhes do ‘drama’ da Inconfidência”. Os propósitos e interesses do escritor consistiam em “contar em linguagem simples, muito popular, o que foi a Inconfidência Mineira e o papel que nela desempenhou Tiradentes” pois, segundo ele, sobre os inconfidentes muito já foi dito e divulgado no Brasil, “mas sempre de um jeito que dificultava ao povo a sua exata compreensão”.¹³¹

A escrita engajada permeia a obra, tomando de empréstimo as ações dos Inconfidentes como forma de dialogar e comunicar-se com a sua época, conectando as reivindicações do passado como forma de mobilizar e consolidar o projeto democrático no tempo presente no Brasil e na América, por meio do combate ao nazifascismo.¹³²

A análise do Prefácio é reveladora e nos oferece alguns indícios dos usos, interesses e intenções na mobilização dos símbolos referentes à Inconfidência Mineira. O autor utiliza-se do diálogo direto para criar um efeito de real entre a conversa de Tomás Masaryk, primeiro presidente da Tchecoslováquia após a sua independência, e seu aluno, que o questiona sobre o fracasso da democracia moderna, “como apregoavam os fascistas”.¹³³

No prefácio, estamos diante do filósofo Tchecoslovaco, que encarna o dilema das gerações antifascistas e expõe da seguinte forma as suas concepções:

- A democracia moderna, destinada a governar o mundo na era do seu desenvolvimento industrial, ainda está nos começos da sua profícua experiência. Os seus males são os males próprios do que é jovem e ainda muito tem que aprender para atingir a perfeição. Não acrediteis, portanto, naqueles que dizem que é preciso suprimir a democracia até que o povo se habilite a praticá-la... Porque é precisamente na prática diária, continua, persistente da democracia, mesmo que seja com certa turbulência, que nós havemos de levá-la para frente, que nós havemos de dignificá-la...
- Falam, porém, os fascistas, caro mestre, da liberdade e dos prejuízos que dela decorrem: que o excesso de liberdade, por exemplo, conduz ao caos, a ruína dos povos...
- Pois eu desconheço, na história, um povo que tenha sucumbido no gozo de suas liberdades democráticas. Até hoje só caíram aqueles aos quais o direito de ser livres e de se governar democraticamente foi negado...

¹³¹ GERSON, Brasil. *História popular de Tiradentes*. São Paulo: Atena editora, 1944. p. 5.

¹³² LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. In: Projeto História, n. 17, 1998, p.65.

¹³³ GERSON, Brasil. *História popular de Tiradentes*. São Paulo: Atena editora, 1944. p. 5.

Para o autor, o problema da II Guerra Mundial esteve na escolha entre o fascismo ou a democracia, e recupera que

Os inconfindentes haviam compreendido, já na segunda metade do século 18, que sem se libertar do despotismo português de então e sem entrar num regime de liberdade republicana – não sairia o Brasil do atraso econômico e da incultura, nem chegaria a ser como a Inglaterra e os Estados Unidos. Esse é o grande mérito de Tiradentes: o de haver sido o primeiro dos mártires da liberdade e da democracia nas terras brasileiras. Nada mais justo do que cultuar-lhes hoje a memória, do que valorizar cada vez mais o seu sacrifício. Nossa debilidade - a do Brasil e a das demais nações latino-americanas – é a ausência de uma tradição democrática maior.

E, dessa forma, o Prefácio atesta que

Não se pode desligar o presente do passado. E em política só se constrói para o futuro tendo por ponto de partida o melhor da tradição histórico popular, aquilo que através dos tempos sempre constituiu a mais cara aspiração do povo. E no Brasil nós nunca vimos o povo combater e sacrificar-se senão pela liberdade e pela democracia – o caminho único que levaria a dignidade de cidadão autêntico da república.¹³⁴

O lançamento do livro, de modesta apresentação gráfica, convida o leitor a compreender ideias, motivações e o contexto político-ideológico do tempo de Tiradentes, justificados em razão da recuperação das tradições populares e conexão do autor da *História popular de Tiradentes*.

A revista *Leitura*, também ligada ao Partido, veiculou em suas páginas a crítica ao recém-publicado livro. Voraz e orgulhoso, disse o crítico que Brasil Gerson sentiu-se “perfeitamente identificado com a sua personagem, porque, desde há muito, é um dos incansáveis publicistas que tem dedicado a sua inteligência e ação a serviço da causa pela qual Tiradentes foi sacrificado há 152 anos”.¹³⁵ Era abril de 1944. Concomitante à comemoração do aniversário de morte de Tiradentes, a atenção da crítica se voltava aos acontecimentos da II Guerra Mundial e em defesa da causa da democracia, “outra coisa não fazem os guerrilheiros que se batem hoje contra o invasor alemão”. Dotada de conexões entre o passado, presente e futuro, a história funciona como ferramenta para prover a comunicação entre os distintos tempos, capaz de construir identificações coletivas.

Em que pesem as disputas simbólicas, as ações do “herói do primeiro movimento republicano da América Latina” buscam conectar e mobilizar o leitor para inspirá-lo, em 1944, na “luta pela conquista de uma liberdade que não conhecerá limites em sua capacidade

¹³⁴ GERSON, Brasil. *História popular de Tiradentes*. São Paulo: Atena editora, 1944. p. 6-7.

¹³⁵ LEITURA, Ed. 17, Abril/1944. Rio de Janeiro.

criadora”.¹³⁶ A forte comoção e identificação dos aderentes comunistas com o personagem de Tiradentes demonstrou as tentativas de repercutir e divulgar o livro no contexto da época.

Para um jornalista condenado e fichado pela polícia política, difícil seria despistar a vigilância do Estado Novo. Nesse contexto, em razão da “linha justa” assumida pelo partido, defrontamo-nos com referências às liberdades democráticas, combate ao fascismo e a defesa do sufrágio universal no prefácio de *História Popular de Tiradentes*, bem como a exaltação das três grandes rebeliões tenentistas: a Revolta do Forte de Copacabana, a Coluna Prestes e a Revolução de 1930. A exaltação do golpe que deu início à Era Vargas explica-se, em parte, pela linha de união nacional do PCB destinado à lógica frentista, e, ainda, por ser uma das estratégias adotadas para medir o grau de tolerância do Estado Novo.

Dessa forma, conforme constatado, as narrativas acionadas nos projetos de Brasil Gerson e pelo aparato cultural do PCB sobre o mártir mineiro parecem ter sido parte de um *ethos* do comunismo.

Para Ronald Chilcote, o jornalista Brasil Gerson esteve posicionado, ao lado de Caio Prado Júnior, Edison Carneiro, Rui Facó e Maurício Vinhas de Queiroz, entre os primeiros intelectuais marxistas e teóricos do partido que voltaram a atenção para a interpretação do passado brasileiro e a identificar três áreas de conflitos: racial, rural e urbano.¹³⁷

Interessado por uma análise dos conflitos da história e o seu significado social, o ensaísta Edison Carneiro estudou a importância histórica das rebeliões negras e Palmares, centro da resistência ao sistema colonial e a primeira república livre das Américas. O historiador Caio Prado Júnior relacionou os conflitos do desenvolvimento da sociedade brasileira com condicionantes estruturais externas e internas. Rui Facó dedicou atenção às implicações e orientações do banditismo social dos cangaceiros, assim como o interesse por movimentos de contestação a partir de uma filosofia política e religiosa, como a Guerra de Canudos. A Revolta do Contestado chamou a atenção de Maurício Vinhas de Queiroz e Brasil Gerson, este último tratou ainda do descontentamento urbano e das implicações sociais da Inconfidência Mineira, organizada em 1789 para derrubar o regime vigente em Minas Gerais.

A interpretação do escritor Brasil Gerson, longe de qualquer desprezo por sua “fabulação”, busca difundir e popularizar a narrativa de um mártir revolucionário genuinamente ligado à causa da liberdade e o seu “sacrifício” pela causa democrática.

¹³⁶ LEITURA, Ed. 17, Abril/1944. Rio de Janeiro.

¹³⁷ CHILCOTE, Ronald H. *O Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração, 1922-1972*. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 40-42.

A vida e obra do escritor Castro Alves foi objeto de investigação por Jorge Amado e Edison Carneiro, exaltado “quase como um comunista *avant la lettre*”.¹³⁸ O passado do poeta baiano foi “o mais evocado” pelos intelectuais comunistas na busca de uma tradição literária ligada às causas sociais.¹³⁹ Edison Carneiro publicava pela Livraria José Olympio, *Castro Alves: ensaio de compreensão*, em 1937. Reeditado pela Editora Vitória como *Trajectoria de Castro Alves (1847-71): Uma interpretação política*. Jorge Amado publicou, em 1941, *ABC de Castro Alves*, pela Livraria Martins, e, em 1942, o livro sobre a vida de Prestes, *Cavaleiro da Esperança*.¹⁴⁰

No plano político-literário daqueles anos, marcados por incertezas pelo desmantelamento do PCB, alarmados com a repressão interna, da instauração da ditadura do Estado Novo e frente ao crescente poderio nazifascista pelo mundo, nota-se que a escrita sobre figuras como Tiradentes e Castro Alves representou os dilemas de seus autores que não titubeiam em afirmar a plena identificação e alinhamento com os personagens biografados, construindo uma escrita engajada para valorizá-los e reafirmá-los como exemplos de “revolucionários” e “democratas” a ser seguido.¹⁴¹

Esses projetos intelectuais estão circunscritos às condições e ao tempo histórico em que foram produzidos. Contudo, não parece coincidência que as editoras do PCB reeditaram, no período entre 1946 e 1947, os livros de biografias históricas sobre Tiradentes e Castro Alves, escritas por Brasil e Edison Carneiro. Parece-nos conclusivo que o engajamento desses autores e a produção de suas obras, na época em que foram elaboradas, em parte, atestavam seu alinhamento literário-cultural ao PCB, visto como “ferramenta literária num apelo aos intelectuais para (re)construir/compor uma frente antifascista com demais setores populares”, como no estudo de Matheus Pontes.¹⁴²

No começo de 1945, algumas editoras do PCB se encontram bem estruturadas: Editorial Calvino, Leitura e Editorial Vitória. A partir desse momento, os comunistas

¹³⁸ JUBERTE, Vinícius de Oliveira. A Editorial Vitória e as Edições Comunistas no Brasil: da legalidade ao golpe (1944-1964). 2023. Tese de Doutorado (História). Universidade de São Paulo. p. 235.

¹³⁹ JUBERTE, Vinícius de Oliveira. A Editorial Vitória e as Edições Comunistas no Brasil: da legalidade ao golpe (1944-1964). 2023. Tese de Doutorado (História). Universidade de São Paulo. p. 235.

¹⁴⁰ É preciso, no entanto, contextualizar as produções. A obra de Edison Carneiro localiza-se temporalmente antes do desencadeamento da Segunda Guerra Mundial. Os livros de Jorge Amado, já em 1941 e 1942, buscavam interferir no posicionamento de Vargas a favor dos aliados, em clara postura antifascista. O livro de Brasil Gerson, de 1944, já se insere na estratégia frentista, de aliança com Vargas contra o Eixo, por mais que existisse uma dura repressão das artes e da cultura pelos agentes do Estado Novo.

¹⁴¹ Não à toa, a figura de Luís Carlos Prestes foi vinculada diversas vezes ao mártir Tiradentes na imprensa comunista, identificados com as causas progressistas e combate às injustiças sociais.

¹⁴² PONTES, Matheus de Mesquita e. ABC de Castro Alves e Jorge Amado: A intensificação das mediações com o campo comunista. Anais XXIX Simpósio de História Nacional, ANPUH, 2017, p. 12.

experimentam a sua “fase áurea” com a publicação de temáticas variadas, de novos títulos, traduções e republicando obras de Marx e Engels existentes no mercado até 1935.¹⁴³

Contando com um total de 24 editoras no período de sua legalidade, a Editorial Vitória é considerada a de maior importância para os comunistas, articulada com gráficas, distribuidoras e livrarias, possuía funcionários, vendedores profissionalizados e uma administração oficial, subordinada à direção do PCB.¹⁴⁴

O trabalho editorial do PCB foi essencial para cumprir, ao mesmo tempo, as tarefas elementares do processo de formação intelectual dos membros do partido,¹⁴⁵ como forma de aconselhar a leitura do livro aos seus militantes e a difusão do ideário comunista como parte do trabalho de agitação e propaganda do partido.¹⁴⁶

Fundada em fevereiro de 1945, a Edições Horizonte dedicou-se a difundir obras de militantes do PCB e tratou de temas políticos gerais e de teoria.¹⁴⁷ De acordo com a análise de Rubim, a editora preocupou-se com a publicação de pequenos livros, brochuras e panfletos, visando “um público não tradicionalmente incorporado ao mercado de leitores”.¹⁴⁸

Com mais de uma dezena de editoras, cada uma assume um critério de trabalho e voltam-se à publicação de certo tipo de literatura. O caso da Edições Horizontes é singular. No levantamento feito por Antônio Rubim, as temáticas mais contempladas referem-se aos materiais partidários como os discursos de Luís Carlos Prestes proferidos em comícios, no Senado e Informes Políticos de dirigentes comunistas nas reuniões do Comitê Nacional do PCB, a exemplo das brochuras de Maurício Grabois intituladas *Levemos as Massas nossa linha política*, com 29 páginas, e *O PCB no trabalho de massas*, com 39 páginas, publicados respectivamente em agosto de 1945 e janeiro de 1946, reproduzindo seus discursos apresentados como informe de “divulgação” e “trabalho de massa” pela Comissão Executiva ao Comitê Nacional, nas reuniões de pleno do CN do PCB.

¹⁴³ CARONE, Edgard. *O marxismo no Brasil: das origens a 1964*. DEAECTO, Marisa Midori; SECCO, Lincoln (org.). *Leituras marxistas e outros estudos*. São Paulo: Xamã, 2004. p. 69.

¹⁴⁴ RUBIM, Antônio. *Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995. p. 44.

¹⁴⁵ GUIMARÃES, Valéria Lima. *O PCB cai no samba. Os comunistas e a cultura popular (1945-1950)*. Dissertação de Mestrado (História), UFRJ, 2009. p. 147.

¹⁴⁶ JUBERTE, Vinicius de Oliveira. *A Editorial Vitória e as Edições Comunistas no Brasil: da legalidade ao golpe (1944-1964)*. 2023. Tese de Doutorado (História). Universidade de São Paulo. p. 84-103.

¹⁴⁷ CARONE, Edgard. *O marxismo no Brasil: das origens a 1964*. DEAECTO, Marisa Midori; SECCO, Lincoln (org.). *Leituras marxistas e outros estudos*. São Paulo: Xamã, 2004. p. 69.

¹⁴⁸ RUBIM, Antônio. *Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995. p. 49.

O destaque da Edições Horizonte são os folhetos que reproduzem as sabatinas de Prestes,¹⁴⁹ que comparece como autor de 14 dos 37 títulos publicados até a editora ser incorporada pela Editorial Vitória em 1948.¹⁵⁰ Com exceção do livro *Dolores Ibarruri, La Pasionaria*, apresentando a histórica dirigente do Partido Comunista Espanhol por Prestes, todos os livros são de orientação do partido. A Edições Horizontes editou, de 1945 a 1947, os discursos de Luís Carlos Prestes, Pedro Pomar, Jorge Amado, João Amazonas e Gregório Bezerra.

Segundo Valéria Lima, Maurício Grabois enxergava nas Edições Horizonte um importante meio de educação, citando o trecho de sua brochura *Levemos as Massas nossa linha política*, o dirigente comunista afirma que: “O seu objetivo é fazer divulgação científica, difundir biografias de homens e heróis do Brasil e do Mundo, publicar pequenas obras literárias, estudos sobre os problemas nacionais e pequenos trabalhos marxistas”.¹⁵¹

No mês de dezembro de 1945, são anunciados nas páginas de *Leitura* os futuros lançamentos da Edições Horizonte: *Sobre o materialismo histórico dialético*, de J. Stalin; *O que é a C.T.A.L.?*, *Eles morreram pela liberdade*, *Cartas de reféns franceses assassinados pelos nazistas*, *Balzac*, de V. Grigo; *Tiradentes, herói popular*, de Brasil Gerson; e *A arte infantil na União Soviética*, de Greg Gog.

Em fevereiro de 1946, com o lançamento do livro *Tiradentes, herói popular*, o editorial assinado por M. R., em nome da Edições Horizonte declarou estar inaugurando “com essa publicação um gênero de biografias e pequenos estudos históricos acessíveis ao povo, gênero que estava faltando: a história escrita do ponto de vista científico, sem as convencionais mentiras históricas e as deturpações a serviço das classes dominantes¹⁵²”. A arte do novo livro foi confeccionada por Paulo Werneck, que já havia ilustrado a capa de *A vida acaba no meio*, de Brasil Gerson, publicado em 1932. Paulo Werneck é um dos artistas e ilustradores do PCB com um intenso trabalho junto às editoras e periódicos de orientação comunista.

O lançamento do novo livro parece o começo do projeto preconizado por Maurício Grabois no ano anterior, que, no mesmo folheto *Levemos as Massas nossa linha política*, atribui aos intelectuais a tarefa de “escrever sobre as nossas questões, trazendo ensinamentos

¹⁴⁹ JUBERTE, Vinícius de Oliveira. A Editorial Vitória e as Edições Comunistas no Brasil: da legalidade ao golpe (1944-1964). 2023. Tese de Doutorado (História). Universidade de São Paulo. p. 148.

¹⁵⁰ RUBIM, Antônio. *Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995. p. 48-49.

¹⁵¹ GUIMARÃES, Valéria Lima. O PCB cai no samba. Os comunistas e a cultura popular (1945-1950). Dissertação de Mestrado (História), UFRJ, 2009. p. 148.

¹⁵² TRIBUNA POPULAR, Ed. 220. 06/02/1946. Rio de Janeiro.

aos nossos membros e educando-os no espírito do marxismo-leninismo”. O Brasil é tema em apenas dois deles: *Os problemas da juventude brasileira*, de Apolônio de Carvalho, presidente da comissão de reorganização da União da Juventude Comunista, e *Tiradentes*, de Brasil Gerson.

No que tange ao projeto da publicação de biografias e estudos históricos, o propósito não foi alcançado. Quando se encerraram as atividades da Edições Horizontes, em 1948, o livro de Brasil Gerson ocupava a única publicação de *história* no catálogo da editora, enquanto o único texto biográfico publicado foi o folheto *Dolores Ibarruri, La Pasionaria*, de Prestes.

É possível que a mudança de conjuntura no governo Dutra, com a aprovação do decreto anti-greve em março e em razão de processos e apreensões cada vez frequentes das publicações comunistas, assim como o retorno à ilegalidade em 1947 e a perda dos mandatos em janeiro de 1948, tenham provocado uma mudança nos projetos editoriais, relegando a segundo plano as temáticas de história em detrimento da luta travada naquele contexto pelos comunistas, com o lançamento de panfletos dos discursos partidários que almejaram defender o registro legal e os mandatos parlamentares, pretendendo massificar a luta em defesa do PCB.¹⁵³

De 1945 a 1948, as traduções dos livros publicados pela *Editorial Vitória* contaram com a assinatura e elaboração ativa de Alina Paim, Gilberto Paim, Paim Junior, Edison Carneiro, Aldenor Campos, David Medeiros Filho, B. A. Montenegro, Haydée Paraguassu, Regina Maria de Mello, Fausto Cupertino, Brasil Gerson, Laura Austregésilo e J. Maciel.

Brasil Gerson é tradutor da obra *O Marxismo e o Problema Nacional e Colonial*, de Josef Stalin, publicada em 1946 pela Editorial Vitória e vendida a Cr\$ 30,00.¹⁵⁴ Considerado no período como um dos trabalhos de fôlego do dirigente soviético, apresenta a formulação de Stalin sobre a questão nacional e teria grande influência na construção da linha política e embates ideológicos dos partidos comunistas até, ao menos, a década de 1960.¹⁵⁵ A ação político-ideológica do PCB no universo intelectual e cultural proporcionado pela nova conjuntura foi um período de grande relevo para os comunistas. A forte intervenção do partido no período inaugurado no pós-guerra tornou-os protagonistas ativos da política

¹⁵³ JUBERTE, Vinícius de Oliveira. *A Editorial Vitória e as Edições Comunistas no Brasil: da legalidade ao golpe (1944-1964)*. 2023. Tese de Doutorado (História). Universidade de São Paulo. p. 230.

¹⁵⁴ Agradeço pela indicação do historiador Vinícius Juberte por ter identificado e fornecido as informações.

¹⁵⁵ JUBERTE, Vinícius de Oliveira. *A Editorial Vitória e as Edições Comunistas no Brasil: da legalidade ao golpe (1944-1964)*. 2023. Tese de Doutorado (História). Universidade de São Paulo. p. 227.

nacional¹⁵⁶ e frente à afinidade ao PCB de parcela da intelectualidade brasileira, vislumbrou-se “uma militância social articulada com a renovação estética”.¹⁵⁷

Os anos de legalidade são efêmeros, mas significativos e estimulantes para a organização do campo cultural. Quando da cerimônia realizada pelo Partido Comunista Uruguaio, em dezembro de 1945, para homenagear o ingresso “em bloco” de 38 novos intelectuais ao partido, foram entregues “seus ‘carnets’ de militantes numa reunião pública, na praça da prefeitura, das mãos de Eugênio Gomez”.¹⁵⁸ Sabe-se, por conta de um texto da coluna *Através das Américas*, que o evento do PC Uruguaio inspirou o PCB na criação da solenidade “O PCB homenageia seus intelectuais” com a entrega de 72 credenciais aos intelectuais do Partido Comunista Brasileiro.

Na manhã de domingo, em 22 de abril de 1946, foi realizada a solenidade do Partido Comunista aos seus intelectuais. No auditório do Instituto Nacional de Música, foi organizada uma solenidade para a entrega dos “carnets” a homens e mulheres de forte relevo na ciência, arte, literatura, teatro, música, cinema, arquitetura, sociologia, história e jornalismo a receber “os seus ‘carnets’ de membros do Partido Comunista do Brasil”.¹⁵⁹ No auditório, entre centena de pessoas, encontravam-se os 72 homenageados: Graciliano Ramos; Cândido Portinari; Jorge Amado; Oscar Niemeyer; Itália Fausta; Dyonélio Machado; José Geraldo Vieira; Álvaro Moreyra; Arnaldo Estrela; Lia Corrêa Dutra; Francisco Mignone; Clovis Graciano; Jaime Grabois; Mario Schemberg; Eduardo Guarnieri; Honório Peçanha; Alcides da Rocha Miranda; Dalcídio Jurandir; Pedro Motta Lima; Quirino Campofiorito; Raul Devezza; Edison Carneiro; Leôncio Basbaum; Aydano do Couto Ferraz; Dias da Costa; Oswaldo Alves; Joracy Camargo; Carlos Scliar; Paulo Werneck; Brasil Gerson; Oduvaldo Viana; José Moraes; Alina Paim; Rui Facó; Cláudio Devezza; Ana Stela Schio; Laura Austregésilo; Emmo Duarte; Floriano Gonçalves; Jordão de Oliveira; José Guimarães; Eugenia Álvaro Moreyra; Raymundo de Souza Dantas; Miguel Costa Filho; Oswaldino Marques; Otávio Dias Leite; Almeida Cousin; Mario Cabral; Silvia Chalreu; Oswaldo Peralva; Solano Trindade; Eneida de Moraes; F. Acquarone; Leda Acquarone; José Luiz Calazans; Cid Silveira; James Amado; Durval Serra; Mello Lima; Jorge Medauar e Clóvis Santoro.¹⁶⁰

¹⁵⁶ DE ROCHA POMAR, Pedro Estevam. Os aparatos de comunicação de massa e a luta pela hegemonia no Brasil. *Lutas Sociais*, n. 19/20, 2008. p. 89.

¹⁵⁷ MORAES, Dênis de. A imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953) – Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. p. 138.

¹⁵⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 180. 20/12/1945. Rio de Janeiro.

¹⁵⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 281. 21/04/1946. Rio de Janeiro.

¹⁶⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 281. 21/04/1946. Rio de Janeiro.

As paredes do auditório estavam decoradas por toda parte com bandeiras vermelhas ostentando foices e martelos, enquanto retratos de Prestes, Stalin e Lenin adornavam o ambiente. A Internacional Comunista foi entoada vigorosamente e em simultâneo aos punhos erguidos de homens e mulheres presentes no recinto. A solenidade foi aberta às dez horas da manhã, com o discurso de Pedro Pomar em nome da Comissão Executiva do PCB, dirigindo uma saudação aos “escritores, artistas plásticos, músicos, cientistas e atores teatrais” homenageados, reforçando a “necessidade de ação firme dos intelectuais brasileiros, advertindo o nosso povo contra os seus inimigos”, seguida por um discurso de duas horas de Luís Carlos Prestes em que tratou sobre o papel dos “homens de cultura” presentes naquele momento formando a “vanguarda organizada da classe operária, lutando pela libertação do povo brasileiro e colocando a sua arte a serviço do proletariado”.¹⁶¹

A atividade prosseguiu com a entrega das carteiras do Partido Comunista aos homenageados, à medida que o orador pronunciava o nome de um por um dos “intelectuais e artistas que se haviam posto sob a bandeira de luta do Partido do proletariado”,¹⁶² o público aplaudia os homenageados que recebiam das mãos de Prestes o seu “carnet”.

Para encerrar a solenidade, a mesa diretora convidou o público do recinto a participar de uma passeata até a estátua de Tiradentes, na frente da Câmara Federal. Ao final, após uma caminhada, que durou cerca de dez minutos, foi depositada uma palma de flores na estátua de Tiradentes, e o escritor Dyonélio Machado, um dos novos filiados, coube a tarefa da homenagem pública ao “herói da independência”, falando da sua luta “pela independência nacional, e na qual foi até o sacrifício pessoal”.¹⁶³

Passada a solenidade, na noite de quarta-feira, três dias depois, Brasil Gerson ministrou a conferência “O Mártir da Inconfidência Mineira” a convite do Comitê Democrático Botafogo-Lagoa, para a divulgação da nova edição do seu livro, na sede da organização, localizado na rua Voluntário da Pátria, 474.¹⁶⁴

O impulso editorial proporcionado pela nova conjuntura, potencializado pela conquista da legalidade partidária, arregimentou diversos dos seus jornalistas, escritores e artistas para trabalhar ou colaborar nas instituições ligadas ao partido. Como se pode notar, dezenas de nomes de jornalistas da *Tribuna Popular*, de autores da Editorial Horizonte e tradutores da Editorial Vitória são contemplados na solenidade com as credenciais de intelectual do partido.

¹⁶¹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 282. 23/04/1946. Rio de Janeiro.

¹⁶² TRIBUNA POPULAR, Ed. 282. 23/04/1946. Rio de Janeiro.

¹⁶³ TRIBUNA POPULAR, Ed. 282. 23/04/1946. Rio de Janeiro.

¹⁶⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 284. 25/04/1946. Rio de Janeiro.

Como já analisado, a convergência da intelectualidade após a repressão e ditadura do Estado Novo chegou a tal ponto que se tornam frequentes as solenidades, exposições e mostras coletivas convocadas pelo partido para prestigiar seus intelectuais, assim como o engajamento em campanhas de finanças e pró-imprensa popular. Nesses anos, a intelectualidade desempenhou papel de proa, atuando em preparativos para exposições anti-integralistas, mostras de arte em solidariedades aos republicanos espanhóis e povos em luta na América Latina, convidando pintores, desenhistas, escultores, decoradores e gravuristas aderentes ao partido ou próximos a ele para grandes exposições de artes plásticas em benefício ao PCB, com a presença de artistas brasileiros e estrangeiros, promoção de concursos nacionais de cartazes, concursos culturais, leilão de quadros em apoio ao partido, reuniões de artistas de teatro e rádio com o PCB e o seu laço com as escolas de samba do Rio de Janeiro.

O historiador Huyssen considera que, a respeito dos processos de construção de memórias e identidades, só é possível concretizá-la por meio do “disparo” de um passado de experiências sensíveis, que se conecte com o presente e ofereçam uma possibilidade de edificar novos futuros.¹⁶⁵

A ação político-ideológica dos intelectuais, dirigentes e militantes do PCB ao mobilizar a figura de Tiradentes tende a transformá-la, ao mesmo tempo, em um discurso legitimador de ação política do Partido em nome da “democracia” e de reconhecimento pelos militantes como o modelo de conduta revolucionária, estabelecendo um sentimento identitário com as “nobres” causas progressistas. Essa estratégia de conquista política não é patrimônio único dos comunistas, sequer das esquerdas.

Brasil Gerson trabalhou de maio de 1945 até fevereiro de 1946 como jornalista do *Tribuna Popular* no noticiário continental *Através das Américas*. Em termos profissionais, os seus retornos econômicos derivam do trabalho em diversos jornais nesses anos, como o *Jornal do Comércio* (RJ) e *O Jornal* (RJ). No jornalismo militante, escreveu a coluna *O Mundo Gira* no diário *Hoje*, dos comunistas de São Paulo, e, em razão da sua colaboração com a *Interpress*, seus textos circularam no jornal dos comunistas baianos *O Momento* e em vários outros periódicos do país. Foi um ativo escritor das revistas influenciadas pelo PCB, a exemplo de *Leitura*, *Revista do Povo*, *Debates*, *Panfletos* e a segunda fase de *Para Todos*.

A ida à região do Prata transformou a vida de Brasil Gerson, foi onde conviveu e dialogou com diversos intelectuais argentinos, uruguaios, chilenos, equatorianos e de outras

¹⁶⁵ HUYSSSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política, amnésia. In: *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000, p. 9-37.

nacionalidades latino-americanas. Casou-se em Montevideu com a professora Rosalía Martine.

Ainda que extinta a coluna *Através das Américas*, em março de 1946, Brasil Gerson continuou trabalhando no *Tribuna Popular*, escrevendo para a seção de noticiário internacional *Olho Mágico*, semelhante à sua coluna *O Mundo Gira*, no diário paulista *Hoje*. Candidatou-se à Associação Brasileira de Letras em 1947.¹⁶⁶ Passou algumas temporadas de 1946 como correspondente especial do diário carioca em Buenos Aires e Montevideu, possivelmente junto a sua mulher, acompanhando de perto a ebulição política dos países vizinhos. Os anos de exílio e a sua influência em Brasil Gerson serão discutidas e problematizadas no capítulo seguinte, de modo a compreender a sua circulação nos ambientes de sociabilidades e o debate intelectual sobre os temas de importância a época.

¹⁶⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 714. 27/09/1947. Rio de Janeiro.

3 DAS CRÔNICAS PAULISTAS AO RIO DO PRATA: POLITICA E ANTIFASCISMO

3.1 - A batalha antifascista

O nome dele era Görresen Brasil (...) mas para facilitar as coisas ficou sendo Brasil Gerson. Teve várias fases na imprensa, desde cronista mundano em S. Paulo, morando no *Hotel Terminus* e fumando com piteira, até o mais tremendo comunista redator de *A Platéia*.¹⁶⁷

Essas são as considerações de Rubem Braga sobre a trajetória na imprensa do seu antigo amigo e companheiro de militância Brasil Gerson, em texto escrito sete anos após o falecimento deste. O presente capítulo propõe-se a estudar as razões que levaram o cronista teatral do *Diário da Noite* a tornar-se, anos depois, um dos intelectuais antifascistas de grande projeção e diretor de *A Platéia*, órgão de divulgação da Aliança Nacional Libertadora em São Paulo.

O ambiente político em que se deu a tomada de poder pelas forças políticas aliadas a Getúlio Vargas e a plataforma da Aliança Liberal proporcionaram mudanças na conjuntura do pós-1930, iniciando o período da história brasileira conhecido como a Segunda República.

A atuação e a prática política do governo provisório, chefiado por Vargas, foram frustrantes para vários sujeitos participantes desse processo e implicaram o afastamento de vários entusiastas “outubristas” que compartilhavam a perspectiva de que a “Revolução de 1930 era o começo de uma revolução social”.¹⁶⁸

Insatisfeitos com o andamento do governo constituído em outubro de 1930, Brasil Gerson, junto a outros intelectuais que rapidamente romperam com Vargas, encontrava-se frustrado com os rumos da direção política do país, enxergando no processo e na condução política nacional uma “mera disputa política” como aquelas conduzidas no sistema político vigente quando da Carta constitucional de 1891.

Em abril de 1931, as considerações de Brasil Gerson no último número de *O Homem do Povo* descortinam o panorama político de São Paulo e as disputas entre “legionários” e “democráticos”, criticando os aderentes e intelectuais próximos do Partido Democrático, como Mário de Andrade, pelo discurso anticomunista declarado contra os chefes da Legião

¹⁶⁷ JORNAL DO COMMERCIO, Ed. 139, 21/03/1988. Suplemento Revista Nacional, p. 3. Rio de Janeiro.

¹⁶⁸ TAVARES, Rodrigo Rodrigues. A “Moscouzinha” brasileira: cenários e personagens do cotidiano operário de Santos (1930-1954). São Paulo: Associação Editorial Humanitas: FAPESP, 2007. p. 68.

Revolucionária de São Paulo e pela disposição desses homens de guardar “com carinho a primeira situação individual conquistada na velha e clássica luta pelo pão e a roupa, no amanhã de sempre...”.¹⁶⁹

Na conjuntura pós-1930 Brasil Gerson se dedica ao estudo da literatura marxista. Fluente em inglês, francês e espanhol, sabemos, a partir da análise da sua colaboração no *Homem do Povo*, da sua sintonia com os estudos do economista e teórico do Partido Trabalhista inglês, Harold Laski, sobre a organização do *Komintern*. Tendo Brasil Gerson adquirido a obra *Comunismo*, de Laski, publicada na Inglaterra em 1927 e, dois anos mais tarde, traduzida e editada pela companhia barcelonesa *Labor*,¹⁷⁰ parece-nos provável que as edições estrangeiras sobre o estudo do regime comunista tenham igualmente despertado seu interesse. Outros livros de Laski, como *Democracia em Crise* (1929), *El Estado en la teoría y en la práctica* (1934) e *Democracia en América* (1948), circularam na América do Sul.

Neste tópico, destacaremos o período de 1930-1934, correspondente ao governo provisório de Getúlio Vargas, anos de batalhas políticas de grande importância travadas pelos “intelectuais orgânicos” na sociedade brasileira, ou seja, as disputas de maior interesse para a nossa reflexão.

A pasta de Brasil Gerson no DEOPS-SP fornece alguns indícios sobre a sua atuação durante esses anos. A documentação recobre o período de 1935 a 1938, contém, todavia, informações da sua trajetória entre 1930 e 1931. Em 1931, por exemplo, dedicou-se ao estudo da literatura marxista. A partir dos apontamentos do historiador Paulo H. Martinez, nós nos damos conta de que não existe nenhuma referência à participação ou ao envolvimento de Brasil Gerson na “Revolução Constitucionalista de 1932” em São Paulo.

À primeira vista, pareceu-nos que o jornalista catarinense havia adotado uma postura mais moderada, privilegiando sua intervenção social por meio da sua produção literária, cultural e atuação profissional na imprensa. Essas escolhas podem ter propiciado um cenário de estudo mais propício para a investigação teórica do marxismo, comunismo e materialismo histórico dialético.

Contudo, a dificuldade de rastrear o seu trânsito nesse período dá-se predominantemente pela ausência das digitalizações do *Diário da Noite* entre o período de 1929 a 1945, na Biblioteca da Hemeroteca Nacional, principal instrumento de investigação da nossa pesquisa. Essa lacuna da documentação impede uma melhor apreciação sobre os

¹⁶⁹ ANTELO, Raul. Doce de abóbora dá chumbo para canhão: Brasil Gerson. *Cadernos de Literatura Comparada*, n. 46, 2022. p. 25.

¹⁷⁰ PÉREZ, José Luis Monereo. *La Democracia en Crisis*. Barcelona: Editorial El Viejo Topo, 2004. p. 8-10.

caminhos e percalços de Brasil Gerson no período, ainda mais se considerarmos que sua atividade no jornal diário era o seu ganha-pão. Enfrentamos, portanto, algumas adversidades para acompanhar a militância do Brasil Gerson nessa conjuntura.

A pesquisa histórica que permitiu traçar alguns dos seus caminhos entre 1932 a 1934 recorreu a um lastro de fontes secundárias, como teses, dissertações e artigos tematizando as iniciativas intelectuais dos homens e mulheres identificados com o ideal modernista, vanguardista, antibélico, progressista e de democratização da cultura. A análise histórica da “fermentação intelectual” dos grupos a que Brasil Gerson se vinculou sugeriu um direcionamento relevante sobre sua participação de Brasil Gerson em determinados projetos político-culturais, bem como sobre a sua identificação com os citados projetos.

Sua atuação em *O Homem do Povo* é simultânea ao processo de iniciação ao estudo do marxismo, porém, essa colaboração deveu-se mais à estreita ligação com o grupo que compunha o corpo editorial do jornal do que à sua relação com o Partido Comunista, o qual criticou a participação de dirigentes partidários na iniciativa de Oswald de Andrade e Patrícia Galvão.¹⁷¹

Não por coincidência foi registrada a presença de Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Dona Olívia Penteadó, Raul Bopp, Paulo Mendes de Almeida, Pagu, Brasil Gerson e René de Castro em junho de 1929 no Teatro Municipal, por ocasião da apresentação do sambista Sinhô.¹⁷²

Cabe destacar ainda a participação de Brasil Gerson no Clube dos Artistas Modernos (CAM), criado sob a inspiração de Flávio de Carvalho, em novembro de 1932. Recorrendo às considerações de Sirinelli, entendemos o pertencimento de Brasil Gerson a esse meio intelectual de um “pequeno mundo estreito”¹⁷³ onde são atados os laços de sociabilidades. Um dos fundadores, Flávio de Carvalho, havia anteriormente difundido elogios na imprensa pela apresentação de *Maldito Tango* de Brasil Gerson. Portanto, a emergência do CAM foi resultado de “necessidades” e “conveniência” para constituir um espaço de debate das artes e dos temas candentes da política nacional,¹⁷⁴ congregando intelectuais, artistas, músicos, jornalistas e militantes da cultura durante a sua existência. Conforme Paulo Mendes de Almeida, rapidamente o Clube dos Artistas Modernos

¹⁷¹ DE ARRUDA CAMPOS, Alzira Lobo; GOMES, Álvaro Cardoso; GODOY, Marília Gomes Ghizzi. Autocríticas e expurgos nos círculos revolucionários paulistas (1928-1935). *Antíteses*, v. 9, n. 17, p. 128, 2016.

¹⁷² PARA TODOS, Nº 548, 15/06/1929. Rio de Janeiro.

¹⁷³ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 248.

¹⁷⁴ MARI, Marcelo. Pauliceia nas revoluções: artes visuais e agitação política nas primeiras décadas do século XX. *PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais*, v. 26, n. 45, 2021, p. 10.

tornou-se um ponto obrigatório de encontro para quantos, na cidade, achavam-se de qualquer forma ligado às manifestações artísticas e intelectuais. Mesmo da Capital e outros centros do País, surgiam pessoas diretamente endereçadas aquele prédio da Rua Pedro Lessa, aquele ambiente agradável, onde a conversa e as discussões ferviam, a medida que os copos se esvaziaram, em torno as mesas que Sava e Pacha iam servindo. Muitas vezes, improvisaram-se festas, danças que entravam ruidosas pela madrugada adentro.¹⁷⁵

O CAM representava um espaço por onde circulavam os integrantes da *inteligência* os quais se relacionavam com intelectuais de distintos grupos e matizes ideológicos, para além dos cafés, teatros, editoras, redações dos jornais e outros clubes associados.

Em virtude da “efervescência política” após a derrota da Revolução Constitucionalista, o CAM surge como espaço de emergência para o debate das artes e dos temas importantes da política nacional.¹⁷⁶ O clube constituiu um “exemplo de aproximação entre a estética vanguardista e o engajamento social e ideológico”,¹⁷⁷ investindo em conferências, debates, exposições, recitais e espetáculos teatrais abertas para um público amplo, diversificado e heterogêneo, como afirma Paulo Martinez¹⁷⁸ abrigando no espaço físico da sua sede, localizada abaixo dos viadutos de Santa Ifigênia, um bar, biblioteca e sala de teatro.¹⁷⁹ Dessa forma, o clube paulista integrou uma estratégia de intervenção dos intelectuais, escritores e artistas na esfera da vida cultural de São Paulo, por meio de palestras, exposições, concertos e festas, estabelecendo conexões e trocas entre as diversas artes.¹⁸⁰

O dramaturgo Paulo Fausto De Lamare Torres integrou a diretoria dos Clubes dos Artistas Modernos responsável pelo Departamento de Teatro, após o sucesso de sua peça *O Andaime*, que contou com a colaboração dos cenários de Lívio Abramo e foi levado à cena no Teatro Boa Vista, em 1932, por Jayme Costa e Brasil Gerson.¹⁸¹

Como busca mostrar Aracy Amaral, o ano de 1933 significou o “marco da conscientização política de nossos artistas”¹⁸² e assim a expressiva atividade cultural

¹⁷⁵ ALMEIDA, Paulo Mendes de. *De Anita ao museu*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976. p. 78.

¹⁷⁶ MARI, Marcelo. Pauliceia nas revoluções: artes visuais e agitação política nas primeiras décadas do século XX. *PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais*, v. 26, n. 45, 2021, p. 10.

¹⁷⁷ MARTINEZ, Paulo Henrique. *A dinâmica de um pensador crítico: Caio Prado Jr. (1928-1935)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2008, p.38.

¹⁷⁸ MARTINEZ, Paulo Henrique. *A dinâmica de um pensador crítico: Caio Prado Jr. (1928-1935)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2008, p. 39.

¹⁷⁹ PEREIRA, Jaqueline Pierazzo. O Clube dos Artistas Modernos por Flávio de Carvalho. *Língua, Literatura e Ensino-ISSN 1981-6871*, v. 5, 2010. p. 171.

¹⁸⁰ NOGUEIRA, Antônio Gilberto; GONÇALVES, Adelaide. *Caio Prado Jr.: Legado de um saber-fazer histórico*. São Paulo: Hucitec, 2013, p. 232.

¹⁸¹ ANTELO, Raul. Doce de abóbora dá chumbo para canhão: Brasil Gerson. *Cadernos de Literatura Comparada*, n. 46, 2022, p. 37-38

¹⁸² AMARAL, Aracy. *Arte para quê?: A preocupação social na arte brasileira, 1930-1970*. São Paulo: Studio Nobel, 2003. p. 41.

desenvolvida em torno do Clube dos Artistas Modernos alcançou repercussão nos ambientes políticos e culturais, reunindo diversos artistas, escritores, jornalistas, intelectuais, professores e militantes de diversos matizes. Entre os frequentadores do Clube, figuram os nomes de Oswald de Andrade, Caio Prado Júnior, Patrícia Galvão, Di Cavalcanti, Antonio Gomide, Mário Pedrosa, Oreste Ristori, Carlos Prado, entre outros.

Ante as evidências, parece-nos certo que Brasil Gerson circulou nesses espaços de encontro. Um mês após a fundação do CAM, Flávio de Carvalho concedeu uma entrevista para *A Platéia* sobre modernismo, profanação e laicismo que, no registro de Raul Antelo, pode ter tido como condutor e interlocutor dessa reportagem o jornalista Brasil Gerson.¹⁸³

A visita de Raúl González Tuñón ao Brasil como correspondente da revista *Crítica* foi decisiva para o estabelecimento de contatos com os intelectuais militantes brasileiros. É provável que, a partir desse encontro, Brasil Gerson tenha sido convidado, em 1933, para colaborar com o suplemento literário cultural da publicação, a Revista *Multicolor de los sábados*, dirigida por Jorge Luis Borges e Ulysses Petit de Murat.

Desde começos de 1930, o poeta argentino Raúl Gonzalez Tuñon trabalhava para a *Crítica*, iniciativa fundamental na modernização da imprensa e fonte pródiga de trabalho para vários comunistas, que chegaram a organizar uma célula de militantes do Partido Comunista Argentino no periódico fundado por Natalio Botana em 1913. Adriana Petra registra que Tuñón é uma referência fundamental nos processos de aproximação e conjugação da vanguarda política e estética a um programa revolucionário.¹⁸⁴

Conforme o historiador Raul Antelo, o jornal era o mais importante da América Latina e tinha uma tiragem “fantástica”.¹⁸⁵ Nesse suplemento, Brasil Gerson publicou três textos, todos eles em torno da religiosidade popular, como as relações entre a macumba, festividades e cerimônias afro-brasileiras. O referido historiador, ao identificar as influências sobre as inscrições de Brasil Gerson no suplemento de *Crítica*, aponta para o rol de suas prováveis leituras, notadamente as francesas:

os Chants nègres de Francis Picabia, o Negerplastik (1915) de Carl Einstein; os textos sobre arte negra (1918) de Tristan Tzara, feitos a partir das imagens da revista alemã *Anthropos*; O boi no telhado de Jacaremirim, como assinava, na época, Darius Milhaud; a *Anthologie nègre* (1921) de Blaise Cendrars; os estudos afro-plateinos de Vicente Rossi (1926) ou Lino Suárez Peña (1924; 1933); o romance de Philippe Soupault *O negro* (1927), contemporâneo aliás da *Viagem ao Congo* de

¹⁸³ ANTELO, Raul. Doce de abóbora dá chumbo para canhão: Brasil Gerson. *Cadernos de Literatura Comparada*, n. 46, 2022, p. 27.

¹⁸⁴ PETRA, Adriana. *Intelectuales y cultura comunista: Itinerarios, problemas y debates en la Argentina de posguerra*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica Argentina, Buenos Aires, 2022. p. 54.

¹⁸⁵ Embora Raul Antelo não especifique a tiragem do periódico, descreve-a como a maior da América Latina.

André Gide; a antologia de Eugène Jolas *Le Nègre qui chante* (1928) ou *L'Afrique fantôme* (1931-1933) de Michel Leiris; sem contar as publicações periódicas, como *Les Continents* (1924), *La Voix des Nègres* (1926- 1927), *La Race nègre* (1927-1931), *La Dépêche Africaine* (1928-1931), *La Revue du monde noir* (1931-1932), *Légitime Défense* (1932). No texto sobre a macumba, Brasil Gerson invoca uma visita etnográfica como detonadora da experiência de alteridade. Pensemos que era a época em que Nancy Cunard reunia materiais para *Negro: An Anthology* (1934) (Winkiel 2006: 507-530). De fato, a autora de *Outlaws* (1921), representante com Wyndham Lewis, Ezra Pound ou T. S. Eliot da contracultura britânica, frequentadora do Bloomsbury group e figura central na vanguarda parisiense (manteve um *affaire* com Aragon por dois anos), era autora de um panfleto, *Black Man and White Ladyship: an anniversary* (London, Utopia Press, 1931), onde se abria à relação entre vanguarda e negritude, com ambição transnacional.¹⁸⁶

Pautadas pelo novo período, a intervenção política dos artistas e intelectuais se expandiu, arejada pelas tendências contemporâneas para repensar e decifrar os enigmas do Estado e formação histórico-social do país em novas chaves interpretativas. A conjuntura que se inaugura posteriormente a outubro de 1930 constitui um momento “riquíssimo na renovação da interpretação do Brasil e nas relações dos intelectuais com a política”, como indica Francisco de Oliveira.¹⁸⁷

As tentativas da intelectualidade modernista de conjugar arte e política resultaram num expressivo vínculo de escritores, artistas e intelectuais provenientes das vanguardas modernistas, refletindo em suas produção artística nos anos 1930 e na preocupação com a temática social, nacional e popular.

Antonio Candido sugeriu que a renovação cultural operada pelo modernismo, desde o segundo decênio do século XX, proporcionou uma “fisionomia” que permeou todo o debate intelectual da época e derivou do impacto provocado por quatro aspectos relevantes: a consciência e aceitação da formação e da realidade brasileira, a influência do vanguardismo artístico europeu; o nacionalismo; e a prática do ensaísmo.¹⁸⁸

É a partir dessa compreensão que os textos elaborados sobre a “mestiçagem” devem ser compreendidos, examinados como parte da discussão de temas que adquirem certa voga. Brasil Gerson está escrevendo sobre questões candentes do momento por meio de ensaios de caráter histórico-sociológico e incorporando em sua produção as expressões artísticas e culturais das camadas populares.

¹⁸⁶ ANTELO, Raul. Doce de abóbra dá chumbo para canhão: Brasil Gerson. *Cadernos de Literatura Comparada*, n. 46, 2022, p. 28.

¹⁸⁷ OLIVEIRA, Francisco. No silêncio do pensamento único: intelectuais, marxismo e política no Brasil. In: NOVAES, Adauto (org.). *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 295.

¹⁸⁸ CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, p. 127-176.

Alguns anos mais depois da visita de Tuñón ao Brasil, Brasil Gerson escreveu para alertá-lo da conspiração entre os governantes dos dois maiores países da América do Sul, por ocasião da visita de Getúlio Vargas à Argentina de Augustin Justo, como assevera Angela Meirelles.¹⁸⁹ Em fins de abril de 1935, publicou trechos de sua carta ao poeta argentino, sugerindo que “ficasse atento”, pois estava certo de que tudo aquilo era “a preparação de um plano sinistro, que logo se efetivaria” e

que virá à tona, nada menos, que um plano amplo, intercontinental, de consolidação do imperialismo na América do Sul, feito para impedir no Brasil, como na Argentina, no Chile como no Peru, o despertar cada vez mais rápido da consciência anti-imperialista de nossas populações.¹⁹⁰

O Clube dos Artistas Modernos findou forçadamente as suas atividades em janeiro de 1934, após seu fechamento pela polícia, com apoio da imprensa conservadora. Tudo coincide no mesmo ano com a consolidação da nova ordem constitucional e a ameaça mais presente do “fascismo” pelo crescimento de influência da Ação Integralista Brasileira no corpo da sociedade.¹⁹¹

Segundo Palamartchuk, entre 1932 e 1934, o “movimento contra o nazifascismo tornava-se internacional e vários intelectuais participavam ativamente dele”.¹⁹² No quadro internacional, a ascensão de Hitler ao poder na Alemanha impactou as esquerdas e os intelectuais progressistas. No plano nacional, a ameaça mais presente do “fascismo” e do “autoritarismo” foi representada pela influência da Ação Integralista Brasileira.

A agitação diante do desolador mal-estar econômico, social e econômico, marcado pelo fracasso do liberalismo, traduziu-se na promoção de redes transnacionais articuladas em torno de pautas do antifascismo e anti-imperialismo, e de uma primeira geração antifascista de modelo comunista, tornando-se um fator impulsionador do crescimento partidário.¹⁹³

Ao longo de 1934, a agitação do fascismo recrudescia internacionalmente, e junto a essa ameaça, a aprovação da Carta constitucional de 1934 formou um novo quadro político

¹⁸⁹ OLIVEIRA, Ângela Meirelles. Palavras como bala. Imprensa e intelectuais antifascistas no cone sul (1933-1939). Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 156.

¹⁹⁰ A MANHÃ, Nº 27, 26/05/1935. Rio de Janeiro.

¹⁹¹ PESSANHA, Elina Gonçalves; NASCIMENTO, Regina Helena. *PCB: 1929-1935 - Caminhos da Revolução*. Rio de Janeiro: Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro, 1995. p. 22.

¹⁹² PALAMARTCHUK, Ana Paula. Ser intelectual comunista: escritores brasileiros e o comunismo, 1920-1945. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1997, p.86.

¹⁹³ PALAMARTCHUK, Ana Paula. Ser intelectual comunista: escritores brasileiros e o comunismo, 1920-1945. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1997, p.86.

definido pela repressão policial e sindical.¹⁹⁴ A conjuntura brasileira entre os anos de 1934 e 1935 foi de intensa inquietação, mobilização, manifestações, greves e revoltas militares. As inflexões do segundo semestre de 1934 são vitais para compreender as circunstâncias que possibilitaram a repercussão dos ideais soviéticos e a publicação dos seus escritos em defesa do comunismo na imprensa.

Conseguimos identificar alguns dos interesses e opiniões de Brasil Gerson publicadas na imprensa no ano de 1934. Conforme acreditávamos, o debate das ideias políticas e sociais por parte do autor deu-se, principalmente, pelo uso da imprensa e valendo-se da publicação de artigos, crônicas, ensaios e textos para tomar parte no debate público. No final de outubro, Brasil Gerson publicou no *Diário da Noite* o texto “Salta pocinhas”, defendendo a União Soviética, elogiando Stalin e atacando duramente a corrente política de Trotsky. Na semana seguinte, o seu texto foi “respondido” por Mário Pedrosa, que redigiu “Conselhos a Brasil Gerson” no *Diário da Noite*, condenando fortemente o stalinismo.

Mário Pedrosa e Brasil Gerson, ambos jornalistas e militantes de esquerda, chegaram a circular algumas vezes nos mesmos espaços de jornais e revistas de São Paulo, os quais disputavam o mesmo tipo de público leitor. A discussão sobre o governo da União Soviética foi alvo de inúmeros embates entre intelectuais nos veículos de comunicação. Na página do jornal, o que nos importa, para além da polêmica travada, é o relato biográfico feito por Pedrosa sobre Gerson. O escritor faz uma análise da sua trajetória e elogia, em tom irônico, a sua “evolução” de “cronista mundano” para “jornalista político, que se pretende marxista” e dá-lhe os “parabéns” por sua estima pela “obra dos soviets” e que agora

se inclua no número dos amigos da U.R.S.S. e faça suas piadas, algumas alias felizes, contra o regime capitalista e os políticos burgueses, que você tanto admirou e serviu ainda não faz muito tempo (já se esqueceu de sua admiração pelo Seu Julinho?) (...) Mas tome conselho, não saia destes limites. Conserve-se, mesmo nessa sua nova fase “ideológica”, o que você sempre foi e é essencialmente: um cronista leve, versátil, gracioso, que ontem falava com certo humor em cabarés e cocaína e hoje fala em socialismo, em Marx, em Stalin e no plano quinquenal.

Dois aspectos podem ser notados a partir da análise do texto de Mário Pedrosa: o conhecimento da trajetória do intelectual e a recente adesão de Brasil Gerson à corrente de opinião favorável à União Soviética. É certo que havia entre Brasil Gerson, alinhado às perspectivas do marxismo-leninismo na sua “nova fase ideológica”, e entre Mário Pedrosa, dirigente da Liga Comunista Internacionalista, uma convivência política e intelectual. Ambos

¹⁹⁴ DE CASTRO, Ricardo Figueiredo. CONTRA A GUERRA OU CONTRA O FASCISMO? as esquerdas brasileiras e o antifascismo (1933-1935). Tese de Doutorado (História) - Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 1999, p. 171.

trabalharam para o *Diário da Noite* e compartilharam de experiências no Clube dos Artistas Modernos. No ano anterior ao da publicação dos “conselhos” ao colega, Mário Pedrosa concedera uma entrevista para *A Platéia*, jornal em que Brasil Gerson trabalhava como redator, sobre o Congresso de Amsterdam.¹⁹⁵ De fato, a causa antifascista traduziu-se para muitos intelectuais na compreensão de que só a União Soviética seria capaz de resistir e derrotar o nazifascismo.¹⁹⁶

Em um depoimento, o capitão Davino Santos, da Força Policial de São Paulo e militante do PCB, condenado e preso por sua participação nas insurreições de novembro de 1935, conta sobre o seu primeiro contato com o ideário comunista:

O jornal *A Platéia* iniciou a publicação das teorias marxistas-leninistas, numa coluna especial de sua primeira página. Greves e ameaças de greves se faziam sentir, quase todos os meses, por muitos grandes estabelecimentos industriais e empresas, não só do Estado de São Paulo, como de toda parte (...) Passei a ler cotidianamente a coluna marxista de *A Platéia*, assinada por um senhor Brasil Gerson. Eu nada entendia de comunismo e nem me passara até então pela cabeça a ideia de vir a ser comunista algum dia. A conversão de Carlos Prestes ao comunismo era também motivo de meditação para quantos indivíduos simpatizassem com os movimentos revolucionários de 1922, 1924 e 1930 e seus líderes.¹⁹⁷

Ao redor do mundo, os nascentes movimentos antibelicistas desfrutaram do respaldo popular. O papel da intelectualidade, na disputa político-ideológica foi de grande importância para a mobilização comunista contra a guerra e diretamente associada à luta antifascista.¹⁹⁸

Ângela Meirelles e Ricardo de Castro apontam para duas fases da luta antifascista no Brasil. Por um lado, destacam as leituras e táticas adotadas pelo Comitê de Luta contra a Reação, o Fascismo e a Guerra Imperialista, capitaneado pelo PCB, propondo a “frente única pela base”, por outro lado, havia a Frente Única Antifascista, composta principalmente pelo PSB-SP, a Liga Comunista e o jornal *O Homem Livre*.¹⁹⁹ Ambas foram peças fundamentais como arregimentadores políticos de uma frente de luta contra o fascismo e contra a guerra

¹⁹⁵ OLIVEIRA, Ângela Meirelles. Palavras como bala. Imprensa e intelectuais antifascistas no cone sul (1933-1939). Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 181.

¹⁹⁶ PETRA, Adriana. *Intelectuales y cultura comunista: Itinerarios, problemas y debates en la Argentina de posguerra*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica Argentina, 2022. p. 61.

¹⁹⁷ JORNAL DE NOTÍCIAS, 15/10/1948. São Paulo.

¹⁹⁸ OLIVEIRA, Ângela Meirelles. Palavras como bala. Imprensa e intelectuais antifascistas no cone sul (1933-1939). Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 57.

¹⁹⁹ Além destas, participam o Grêmio Universitário Socialista, a União dos Trabalhadores Gráficos, a Legião Cívica 5 de Julho, a Liga Comunista, a seção paulista do Partido Socialista Italiano, a Bandeira dos Dezoito, o Grupo Socialista “Giacomo Matteotti”, o Grupo “Italia Libera”, a revista *O Socialismo* e os jornais *O Homem Livre* e *A Rua*.

entre 1933 e 1934, apesar da pouca visibilidade política e dos desencontros entre táticos as duas organizações.²⁰⁰

Com algumas exceções, foi no contexto do recrudescimento do fascismo no plano internacional e da ameaça do autoritarismo estatal na realidade brasileira que o PCB obteve êxito em conquistar, para a sua organização, expressivos nomes da intelectualidade. A formação da intelectualidade antifascista está inserido num período de crise ideológica e política ocorrida no Brasil, com o desbanque da Primeira República e a crise dos valores do liberalismo. Com relação à nova conjuntura da década de 1930, existe um amplo debate na historiografia sobre a significativa expansão dos jornais, revistas, livros, traduções, editoras e outros ofícios do campo cultural e a formação de novos públicos.

A proximidade entre o fascismo e o integralismo, os dois inimigos de imediato, foi a pedra angular na aproximação dos homens e mulheres ligadas às artes e à cultura aos movimentos revolucionários.²⁰¹ No último trimestre de 1934, a “Batalha da Praça da Sé”, a violência estatal ao movimento sindical e o assassinato de Tobias Warshavsky, militante da Juventude Comunista, apesar do forte signo de repressão governamental, tiveram grande repercussão na mídia e foram o pontapé para a organização da Comissão Jurídica e Popular de Inquérito, fundada em 22 de setembro de 1934, visando apurar as responsabilidades pelas agressões aos movimentos de trabalhadores e investigar o envolvimento de policiais no assassinato do jovem militante.²⁰²

A criação da CJPI recebeu o apoio de intelectuais, jornalistas, professores, médicos, advogados, estudantes e operários, além da “adesão de sindicatos, partidos políticos e deputados federais e estaduais”,²⁰³ contribuindo “para solidificar as tentativas que então se gestavam de criação de uma ampla frente de combate ao fascismo e, sobretudo, da ‘reação’ representada pelo latifúndio e pelo imperialismo”.²⁰⁴

²⁰⁰ OLIVEIRA, Ângela Meirelles. Palavras como bala. Imprensa e intelectuais antifascistas no cone sul (1933-1939). Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 52-54; CASTRO, Ricardo Figueiredo de. CONTRA A GUERRA OU CONTRA O FASCISMO? as esquerdas brasileiras e o antifascismo (1933-1935). Tese de Doutorado (História) Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 1999. p. 160.

²⁰¹ PALAMARTCHUK, Ana Paula. Ser intelectual comunista: escritores brasileiros e o comunismo, 1920-1945. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1997, p. 86.

²⁰² PESSANHA, Elina Gonçalves; NASCIMENTO, Regina Helena. PCB: 1929-1935 – Caminhos da Revolução. Rio de Janeiro: Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro, 1995. p. 23.

²⁰³ OLIVEIRA, Ângela Meirelles. Palavras como bala. Imprensa e intelectuais antifascistas no cone sul (1933-1939). Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 35.

²⁰⁴ DE CASTRO, Ricardo Figueiredo. CONTRA A GUERRA OU CONTRA O FASCISMO? as esquerdas brasileiras e o antifascismo (1933-1935). Tese de Doutorado (História) - Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 1999, p. 166.

Conforme Adriana Petra,

La idea de que los mas altos valores de la cultura y la civilización se hallaban en peligro y que los intelectuales estaban en la obligación de defenderlos tuvo una fuerza de atracción nunca antes experimentada por el mundo comunista que supo organizar y canalizar el espíritu militante de los hombres y las mujeres de la cultura con singular pericia.²⁰⁵

A movimentação contra o fascismo e em defesa da cultura serviu para aproximar a intelectualidade dos movimentos revolucionários. É excepcionalmente nesse contexto histórico que considerável grupo de escritores, jornalistas, artistas e intelectuais se converterão, por meio da militância antifascista, em homens e mulheres do Partido Comunista.

Brasil Gerson esteve entre os 409 signatários de apoio a CJPI por intermédio da imprensa, por meio de abaixo-assinados, declarações e bilhetes. Uma expressiva parte dos nomes aderentes à comissão tornar-se-ão integrantes e dirigentes da ANL, como citado por Ricardo de Castro, sendo eles: Sady Garibaldi Roberto; Henrique Faller Sisson; Pedro da Cunha, Pedro Motta Lima, Paulo da Motta Lima; Orlando Mello; Octaviano Du Pin Galvão; Moesia Rolim; Nise da Silveira; Miguel Costa Filho; Luiz Carpenter; Leônidas de Rezende; José Augusto de Medeiros; Joel Carvalho; Joaquim Correia; Hermes Lima; Francisco Mangabeira; Flávio Poppe; Eugênia Álvaro Moreira; Edgard Sussekind de Mendonça; Duque Estrada; Carlos Lacerda; Campos da Paz Filho; Caio Prado Júnior; Brasil Gerson; Benjamin Soares Cabello; Benigno Rodrigues Fernandes; Armando Laydner; Armanda Alvaro Alberto e Aparício Torelly.²⁰⁶

Como assinalou Palamartchuk, muitos futuros comunistas empregaram as suas primeiras “sensibilidades políticas” nas páginas de publicações antifascistas e nos manifestos fundacionais de entidades políticas. E, no caso da intelectualidade antifascista, o elemento da “sociabilidade” se configura como relevante para compreender os contatos, influências e debates de que participa Brasil Gerson, objetivando situá-lo no contexto histórico que o motivou, junto a um amplo grupo de figuras participantes da vida intelectual e cultural, a intervir no debate público.

Sirinelli sinaliza a importância das assinaturas em manifestos e abaixo-assinados, como um sentido de constituição dos campos de sociabilidades, é o caso aqui quando se

²⁰⁵ PETRA, Adriana. *Intelectuales y cultura comunista: Itinerarios, problemas y debates en la Argentina de posguerra*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica Argentina, Buenos Aires, 2022. p. 42.

²⁰⁶ CASTRO, Ricardo Figueiredo de. *CONTRA A GUERRA OU CONTRA O FASCISMO? as esquerdas brasileiras e o antifascismo (1933-1935)*. Tese de Doutorado (História) Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 1999. p. 164-165.

observa nomes de destaque do PCB como Caio Prado Júnior, Pedro Motta Lima, Benjamin Soares Cabello, Aparício Torelly, entre outros.²⁰⁷

O envolvimento e intervenção de Brasil Gerson nas disputas políticas e sociais parece estar conectado à conjuntura que se abre em princípios de 1934, bem vistos os protestos sociais e políticos. Dessa forma, o novo momento da vida nacional exigiu da intelectualidade, a disposição para enfrentar os dilemas do seu tempo. No segundo semestre de 1934, enxergamos as formulações de Brasil Gerson defendendo o modelo societário soviético em contraponto à sociedade capitalista, como forma de lidar com os temas candentes daquela geração. O alargamento dos interesses intelectuais de Brasil Gerson e a sua futura participação na Aliança Nacional Libertadora e na causa antifascista são pautadas nesse panorama, forjando nos embates políticos daquele momento a sua reflexão sobre a sociedade brasileira e a busca de caminhos, soluções, alternativas e propostas para a transformação revolucionária do Brasil.

Entendemos, dessa forma, o impacto direto das redes de sociabilidades e associações culturais, políticas e profissionais no posicionamento de Brasil Gerson à frente dos acontecimentos sociais e culturais que sacudiram a sua época, permitindo-lhe uma decifração da realidade e a enfrentar os dilemas da geração em que foi formado. É esta a nossa chave de leitura para a compreensão do período de 1933-1935.

3.2 – “A Platéia” e a Aliança Nacional Libertadora

“Somos uma avalanche verdadeiramente nacional”. É com essas palavras que Brasil Gerson apresenta as mobilizações populares que confluíram na formação da Aliança Nacional Libertadora, em uma reportagem para o jornal santista *Gazeta Popular*.

Em princípios de 1935, a Aliança Nacional Libertadora foi fundada no Rio de Janeiro e logo depois em outras regiões. Nesse contexto de efervescência política e cultural, Brasil Gerson, em uma de suas viagens ao Rio de Janeiro, é convidado pelo jornalista e humorista Aparício Torelly para fazer parte da Aliança Nacional Libertadora. Ele aceita o convite.

Retraçando o itinerário de Brasil Gerson entre 1934 e 1935, observamos a argumentação de Ronald Chilcote sobre o recebimento de novas adesões ao PCB, entre as quais Brasil Gerson. A militância partidária tomou proporções quantitativas surpreendentes,

²⁰⁷ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 249.

alcançando em torno de 5.000 a 10.000 membros espalhados pelo Brasil.²⁰⁸ Durante todo o ano que antecedeu o levante comunista de Natal, Pernambuco e Rio de Janeiro, a atração e adesão ao partido se ampliou consideravelmente, os novos partidários estavam empolgados com as propostas antifascistas, anti-imperialistas e sensibilizados pelo ideal das frentes populares.

Desde princípios de 1935, Brasil Gerson participou das movimentações e reuniões em prol da organização de um movimento popular amplo e como “lugar de confluência de todas as forças de caráter popular, democrático, antifascista e antimperialista, que se opunham tanto ao nazifascismo, como ao governo Vargas” para “emancipar-se economicamente do jugo estrangeiro, e para enfrentar e libertar-se da *Lei Monstro*”.²⁰⁹

A Lei de Segurança Nacional, apelidada de “Lei Monstro”, proposta pelo poder executivo, foi aprovada pelo Congresso em abril de 1935 e transformou em crime “contra a ordem política social a propaganda subversiva, a incitação ao ódio entre as classes sociais e a formação de entidades oposicionistas”,²¹⁰ que, se enquadradas como subversivas, seriam interditas pelo governo federal em todo o território nacional.

Segundo Paulo Henrique Martinez, a primeira reunião do Comitê Paulista Pró-Formação da Aliança Nacional Libertadora ocorreu em fins de janeiro de 1935 e, além de discutir os propósitos da organização, convocou “uma manifestação contrária ao projeto de Lei de Segurança Nacional e de solidariedade ao movimento grevista nas empresas frigoríficas”.²¹¹

Embora a historiografia sinalize a fundação da ANL em março de 1935, é preciso entender, conforme assinalou Angela Meirelles, a atuação, contribuição e apoio de diversas entidades civis, partidos políticos e personalidades de distintos matizes ideológicos para a composição e solidificação de uma frente conjunta de combate ao fascismo. Após ser fundada oficialmente em 23 de março, em solenidade no Rio de Janeiro, nos meses seguintes até o começo de junho de 1935, foram fundadas células, diretórios municipais e estaduais da ANL em diversas regiões brasileiras.²¹²

²⁰⁸ CHILCOTE, Ronald H. *O Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração, 1922 –1972*. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 182.

²⁰⁹ PESSANHA, Elina Gonçalves; NASCIMENTO, Regina Helena. *PCB: 1929-1935 - Caminhos da Revolução*. Rio de Janeiro: Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro, 1995. p. 25.

²¹⁰ ARRUDA, Cláudia Maria Calmon. Memórias num bordado: traços de Genny Gleizer no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS, Uberlândia*, v. 23, n 1, jan-jun 2010. p. 19.

²¹¹ MARTINEZ, Paulo Henrique. *A dinâmica de um pensador crítico: Caio Prado Jr. (1928-1935)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2008, p. 245.

²¹² OLIVEIRA, Ângela Meirelles. *Palavras como bala. Imprensa e intelectuais antifascistas no cone sul (1933-1939)*. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 38-39.

Segundo Ana Paula Palamartchuk, a Aliança Nacional Libertadora, em seus poucos meses de vida legal, desempenhou importante papel na aproximação de escritores e artistas com o Partido Comunista. Brasil Gerson envolveu-se, junto a outros escritores e artistas aliancistas, na fundação da *Liga de Defesa da Cultura*. No manifesto de fundação, aparecem os nomes dos que já haviam ingressado no PCB e de futuros comunistas que alcançariam grande projeção na estrutura partidária.²¹³

A *Liga de Defesa da Cultura* criada em 1935 funcionou como um dos espaços de integração intelectual na cidade fluminense. Em junho desse ano, Brasil Gerson colaborou com a publicação do artigo “*Materialismo não é isso*” na revista *Movimento*, do Clube de Cultura Moderna do Rio de Janeiro, também porta-voz da *Liga de Defesa da Cultura*.²¹⁴

Reforçado pela presença de Luís Carlos Prestes, presidente de honra da agremiação e recém-ingresso no PCB, a composição social da ANL contou com expressiva participação da “vertente vermelha do tenentismo”, composta por setores das Forças Armadas desiludidas com o desfecho da Revolução de 30, aproximando-se das posições de Luís Carlos Prestes, Agildo Barata, Silo Meireles e outros militares para fazer oposição ao governo Vargas.²¹⁵

É evidente a influência e prestígio exercido pelas personalidades aderentes à ANL nos meios intelectuais, culturais, militares e sindicais no período, agindo como facilitadores no processo de arregimentação dos trabalhadores às fileiras da organização.²¹⁶

Ricardo Figueiredo de Castro destaca, na sua tese, ao menos quatro “gerações intelectuais” comunistas entre as décadas de 1920 a 1940. A abordagem proposta por Figueiredo atém-se à terceira geração, dos novos militantes comunistas que chegam ao partido

no início da década de 30, tendo a Coluna Prestes e a criação da URSS os seus principais eventos fundadores; e sem muita ligação simbólica com a história partidária dos anos 20 (...) Esse grupo considerava a luta antifascista subordinada à “luta contra a guerra” e a defesa da União Soviética.²¹⁷

²¹³ PALAMARTCHUK, Ana Paula. Em nome da Segurança Nacional: os escritores na mira da polícia, *Revista Crítica Histórica*, v. 2, n. 3, 2011, p. 104-105.

²¹⁴ DALMÁS, Carine. *Frentismo cultural em prosa e verso: comparações, conexões e circulação de ideias entre comunistas brasileiros e chilenos (1935-1948)*. Tese (Doutorado em História Social)– Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012, p. 38.

²¹⁵ PANDOLFI, Dulce Chaves. *Rasgando a fantasia: Um estudo sobre a identidade do Partido Comunista Brasileiro*. Tese de doutoramento apresentado ao curso de pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 1994, p. 154.

²¹⁶ PRIMO, Jacira Cristina Santos. *Tempos vermelhos: a Aliança Nacional Libertadora e a política brasileira (1934-1937)*. Salvador: Sagga Editora, 2017. p. 58.

²¹⁷ CASTRO, Ricardo Figueiredo de. *CONTRA A GUERRA OU CONTRA O FASCISMO? as esquerdas brasileiras e o antifascismo (1933-1935)*. Tese de Doutorado (História) Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 1999. p. 198.

Lembre-mos, aqui, da identificação de Brasil Gerson em fins dos anos 1920 com a Coluna Prestes (“eu sou, mentalmente, tenente da cavalaria Prestes”) e a defesa da União Soviética nas páginas do *Diário da Noite*, polemizada por Mário Pedrosa, e os seus artigos contrários à guerra imperialista em *A Platéia*.

Na tarde de 25 de janeiro de 1935, quando se encontrava nas dependências da sede dos bancários aguardando Oswaldo Villalva, presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo,²¹⁸ Brasil Gerson foi detido pela polícia. Após ser conduzido à delegacia, foi levado ao Gabinete de Investigações e interrogado pelo delegado Ignacio da Costa Oliveira a respeito das suas viagens, contatos estabelecidos pelo jornalista e atividades desenvolvidas.

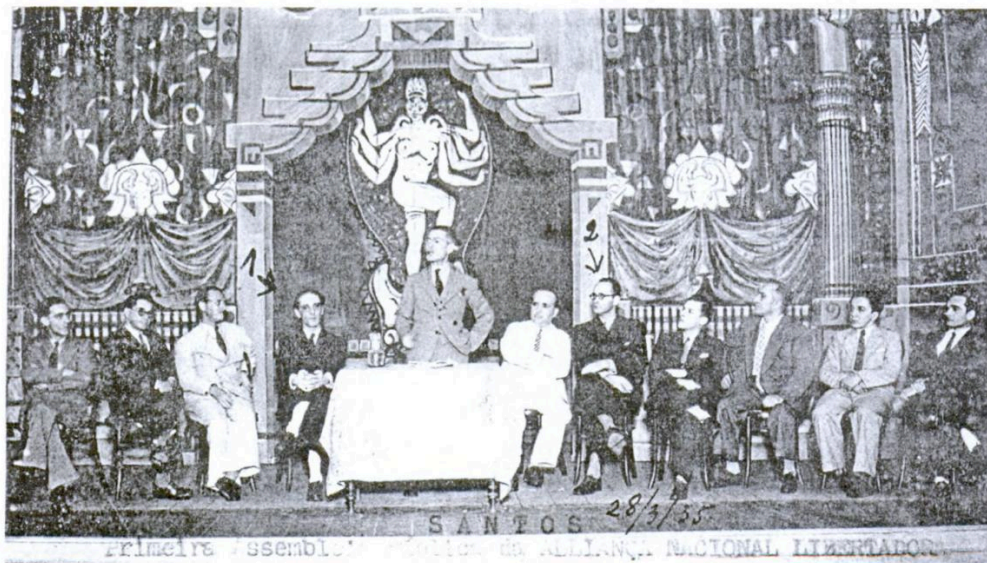
No relatório policial, o declarante foi interrogado a respeito de suas viagens a Campinas e das negociações feitas junto a Caio Prado Júnior e Saulo Amaral Santos, proprietário da folha campinense *Jornal de Hoje*, com o intuito de os intelectuais comunistas editarem esse jornal na cidade de São Paulo com o caráter liberal-democrata. A respeito dos contatos estabelecidos nos meios intelectuais do Rio de Janeiro, informou que fora convidado pelo jornalista e humorista Aparício Torelly para fazer parte e dirigir em São Paulo a “Aliança Libertadora Nacional”,²¹⁹ aceitando o convite. Após o seu interrogatório, passou a noite nas dependências do presídio político do Paraíso, à disposição do DEOPS, sendo libertado no dia seguinte.

O ano de 1935 foi marcado por uma intensa militância de Brasil Gerson no Partido Comunista Brasileiro e na Aliança Nacional Libertadora, militância acompanhada pelas atividades de divulgação da plataforma aliancista em *A Manhã* e *A Platéia*. Como é possível perceber, Brasil Gerson fez parte do núcleo organizador do movimento que, nos meses posteriores, tomaria forma como a Aliança Nacional Libertadora.

Surgindo como um dos personagens fundamentais na articulação e organização da ANL, não tardou para que esta fosse fundada na cidade santista, onde residia Brasil Gerson desde princípios da década de 1930. Na semana seguinte à fundação da ANL na capital federal, instalou-se o núcleo municipal da Aliança Nacional Libertadora em assembleia no Teatro Guarany, em 28 de março de 1935. Brasil Gerson aparece no palco, junto a outros dirigentes aliancistas, na primeira manifestação da ANL na cidade.

²¹⁸ PEGORARO, Mônica Renata Schmidt. A questão trabalhista em debate (1930-1937). Tese (Doutorado em História) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. p. 151.

²¹⁹ Talvez por falta de familiaridade ou confusão do datilógrafo com o nome da organização, foram registrados no relatório as iniciativas para a construção de uma frente popular como “Aliança Libertadora Nacional” e não como “Aliança Nacional Libertadora”.



Documento 1: Gilberto de Andrade [seta 1]; Rafael Sampaio Filho [seta 2]; o jornalista Brasil Gerson é o primeiro da esquerda para a direita, de pernas cruzadas. Primeira assembleia da ANL em na cidade. Santos, 28 mar. 1935. Pront. 928 – Igor Dolgoruki. DEOPS/SP, DAESP.

A fundação do diretório municipal em Santos foi uma decisão estratégica. A cidade de Santos foi palco de numerosas mobilizações operárias, intensas atividades sindicais e grevistas que garantiram ao município variadas designações no século XX que vão de “Barcelona brasileira”, “Porto vermelho” até a “Moscou brasileira”. A primeira alcunha refere-se ao predomínio da militância anarquista no começo do século XX, a segunda e a terceira caracterizações dizem respeito à influência comunista no movimento intelectual e sindical, desempenhado fortemente pelos estivadores do porto de Santos.²²⁰

O caráter de frente ampla do movimento conquistou rapidamente os seguidores de Miguel Costa, dotado de expressivo respaldo na cidade, popularmente conhecido como “General Estivador”, ex-companheiro de Luís Carlos Prestes e agora homenageado como presidente de honra da ANL.

A ação conjunta ganhava popularidade na cidade, e o jornalista Brasil Gerson, um dos organizadores do núcleo municipal da ANL, em entrevista ao jornal *Gazeta Popular*, enfatizou que o programa da Aliança Nacional Libertadora seria uma “espécie de Coluna Prestes”, contudo, seria

mais romântico e mais de acordo com as realizações revolucionárias do momento (...) nas nossas fileiras caberão os médicos, os advogados, os engenheiros (...) sejam

²²⁰ EVAGELIDIS, José Esteves. *História oral produzida por instituições públicas: a experiência da fundação Arquivo e Memória de Santos*. Fundação Arquivo e Memória de Santos, Santos, p. 4.

católicos, socialistas, protestantes, espíritas, comunistas, integralistas ou perrepistas.²²¹

Como uma organização abrangente, acolhia membros de variadas tendências políticas e classes sociais, incluindo “desde profissionais liberais e militares a trabalhadores manuais, sendo de principal expressão a presença dos intelectuais”.²²²

O matutino *A Manhã*, de Pedro Motta Lima, foi lançado no começo de 1935 como órgão de divulgação da ANL e serviu de inspiração para tornar *A Platéia* correspondente da ANL em São Paulo. O diário carioca dirigido por Pedro Motta Lima durou oito meses, até ser empastelado pela repressão posterior ao levante comunista de novembro de 1935.

Brasil Gerson foi redator de *A Manhã* durante os dois primeiros meses de circulação, escrevendo uma coluna fixa e autoral sobre crítica de cinema no Rio de Janeiro, até assumir a direção do vespertino paulista *A Platéia*.²²³ Após tornar-se diretor do jornal paulista, com o qual colaborava desde 1933, permaneceu escrevendo e colaborando com o órgão carioca, publicando diversos textos com a temática de combate ao integralismo de Plínio Salgado. Para a edição de junho da *Movimento*, mensário do Clube de Cultura Moderna do Rio de Janeiro e porta-voz da *Liga de Defesa da Cultura*,²²⁴ redigiu o artigo “Materialismo não é isso”.

O jornal *A Platéia* foi lançado em 1888 e manteve-se em circulação com alguns hiatos até 1942. A partir da análise de fontes secundárias, constatamos que, entre 1933 a 1935, ainda sob a direção de Pedro Cunha, o periódico já demonstrava certa pendor pelas causas progressistas e particular interesse pelas discussões políticas à esquerda, abrigo na sua redação, inclusive, antes mesmo da fundação da ANL, em 1935, intelectuais como Caio Prado Júnior, Heitor Ferreira Lima, Brasil Gerson, Geraldo Ferraz, Tito Batini, Patrícia Galvão e Mário Pedrosa na sua redação.

Por meio das suas publicações, os leitores acompanharam, entre 1933 e 1934, a mobilização dos intelectuais contrários ao autoritarismo do governo varguista e os esforços dos sindicalistas, trotskistas e socialistas na constituição de uma “frente única proletária” para fins políticos e eleitorais em São Paulo; os debates entre anarquistas e comunistas sobre as

²²¹ TAVARES, Rodrigo Rodrigues. A “Moscuzinha” brasileira: cenários e personagens do cotidiano operário de Santos (1930-1954). São Paulo: Associação Editorial Humanitas: FAPESP, 2007. p. 121.

²²² OLIVEIRA, Ângela Meirelles. Palavras como bala. Imprensa e intelectuais antifascistas no cone sul (1933-1939). Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 38-39.

²²³ A MANHÃ, Ed. 121, 13/09/1935. Rio de Janeiro.

²²⁴ DALMÁS, Carine. Frentismo cultural em prosa e verso: comparações, conexões e circulação de ideias entre comunistas brasileiros e chilenos (1935-1948). Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012, p. 38.

estratégias da luta contrárias às guerras imperialistas; entrevistas com militantes de diversos matizes ideológicos e declarações do Partido Comunista, do Partido Socialista Proletário do Brasil, da Liga Comunista e de organizações dirigidas pelos anarquistas.²²⁵

Antes de assumir a direção do vespertino, Brasil Gerson trabalhou como redator da publicação recebendo o pagamento de 400\$000 pelas suas jornadas de trabalho. Em julho de 1935, tornou-se diretor d'*A Platéia*, correspondente da seção paulista da Aliança Nacional Libertadora. Caio Prado Júnior, João Penteadó Stevenson e Maurício Goulart ajudaram a manter financeiramente o periódico em funcionamento.²²⁶

No caso particular do núcleo paulista da ANL, os militantes aproveitaram-se da estrutura de *A Platéia* e da influência dos redatores comunistas internamente para torná-la e oficializá-la como veículo de divulgação da Aliança Nacional Libertadora no estado. Angela Meirelles classificou-o como publicação de caráter frentista e, a partir de 1935, correspondente da Aliança Nacional Libertadora em São Paulo. Sob a chefia de Brasil Gerson, reuniu, em sua cozinha da redação, parte da intelectualidade de esquerda, como Heitor Ferreira Lima, Oswald de Andrade, Tito Batini, Caio Prado Júnior e Patrícia Galvão, João de Moais, Geraldo Ferraz e Flávio Carvalho.

A Platéia configurou-se como um veículo da imprensa antifascista e como um “organizador coletivo” na construção do consenso social, promovendo reuniões políticas na redação do jornal, na rua Wenceslau Braz, de número 13.²²⁷ Os leitores do periódico, já sob a direção de Brasil Gerson, depararam-se com diversas declarações da Aliança Nacional Libertadora, do Partido Socialista e de notícias sobre a Internacional Comunista. Os jornalistas d'*A Platéia* empenharam-se com intensa dedicação em uma das ações emblemáticas de solidariedade aos judeus e contrárias ao autoritarismo da Era Vargas: A campanha em defesa da imigrante judia Genny Gleizer.

Em julho de 1935, concomitante ao fechamento da Aliança Nacional Libertadora, o jornalista Arthur Piccini, de *A Platéia*, convidou a jovem Genny Gleizer para acompanhá-lo na cobertura de mais uma das reportagens políticas para o periódico. Durante o congresso da Juventude Comunista no Sindicato dos Empregados do Comércio, Genny presenciou uma batida policial e foi presa junto a outros militantes. Ela permaneceu encarcerada até a sua

²²⁵ DE CASTRO, Ricardo Figueiredo. CONTRA A GUERRA OU CONTRA O FASCISMO? as esquerdas brasileiras e o antifascismo (1933-1935). Tese de Doutorado (História) – Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 1999, p. 100-182.

²²⁶ MONTALVÃO, Sérgio. O intelectual e a política: a militância comunista de Caio Prado Júnior (1931-1945). Revista de História Regional, 2002. p. 111.

²²⁷ Apelação do Tribunal de Segurança Nacional contra Raphael Sampaio Filho e Brasil Gerson, 1937. Arquivo Nacional/Rio de Janeiro, p. 30.

deportação, acusada de ser uma perigosa e subversiva comunista. O caso de Genny permeou todo o debate público de 1935, representando o drama pessoal dos estrangeiros diante das leis discriminatórias e da perseguição aos imigrantes por parte do governo Vargas, dominando as páginas da imprensa e comovendo mentes e corações.²²⁸ As forças de esquerda organizaram vigorosos protestos, manifestações e abaixo-assinados contra as arbitrariedades cometidas pelas autoridades governamentais, acusando-a em tom de chiste como uma perigosa subversiva, “bela e jovem comunista astuta”.²²⁹ A movimentação e repercussão em prol da libertação de Genny se notabilizou por conseguir, em comparação a outros casos semelhantes, “polarizar a discussão sobre os limites da intervenção do estado para assegurar uma pretendida ordem social”.²³⁰

Arthur Piccinni, jornalista de *A Platéia*, casou-se em 1935 no cartório da Sé com a jovem Genny Gleizer para evitar a sua deportação do Brasil pelo governo de Getúlio Vargas. No dia 18 de outubro de 1935, através de procuração, o casamento entre Piccinni e Genny foi realizado como parte da estratégia mobilizada a fim de evitar a extradição da jovem judia romena do Brasil.²³¹ Em outubro de 1935, entretanto, a jovem de 17 anos foi deportada do porto de Santos para a Romênia fascista. Com a ajuda da embarcação e de marinheiros franceses, porém, Genny foi libertada e socorrida por militantes da seção francesa do Socorro Vermelho Internacional, organização de amparo aos operários e operárias vítimas de perseguição política, constituindo uma das frentes de massas da Internacional Comunista.

Junto à intensa dedicação e militância na Aliança Nacional Libertadora em 1935, o vespertino de Brasil Gerson foi atuante nas campanhas em defesa de Genny Gleizer. Figura de proa dentro da Aliança Nacional Libertadora, após a campanha contra a deportação da jovem judia, ele se tornou um dos orientadores da breve campanha a favor do retorno de Genny Gleizer ao Brasil, onde residiam todos os seus familiares de primeiro grau.

A conjuntura pós-junho de 1935 se agudizou e com ela se intensificaram as perseguições políticas. As equipes dos jornais oposicionistas enfrentavam, não raramente, a perseguição política e o temor contínuo da repressão policial. Para o DEOPS, uma reunião na sede de *A Platéia* em meados de outubro serviu de pretexto para o departamento exigir a prisão preventiva de Brasil Gerson, Raphael Sampaio, João Tavares, Decio Fernandes, Lázaro Maria

²²⁸ CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. Estrangeiros e ordem social: São Paulo (1926-1945). Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 17, n. 33, pp. 201-237, 1997.

²²⁹ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Livros proibidos, idéias malditas: o DEOPS e as minorias silenciadas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. p. 129.

²³⁰ CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. Estrangeiros e ordem social: São Paulo (1926-1945). Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 17, n. 33, 1997. p. 231.

²³¹ ARRUDA, Cláudia Maria Calmon. Memórias num bordado: traços de Genny Gleizer no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Cadernos de Pesquisa do CDHIS, Uberlândia, v. 23, n 1, jan-jun 2010. p. 20.

da Silva, Caio Prado, João Penteado Stevenson, Augusto Pinto, Randolfo Fernandes, Arthur Piccinini, José Fratini, Clóvis Gusmão, José Ernesto, Germano Plínio Barreira, Eduardo Araripe de Sucupira e Orozimbo de Andrade, criminalizando a participação na articulação de novas greves e manifestações em São Paulo.

Em novembro, depois de ataques integralistas, a polícia invadiu a sede d'*A Platéia* e interrompeu definitivamente a sua circulação, retornando esparsamente, na década seguinte, com outro grupo editorial e propostas políticas que nada tinham em comum com os antigos dirigentes do periódico.

É nesse quadro que compreendemos a afirmação das propostas comunistas e antifascistas de Brasil Gerson, com a realização prática dos ideais defendidos. A imprensa desempenhou papel estratégico no seu exercício político, constituindo fonte fundamental para retraçar os seus passos e as veredas do seu ofício de “engenheiro das almas”.

A experiência antifascista, a militância na ANL, PCB e demais frentes suprapartidárias marcaram definitivamente a trajetória de Brasil Gerson. A estratégia de Frente Popular encontrará respaldo nos acontecimentos posteriores. Como apontado sumariamente pelos estudos de Maria Luiza Tucci, Adriana Petra, Antonio Rubim e Ana Paula Palamartchuk, esses anos representam para o Brasil e a América Latina o surgimento de uma geração nas quais os homens e mulheres, identificados enquanto intelectuais, serão convocados a desempenhar funções centrais nas disputas inauguradas pela conjuntura da década de 1930.

É nesse contexto a luta contra o nazifascismo tornava-se internacional, contando com a participação ativa de vários intelectuais.²³² Para o historiador Eric Hobsbawm, quando o mundo enfrentava o cenário aterrorizador do fascismo, o comunismo tornou-se alvo de simpatia de vários intelectuais, acentuada especialmente pelos homens e mulheres que chegaram à maturidade nas décadas de 1930 e 1940.²³³ A recorrente e controversa pergunta sobre as razões que levaram à atração e aproximação da intelectualidade dos movimentos revolucionários não se esgota, necessariamente, por um etarismo da “vida adulta” ou “maturidade”. Somos obrigados, portanto, a considerar que apenas a afirmativa geracional não é capaz de responder aos questionamentos que estão sendo postos e desenvolvidos no

²³² PALAMARTCHUK, Ana Paula. Ser intelectual comunista: escritores brasileiros e o comunismo, 1920-1945. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1997, p.86.

²³³ HOBBSAWM, Eric. *Como mudar o mundo: Marx e o marxismo, 1840-2011*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2011. p. 252.

presente capítulo a respeito da magnitude do compromisso intelectual ante a ameaça da destruição da cultura.

A participação dos intelectuais foi decisiva para a legitimação simbólica das suas políticas de combate ao fascismo, ao imperialismo e à guerra. O estudo desse período e, particularmente, a adesão de Brasil Gerson à causa antifascista, nos permitiu compreender a primeira fase de sua militância e a afirmação de suas ações e seu ideário na primeira metade da década de 1930.

3.3 – O exílio no Rio do Prata

Os estudiosos que se dedicaram a investigar as experiências históricas dos fluxos migratórios depararam-se com um fato político específico causado diretamente por motivações políticas: o exílio. Dialogando com as análises de Edward Said sobre a condição do exílio e do exilado, quando o intelectual palestino explica que a realidade do exílio é marcada pela “dor mutiladora da separação” e por uma “fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal”.²³⁴

Deserdados e expulsos de sua morada contra a sua vontade, muitos exilados vivenciaram a expatriação como um tempo de luto, de isolamento, de derrota, com a “desistência” forçada de perspectivas e projetos políticos professados. Outros enfrentaram, no dia-a-dia do exílio, a tão necessária metamorfose do seu pensamento, responsável por transformar e ampliar profundamente os seus horizontes, estabelecendo diversas e intensas experiências, eram homens e mulheres decididos a reinventar-se no exterior para forjar novos projetos que, reforçados pela dor do exílio, tornaram-se por vezes mais incisivos e potentes para recriar seu presente e futuro.

Miglievich nos expõe que vários fatores interferem para a tomada dessas decisões, da vivência do exílio como “derrota” ou “oportunidade”, como por exemplo as

condições materiais de existência, a presença ou não do núcleo familiar, a constituição de uma rede fértil de contatos no exterior, o temperamento daquele que é exilado e de seus mais próximos, suas perspectivas, dentre elas, do fim do exílio, orientarão a forma com que o exilado se relacionará com seu passado, deixado na terra natal e recriará seu presente e futuro.²³⁵

²³⁴ SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46.

²³⁵ MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia Maria. Intelectuais no exílio: onde é a minha casa?. *Dimensões: Revista de História da Ufes*, n. 26, 2011, p. 157.

Este é o paradoxo da experiência do exílio. Inspirado em Adorno, Miglievich corrobora que não podemos “pretender reverter em positividade o infortúnio e a privação das necessidades de deslocamentos humanos maciços na atualidade (...) Também o exilado, ainda que retorne, jamais será o mesmo no seu lar de origem”.²³⁶

Para não ser encarcerado, Brasil Gerson refugiou-se na região do rio do Prata, exilando-se no Uruguai até 1942. Depois de atravessar a fronteira com a Argentina, após uma rápida estadia em Buenos Aires, estabeleceu-se em Montevideú. Na capital uruguaia, casou-se com a professora uruguaia Rosalía Martin. Fruto do seu matrimônio, nasceu a única filha Maria Consuelo Görresen (depois antropóloga pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com mestrado defendido em 1975, sob orientação de Gilberto Velho, intitulada “Escola Intramuros: um estudo sobre ideologia no sistema de ensino”).

É correto afirmar que a vida no exílio abrange múltiplas especificidades causadas pelo desenraizamento. Segundo Denise Rollemberg, muitos exilados se abateram diante do sentimento de desorientação, naufrágio, mas a “crise dos valores que significou, para uns, o fim de um caminho”, para outros, poderia ser também a descoberta de outras possibilidades.²³⁷

Trata-se, portanto, de uma possibilidade mais benigna do exílio? É certo que não. O que implica enfatizar a face da “descoberta” das experiências do exílio? Significa tratá-lo como dado fundamental para mapear e identificar três pontos prioritários para o nosso caso. Primeiro: os fatores que possibilitaram a Brasil Gerson exercer e o papel de intelectual mediador no exílio; em segundo lugar, a forma como ele constituiu sua intervenção política, redes de sociabilidades, relacionamentos e os contatos no período; e, finalmente, o impacto e repercussão do exílio no ofício intelectual de Brasil Gerson.

Sua elaboração é ativada pela experiência do exílio impactou e o impacto no ofício intelectual. A descoberta de novas ruas, prédios, ofícios, vocações, culturas, povos e países força-os a viver a inescapável experiência do desenraizamento, degradante *per se*, o que provoca e motiva o intelectual a estabelecer novos padrões e buscar novos valores, a carregar com obstinação suas tintas, a enfrentar com energia os desestímulos e exercer o seu ofício com a vocação de uma nova perspectiva e modo de ver o mundo.

²³⁶ MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia Maria. Intelectuais no exílio: onde é a minha casa?. Dimensões: Revista de História da Ufes, n. 26, 2011, p. 154.

²³⁷ ROLLEMBERG, Denise. Entre raízes e radares, o exílio brasileiro (1964-1979). In: XI JORNADAS INTERESCUELAS. *Anais...* San Miguel de Tucumán: Departamento de Historia, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Tucumán, 2007. p. 5.

Conforme Said, toda pessoa banida ou impedida de voltar a sua terra natal é um exilado, mas é preciso considerar as particularidades e diferenças nessa própria categoria. Refugiados, imigrantes, expatriados e emigrados. A partir dessas constatações, é preciso considerar as distintas experiências de deslocamentos populacionais. A historiadora Maria Antonia Martins, baseando-se nos estudos de Bruno Groppa, escreve que

A palavra exílio traz uma conotação de banimento. O exílio é um afastamento da pátria para fugir de perseguição, violência, morte ou prisão. Os exilados políticos, segundo Groppa, se caracterizam por um forte vínculo ao país de origem e vontade de continuar lutando contra o regime responsável pelo seu exílio. Eles aspiram o retorno.²³⁸

No caso de Brasil Gerson e dos intelectuais brasileiros refugiados na região do Rio do Prata, o *exílio* se configura como elemento fundamental para a construção de seu papel de intérpretes e mediadores culturais entre intelectuais de diversas nacionalidades, resultando na sua posição no campo da intelectualidade portenha.

Respaladas em estudos a partir das provocações de Said, algumas historiadoras, como Adelia Miglievich, consentem que, sob a condição de exílio, intelectuais ou militantes políticos tendem a traduzir grande parte da sua vida de exilados como parte de um motivo redentor cultivado pela sua subjetividade, de forma a “reconstituir suas vidas rompidas” e “compensar a perda desorientada” do *desterro*.²³⁹ Revela-se, assim, um paradoxo: apesar de ter por fundo o cenário austero do desenraizamento forçado de seres humanos de sua terra, tradições e famílias, há muito a se aprender do ponto de vista da amplitude de ideais, das descobertas, conhecimentos e reinvenções.²⁴⁰

Dessa forma, analisando o vasto espaço existente nas relações dos tempos de exílio, sustentamos como chave de leitura que Brasil Gerson viveu o exílio não apenas como período de desestruturação de sua antiga vida, como foi até certo ponto, mas também como um momento de aprendizado, descobertas e novas afinidades. Seu encontro com a região do Rio do Prata em fins da década de 1930 se deu não por coincidência, mas por abrigar um movimento de escritores fortemente envolvidos com as lutas antifascistas. Esses intelectuais estavam organizados em associações que mesclavam a atuação político-cultural. Por sua vez,

²³⁸ MARTINS, Maria Antonia Dias. Identidade Ibero-americana em revista: Cuadernos Americanos e Cuadernos Hispanoamericanos, 1942-1955. 2012. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012, p. 37.

²³⁹ SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46-60.

²⁴⁰ RANGEL, Livia de Azevedo Silveira. Livia Besouchet e Newton Freitas: mediações políticas e intelectuais entre o Brasil e o Rio da Prata (1938-1950). Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. p. 213.

tais organizações publicavam revistas e outros impressos relevantes à dinâmica cultural da região, verdadeiros marcos à disseminação da luta contra o fascismo.²⁴¹

Ser membro do Partido Comunista, ex-dirigente da Aliança Nacional Libertadora e perseguido político do Estado Novo definiu, de certa forma, o sentido particular do exílio para a militância de Brasil Gerson enquanto intelectual comunista. No caso, a sua militância mais definida direcionou-o ao encontro com diversos contatos facilitados por sua condição de intelectual comunista exilado.

A efervescência cultural em Montevideu marcou a trajetória de exílio de Brasil Gerson, como afirmado anteriormente. Observamos a importância da rede de sociabilidades e contatos na região, que, desde começo da década de 1930, reunia exilados brasileiros,²⁴² desfrutando assim o ex-diretor d'*A Platéa* de uma recepção generosa por seus “companheiros de luta” e uma rede já consolidada, podendo acessar e transitar com certa tranquilidade nos espaços de Montevideu.

Brasil Gerson foi convidado para trabalhar como colunista político no diário uruguaio *La Razón*, continuando seu ofício de jornalista, exercido desde a juventude e interrompido pela saída forçada do seu país natal. As criações de redes de solidariedade foi fundamental para a sobrevivência de muitos deles por meio da indicação de trabalhos, e a retomada e ampliação de suas atividades intelectuais e culturais.

A partir de fontes secundárias, é possível constatar que o diário *La Razón* envolveu-se nas campanhas a favor da libertação de Prestes e publicou em suas páginas telegramas escritos por Luís Carlos Prestes. Acolheu também colaborações de Jorge Amado e realizou diversas entrevistas com Carlos da Costa Leite, representante do grupo de comunistas exilados no Prata, participante da ANL e da luta republicana espanhola.²⁴³ Nesse contexto, é possível perceber a importância das redes de solidariedade para com os exilados estrangeiros, possibilitando desenvolver e ampliar as suas práticas intelectuais. Por essa razão, assim que chegou ao Uruguai, Brasil Gerson contactou a AIAPE e tornou-se um associado, recebendo ajuda material da entidade.

Aos 35 anos, já reconhecido por sua notoriedade intelectual, acumulada a sua bagagem cultural e política, Brasil Gerson teve a sua acolhida noticiada na edição extraordinária de outubro-dezembro de 1939 do órgão da “agrupación de intelectuales,

²⁴¹ OLIVEIRA, Angela Meirelles. Exilados brasileiros nos países do Prata: mediações e luta antifascista (1933-1939). Revista Eletrônica da ANPHLAC, n.19, 2015, p. 36.

²⁴² AGUIAR, Josélia. *Jorge Amado: uma Biografia*. São Paulo: Editora Todavia, 2018. p.72.

²⁴³ FERNÁNDEZ, Jorge Christian. História e memória de um exílio esquecido: os militares de esquerda brasileiros na Argentina e Uruguai, 1936-1942. *Historia, voces y memoria*, n. 8, 2015. p. 32.

artistas, periodistas y escritores (sección uruguaya)”. Localizamos o seu nome na 8ª página do boletim na relação “Nuevos socios fortifican la existencia de A.I.A.P.E.” seguido de 32 nomes com suas respectivas profissão: escritores, jornalistas, estudantes, professores, músicos, compositores, cartunistas, pintores, artistas plásticos e a pontual presença de um médico e um contador público. Brasil Gerson é mencionado e identificado como um dos “periodistas” recém-ingressos. Junto a ele, ingressaram na AIAPE os seguintes nomes: Sylvia Mainero (pintora); Antonio A. Sosa (jornalista); Carlos M. Perello (jornalista); José E. Bravo (pintor); Alfredo de Simone (pintor); Diamante Vigano (estudante); Wilfredo Jiménez (jornalista); Nepomuceno Correa (jornalista); Haydée Buschera (maestra); Nilly Marchand (pintor); Antonio M. Ubillos (contador publico); Raul Gavagnin (estudante); S. Paganini (cartunista); Juanita Garcia de Haedo (professora); José A. Castro (músico); Adolfo Pastor (pintor); Elsa Carafi de Marchand (artista plástica); Juarez Lamarque (músico e compositor); Lydia Lamarque (estudante); Uruguay González Poggi (professor); Manuel García Puertas (estudante); Francisco L. Toledo (escritor); Victor H. Bertullo (estudante); Juan Liace (músico); Dr. Juan F. Pazos (médico); S. Norberto Barbot (artista plástico); Brasil Gerson (jornalista); Alejandro Etchart (artista plástico); Alcides Astiazarán (estudante)); e Arturo Astiazarán (contador público).²⁴⁴

A partir dessa notória constatação, procuramos identificar a presença de Brasil Gerson no cenário intelectual portenho e o universo de sujeitos, ideias e associações com as quais manteve contatos e compromissos. Fosse na imprensa, no teatro, cinema, exposições, bares e cafés, o intelectual catarinense passou a desenvolver no exílio uma atividade voltada à interpretação e mediação cultural entre o Brasil, Uruguai e Argentina entre finais da década de 1930 e começo dos anos 1940. A moradia de Brasil Gerson em Montevidéu e suas passagens por Buenos Aires o inspirariam, por muitos anos, a escrever sobre o intercâmbio político-intelectual e trocas culturais entre o Brasil e a América Latina.

No Uruguai, ficou cerca de quatro anos, escreveu vários textos sobre Luiz Carlos Prestes, a campanha de libertação dos presos políticos e sobre a realidade brasileira na imprensa uruguaia, participou de exposições de artes plásticas, filmagens de longas metragens e foi convidado para participar de conferências, palestras e debates públicos.

Desde a sua fundação em 1921, o Partido Comunista Uruguaio funcionou legalmente no país, editando o jornal *Justicia*, e, a partir de 1930, manteve a representação do

²⁴⁴ AIAPE, por la defensa de la cultura. N° 29, outubro/novembro de 1939. Montevidéu.

Secretariado Sul-Americano da Internacional Comunista.²⁴⁵ Os observadores e agentes da repressão definiram nas suas listagens a cidade de Montevideu como a “capital do bolchevismo na América do Sul”²⁴⁶ pelo intenso trânsito de pessoas, jornais, revistas e documentos políticos e o relativo clima de liberdade política pós-1935, muito embora simultâneo aos anos de convívio da ditadura de Gabriel Terra.

Segundo depoimento do dirigente comunista Roberto Morena, sua ação em Montevideu se deu junto à seção sindical do PC Uruguaio e, segundo o seu depoimento, o “pessoal ia para o Uruguai, ali eram todos legais, a polícia pegava e fichava. Parecia nada, mas era muito, porque assim fizeram os melhores arquivos policiais da América Latina”.²⁴⁷

Angela Meirelles recuperou parcialmente a lista de “exilados comunistas” no Uruguai produzida pelas forças de repressão supranacional, citando os nomes de Roberto Sisson; Carlos da Costa Leite; José Gay da Cunha; Antonio Bento Monteiro Tourinho; Carlos B. França; Walter, B. Silva; José Correia de Sá; David Capistrano; Jorge Amado; Pedro Motta Lima; Brasil Gerson; Ivan Martins; Luiz Cuneo; Abelardo Araujo; Vivaldo Vanjão; Telmo França; Armando Cunha; José Oliveira Andrade; Manoel Palheiro; H. Chester; Michel Reicher; Alberto Soriano Thebas; W. Feldman; Mary Mércio; Rosa Meireles; e Gilberto Tourinho. Nessa lista estão os exilados comunistas ligados ao PCB, oficiais militares e civis participantes do levante de 1935, os participantes da ANL, conhecidos popularmente no exílio como os “nacionais libertadores do Prata” ligados ou não ao partido,²⁴⁸ como foi o caso de Newton Freitas e Lídia Besouchet, exilados no Uruguai e depois na Argentina, afastados oficialmente das atividades do Partido Comunista após sua instalação no exílio.²⁴⁹

Envolvido na política e no universo cultural da região do Prata, Brasil Gerson gozou de um intenso contato com escritores, artistas e personalidades políticas de diversas nacionalidades da América Latina e Europa. Compreendemos que o adensamento intelectual impactou o roteiro de sua vida e de seus projetos durante o exílio e pós-exílio.

Entre as suas colaborações na imprensa partidária, escreveu para *Justicia*, órgão central do Partido Comunista Uruguaio e para *La Vanguardia*, dos socialistas argentinos. No

²⁴⁵ NEPOMUCENO, Maria Margarida Cintra. A missão cultural brasileira no Uruguai: a construção de um modelo de diplomacia cultural do Brasil na América Latina (1930-1945). Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2015. p. 141.

²⁴⁶ OLIVEIRA, Angela Meirelles. Exilados brasileiros nos países do Prata: mediações e luta antifascista (1933-1939). Revista Eletrônica da ANPHLAC, n.19, 2015, p. 28.

²⁴⁷ MORENA, Roberto. Morena por ele mesmo. *Memória & História*, vol. 3. São Paulo, 1987 p. 79.

²⁴⁸ AGUIAR, Josélia. *Jorge Amado: uma Biografia*. São Paulo: Editora Todavia, 2018. p.72-73.

²⁴⁹ RANGEL, Lívia de Azevedo Silveira. Lídia Besouchet e Newton Freitas: mediações políticas e intelectuais entre o Brasil e o Rio da Prata (1938-1950). Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. p. 131.

entanto, pela dificuldade para consultar essas fontes, não disponibilizadas virtualmente, não foi possível analisar e consultar os conteúdos dos seus escritos nesta pesquisa, restando-nos a análise de sua participação nessa publicação pelo contato com esparsas fontes secundárias. Contudo, é certo que, em seu exílio, permaneceu em contato e correspondência com outros intelectuais latino-americanos, principalmente uruguaios e argentinos.

Em 1939, pouco tempo após ter se mudado para Montevidéu, Brasil Gerson participou de uma exposição de livros organizada pelo embaixador brasileiro no Uruguai, o diplomata Batista Luzardo. Na exposição, foram exibidos documentários cinematográficos sobre a realidade brasileira, apresentando índices populacionais, industriais, entre outros. Brasil Gerson recorda a surpresa de alguns dos espectadores próximos a ele, lembrando, anos depois, o comentário de um uruguaio que o marcou profundamente: “Que estranho! No me imaginaba que el Brasil tuviese una población tan grande como Francia...”²⁵⁰

Para ele, versado sobre a temática na imprensa uruguaia, em meados de 1942, o desconhecimento da história, cultura e política brasileiras estendia-se não só ao Uruguai, mas à totalidade da América Latina. Relação esta mantida reciprocamente pelo desconhecimento dos brasileiros no que se refere aos demais povos continentais. Nesse sentido, é nesse quadro que compreendemos a criação da coluna *Através das Américas*, em maio de 1945, analisada no próximo capítulo, objetivando a comunicação, intercâmbio intelectual e o desenvolvimento de atividades voltadas ao conhecimento do Brasil face à realidade da América Latina.

O retorno ao seu país e a conquista da democracia em um regime constitucional permaneceu uma questão vital para os expatriados que sofriam com a perseguição do governo varguista. Em agosto de 1939, Brasil Gerson redigiu a carta “Os jornalistas brasileiros exilados pedem clemência” endereçada ao ministro Fernando Costa, “pedindo que lhes fosse concedido, por Vargas, o perdão judicial, o que foi negado”.²⁵¹

No final do mês de agosto de 1939, após a declaração do pacto de não agressão entre a União Soviética e a Alemanha nazista, o tradicional diário socialista argentino *La Vanguardia* convidou Brasil Gerson, Rómulo Bogliolo, Liborio Justo, Alfredo López, Dardo Cúneo, Pedro Chiaranti, José Campos e Narciso Márquez para um “debate livre” acerca do recente tratado. Sobre o debate, um exemplo do papel positivo atribuído por Brasil Gerson ao pacto germano-soviético encontra-se na análise de Andrés Bisso, quando escreve que

²⁵⁰ MARCHA, Nº 151, 21/08/2024. Montevidéu.

²⁵¹ OLIVEIRA, Ângela Meirelles. Palavras como bala. Imprensa e intelectuais antifascistas no cone sul (1933-1939). Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 164.

En América, la posición de la Unión Soviética también sería alabada por algunos, como el brasileño Brasil Gerson, por ser una muestra de “antifascismo estratégico”, ya que el Pacto, “que no hay que confundir un pacto de no agresión con una alianza” era “una gran e indiscutible victoria de la Unión Soviética contra los enemigos del pueblo trabajador y de los países semicoloniales, como los de Sudamérica: contra el imperialismo tradicional de la City y de las doscientas familias francesas”.²⁵²

Destaquem-se, no trecho, as referências ao “antifascismo estratégico” da URSS e à disputa em torno dos “verdadeiros” antifascistas para aqueles que somente a reivindicavam. O sentido da fala de Brasil Gerson, nesse momento, se coadunou ao pensamento dos comunistas depois do pacto de não agressão, os quais seguiram com sua estratégia de combater tanto o “fascismo totalitário” como o “fascismo democrático”, seguindo “a linha de interpretação da IC, que entendia a guerra como uma disputa entre países imperialistas”.²⁵³

Em meados de 1941, sob a supervisão de Jorge Amado, o escritor baiano apresentou à editora Globo uma proposta de tradução de títulos junto aos seus colegas e camaradas de partido Pedro Motta Lima e Brasil Gerson. Para convencer os editores, Jorge Amado argumentou sobre a situação: “É claro que os três precisamos ganhar dinheiro para viver (...) Eu sou mau tradutor mas os dois são excelentes. Traduções seriam de Motta Lima e Gerson, meu nome apenas para assinar”.²⁵⁴ A proposta feita à Editora Globo não prosperou.

Conseguimos constatar o frequente trânsito de Brasil Gerson entre Montevideu e Buenos Aires, convivendo com múltiplos personagens da vida cultural platense. Em 1941, o convite para assistir às filmagens de *La tierra en armas*, em Salta, no norte da Argentina, foi decisivo para Brasil Gerson. O filme não foi lançado, porém, deixou Brasil Gerson fascinado pela potencialidade de narrar a épica nacional em formação. A obra, baseada em uma peça, de 1926, de Juan Carlos Dávalos, neto do general Güemes, com protagonismo do herói independentista, teve o roteiro de Ulyses Petit de Murat e Homero Manzi, e dirigido por Mario Soffici.²⁵⁵

O governo brasileiro, disposto a manter o seu monitoramento sobre os opositores políticos, dispôs de vários recursos, entre eles a cooperação com o governo uruguaio, para manter uma forte vigilância no Uruguai, a tal ponto que a “vigilância de Vargas aos

²⁵² BISSO, Andrés. El antifascismo latinoamericano: usos locales y continentales de un discurso europeo. *Asian Journal of Latin American Studies*. Seul, v. 13, n. 2, 2000. p.5.

²⁵³ OLIVEIRA, Ângela Meirelles. Palavras como bala. Imprensa e intelectuais antifascistas no cone sul (1933-1939). Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 92.

²⁵⁴ AGUIAR, Josélia. *Jorge Amado: uma Biografia*. São Paulo: Editora Todavia, 2018. p.72.

²⁵⁵ ANTELO, Raul. Doce de abóbra dá chumbo para canhão: Brasil Gerson. *Cadernos de Literatura Comparada*, n. 46, 2022. p. 30-31.

conspiradores afetou os exilados de um modo geral, que raramente se deslocavam de um lugar para outro sem que o governo brasileiro tomasse conhecimento, tal era o nível de infiltração do serviço de espionagem do Brasil em território Uruguai”.²⁵⁶

Segundo a historiadora Livia Rangel, existem duas fases no exílio do Rio do Prata. O primeiro, de 1937 a 1940/1941, resultou na concentração das atividades de muitos dos brasileiros exilados na cidade de Montevideu, como foco de resistência combativa ao regime de Vargas. Esse cenário começa a mudar no início dos anos 1940, dada a aplicação de rigorosas leis uruguaias de restrições à “liberdade de associação e organização entre os estrangeiros” e o policiamento de grupos que “declarassem disposições antidemocráticas ou que sinalizasse qualquer ensejo de ação contra os países de origem, especialmente se se tratassem de países vizinhos, como era o caso do Brasil”.²⁵⁷ Diante disso, os brasileiros exilados partiram para a cidade de Buenos Aires.

Já instalados na capital portenha, a segunda fase do exílio no Prata coincidiu com a formação de um novo bloco de alianças heterogêneas, com a chegada de Armando de Sales Oliveira, ex-governador paulista e um dos candidatos à Presidência da República na eleição de 1937, e seu cunhado Júlio de Mesquita Filho, diretor de *O Estado de S. Paulo*, um dos vários jornais confiscados pelo governo de Getúlio Vargas.²⁵⁸ Brasil Gerson transita pelas ruas da capital argentina, porém, permanece residindo em Montevideu, possivelmente devido ao seu matrimônio.

Com esses representantes liberais, vindos do seu primeiro exílio na França, estavam os comunistas que já vinham desenvolvendo suas atividades no Uruguai, além dos tenentes chegados da guerra civil na Espanha e lideranças do Partido Comunista Argentino, como Vittorio Codovilla e Rodolfo Ghioldi, este último recém-liberto dasarceragens getulistas pela participação na revolta de 1935.²⁵⁹ Segundo Livia Rangel, participaram do grupo diversos nomes já sublinhados anteriormente, entre eles:

os militares Dinarte da Silveira, Eliézer Magalhães, Delcy Silveira, Celso Tovar Bicudo de Castro, Paulo Machado Carrion, Alcedo Cavalcanti, Roberto Sisson, José Gay da Cunha e Carlos da Costa Leite, que vindos da Espanha desembarcaram na Argentina com o propósito de planejar a entrada ilegal no Brasil. Entre os civis,

²⁵⁶ RANGEL, Livia de Azevedo Silveira. Lídia Besouchet e Newton Freitas: mediações políticas e intelectuais entre o Brasil e o Rio da Prata (1938-1950). Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. p. 162.

²⁵⁷ RANGEL, Livia de Azevedo Silveira. Lídia Besouchet e Newton Freitas: mediações políticas e intelectuais entre o Brasil e o Rio da Prata (1938-1950). Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. p. 163.

²⁵⁸ AGUIAR, Josélia. *Jorge Amado: uma Biografia*. São Paulo: Editora Todavia, 2018. p.73.

²⁵⁹ RANGEL, Livia de Azevedo Silveira. Lídia Besouchet e Newton Freitas: mediações políticas e intelectuais entre o Brasil e o Rio da Prata (1938-1950). Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. p. 163.

podemos citar os comunistas Pedro Motta Lima, Tomas Pompeu Acciolly Borges, Jorge Amado, Fernando de Lacerda, Brasil Gerson, Ivan Pedro de Martins, Mary Mercio e Rosa Meirelles, esposa do Major Costa Leite, cuja casa em Buenos Aires tornou-se referência de encontro entre os exilados comunistas, aliancistas e liberais que trabalhavam contra Vargas e pelo retorno das liberdades individuais e políticas no Brasil.

Na experiência moderna do exílio, sem saber quando se dará o retorno ao país de origem, impõe-se aos exilados a necessidade de reconstituir sua vida rompida pelo desterro e daí a busca por preferir “ver a si mesmos como parte de uma ideologia triunfante ou de um povo restaurado”.²⁶⁰ Brasil Gerson, organizado junto a outros intelectuais em movimentos e associações, compõe e dissemina imagens e narrativas sobre a sua terra natal, o Brasil. Com a entrada em cena de novos sujeitos, responsáveis por compor e pressionar o campo intelectual portenho, por seu turno, serão responsáveis por conseguir atribuir determinados valores e fazer valer suas ideias nos canais de comunicação, especialmente na imprensa.

O conceito de “mediador cultural” mostra-se operacional para pensar as práticas e representações entrelaçadas a essa problemática. Por um lado, intelectuais, escritores, artistas e jornalistas produziram toda uma carga de representação que se prestava à afirmação do triunfo da “pátria” e à retórica do pertencimento, de marcos históricos e geográficos, heróis e inimigos oficiais, o passado glorioso da nação e dos seus processos de emancipação, ou seja, a construção de uma tradição inventada, como cunhou Eric Hobsbawm. É preciso, também, compreender como esses sujeitos reunidos em partidos, jornais e associações exerceram seu papel de produtores e mediadores de interpretação da realidade social no exílio, entendendo-os como dotados de grande valor simbólico e político.²⁶¹

A função de contar a história do seu país, desconhecida pela população local, articula a própria experiência no exílio a partir de referências importantes a serem ditas e dar significado à vida social para a comunidade cultural formada a partir dos eventos narrados, como o exílio, as campanhas nacionais libertadoras e a luta contra o fascismo. Não é casual, portanto, que os textos de Brasil Gerson publicados no semanário *Marcha* voltem-se para aproximar os leitores da realidade brasileira, de seus patronos e eventos fundadores. A sua primeira participação na revista ocorreu na publicação do número 142, em junho de 1942. Intitulado “Los Tenientes en la política brasileña”, o texto ocupou a página 15 da revista, acompanhado de uma nota do corpo editorial explicando a importância da temática:

²⁶⁰ SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 49.

²⁶¹ GOMES, Ângela de Castro. A biblioteca de Viriato Corrêa: incursões sobre a leitura e a escrita de um intelectual brasileiro. In: Dutra, Eliana Freitas (org.) *O Brasil em dois tempos: História, pensamento social e tempo presente*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 144.

El Brasil es un país lleno de incógnitas. Tantas como sus posibilidades. Esta página de B. Gerson, escrita especialmente para MARCHA, pone de revielle algunos aspectos de la política del grans país de norte, cuyo interés no dejará de ser apreciado por nuestros lectores.²⁶²

Um dos fatores relevantes a serem considerados na análise das suas colaborações é a forma como explorou as diferenças e particularidades da política brasileira, reafirmando a “tradição popular do exército brasileiro”, chancelada por Prestes e considerada pelo jornalista como “fiel” ao verdadeiro caminho da “política do progresso e liberdade”, herdada pela influência de Benjamin Constant, Floriano Peixoto e Siqueira Campos na *inteligência*, nas escolas militares e nos quartéis do exército.²⁶³ O texto disserta acerca da forte intervenção dos militares tenentistas na cena política nacional. Refletia, a despeito disso, sobre os valores humanistas do exército e a sua deliberada aproximação com o povo, relação única na América do Sul. Esse contato estreito, escreve Brasil Gerson, permitiu imprimir valores republicanos aos militares brasileiros, arrastando o país com a revolta dos 18 do Forte de Copacabana, a Coluna Prestes e a experiência tenentista entre as décadas de 1920 a 1930.

Na revista *Marcha*, de Montevideú, Brasil Gerson teve a oportunidade de escrever novamente em 21 de agosto, sobre o recente ataque nazista de submarinos contra frotas de navios brasileiros, na semana anterior. Nessa conjuntura, escreve o artigo *El Brasil de hoy e de mañana*, dedicado a discutir três tópicos: a recente entrada do Brasil no conflito ao lado das Nações Unidas; a relação entre o povo e o exército no Brasil; e o desconhecimento dos uruguaios e latino-americanos sobre a realidade brasileira. Essas discussões do jornalista exilado obedeciam a uma certa voga do momento, como o projeto de “união nacional” contra o nazifascismo preconizado pelos partidos comunistas, diante do perigo iminente da vitória da guerra pelas forças do Eixo. Os pontos em comum dos dois textos são os debates em torno da valorização da história, política e cultura brasileira como impulso para a manutenção da democracia na América, assim como a defesa de Luís Carlos Prestes e da linha política de união nacional contra o nazifascismo, formulada desde meados de 1937 pela direção nacional do PCB, que encontrou maior ressonância com o alinhamento do Brasil às Nações Unidas, em 1942.

Nas trajetórias de vida intelectual e política de indivíduos identificados com o comunismo, a avidez da sua escrita perpassa não só a busca pela solução dos problemas sociais e econômicos do país, como também tais textos transmitem uma determinada maneira

²⁶² MARCHA, N° 143, 26/06/1942. Montevideú.

²⁶³ FERNÁNDEZ, Jorge Christian. História e memória de um exílio esquecido: os militares de esquerda brasileiros na Argentina e Uruguai, 1936-1942. *Historia, voces y memoria*, n. 8, 2015. p. 32.

de entender e exercitar a luta política.²⁶⁴ Há anos, os comunistas pautavam e pressionavam a entrada do Brasil na guerra ao lado dos Aliados e agitavam as palavras de ordem pelo estabelecimento de uma frente antifascista em torno do governo federal e da possibilidade de reconciliação dos comunistas na vida pública brasileira.

As semanas que se seguiram ao exílio do Prata, após a declaração de guerra do governo brasileiro, foram de discussões profundas e de alta magnitude. Os círculos de exilados brasileiros e os opositoristas locais discutiram sobre as estratégias e ações a serem adotadas diante do acirramento da guerra no contexto brasileiro que continuava sob vigência do regime autoritário do Estado Novo.

A declaração de guerra demonstrava a possibilidade do diálogo e o apoio à política de guerra do Governo por parte da direção e militantes do PCB. Assim, Brasil Gerson, Jorge Amado, Pedro Motta Lima, Roberto Morena e demais comunistas no exílio retornam ao Brasil em 8 de setembro de 1942, julgando ser o momento propício para voltar a sua terra natal, visando contribuir nos esforços de guerra do governo brasileiro, em nome da posição de “união nacional em torno de Vargas para a defesa do Brasil”.²⁶⁵

A campanha promovida pelo Partido Comunista tinha como causa central restaurar a democracia no Brasil. Conscientes dos riscos envolvendo o desembarque no território brasileiro, após o seu retorno a maioria deles foram presos e encarcerados para cumprir os mandados judiciais pendentes desde a segunda metade dos anos 1930.²⁶⁶ Alguns destes, como Brasil Gerson, foram libertados em meados de 1943, após cumprir a pena de um ano e três meses na prisão, enquanto o restante de militantes, intelectuais e militares amarguraram na cadeia até a Anistia decretada pelo governo, no início de 1945.

A partir dessas constatações, a investigação histórica se volta a refletir sobre as funções desempenhadas por Brasil Gerson no Prata como intelectual comunista, exercendo papel de intérprete e mediador cultural voltado à divulgação, diálogo e valorização da história, política e literatura brasileiras como parte do universo latino-americano.

Os dois primeiros capítulos aqui apresentados são necessários para dar conta do tema central da dissertação, a investigação sobre o projeto editorial intitulado *Através das Américas*, redigido diariamente pelo intelectual sumariamente investigado nos tópicos anteriores, imprescindível para uma pesquisa que busque compreender sua trajetória e vida.

²⁶⁴ MARTINEZ, Paulo Henrique. *A dinâmica de um pensador crítico: Caio Prado Jr. (1928-1935)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2008, p. 250.

²⁶⁵ PRESTES, Anita Leocádia. *Da insurreição armada (1935) à união nacional (1938-1945): a virada tática na política do PCB*. São Paulo: Paz e Terra, 2001. p. 87.

²⁶⁶ FERNÁNDEZ, Jorge Christian. *História e memória de um exílio esquecido: os militares de esquerda brasileiros na Argentina e Uruguai, 1936-1942*. Historia, voces y memoria, n. 8, 2015.

Recorri aos textos memorialísticos e depoimentos de Rubem Braga, Tito Batini e Hilton Görresen, e as produções de Angela Meirelles, Livia Rangel, Ana Paula Palamartchuk, Rodrigo Tavares, José Christian Fernandez e Andrés Bisso para reconstruir em linhas gerais o clima cultural vivido por Brasil Gerson e a sua relação com as ideias reinantes e debates na década de 1930 e princípios dos 1940.

Destrinchada sua experiência e trajetória político-cultural, acreditamos que o tema da América Latina a ser explorado na coluna *Através das Américas*, assinada por Brasil Gerson, é parte de um projeto de cooperação, intercâmbio e diálogo intelectual entre o Brasil e o continente americano, sustentada pelo seu incômodo com o “desconhecimento mútuo” desde a chegada ao Rio do Prata.

Como pontuou Miglievich, o exilado, ainda que retornasse para a sua casa e lar de origem, jamais seria o mesmo. Fundamentada nessas reflexões, o impacto da fértil rede de contatos que constituiu no exterior se converteu, como não raro aconteceu, no caso de Brasil Gerson e as reflexões animadas na coluna *Através das Américas*, fundamentais para conferir validade aos seus escritos no principal órgão de massas do PCB durante os seus anos de legalidade partidária.

4 “ATRAVÉS DAS AMÉRICAS”: A SEÇÃO CONTINENTAL DA TRIBUNA POPULAR

4.1 - Junho de 1945, o Estatuto dos partidos políticos

O fascismo, como se vê, é lógico consigo mesmo onde quer que atue: quer sempre o retorno ao passado, o obscurantismo de fundo medieval.²⁶⁷

Fevereiro de 1946. Nas ruas de Buenos Aires, em torno das mesas dos cafés, Brasil Gerson saboreia a roda de discussão sobre o futuro presidente da Argentina: Juan Domingo Perón. Registra, em uma reportagem sua, o bate-papo e o “ardor apaixonado” dos transeuntes na véspera das eleições, à sombra das cadeiras confortáveis dos cafés portenhos.

O iminente pleito argentino de 1946 foi primorosamente elencado e incorporado por Brasil Gerson como objeto de discussão durante a circulação de *Através das Américas*, com o registro de suas impressões do ambiente da capital Buenos Aires e da região do Prata. A partir da análise das fontes primárias, identificamos a redemocratização da Argentina como um motivo de profunda preocupação para o escritor, evidenciada em seu esforço editorial de acompanhar de perto os assuntos do país vizinho.

Edelmiro Julián Farrell assumiu a presidência da Argentina em fevereiro de 1944. No início do seu mandato, Juan Domingo Perón foi nomeado Ministro da Guerra e, em julho, assumiu a vice-presidência do país. Contextualizando a ordenação política na República Argentina de então, em junho de 1945, com aproximadamente um ano do governo Farrell-Perón, nos deparamos com a primeira notícia sobre a Argentina, publicada na terceira edição de *Através das Américas*, sob o título *O Estatuto dos Partidos Argentinos*.

Acompanhamos pela leitura da coluna a progressiva pressão pelo retorno das eleições livres, garantia das liberdades democráticas, direito à livre associação e o respeito à Constituição de 1853. Pressionado por todos os lados, dentro e fora do país, o governo Farrell-Perón e o Grupo de Oficiais Unidos²⁶⁸ se viram na obrigação de convocar eleições a serem conduzidas pelo próprio governo, com previsão para o primeiro quadrimestre de 1946.

Nesse contexto, está a preparação e implementação da lei do Estatuto dos Partidos, organizado por uma comissão de juristas, que visava, entre outras medidas, garantir uma

²⁶⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 23A 16/06/1945. Rio de Janeiro.

²⁶⁸ O golpe de 1943 é responsável por levar os oficiais do GOU, de tendência militar, nacionalista e de certos componentes influenciados ideologicamente pelos governos do Eixo, ao poder, alijando e dissolvendo todos os partidos políticos do país.

maior transparência na atuação eleitoral das agremiações e seus respectivos candidatos. A redação do Estatuto dos partidos argentinos foi elaborado, segundo o colunista, “às vistas desses militares da extrema direita que consideram a política (...) e a vida partidária um mal para as nações”.²⁶⁹ A finalidade do Estatuto, segundo a cúpula governamental, era impedir que as eleições continuassem sendo fraudadas sistematicamente²⁷⁰. O período aberto com o vitorioso golpe de 1930, pelos conservadores, foi consagrado pela historiografia como a “Década Infame” (1930-1943), enfatizando a característica de descredibilidade do sistema democrático até a deterioração do governo de Castillo, deposto pelo golpe militar do GOU. Entretanto, alguns enxergam o Estatuto como uma manobra do governo,

um código que é como uma camisa de força, um código que permite a justiça eleitoral nomeada pela ditadura militar introduzir-se na vida dos partidos que nem sogra impertinente nos detalhes mais íntimos da vida de um casal. Tudo é fiscalizado, vasculhado, nem um passo pode ser dado sem a aprovação dos fiscais públicos.²⁷¹

Por conseguinte, a criação e divulgação do novo estatuto deu-se no clima de instabilidade da ditadura militar argentina. O governo portenho lançou mão do Estatuto Orgânico dos Partidos, que previa a regulação dos partidos políticos, considerando as normas exigidas pelo governo. A criação do Estatuto Orgânico dos Partidos deu-se sob o pretexto de salvar a Lei Sáenz Peña, instituída no começo do século, em 1912. A lei eleitoral argentina ficou conhecida popularmente pelo nome do presidente que a promulgou, o radical Sáenz Peña, garantindo o voto secreto em 1916. Segundo Brasil Gerson, os pleitos eleitorais ficaram famosos pelas

eleições fraudulentas, graças à intervenção policial, nas regiões típicas da pecuária extensiva e, portanto, politicamente atrasadas. E isso se transformou na grande arma demagógica da direita fascizante. “Vejam que espetáculo. E o mal do país entregue a partidos políticos e aos partidos!” – Viviam eles dizendo.²⁷²

Desde os tempos de Sáenz Peña, os argentinos reconheciam a ocorrência de fraudes eleitorais no período posterior ao sufrágio universal masculino. Com efeito, sob o signo de condenar o sistema fraudulento, a política eleitoral a ser imposta pelo governo militar deveria garantir o transcorrer de eleições limpas nos centros urbanos, como era de costume, e, sobretudo nos interiores das províncias, zonas dominadas pelos latifúndios e oligarquias, marcado pelo processo generalizado, aberto e recorrente de fraudes eleitorais.

²⁶⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 15, 07/06/1945. Rio de Janeiro.

²⁷⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 64, 03/08/1945. Rio de Janeiro.

²⁷¹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 15, 07/06/1945. Rio de Janeiro.

²⁷² TRIBUNA POPULAR, Ed. 15, 07/06/1945. Rio de Janeiro.

Prevista para entrar em vigor em 1º de agosto de 1945, a lei foi objeto de diversas discussões na coluna. Até lá, o personagem que mereceu maior destaque em *Através das Américas* foi Rodolfo Morena, ex-governador da província de Buenos Aires e líder da “ala renovadora” do Partido Democrata-Nacional²⁷³. O nome e a biografia do dirigente conservador foram positivados em várias edições. Sobre a trajetória do Partido Democrata-Progressista (Conservador), *La Prensa* escreveu a seguinte apreciação, traduzida por Brasil Gerson: “é uma grande força que dominou o país durante 15 anos, especialmente na província de Buenos Aires representa um grande setor e esta força lutou e quer lutar contra o peronismo”.²⁷⁴

Em Montevideú, Brasil Gerson conheceu-o pessoalmente em algum momento entre os anos de 1943 a 1945. O encontro foi intermediado por Rodolfo Ghioldi, dirigente do PCA. Nesta ocasião, junto a Ghioldi e Morena, conversaram sobre arte, poesia e a política dos dois países. Em sua coluna, Brasil Gerson descreve a história familiar de Morena, filho de mãe brasileira paranaense e pai argentino, “quase um brasileiro também” que “nunca deixou de lado” o idioma da sua mãe, ensinado aos filhos.²⁷⁵

O biografado confessou a Brasil Gerson que os primeiros versos que leu em La Plata foram do poeta brasileiro Gonçalves Dias.²⁷⁶ Recém-exilado em Montevideú, depois do golpe militar de 1943 na Argentina, a “sua condição de aristocrata e conservador não o impediu de batalhar no exílio pela unidade dos partidos argentinos” e de trabalhar depois, nos comitês mistos de exilados, ombro a ombro com radicais como Rodriguez Araya, comunistas e socialistas como Rodolfo Ghioldi e Hector Agosti.²⁷⁷

A origem social do entrevistado, definidora de muitas perspectivas sociais, não foi um entrave entre os dois homens. Acreditamos que o encontro com o dirigente conservador pode ter exercido forte fascínio no comunista brasileiro, ou, pelo menos, serviu para legitimar suas posições políticas do momento. Ressalte-se que operação similar, do elogio de nomes e biografias de homens e mulheres da aristocracia conservadora argentina, seria retomada em diversos outros momentos.

Dessa forma, a entrevista concedida por Rodolfo Morena a *El País*, de Montevideú, não passou despercebido aos olhos e leitura do jornalista brasileiro. A edição de 13 de junho de 1945 teve como título *Rodolfo Morena comenta o estatuto*. Nele, Rodolfo Morena, “amigo

²⁷³ TRIBUNA POPULAR, Ed. 68, 08/08/1945. Rio de Janeiro.

²⁷⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 188, 29/12/1945. Rio de Janeiro.

²⁷⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 19, 12/06/1945. Rio de Janeiro.

²⁷⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 19, 12/06/1945. Rio de Janeiro.

²⁷⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 19, 12/06/1945. Rio de Janeiro.

e confidente do escritor e cônsul Aluizio de Azevedo no fim de sua vida” argumenta que o Estatuto decretado pelo governo Farrell-Perón não se destina, precisamente, a fazer com que o país volte a normalidade constitucional e, no seu entender, representa “nada mais que um expediente, graças ao qual se pretende ‘legalizar’, para efeito exterior, essa longa espera à que a nação vai ser ainda submetida”.²⁷⁸ Na mesma edição, está expresso o perigo do estabelecimento da nova medida:

o “estatuto” constitui o maior atentado até agora perpetrado na Argentina, na vigência da constituição “não revogada” de 1853. Porque de uma só penada o general Farrell e coronel Perón reformaram e mutilaram a “Ley Sáenz Peña”, que é o código eleitoral argentino. O código penal, o código de processo e a própria constituição, ao proibirem que homens de tais ou quais ideias (os comunistas, por exemplo) tomem parte na vida política nacional.²⁷⁹

A tensão posta na Argentina estava particularmente alta, porque como seria possível tratar da reorganização dos partidos “nas condições atuais”, com as prisões lotadas de presos políticos, com tantas lideranças políticas perseguidas ou exiladas? indagava o jornalista. E não só, o Estatuto “manda que se comece tudo de novo, isto é, não reconhece o direito natural dos partidos que já existiam e foram suprimidos²⁸⁰”.

Os sucessivos desencontros e desconfianças da prática política do governo em relação às reivindicações democráticas levaram ao registro da nota publicada na imprensa pelo Ministro do Interior da Argentina. Com efeito, Alberto Tesaie, falando em nome do governo, diz que não “deseja para a nossa pátria extremismo algum, nem de direita, nem de esquerda, que significam negação do valor humano e destruição dos fundamentos orgânicos da nação”. Em sua coluna, referindo-se à “exposição de motivos” da nota oficial do Ministro, Brasil Gerson diz ser claro o intuito contrário à legalização do Partido Comunista. Em trecho reproduzido da nota oficial, o comunismo é denominado como uma “ideologia exótica”²⁸¹.

Concomitantemente, o governo ressalta o caráter da reforma eleitoral, sob pretexto de salvar a Lei Sáenz Peña, enquanto o líder conservador enfatiza a mutilação do código eleitoral argentino, tentando mostrar, com isso, que se tratava de uma séria violação perpetrada pelos militares. As divergências em torno do decreto dos partidos políticos argentinos, entendido majoritariamente como uma tentativa por parte da “ditadura militar” de “desmoralizar” e “liquidar os grandes partidos democráticos”,²⁸² ganharam grande destaque nas colunas durante todo o mês de junho e julho de 1945. A ausência de clareza nos artigos

²⁷⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 19, 12/06/1945. Rio de Janeiro.

²⁷⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 19, 12/06/1945. Rio de Janeiro.

²⁸⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 19, 12/06/1945. Rio de Janeiro.

²⁸¹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 15, 07/6/1945. Rio de Janeiro.

²⁸² TRIBUNA POPULAR, Ed. 19, 12/06/1945. Rio de Janeiro.

do Estatuto – conforme conferimos pela leitura das fontes primárias – provocou bastante preocupação nos círculos políticos internos e externos da Argentina. É o que demonstra a leitura dos jornais portenhos feita por Brasil Gerson.

Daí decorre o fator fundamental que guiará a análise da conjuntura da Argentina na coluna *Através das Américas*: contraditoriamente, reconhece que o governo Farrell-Perón estava, ao mesmo tempo, atribuindo “ao governo os méritos de uma política social muito avançada”²⁸³ combinada concomitantemente à “mais terrível perseguição aos líderes mais combativos da classe trabalhadora”.²⁸⁴

No começo de julho, há uma relativa mudança no panorama político da *Através das Américas*. Em “meio da crise ainda sem saída à vista”, foi celebrada a reconquista da liberdade dos presos políticos Pedro Chiarante e Juan José Real, ambos da direção nacional do PCA. Junto a esses “fatos positivos” convém assinalar também o retorno à capital portenha de oito lideranças sindicais exiladas, recentemente deportados para Montevidéu, depois de dois anos de prisão em Neuquen, na Patagônia.²⁸⁵

O regresso de Aurello Braco e Ricardo Frutos, da União Ferroviária; Pedro Eber, dos *obreros madereros*; Bogdan Vuconavovich, dos operários em pedreiras; Angel Molesini e Antônio Rossi, da construção civil, e Luis Flori, da Confederação Geral do Trabalho foi amplamente noticiado em Montevidéu e Buenos Aires²⁸⁶, tendo grande repercussão nacional e provocando “as mais calorosas demonstrações de simpatia no Uruguai”.²⁸⁷

Tudo isso depois de a delegação de exilados ter comunicado ao representante diplomático do seu país em Montevidéu a decisão de voltar à “pátria“, em vista de “las ultimas y repetidas manifestaciones del gobierno sobre su proposito de brindar libertad para la actuación democrática”.²⁸⁸

No sábado à noite, dia do embarque, “o cais se encheu de delegações operárias e de partidos e de uma grande massa popular”. Segundo Brasil Gerson, alguns jornais de Montevidéu, entre eles *Justicia*, recordaram que não era fato inédito exilados sul-americanos tomarem “resoluções dessa significação e magnitude”. Recordando que, ainda a 8 de setembro de 1942, “duas semanas depois de ter o Brasil declarado guerra ao Eixo, dali também partiram de volta à pátria numerosos comunistas e nacional-libertadores brasileiros, a

²⁸³ TRIBUNA POPULAR, Ed. 34, 29/06/1945. Rio de Janeiro.

²⁸⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 27, 21/06/1945. Rio de Janeiro.

²⁸⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 41, 07/07/1945. Rio de Janeiro.

²⁸⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 35, 30/06/1945. Rio de Janeiro.

²⁸⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 37, 03/07/1945. Rio de Janeiro.

²⁸⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 37, 03/07/1945. Rio de Janeiro.

maioria deles ainda então, sob condenação do T.S.N.”²⁸⁹. E, entre eles, o autor de *Através das Américas*, posto em liberdade em 1943 quando foi absolvido das suas acusações.

É interessante notar que o jornalista utilizou a data de retorno dos exilados no Prata como referencial comparativo. É significativa a comparação do retorno da delegação brasileira exilada em Montevideu com os desterrados argentinos. As observações do colunista apoiavam-se na comparação entre os exilados dos dois países. Se o retorno dos comunistas brasileiros é um marco histórico na política nacional, a resposta na conjuntura interna enveredou para uma aliança com Vargas, e se não tivessem sido por eles compreendido tão bem, “por certo agora a democratização do Brasil não teria tomado este rumo tão surpreendente, com o Partido a vanguarda do povo”.²⁹⁰

O que aguardava, portanto, a conquista da democracia? De acordo com Brasil Gerson, existiam “indícios seguros de que esse retorno, que equivale a um crédito aberto por eles, as novas promessas de Perón, repercutiu no operariado argentino da maneira mais construtiva possível”²⁹¹. A delegação de exilados desembarcou no dia 1º de julho, após as declarações governamentais de que, dali pra frente, os direitos públicos seriam garantidos e todos os presos políticos seriam postos em liberdade²⁹².

Os atos e declarações sustentaram uma narrativa de que o retorno dos primeiros exilados à Argentina indicava “um nobre gesto que pode ter uma grande significação no desenvolvimento imediato dos complexos acontecimentos no país irmão, o, sobretudo no que se refere ao seu poderoso movimento trabalhista”.²⁹³ Tratava-se, afinal, do retorno de oito dos “seus mais destacados líderes sindicais” para “reassumir suas atividades de trabalhadores e suas tarefas democráticas, que de há muito vinham realizando, contribuindo assim para a normalização institucional anunciada pelo regime do general Farrell”.²⁹⁴

Tão logo retornaram os líderes sindicais do exílio e foram libertos os primeiros presos políticos, para o colunista, o indício que se esperava estava dado. Para Brasil Gerson, a Argentina dava os primeiros passos para a democratização, evidenciando a boa vontade do regime em cumprir com as promessas firmadas nas conferências diplomáticas de 1945.²⁹⁵ A conversão democrática da Argentina foi compartilhada nos círculos políticos norte-americanos por Nelson Rockefeller, embaixador dos Estados Unidos em Buenos Aires, e

²⁸⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 37, 03/07/1945. Rio de Janeiro.

²⁹⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 41, 07/07/1945. Rio de Janeiro.

²⁹¹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 37, 03/07/1945. Rio de Janeiro.

²⁹² TRIBUNA POPULAR, Ed. 41, 07/07/1945. Rio de Janeiro.

²⁹³ TRIBUNA POPULAR, Ed. 35, 30/06/1945. Rio de Janeiro.

²⁹⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 35, 30/06/1945. Rio de Janeiro.

²⁹⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 60, 29/07/1945. Rio de Janeiro.

Edward Stettinius, quando Secretário de Estado dos EUA, dando “a entender claramente que o governo portenho tinha sido aceito em São Francisco porque se acreditava que haveria de cumprir, sem perda de tempo, os compromissos assumidos em Chapultepec”.²⁹⁶ No entanto, como se verá, essa posição dos EUA foi modificada no primeiro semestre de 1945.

As conferências e acordos diplomáticos alcançados em 1945, como se verifica nas manchetes do diário comunista, foram responsáveis por fortalecer “as bases para uma paz justa e duradoura”,²⁹⁷ e na “cooperação pacífica” como parte da “base do progresso das nações”.²⁹⁸ Nas linhas de *Através das Américas*, a centralidade desses encontros diplomáticos configurou o começo de um novo tempo. Agora, conforme as palavras de Brasil Gerson, o espírito democrático e unitário da nova época é o “espírito de Yalta”, arrastando consigo as grandes massas populares, consistindo num movimento que “só pode ser unitário, só pode ser a unidade de todas as forças antifascistas”.²⁹⁹ De tal forma, como evidenciado, a Conferência dos Chanceleres, Teerã e Yalta preconizou o ponto de partida para a criação de um novo mundo assentado em novos valores, posteriormente reafirmado na Conferência de Chapultepec, São Francisco e Potsdam.³⁰⁰

Brasil Gerson acompanhou a atuação das delegações da Conferência de São Francisco com interesse e preocupação, demonstrando seu apoio ou repúdio aos episódios presentes nos encontros diplomáticos. A despeito da aprovação da carta das Nações Unidas, o editorial da *Tribuna Popular* de 27 de junho estampava na primeira página a reportagem “No encerramento da conferência de S. Francisco, Truman denuncia as manobras divisionistas das forças da reação e tirania”.³⁰¹ Brasil Gerson, discutindo sobre a Conferência de São Francisco, rechaçava o nome de Luiz Padilla, Ministro das Relações Exteriores do México, por ser alvo de diversas denúncias desde a conferência de Chapultepec e São Francisco, “nas quais atuou como o defensor mais eficiente do governo militar argentino. Foi ele alvo, por isso, de muitas críticas, e entre elas a de Lombardo Toledano em nome dos trabalhadores mexicanos”. Questionados e surpresos, os mexicanos reclamavam, questionava-se por que

²⁹⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 43, 10/07/1945. Rio de Janeiro.

²⁹⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 64, 03/08/1945. Rio de Janeiro.

²⁹⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 65, 04/08/1945. Rio de Janeiro.

²⁹⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 82, 24/08/1945. Rio de Janeiro.

³⁰⁰ A conferência de Teerã, no Irã, de 28 de novembro a 1º de dezembro, foi a primeira das conferências internacionais destinadas a selar uma intervenção organizada contra os países do Eixo. Nas seguintes conferências internacionais: Yalta (4 a 11 de fevereiro de 1945) e Potsdam (17 de julho a 2 de agosto do mesmo ano), os países aliados expuseram seus antagonismos sobre a guerra e os debates impostos entre os Estados Unidos e União Soviética sobre as áreas e zonas de influência do território europeu pós-fascismo. A decisiva conferência de São Francisco, entre abril e junho de 1945, instituiu a criação da Organização das Nações Unidas, destinada à cooperação política, cultural e econômica entre os povos.

³⁰¹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 32, 27/06/1945. Rio de Janeiro.

“era tratada dessa forma uma ditadura que nenhuma demonstração de boa vontade havia dado ainda em favor da causa das nações unidas e não se fazia o mesmo com o governo de Varsóvia, nascido do movimento de resistência contra o nazismo”.³⁰²

O dirigente da Confederação dos Trabalhadores da América Latina denunciava o comportamento de Luiz Padilla frente à chancelaria mexicana, proposital e deliberado para dificultar os trabalhos das Conferências de Chapultepec e São Francisco. A referência e autoridade de Toledano não é por acaso. A apropriação da figura de Toledano e a altivez do “campeão da luta pela democracia no Continente”,³⁰³ respaldou diversas discussões do colunista. Na época da publicação da coluna, Padilla havia sido recentemente demitido do Ministério.

Assumindo uma característica que permeia sua coluna, Brasil Gerson torna-se um mensageiro e mediador entre a política continental e o leitor da terceira página do diário comunista. Sua crônica é concluída com uma convicção de que os seus leitores “perguntarão, com certeza” como se criou uma “oposição tão forte” a Luís Padilla, esse homem “ousado na linguagem” “que empolgou o Rio de um modo tão extraordinário” na Conferência de 1942. Para responder a esse questionamento, escreve que

Realmente, o que ele vinha dizer no Rio, naquele tempo, era algo de novo para nós, que de há muito não ouvíamos palavras assim tão queridas. Mas para os mexicanos, que tinham passado pelo governo antifascista de Cárdenas, nada mais era que um democrata moderado, mais ou menos conservador nos atos, embora mais ousado na linguagem.

Após a Conferência dos Chanceleres, no Rio de Janeiro, em janeiro de 1942, o governo brasileiro rompeu relações entre o Brasil e os países do Eixo. A referida conferência de Chapultepec, convocada pelo governo do México, realizada na cidade do México entre fevereiro e março de 1945. Os principais objetivos da conferência foram, segundo Sydenham Lourenço Neto:

1. propor a criação de um sistema de defesa interamericano, independentemente do que viesse a surgir com a criação da ONU; 2. criar um programa de ajuda econômica para o desenvolvimento da América Latina no pós-guerra; 3. trazer a Argentina para uma posição de cooperação com os Aliados.³⁰⁴

Posterior ao período da morte de Roosevelt, em abril de 1945, verifica-se o enfraquecimento dessa postura em detrimento de uma abordagem mais ríspida para com a Argentina, concretizada com a nomeação de Braden e a substituição de Stettinius da

³⁰² TRIBUNA POPULAR, Ed. 43, 10/07/1945. Rio de Janeiro.

³⁰³ CARONE, Edgard. *O PCB (1943-1964)*. São Paulo: Difel, 1982, p. 45.

³⁰⁴ NETO, Sydenham Lourenço. Entre Chapultepec e o Rio de Janeiro: o “problema argentino”, o Livro Azul e suas repercussões. Revista Eletrônica da ANPHLAC, n. 22, 2017, p. 233.

Secretária dos Estados Unidos. O embaixador norte-americano na Argentina não ficou de braços cruzados. Perante as acusações de complacência com a Alemanha nazista e o governo Farrell-Perón, as declarações de “Mr. Braden” em fins de junho “confirmam tudo quando vinha dizendo a imprensa soviética sobre a enorme infiltração de capitais alemães e japoneses na Argentina” e, tratando das declarações do embaixador, o *Diario Popular*, de Montevideú, informava que “o número de firmas alemães na Argentina ainda por 2.600 e que os capitais alemães ali depositados sobem a 1.000.000 de dólares”.³⁰⁵ Em meio à crise do governo argentino, segundo as declarações de Braden os “Estados Unidos ajudarão uma ‘argentina democrática’, não a anti-argentina do GOU”.³⁰⁶ A marginalização da Argentina não foi, portanto, obra única dos Estados Unidos, a atitude da diplomacia soviética revela uma postura mais agressiva em relação à Argentina de Perón, enfrentando forte resistência da União Soviética pela prolongada declaração de guerra contra o Eixo, feita apenas em 27 de março de 1945.

Portanto, o retorno dos primeiros exilados foi percebido como um marco vitorioso, um revés no governo do Grupo de Oficiais Unidos. Em fins de junho, respaldadas pelo Comitê de Exilados de Montevideú, formado pelos ex-deputados Nicolas Repetto (socialista), Rodriguez Araya (radical), Aguirre Camara, (conservador), Julio A. Noble (democrata-progressista) e do professor Rodolfo Ghioldi (comunista), encontrava-se sua análise de conjuntura cada vez mais próximas das posições do embaixador norte-americano Spruille Braden, que, tempos depois, seria alvo de tantas polêmicas e ataques explícitos em *Através das Américas*.

O comitê analisou a política econômico-social do governo de Farrell-Perón como “perigosamente demagógica”.³⁰⁷ O discurso político adotado por Brasil Gerson nas suas páginas é coerente com o olhar em voga nos círculos comunistas acerca do peronismo na conjuntura histórica anterior a fevereiro de 1946. A “demagogia” de Perón consistia no pronunciamento de “discursos de certo fundo obreirista” e de políticas assistenciais feitas de “afogadilho”.³⁰⁸ Não à toa, por conta do seu caráter “demagógico”, muitas delas “não podem entrar em vigor imediatamente, porque são falhas”, como o decreto de participação obrigatória dos empregados no lucro das empresas e o de combate à inflação, decretando

³⁰⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 31, 26/06/1945. Rio de Janeiro.

³⁰⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 31, 26/06/1945. Rio de Janeiro.

³⁰⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 43, 10/07/1945. Rio de Janeiro.

³⁰⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 27, 21/06/1945. Rio de Janeiro.

abruptamente o congelamento de todos os preços do comércio para que voltasse a vigorar os da primeira quinzena de dezembro de 1944.³⁰⁹

Tal linha do Comitê de Exilados somou-se às vozes uníssonas das classes conservadoras, reunidas em Assembleias para colocar-se em oposição ao poder executivo militar por intervir diretamente no livre comércio e “nas leis naturais da economia”.³¹⁰ Esse setor foi um dos grandes atingidos pelas medidas da nova legislação social elaborada pela Secretaria do Trabalho, que executou medidas como o aumento dos salários em áreas diversas da economia e pela intervenção governamental na indústria³¹¹, além de estar “instituindo caixas de aposentadorias e pensões” aos trabalhadores.³¹²

A política de assistência social do governo foi violentamente criticada por entidades patronais, integrantes da Câmara do Comércio e da União Industrial.³¹³ Tão logo ocorreu a decretação dessas medidas, Brasil Gerson fez sua leitura dos jornais portenhos. Ele diz: “Foi um pânico geral, um Deus nos acuda! Trata-se – gritava-se nas assembleias numerosas – da subversão de todas as leis da economia”.³¹⁴ O artigo publicado em 21 de junho de 1945, intitulado *Luta aberta entre Perón e as “classes conservadoras”*, apresenta o manifesto assinado por “quase 300 federações, associações e outras entidades de comércio e da indústria, rompendo, praticamente, com o governo”.³¹⁵

O título do Manifesto não foi indicado na seção, porém, recorrendo à bibliografia mais extensa, identificamos, na tese de doutorado da historiadora Cristina Isabel Abreu Campolina de Sá, o referido documento, intitulado *Manifesto das Forças Vivas*, datado de 16 de junho de 1945. A leitura do Manifesto patronal indica, pelo menos a princípio, que até junho de 1945 havia uma boa vontade da burguesia nacional, principalmente dos comerciantes e industriais – a exceção, como indica Brasil Gerson, parecia ser a “lavoura” – de cooperar com o governo constituído pelo golpe militar de 1943. Dessa forma, as associações patronais pronunciaram-se contra as recentes medidas de reformas trabalhistas, compreendidas como ameaças à ordem social.

Em junho de 1945, há a ruptura definitiva da elite industrial com o governo constituído do golpe de 4 de junho de 1943, que havia desde então contado com o seu apoio. Assim, o regime do GOU àquela altura perdia um dos seus pilares de sustentação: os setores

³⁰⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 27, 21/06/1945. Rio de Janeiro.

³¹⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 43, 10/07/1945. Rio de Janeiro.

³¹¹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 34, 29/06/1945. Rio de Janeiro.

³¹² TRIBUNA POPULAR, Ed. 27, 21/06/1945. Rio de Janeiro.

³¹³ SÁ, Cristina Isabel Abreu Campolina de. A palavra de Perón: análise do discurso e da política trabalhista argentina (1943-1949). Tese (Doutorado) Universidade Federal de Minas Gerais, 2007. p. 60.

³¹⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 27, 21/06/1945. Rio de Janeiro.

³¹⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 27, 21/06/1945. Rio de Janeiro.

de comércio e indústria da burguesia argentina. Dessa forma, configurou-se um novo quadro político. O rompimento das chamadas “classes conservadoras”, como consta no título da seção, apresenta uma série de complexidades do cenário argentino analisadas enfaticamente pelo jornalista, como visto a seguir. De início vastos setores econômicos, sobretudo os ligados ao comércio exportador, colaboraram com o regime militar.

E por dois motivos principais: o anticomunismo do governo era do seu agrado e a neutralidade lhes dava a sensação de que o país se enriquecia assombrosamente ao exportar tanto e de tudo para o exterior. Mas já há um tempo advertia Codovilla, o grande dirigente nacional do P.C.A., que este ano seria diferente, com a simples aproximação da guerra, que este ano a Argentina por fim compreenderia que tinha errado ao ficar neutra...³¹⁶

A prosperidade econômica e das exportações argentinas nos últimos anos “era de fato artificial”,³¹⁷ como explica Brasil Gerson: “Nestes seis primeiros meses de 1945 a exportação argentina já diminuiu aproximadamente um bilhão de cruzeiros em relação com os seis primeiros meses de 1944”.³¹⁸ O final da guerra rendeu à Argentina facetas contraditórias. De um lado, acumulara grande saldo comercial das exportações na época da Segunda Guerra Mundial, de outro, pela posição de neutralidade praticamente durante todo o conflito e das medidas nacionalistas do governo, o país foi visto como herdeiro das forças pró-fascistas na América. A situação econômica dava sinais claros de crise, com o aumento da inflação e o descontentamento popular. “E ao ter que adotar medidas enérgicas”, o governo congelou os preços do mercado para fazê-los voltar aos de 1944, desfraldando a ira do comércio e da indústria. “A oposição é geral”,³¹⁹ deixou claro o colunista.

Com o propósito de concluir a matéria *Luta aberta entre Perón e as “classes conservadoras”* e situar o leitor a respeito da situação do país platino, em fins de junho, o último parágrafo contém uma espécie de didático resumo e orientação sobre o panorama político, das divergências e convergências da conjuntura argentina

Em resumo: o governo fazendo uma política demagógica aparentemente favorável aos trabalhadores e até certo ponto, contra a burguesia nacional, e ao mesmo tempo afastando dos sindicatos os seus líderes sindicais, comunistas, socialistas e radicais, prendendo-os e insistindo em combater o comunismo como inimigo dos operários.³²⁰

A presença dos comunistas e socialistas nos sindicatos operários foi interrompida com o golpe de 1943, respaldando e atribuindo ao GOU a responsabilidade pelos acontecimentos

³¹⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 65, 04/08/1945. Rio de Janeiro.

³¹⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 65, 04/08/1945. Rio de Janeiro.

³¹⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 65, 04/08/1945. Rio de Janeiro.

³¹⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 65, 04/08/1945. Rio de Janeiro.

³²⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 34, 29/06/1945. Rio de Janeiro.

de 4 de junho. Com o desfecho do golpe de junho, os militantes da “vanguarda esclarecida”³²¹ da classe operária foram obrigados a militar sob a esfera da clandestinidade, operando no Comando Obrero Único, bem como nos Comitês de exilados em Montevideu ou relegados ao confinamentos nas regiões algodoeiras das províncias de Chaco e Missões, junto a dezenas de trabalhadores rurais, presos e acusados de serem comunistas.³²²

Afastados, ou nos dizeres de Brasil Gerson, “expurgados” dos seus postos sindicais graças à “intervenção policial” do GOU, contingente considerável dos antigos dirigentes operários encontrava-se preso na região da Patagônia, em Neuquen, nos presídios do bairro de Villa Devoto, na capital Buenos Aires, ou exilados em Montevideu. Dos operários exilados, registra a coluna de *Através das Américas*, o nome dos “bravos lutadores antifascistas”: Luís Somml, Muzio Giradi, Italo Grassl, José Peter, Juan José Real e Rubens Icaro”.³²³ As denúncias sobre intervenções policiais da Secretaria de Trabalho e Provisão nas direções dos sindicatos operários, formados pela CGT e aliados de Perón, decorriam da falta de legitimidade entre a massa operária, agora sob a tutela do Estado e da polícia, acusada “e com razão de conivência com o fascismo”.³²⁴

A fisionomia do movimento operário argentino aparece em *Através das Américas* dotada de contornos próprios. Dada a experiência histórica do movimento operário, a avidez da sua organização, alicerçada há mais tempo e em bases mais sólidas na sociedade argentina³²⁵, em grande parte orientados à esquerda política, não impediu a alguns grupos de dirigentes sindicais, principalmente ligados ao Partido Socialista, colaborarem com a Secretaria do Trabalho e Provisão³²⁶.

Apesar de compreender o empenho e a agitação dos sindicatos “controlados” pelo Estado, Brasil Gerson relega a segundo plano a eficácia da propaganda do secretário do trabalho, devido à forte tradição, enraizamento, organização e elevado espírito político entre os trabalhadores. Para ele, “Perón podia fazer os discursos que quisesse. Na verdade, estava perdendo tempo, porque a maioria do proletariado argentino já tinha uma consciência de classe formada”³²⁷ pela influência militante de longa data do Partido Socialista e do Partido Comunista.

³²¹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 27, 21/06/1945. Rio de Janeiro.

³²² TRIBUNA POPULAR, Ed. 34, 29/06/1945. Rio de Janeiro.

³²³ TRIBUNA POPULAR, Ed. 34, 29/06/1945. Rio de Janeiro.

³²⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 65, 04/08/1945. Rio de Janeiro.

³²⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 65, 04/08/1945. Rio de Janeiro.

³²⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 27, 21/06/1945. Rio de Janeiro.

³²⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 65, 04/08/1945. Rio de Janeiro.

Acrescenta ele, ainda mais, não fora o longo vínculo histórico das camadas operárias com as organizações de vanguarda, seria possível pensar no cenário que a “hábil maneira de falar de Perón” obteria êxito e repercutiria em vastos setores da massa trabalhadora³²⁸. No entanto, como analisamos em seus escritos, esta não era uma preocupação a temer, antecipando que a base operária pró-Perón ocorre numa dimensão menor do que a anunciada pelo discurso oficial do governo argentino.

A ação movida em *Através das Américas* servia como um alerta geral para o vice-presidente: daquele momento em diante, seus discursos não surtiriam efeito na classe operária. Dada sua consciência de classe e a herança política das direções comunistas nos sindicatos e o retorno dos seus ex-dirigentes, não existe o reconhecimento e respaldo das massas trabalhadoras a Perón.

Como visto a seguir, suas previsões estavam erradas. Confirmando o bordão existente de que “não existe espaço vazio na política”, a ausência do sindicalismo autônomo nas fábricas e de suas direções políticas foi imediatamente preenchida pelos “amigos de Perón”. A mobilização popular para a redemocratização da Argentina contou com a arregimentação de um grande leque de forças consideradas “democráticas” da sociedade, na qual se situavam desde organizações de trabalhadores até as associações patronais e aristocráticas, contra Farrell e Perón, vistos como adversários de imediato. Para a eficácia dessa estratégia, diversos fatores contribuíram, entre eles, a apropriação da noção de democracia e a tradição histórica do movimento operário argentino, ambas como pertencentes exclusivamente à oposição anti-peronista e identificadas com o contexto internacional das forças aliadas nas Nações Unidas.

Não é por acaso que, nos esboços biográficos de *Através das Américas*, retorna-se por vezes ao período da II Guerra Mundial. Brasil Gerson pôs a circular na sua coluna várias discussões acerca do tema “burgues progressista”. A seção *Através das Américas* no número 16 da *Tribuna Popular* começa com o desabafo do escritor de que “Está havendo por aí quem diga que o ‘burgues progressista’ do qual fala Luiz Carlos Prestes, é outra coisa sem sentido”. Esse artigo é uma resposta às críticas que os comunistas sofriam na imprensa, a exemplo dos artigos de Rachel de Queiroz no *Vanguarda Socialista* e *Diário de Notícias*, criticando publicamente a política de Prestes e do Partido Comunista.³²⁹

³²⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 75, 16/08/1945. Rio de Janeiro.

³²⁹ GUERELLUS, Natália de Santanna. História de um nome: um estudo sobre Rachel de Queiroz jornalista (1927-1950). In: LUSTOSA, Isabel; OLIVIERI-GODET, Rita (org.). *Imprensa, história e literatura: o jornalista-escriptor*. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 2021. p. 287.

Preocupado com a reconstrução do mundo no pós-guerra, a concepção tática do Partido brasileiro (estendida aos partidos comunistas continentais) preconizava a realização da primeira etapa da revolução, de caráter democrático-nacional ou democrático-burguês. Sob essa plataforma, referendada ideologicamente por Brasil Gerson na sua coluna, é que compreendemos o eixo de ação da sua escrita desenvolvida em torno dos tópicos sobre tópicos “burgueses progressistas” na América Latina.

Para a transição em direção à sociedade socialista, dada a realidade de incipiente desenvolvimento industrial dos países do Pacífico, do México a Argentina, para os comunistas, seria preciso passar primeiro por uma etapa de amadurecimento para poder solucionar o problema agrário e cuidar seriamente da industrialização dos países.³³⁰

Considerando-os os países da América Latina como “débeis e semi-coloniais ou dependentes”, a relação entre as reivindicações agrárias e industriais deveria ter, parafraseando Miguel Alemán, candidato à sucessão presidencial no México indicado pela classe operária, o “propósito imediato a prosperidade nacional e com ela devem compartilhar equitativamente todas as classes sociais”, excluindo, unicamente, as “forças reacionárias”³³¹.

Essa era a fórmula para todos os PCs continentais. Porém, a resposta de cada partido comunista à conjuntura política em que seu país se encontrava direcionou a construção de estratégias específicas. Para os exilados argentinos, não se tratava de compor uma frente ampla de união nacional com Perón, assim como haviam feito os comunistas brasileiros com Vargas.

Nessa conjuntura, para Brasil Gerson, esse era o momento de instalar a democracia burguesa e aperfeiçoar o capitalismo nacional, aliado à “burguesia progressista”. Inicialmente mais próximos da linha de Mr. Braden, estavam os comunistas argentinos e Brasil Gerson em consonância com o Departamento de Estado dos Estados Unidos, destinados a isolar diplomaticamente a Argentina.

Em 30 de junho de 1945, no artigo *Voltam à Argentina os primeiros exilados*, o personagem selecionado para a escrita foi justificado da seguinte forma: “entre os Santamarina mais cultos e ilustres está Antonio, ex-senador, líder dos conservadores, banqueiro, industrial, grande estancieiro”,³³² um dos presos políticos recém liberto em Buenos Aires.

³³⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 20, 13/06/1945. Rio de Janeiro.

³³¹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 47, 14/07/1945. Rio de Janeiro.

³³² TRIBUNA POPULAR, Ed. 35, 30/06/1945. Rio de Janeiro.

Para fortalecer a consciência democrática e explicar as motivações do personagem narrador, de um Santamarina, uma das famílias mais tradicionais e ricas da Argentina. Apresenta-o como um grande burguês, aristocrata e grã-fino de prestígio político. Até que, pouco depois do golpe de Estado de 1943, organizado pelo GOU, “quando o caminho do governo era a amizade com o eixo”, aos 63 anos de idade, deixou “de lado seus interesses, seu autêntico palácio da aristocrática *calle* de Santa Fé, embelezado por uma das coleções de quadros mais notáveis do mundo” para confraternizar ombreado aos comunistas, socialistas e radicais, e se converteu, sob os maiores perigos, num dos líderes da sociedade de resistência *Pátria Livre*, expressa na “luta heroica e tenaz, em favor da democracia ferida de morte”.³³³ Até então, o seu esboço biográfico e seus esforços combativos garantiram, em grande medida, o título de “cidadão exemplar”³³⁴ na *Através das Américas*.

A emblemática confraternização e aliança entre a aristocracia e as camadas populares chega a ser denominada por Antônio Santamarina de união “en el llano”, como “se orgulha de dizer”.³³⁵ Assim Santamarina descreve a bem-sucedida organização do grupo unitário *Patria Libre* frente “aos comunistas, aos socialistas e aos radicais, ricos e pobres”³³⁶ para “a luta pela liberdade e a democracia”.³³⁷ As crônicas acima, datadas de 30 de julho, 2 de agosto e 24 de agosto estão circunscritas às primeiras medidas do que se convencionou chamar “burguesia progressista” ou “burguesia nacional”, ávida por reformas sociais e a industrialização, caminho que era preciso percorrer para o comunismo latino-americano. A preconizada política de união nacional estava presente na tática comunista desde a segunda metade da década de 1930. A sua diretriz era norteadada pela estratégia de “frentes populares”, apontando amplas unidades políticas policlassistas, num largo leque de alianças com os segmentos chamados, genericamente, de “setores democráticos”, onde se situava a burguesia “nacional” e “progressista”.³³⁸

Antônio Santamarina casou-se com Lola Santamarina. E a respeito dela, a edição de 24 de agosto de *Através das Américas* nos dá as seguintes informações da sua posição social e atuação política: era uma das “Damas católicas da alta sociedade”.³³⁹ Os nomes de Lola e das “prestigiosas damas da alta sociedade” aparecem ligados às lutas antifascistas no contexto da ditadura argentina. Estavam elas ladeadas “em pé de igualdade” junto às “esposas de

³³³ TRIBUNA POPULAR, Ed. 35, 30/06/1945. Rio de Janeiro.

³³⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 35, 30/06/1945. Rio de Janeiro.

³³⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 63, 2/08/1945. Rio de Janeiro.

³³⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 82, 24/08/1945. Rio de Janeiro.

³³⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 63, 02/08/1945. Rio de Janeiro.

³³⁸ MAZZEO, Antonio Carlos. *Sinfonia inacabada: a política dos comunistas no Brasil*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2022. p. 85.

³³⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 82, 24/08/1945. Rio de Janeiro.

líderes sindicais e comunistas, mulheres das grandes camadas populares, mulheres cujos nomes nunca apareceram nas aristocráticas crônicas mundanas de *La Prensa*, *La Nación*, *La Razón*, *El hogar*, *Atlántida*”.³⁴⁰ O exercício biográfico visou ressaltar os trânsitos sociais do casal, pertencente à aristocracia e de famílias tradicionais, agora compondo as fileiras da luta popular pela democracia.³⁴¹ A emblemática presença dos Santamarina e a sua origem, classe e posição social, de destacado privilégio e prestígio político no país, parecem atender a dois dispositivos de convencimento, um de caráter mais amplo, e outro circunscrito à realidade argentina.

O primeiro dos aspectos refere-se a legitimar a burguesia (e, aqui, questionamos: também da aristocracia?) progressista, fundamental as formulações dos partidos comunistas do continente. Esse setor da burguesia, em tese formado por famílias ricas, cultas, progressistas e economicamente consolidadas, favoráveis às reformas democráticas e ao desenvolvimento do capitalismo industrial na sociedade. O segundo, trata de convencer os leitores do que, no passado, seria um suposto paradoxo: o caráter democrático dos conservadores argentinos, organizadores do golpe de 1930 e varridos do poder em 1943, por estarem se “convertendo num dos fatores mais positivos da democratização do país”.³⁴²

No que pesem as diferenças de gênero, no caso dos Santamarina, ambos os escritos ressaltam a sua mudança e abnegação. Ao abrir mão dos seus interesses de classe para converterem-se em cidadãos exemplares, enfatizam a sua presença não apenas nos luxuosos palácios e nas páginas das colunas aristocráticas da imprensa portenha, mas sob uma nova forma: nas lutas pela democracia, junto a lideranças sindicais e antifascistas. Transcrevemos os nomes e posições sociais das uniões pluriclassistas femininas, citadas “ao acaso” na coluna

Damas catolicas da alta sociedade: Ela Palacios Villagran de Anchorena, Marta del Carril de Alzaga, Margarita Abella Caprile, Magdalena Becú de Aldao, Sofia Bengolea de Bemberg, Magdalena Ortin Basualdo de Becú, Agustina Uriburu de Duggan, Elvira Rawson de Dellapiane, Maria Tereza Ayerza de Gonzalez Baratio, Raquel Puyrredon de Lastra, Ana Rosa Schillieper de Martinez Guerrero, Ana Alvear de Mujica Lainez, Sara Duhau de Mendez Linch, Victoria Ocampo, Lola Acosta de Santamarina, etc.

Assim como as “Esposas de dirigentes comunistas e antifascistas elas também: Ema A. de Chiaranti, Fanny Edelman, Delia Rosarivo de Giudice, Maria G. Ortelli, etc”.³⁴³ Onde o colonista faz o esforço de fixar os nomes das mulheres engajadas nas antifascistas contra Perón. Enquanto observamos uma grande quantidade de mulheres da alta sociedade listadas,

³⁴⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 82, 24/08/1945. Rio de Janeiro.

³⁴¹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 82, 24/08/1945. Rio de Janeiro.

³⁴² TRIBUNA POPULAR, Ed. 63, 02/08/1945. Rio de Janeiro.

³⁴³ TRIBUNA POPULAR, Ed. 82, 24/08/1945. Rio de Janeiro.

contrastando com as pouquíssimas mulheres de origem popular, capazes de ser enumeradas nos dedos de uma mão. Isto nos dá pistas de como certos grupos foram prevalecendo sobre outros na coalizão anti-Perón.

As relações entre os campos políticos na Argentina resultam de uma série de determinações nacionais e internacionais. Com as formulações de convivência pacífica, o direcionamento do Partido centrava a sua política junto aos segmentos esclarecidos da burguesia, e, no caso argentino, demonstra o entusiasmo e disposição da aristocracia e da alta sociedade na reconstrução do país, dentro da ordem burguesa.

4.2 - Câmbio, intransigência e a coligação de união nacional

O fim da guerra, a política reformista e de colaboração com a burguesia, a aliança no exílio com parte dos conservadores e radicais no Comitê de Exilados de Montevideu e, diríamos, a não revisão da sua política pelo Partido Comunista Argentino após a abertura política promovida no país, impuseram severas perdas estratégicas, visto que os comunistas argentinos foram mais realistas do que o rei, na disposição de atuar junto ao campo de influência dos Estados Unidos. Após o triunfo do GOU na Argentina, a sua influência foi estendida à Bolívia com o bem-sucedido “putsch” pelos partidários do Movimento Nacional Revolucionário. Influenciados pelos oficiais argentinos, o MNR, como descrevia o colunista, era uma “espécie de GOU e de integralismo e falangismo, liderado pelo ministro da Fazenda, Paz Estensoro”.³⁴⁴ Segundo Brasil Gerson, era conhecida a “exploração demagógica”³⁴⁵ pelo “nacionalismo fascistizante” boliviano. Com efeito, Paz Extensor foi apresentado como o “campeão dessa demagogia” e de conhecida relação de proximidade com os “líderes do golpe de 1943 na Argentina”.³⁴⁶

A dificuldade de reconhecimento diplomático da administração em fins de 1943 parece ter exercido influência na saída de nomes do MNR dos postos no governo e fortaleceu “a posição de Villarroel, militar sem partido para assumir o cargo de presidente da República”.³⁴⁷ O nome de Villarroel, eleito pela Assembleia Constituinte, prevaleceu por seu sentido estratégico. No entanto, como Brasil Gerson revela em seus escritos, a “situação

³⁴⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 61, 31/07/1945. Rio de Janeiro.

³⁴⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 44, 11/07/1945. Rio de Janeiro.

³⁴⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 44, 11/07/1945. Rio de Janeiro.

³⁴⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 26, 20/06/1945. Rio de Janeiro.

política da Bolívia é, realmente, paradoxal na América”.³⁴⁸ Quando escreveu essas linhas, a Bolívia havia realizado eleições parlamentares e Constituintes em 1944, com a presença de vários partidos políticos, inclusive o Partido de Izquierda Revolucionaria que, eleito com uma boa bancada parlamentar, “muito fez ali pela causa democrática”, e, nesse contexto, aprovou-se na Câmara o imediato estabelecimento de relações com a URSS, fato lido como positivo ao avanço da causa democrática no país.³⁴⁹ Em novembro de 1944, a Bolívia foi, novamente, sacudida por um acontecimento surpreendente. A tentativa de golpe “liberal-conservador” nas guarnições militares do norte, em Oruro. Derrotado, o movimento golpista foi rapidamente “afogado em sangue e com fuzilamentos sumários que alarmaram a América inteira”.³⁵⁰ A pretexto de garantir a constitucionalidade no país, esse argumento foi mobilizado para o governo boliviano “dar um passo atrás”³⁵¹ e expulsar “também a esquerda da Constituinte e prender e deportar seus melhores dirigentes”.³⁵² Nesse caso, o golpe de Oruro serviu de pretexto à decretação do estado de sítio em 19 de novembro, a anulação do registro do PIR que não se envolveu com o fracassado movimento golpista e a expulsão dos seus deputados e filiados do país com os liberais e conservadores, “muitos destes comprometidos e deportados”.³⁵³

Revogado o Estado de Sítio desde fevereiro, vivia o “povo boliviano” vivia ainda sob fortes medidas de exceção; o presidente, apesar das declarações e promessas de uma anistia ampla, desencadeou “perseguições, prisões, confinamentos de operários, estudantes, mulheres e mais elementos de filiação democrática”.³⁵⁴ Alertava, no entanto, que a situação política, na Bolívia, não podia ser classificada como uma ditadura, similar à da Argentina, senão como um regime constitucional de direita. As declarações de militantes exilados do PIR no Chile garantiram a confiança e legitimidade para a escrita de Brasil Gerson. Segundo os desterrados, “o regime imperante na Bolívia tem os mesmos fundamentos ideológicos do ‘peronismo’ (...) sendo que na Bolívia é mais acentuada a demagogia obreirista e anti-imperialista por parte do próprio oficialismo”.³⁵⁵ Para enfrentar o fascismo, os militantes do PIR – referido em *Através das Américas* como o seu aliado mais confiável por atuar praticamente como a seção boliviana dos comunistas³⁵⁶ – denunciaram, com razão, a ligação

³⁴⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 44, 11/07/1945. Rio de Janeiro.

³⁴⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 61, 31/07/1945. Rio de Janeiro.

³⁵⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 44, 11/07/1945. Rio de Janeiro.

³⁵¹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 44, 11/07/1945. Rio de Janeiro.

³⁵² TRIBUNA POPULAR, Ed. 61, 31/07/1945. Rio de Janeiro.

³⁵³ TRIBUNA POPULAR, Ed. 44, 11/07/1945. Rio de Janeiro.

³⁵⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 61, 31/07/1945. Rio de Janeiro.

³⁵⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 61, 31/07/1945. Rio de Janeiro.

³⁵⁶ ANDRADE, Everaldo de Oliveira. A revolução boliviana. São Paulo: Unesp, 2007. p. 39.

de elementos fascistizantes no governo, identificada pela associação do Movimento Nacional Revolucionário com a Falange Socialista Boliviana.³⁵⁷ Os golpes e *putschs* alinhados ideologicamente ao GOU, como no país andino, foram razão de desconfiança entre as oligarquias, o empresariado e outros governos continentais.

A combinação do discurso nacionalista de Villaroel e Perón foi mal vista por setores da classe dominante associada ao imperialismo devido à implementação de reformas econômico-sociais. A frequente oposição a Perón dos grandes periódicos na Argentina e Brasil, estudado a fundo pela historiografia, deu-se não em razão da necessidade de expressarem o seu antifascismo, signo disputado no pós-guerra por todas as matizes políticas-ideológicas, e sim porque, segundo Jorge Ferreira, por identificarem nos direitos sociais dos trabalhadores, nos perigos de sua garantia, extensão e ampliação, “uma ameaça à ordem liberal”.³⁵⁸

A reação do patronato ligado à exploração de minérios em bases imperialistas, após a implementação do controle de impostos pagos pelas grandes mineradoras, despertou enorme fúria entre as oligarquias bolivianas, e não por coincidência “a riqueza que mais se explora é o estanho, quase todo em poder de trustes internacionais”³⁵⁹. Também não era vista com bons olhos, pela chancelaria norte-americana, a postura nacionalista e antiestadunidense do peronismo, e, principalmente, a mobilização dos trabalhadores urbanos por intermédio da CGT.³⁶⁰

Eduardo Galeano, nos anos 1980, lamentava a pálida posição das esquerdas diante dos controversos processos no pós-guerra. O seu poema, 1946, *La Paz*, aborda o golpe na Bolívia, justificado na forma de sátira porque Gualberto Villarroel

quis dar os mesmos direitos ao branco e ao índio, a esposa e a amante, ao filho legal e ao filho natural. O mundo inteiro saúda o crime. Os donos da Democracia anunciam que liquidaram este tirano ao serviço de Hitler, que com imperdoável insolência pretendia elevar o derrubado preço internacional do estanho.

E, conclui, apresentando os dias felizes vividos pela “embaixada dos Estados Unidos, toda a direita, quase toda a esquerda, esquerda à esquerda da lua, e a Rosca”.³⁶¹ A conexão da Bolívia e Argentina como exemplos a serem combatidos denota as interpretações e diferentes maneiras de abordar uma série de acontecimentos significativos para o futuro do continente.

³⁵⁷ PERICÁS, Luiz Bernardo. Processo e desenvolvimento da revolução boliviana. Lutas Sociais, 2004, p. 114.

³⁵⁸ FERREIRA, Jorge. O nome e a coisa: o populismo na política brasileira. In: FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 11

³⁵⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 26, 20/06/1945. Rio de Janeiro.

³⁶⁰ SANTOS, Rodolpho Gauthier Cardoso dos. A construção da ameaça justicialista antiperonismo, política e imprensa no Brasil (1945-1955). 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. p. 25.

³⁶¹ GALEANO, Eduardo. *O século do vento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p. 154.

Quem, no “mundo de Yalta”, continuava movendo “os fios dessa vasta conspiração reacionária?”, nos bastidores da sociedade latino-americana? Brasil Gerson questionava³⁶². Como resposta, ressaltou, em diversas oportunidades, a infiltração de capitais nazistas na Argentina e a sua política expansionista na América, como na Bolívia. A infiltração dos capitais nazistas foi uma explicação que ganhou fôlego na análise de *Através das Américas*; entre outras figuras proeminentes, expressa-se no mesmo sentido Eugênio Gomez, secretário-geral do Partido Comunista do Uruguai, afirmando que

os cartéis imperialistas, que viam no nazifascismo sua tropa de choque para o sonhado e não realizado esmagamento da União Soviética e partidos progressistas de todo o mundo. Foi derrotado militarmente o nazismo, mas os capitais cujo interesse agia os seus exércitos estão intactos.³⁶³

Para Brasil Gerson, apesar da guerra contra o nazifascismo, nada havia mudado para os interesses dos setores mais reacionários do grande capital. A natureza do nazismo, segundo o discurso recorrente de *Através das Américas*, teria fornecido os elementos necessários para se tornar a “brigada de choque” do imperialismo.³⁶⁴ Em relação ao contexto internacional pós-guerra, o jornalista prevê, inclusive, o risco do renascimento do fascismo no Brasil e em qualquer parte do mundo, ao lado de qualquer movimento político que vise liquidar os partidos comunistas e as organizações operárias-camponesas, compreendendo que, para o fascismo existir, não é preciso, “logicamente, que os fascistas sejam os mesmos de antes”.³⁶⁵ As reflexões de Brasil Gerson vislumbram que o processo pós-guerra não destruíra as bases do fascismo no país e no continente, denunciando as organizações e rearticulações de grupos “a serviço dos inimigos da paz, dos inimigos da Democracia e, portanto, dos remanescentes do nazismo derrotado militarmente na Europa”.³⁶⁶ Entre os inimigos das Nações Unidas e dos “três grandes”, estavam os governos de Farrell-Perón, Villarroel e Morinigo.

Como forma de acompanhar, discutir e legitimar tais esforços, na Coluna, há uma forte e recorrente exaltação da unidade das Nações Unidas contra o fascismo. Segundo Brasil Gerson, a vitória dos Estados Unidos, Inglaterra e União Soviética serviu de inspiração para a formação de amplas frentes nacionais de composição heterogênea. Para *Através das Américas*, a democratização continental é uma das consequências da vitória internacional contra o fascismo. É preciso lembrar que alguns grupos políticos subestimaram a importância

³⁶² TRIBUNA POPULAR, Ed. 85, 28/08/1945. Rio de Janeiro.

³⁶³ TRIBUNA POPULAR, Ed. 85, 28/08/1945. Rio de Janeiro.

³⁶⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 138, 28/10/1945. Rio de Janeiro.

³⁶⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 55, 24/07/1945. Rio de Janeiro.

³⁶⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 22, 15/06/1945. Rio de Janeiro.

da luta antifascista. Para o senador radical argentino e futuro candidato presidencial da União Democrática, José Tamborini, “o fascismo não passou de um fenômeno de imitação, que se extinguirá por si mesmo”.³⁶⁷ Outro fator que explica a apreensão do jornalista quanto à grave situação política da Argentina, capaz de ser explorada pelos “pescadores de águas turvas”, descontentes com os “rumos tão promissores da paz forjada pelas armas aliadas num clima reconfortante de unidade democrática mundial”, é o “choque” entre os interesses econômicos dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha”.³⁶⁸ Conforme descreve:

Em choque, bem entendido, no campo da concorrência normal, segundo as normas do liberalismo econômico. O capital predominante na Argentina é o inglês, que controla o comércio de carnes, de cereais e os transportes, etc. E daí os rumores, espalhados por certos interessados em desordens, de que elementos mais expansionistas do grande capital americano, naturalmente à margem da política de boa vizinhança desejariam controlar a Argentina para poder penetrar melhor na sua economia.³⁶⁹

Desde o governo de Roosevelt, os comunistas – e aqui incluímos Brasil Gerson – exageraram nas inclinações a favor dos Estados Unidos e no entusiasmo com o pan-americanismo. Tão poderosa era a política de boa vizinhança e a vitória das Nações Unidas, que, segundo o entendimento de Prestes e do PCB, os Estados Unidos e a Inglaterra, as duas “maiores potências capitalistas de hoje, são democratas”.³⁷⁰ Não é por coincidência o entendimento de Brasil Gerson a respeito do imperialismo no mundo, que discutiremos nos tópicos seguintes.

A despeito da outorga da carta das Nações Unidas pelos Estados Unidos, Inglaterra e União Soviética e à luz do pós-guerra, o novo panorama conjuntural “já não mais permite manobras imperialistas do tipo das que os comunistas tanto combatiam”.³⁷¹ Essa visão foi reafirmada em diversos momentos e teve na coluna *Através das Américas* sua divulgação; noutro artigo, citando o discurso de Prestes, Brasil Gerson acrescenta: “Está hoje o imperialismo (...) de dentes quebrados”.³⁷²

As guerras e golpes de Estado, desde a virada do século XIX até o fim da Segunda Guerra Mundial, produziram fortes abalos em todos os países do subcontinente, motivando a desconfiança em relação aos interesses do Norte. Vários escritos, ensaios e obras compartilharão a bandeira anti-imperialista, sendo o credo de numerosos escritores. Brasil Gerson se dispôs a elaborar uma carga de representação destinada a compreender as novas

³⁶⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 72, 12/08/1945. Rio de Janeiro.

³⁶⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 46, 13/07/1945. Rio de Janeiro.

³⁶⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 46, 13/07/1945. Rio de Janeiro.

³⁷⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 130, 19/10/1945. Rio de Janeiro.

³⁷¹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 59, 28/07/1945. Rio de Janeiro.

³⁷² TRIBUNA POPULAR, Ed. 138, 28/10/1945. Rio de Janeiro.

formas de atuação do “capital colonizador”.³⁷³ Para ele, tornou-se mais difícil uma intervenção direta como era de costume, a exemplo da guerra de 1898 entre Espanha e Estados Unidos, que liquidou o império espanhol em terras americanas e estabeleceu a tutela estadunidense sobre Cuba e Porto Rico, e da ocupação do Haiti pelos norte-americanos

no começo do século, do grupo do presidente Bernó, que um belo dia resolveu entregar a república a ocupação dos fuzileiros norte-americanos para que assim, sob a pressão das armas estrangeiras, fosse possível “impor disciplina” a essas “massas desordenadas”.³⁷⁴

Contudo, para o colunista, a atuação violenta tornou-se pouco aceitável e, nesse panorama de mudanças, inferia que o fenômeno imperialista estava enfraquecido e a sua existência estava com os dias contados. Com a assinatura da Carta das Nações Unidas, conforme abordado anteriormente, o imperialismo encontrava-se, segundo Brasil Gerson, em estado de debilidade, não mais sendo aceitáveis manobras como no passado, ou seja, golpes à moda antiga. O intelectual, enxergando a mudança no *modus operandi* do imperialismo no continente, à luz do pós-guerra, detectou nesse processo o enfraquecimento e a derrocada daquele modelo de atuação política. Essa mudança, entretanto, é relativa. Basta lembrar que, nas décadas seguintes, a Guatemala é bombardeada em 1954, Granada em 1983 pelo exército dos Estados Unidos, entre outros episódios de intervenção militar nas regiões continentais e insulares.

No contexto da Segunda Guerra Mundial, o alinhamento a favor do panamericanismo e, posteriormente, em prol dos Aliados, foi significativo e estratégico. Gradualmente, as referências à liderança de Roosevelt e dos Estados Unidos vão se reduzindo em *Através das Américas*. A revisão da adesão ao discurso da política de “boa vizinhança”, no pós guerra, ensejam novos personagens e lideranças nas notícias da seção.

A formação da Organização das Nações Unidas foi noticiado em *Através das Américas* como crucial para a conformação de blocos políticos unificados. Dessa forma, para nós, a adesão à política de união nacional na América Latina caracterizou, para Brasil Gerson, a versão continental do pacto e aliança entre União Soviética, Estados Unidos e Inglaterra, contra o Eixo, encabeçado pela Argentina do GOU. Ademais, em consonância com a caracterização do próprio embaixador inglês em Buenos Aires, Sir David Kelly, a coluna opinava que era o seu dever “desalentar” quaisquer redutos “que ainda se possa

³⁷³ No ano de 1945, Brasil Gerson, Pedro Motta Lima, Luiz Carlos Prestes e a *Tribuna Popular* recorrem ao termo “capital colonizador” de modo a explicar a nova conjuntura do pós-guerra, abandonando parcialmente o conceito “imperialismo” nos seus textos. Em 1946, o imperialismo volta a ser usado e ambas nomenclaturas são mobilizadas quase como sinônimos. Cabe aqui frutíferos estudos sobre os usos políticos destes conceitos para a visão, linha e política dos comunistas brasileiros e latino-americanos.

³⁷⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 49, 17/07/1945. Rio de Janeiro.

abrigar aqui” de grupos antidemocráticas que desejam se fortalecer “através das divergências anglo-americanas da rivalidade comercial” porque, conforme disse o embaixador, os “fundamentais princípios democráticos que estão ligados à América do Norte e a Grã-Bretanha (...) superam a rivalidade comercial entre elas”.³⁷⁵ A essa perspectiva vincula-se Brasil Gerson, elogiando os “comentários construtivos e necessários” de David Kelly. Também em diálogo e concordância com o discurso do diplomata britânico, “palavras semelhantes disse o embaixador de Washington, Mr. Braden”.³⁷⁶ Documentado pela historiografia, a aparente concordância entre os dois embaixadores deu lugar, depois, a severas críticas por parte do embaixador britânico contra os diagnósticos feitos por Braden sobre Perón enquanto agente a serviço do nazifascismo.

A essa altura, já era de conhecimento a insistente campanha para “equiparar o fascismo ao antifascismo consequente, os heróis de Stalingrado aos carrascos, aos monstros dos campos de concentração da Europa”³⁷⁷ na América.

Dos posicionamentos adotados no Uruguai pelo “Partido Nacional Herrerista”³⁷⁸, cujas últimas intervenções no Senado e na Câmara, em defesa da Espanha de Franco e do governo salazarista³⁷⁹ causaram “espanto” em Montevideú e das campanhas desenvolvidas “num sentido antiunitário” pelo ex-presidente chileno Alessandri, convertendo a sua campanha nas colunas de *El Mercurio* “num isolacionismo, num anticomunismo raivoso, num detrator contumaz da União Soviética” e pela “unificação delas numa diretriz ultrarreacionário, muniquista,³⁸⁰ falangista mesmo, pois a amizade que ele pede para o Chile é a da Espanha de Franco, a da Argentina de Farrell e Perón”.³⁸¹ Estaria aqui, a Argentina, compartilhando a mesma herança fascista da Espanha de Franco.

Para Brasil Gerson, o pano de fundo do ideário falangista era a cultura escolástica espanhola, ideologia constituída a partir da exaltação do Império colonial espanhol, da tradição monárquica e da Santa Aliança, esta última considerada por ele como a reação mundial do começo do século XIX, equiparada ao fascismo do século XX.³⁸² A política de

³⁷⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 46, 13/07/1945. Rio de Janeiro.

³⁷⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 46, 13/07/1945. Rio de Janeiro.

³⁷⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 15, 07/6/1945. Rio de Janeiro.

³⁷⁸ Para Brasil Gerson, a corrente “herrerista”, de Luis Alberto Herrera, líder do Partido Nacional (Uruguai), é uma agrupação secular e reacionária, baseada “no latifúndio retrógrado e sabotador”, por isso mesmo, inimigo da reforma agrária e das medidas úteis em benefício da “nação” e das massas populares.

³⁷⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 72, 12/08/1945. Rio de Janeiro.

³⁸⁰ O termo muniquismo, expresso nas linhas da coluna, refere-se à capital da Alemanha nazista e à representação do mundo almejado pelos projetos da supremacia racial. Derrotados, restava a eles atuarem como provocadores derrotados e nas campanhas pela difamação e isolamento da União Soviética e dos comunistas.

³⁸¹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 16, 08/06/1945. Rio de Janeiro.

³⁸² TRIBUNA POPULAR, Ed. 82, 24/08/1945. Rio de Janeiro.

Franco na Espanha e de Salazar em Portugal, de passado colonial comum, era orientada pelo “fascismo feudo-clerical” dos dois últimos governos fascistas da Europa.³⁸³

É importante salientar que, nos países hispano-americanos, principalmente na Colômbia, México e Argentina, existia uma expressiva campanha continental da extrema-direita. Brasil Gerson observa nesses países a presença de movimentos sob a influência da cultura escolástica espanhola, valorizando a integração hispano-americana, destinada a unir espiritualmente a América pelo passado comum dos países com a antiga metrópole espanhola e, assim, impedir a almejada união continental e excluir os Estados Unidos, Canadá e Brasil dessa “nova ordem cristã” dos falangistas.³⁸⁴

Na edição datada de 28 de julho, Brasil Gerson publicou o texto *Movimentos que coincidem*, em que o jornalista faz um balanço sobre a rearticulação dos “nazifascistas” e “quinta-coluna argentina” na Argentina, em torno do Comitê Gremial Americano. Segundo os seus idealizadores, o comitê foi fundado para defender as “vítimas operárias” do “sinistro imperialismo yankee”.³⁸⁵ A análise de Brasil Gerson sobre o primeiro ato público desse movimento, no teatro Cassino, busca definir as pautas do movimento, quando o Comitê usou de “consignas de conteúdo a um tempo obreirista, anti-pan-americanista e, portanto, de combate também à unidade das potências vencedoras, unidade imprescindível para a manutenção da paz”. Trata-se, segundo ele, de forças “remanescentes do nazismo” que exploram a boa-fé de bastante gente na Argentina. Dito isso, a sua movimentação pretendia abarcar todo o continente e se articula, principalmente, contra os Estados Unidos.³⁸⁶

Mas, ao contrário do que poderíamos supor, a primeira demonstração pública do Comitê teve como pretexto não a exaltação da supremacia nazista, senão o recente “desastre da mina ‘El Teniente’, no Chile, no qual perderam a vida quase 400 trabalhadores”. Segundo Brasil Gerson, os “quinta-coluna” usaram o trágico acidente “no qual perderam a vida quase 400 trabalhadores, na quase totalidade militantes do Partido Comunista e Socialista” como manobra para criticar o embaixador norte-americano em Buenos Aires, pelo fato de “ter a mina pertencido até 1912 ao pai de Spruille Braden”. E, com isso, gritaram nas ruas e no comício frases como “Abaixo o suíno americano!”, “Morraram todos os Imperialismos” e “Morra o imperialismo yankee”.³⁸⁷ O evento foi classificado por Brasil Gerson como um “comício nazista”. Uma de suas oradoras, identificada como a escritora uruguaia Blanca Luz

³⁸³ TRIBUNA POPULAR, Ed. 116, 03/10/1945. Rio de Janeiro.

³⁸⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 14, 06/06/1945. Rio de Janeiro.

³⁸⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 59, 28/07/1945. Rio de Janeiro.

³⁸⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 59, 28/07/1945. Rio de Janeiro.

³⁸⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 59, 28/07/1945. Rio de Janeiro.

Brun, gritava no comício “Morra Braden” com os punhos cerrados. O colunista, decepcionado com a atitude da escritora, lamentava sua mudança de “ideia nos últimos tempos”.³⁸⁸

Na edição dominical, lemos, na matéria *Novidades da Argentina*, que “Aderindo às manifestações de solidariedade feitas ao embaixador Braden, os líderes operários comunistas e socialistas, e de outras entidades democráticas” apareceram “pela primeira vez” nas “conservadoras colunas de *La Prensa*”. O que haveriam de ter feito os trabalhadores e sindicalistas para ocupar lugar de destaque nas colunas da grande imprensa conservadora, fato impensável até pouco tempo atrás? Nela estava a reprodução do comunicado do Comando Obrero Único, na ilegalidade, sobre os eventos do já citado comitê, afirmando que a população “está profundamente identificado com a política de boa vizinhança e de unidade continental contra o nazifascismo”³⁸⁹ de Perón. Em seguida, Brasil Gerson expõe o que considera o significado desse caso para a “marcha da situação argentina”, compreendida à luz dos acontecimentos de modo que a pressão popular das “forças democráticas” estão conseguindo conquistar as liberdades perdidas dos últimos anos, concluindo que, em fins de junho, finalmente “o processo de democratização faz progresso”.³⁹⁰ Nos aspectos contemplados, o colunista destaca o importante “acontecimento positivo”: o retorno dos radicais argentinos à casa do seu partido na *calle Tucuman*, a ser reaberta para a primeira de suas assembleias políticas desde o golpe de 1943. No entanto, a conclusão da coluna apresentava a disputa interna no partido, entre a oposição dos radicais que ficaram em Buenos Aires, em cujas concepções prevaleceu um critério anti-unitário, diferente, portanto, “dos que estão exilados no Uruguai”, favoráveis a organização de amplas alianças políticas.³⁹¹ Do ponto de vista político, Brasil Gerson identifica, no próprio movimento de democratização, a possibilidade de uma gradual solução das disputas governamentais, lastreadas na política de união nacional entre as forças de oposição ao governo argentino. Esse embate interno ao radicalismo aparecerá ao longo das edições de *Através das Américas*.

Contra as expectativas apresentadas por Brasil Gerson, a manchete de 1º de agosto da *Tribuna Popular* noticiava, no centro da primeira página, a reportagem “Funcionará legalmente o Partido Comunista Argentino – Significativas medidas do governo para democratização do país vizinho”.³⁹² No primeiro de agosto, com a vigência do novo Decreto

³⁸⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 59, 28/07/1945. Rio de Janeiro.

³⁸⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 60, 29/07/1945. Rio de Janeiro.

³⁹⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 60, 29/07/1945. Rio de Janeiro.

³⁹¹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 60, 29/07/1945. Rio de Janeiro.

³⁹² TRIBUNA POPULAR, Ed. 62, 01/08/1945. Rio de Janeiro.

dos partidos políticos, o Partido Comunista imediatamente protocolou o registro de sua legenda, conquistando seu funcionamento na ordem legal. No dia seguinte, Brasil Gerson se deparou com uma série de telegramas recebidos das agências de comunicação de Buenos Aires anunciando um novo golpe militar, desta vez da Marinha contra o Exército. Ao ler os anúncios, soube logo que se tratava de alarmes falsos³⁹³. O fato de os militares serem a base de apoio do governo não obliterou as disputas nas Forças Armadas, a exemplo das divergências de certos grupos de oficiais, como os da guarnição de Campo de Mayo, nos arredores de Buenos Aires com o governo de Farrell-Perón³⁹⁴. Entre os oficiais na ativa da guarnição do *Campo de Mayo*, constava o coronel Velazco, chefe de polícia de Buenos Aires, “antigo simpatizante do fascismo” e “terrível inimigo dos comunistas e dos políticos democráticos em geral”.³⁹⁵ A propósito dos telegramas, o colunista questionava a autenticidade das fontes e dos fatos, pela razão “de estar ali o poder sendo exercido, na realidade, pelas próprias forças armadas”.³⁹⁶ Sendo o Exército e a Marinha os principais sustentáculos do governo, por que haveriam de tentar um golpe contra o seu próprio governo? Diante disso, manteve postura de desconfiança com o fluxo de notícias advindas dos correspondentes e das agências estrangeiras de informação.

Dessa forma, no artigo de *Através das Américas*, Brasil Gerson contesta, ainda que moderadamente, a veracidade dessas informações. Suspeitando das notícias telegráficas recebidas, valeu-se da sua impressão: “Não é de estranhar que se pretenda lançar, pelo menos nos telegramas, a Marinha contra o Exército e precisamente no dia em que a Argentina chega a esse resultado [legalidade dos partidos políticos], sem dúvida, alvissareiro?”.³⁹⁷ O questionamento, em si, é bastante revelador, pois é nessa nova conjuntura que observa, com bastante suspeita, as informações oriundas dos telegramas e jornalistas estrangeiros.

De maneira tímida, de início, sua crítica a cobertura jornalística do Prata intensifica-se de maneira gritante à medida que se acentua a polarização política no país, com a entrada de radicais nos órgãos de governo e a proximidade do *réveillon* de 1946, ano esperado para a realização das eleições presidenciais. Em 3 de agosto, *Através das Américas* publicou *O Estatuto dos partidos Argentinos*, explicando o seu temor quanto à perpetuação do status da ilegalidade do Partido Comunista, em vista da declaração de Tessaire, no primeiro semestre de 1945, considerando o PCA “fora de cogitação para efeitos de registro”.³⁹⁸ No entanto, com

³⁹³ TRIBUNA POPULAR, Ed. 65, 04/08/1945. Rio de Janeiro.

³⁹⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 65, 04/08/1945. Rio de Janeiro.

³⁹⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 84, 26/08/1945. Rio de Janeiro.

³⁹⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 65, 04/08/1945. Rio de Janeiro.

³⁹⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 65, 04/08/1945. Rio de Janeiro.

³⁹⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 64, 03/08/1945. Rio de Janeiro.

a vigência do Estatuto Orgânico dos Partidos, o registro legal foi, surpreendentemente, admitido, desde que se adequassem seus artigos à constituição de 1853, conforme consta no trecho do telegrama da United Press, recebido na primeira noite do mês e citado em *Através das Américas*.³⁹⁹

Ao passo que escrevia seus artigos diários conseguimos perceber seus vínculos ideológicos, o que permite pensar a respeito de quais organizações e periódicos mantinham proximidade, compartilhando ideias, leituras, concepções e projetos, bem como refletir sobre os processos de disputa envolvendo a política local do país fronteiriço. No cerne dos acontecimentos, ainda contaminada pelas poderosas agências de notícias norte-americanas, a abordagem de Brasil Gerson sobre Perón e a Argentina começa a mudar. Esse processo de inteligibilidade, de fato, não foi linear e foi modulado pelas incipiente desconfiança quanto aos documentos oriundos de fontes estrangeiras e grupos anti-Perón, articuladas por quatro pontos: a) a leitura do PCB sobre a realidade argentina; b) a abertura política promovida pela ditadura; c) uma tentativa de negar a associação da imagem de Perón ao nazismo; d) o entendimento do peronismo como movimento popular, de matiz demagógico, assimilacionista e firmado entre os setores mais jovens e “atrasados” do operariado.

As primeiras notícias de agosto sobre a política continental são bem recebidas pelo colunista de *Através das Américas*. Entre seus escritos, datado do primeiro decênio de agosto, positiva os recentes acontecimentos da abertura política na Argentina.⁴⁰⁰ O “crédito aberto” pelo governo, ainda que sob séria desconfiança, materializou-se. Desse ponto de vista, o colunista destacou a *Tribuna Popular* como “um dos poucos jornais a admitir que na Argentina já estava diante de um processo de redemocratização em marcha apesar das aparências em contrário”.⁴⁰¹ O comentário, dedicado especialmente à legalidade e ao funcionamento dos partidos argentinos, aplica-se na medida certa em que a *Tribuna Popular* e *Através das Américas* permaneceram sendo, na cidade do Rio de Janeiro, entre as solitárias vozes na imprensa a proporcionarem, em razão das mudanças ocorridas na sua conjuntura nacional, um apelo a compreender o desenrolar da política argentina fora do desdobramento de uma suposta luta contra o Eixo e o nazifascismo. A estratégia adotada pela grande imprensa, controlando os principais diários do Rio de Janeiro e Buenos Aires, foi a de desqualificar a todo custo e, a partir das mais distintas acusações, o governo argentino, e

³⁹⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 64, 03/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁰⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 67, 07/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁰¹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 64, 03/08/1945. Rio de Janeiro.

bombardear a imagem de Perón, principal rosto do GOU, como a encarnação de um agente ditatorial hitlerista.

Retomemos, portanto, a análise das fontes. Situando o leitor, a Coluna reforçava que o “processo de redemocratização em marcha se acentua”⁴⁰². Leitura esta, minoritária. Explicando a vigência do Estatuto Orgânico dos Partidos, “organizado talvez com o propósito de restringir a liberdade de movimentos dos partidos democráticos, de submetê-los ao controle do executivo, se converte no seu contrário: na larga porta através da qual todos os partidos retornam a legalidade” e até mesmo o dos comunistas, “muito prestigiados naquele momento pelo papel desempenhado pela União Soviética na derrota de Hitler”⁴⁰³.

Assegura Brasil Gerson que, na Argentina, o clima político é distinto daquele existente no Brasil. Recorria o colunista ao marcante prestígio da URSS, onde os comunistas gozavam de prestígio e ninguém havia esquecido que a guerra fora precisamente contra o nazismo. Em contraste, o colunista enfatizou que, no Brasil, certos “democratas” pretendiam criar um clima persecutório contra o PCB, logo depois que os comunistas da União Soviética e do resto do mundo, à frente das forças democráticas e antifascistas, “esmagaram os criminosos nazifascistas”⁴⁰⁴. Com efeito, a lei implementada, fluida e imprecisa, foi acompanhada até entrar em vigor, como parte de uma conspiração “demagógica” e de exclusiva conotação negativa. Em execução, representou, em contrapartida, o cumprimento das promessas governamentais e o triunfo – ainda que contra a sua vontade, na visão de Brasil Gerson – da abertura política de Farrell e Perón. Diante disso, com os olhos voltados para a América, Brasil Gerson expõe a sua perspectiva de que

o magnífico processo de democratização (...) já atingiu, e com crescente êxito, a própria Argentina, cujo governo parecia – segundo certos correspondentes americanos, e entre eles Arnaldo Cortesi, patrício de Mussolini – mais disposto que nunca a afogar em sangue tudo quanto fosse oposição.⁴⁰⁵

Como já foi indicado neste capítulo, a vigência do novo Estatuto dos Partidos foi considerada o principal marco da transição à democracia, fundamental para balizar a análise conjuntural em *Através das Américas*. Apesar de criticar a ação política do governo argentino, Brasil Gerson reconhece “que no dia seguinte o governo de Farrell, ao pôr em execução o Estatuto dos Partidos argentinos”, o registro do PC foi aceito e pôde voltar a atuar na legalidade, o que provoca seu comentário positivo em razão do *câmbio* “sensacional

⁴⁰² TRIBUNA POPULAR, Ed. 65, 04/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁰³ CAVLAK, Iuri. Revisitando o populismo: o caso argentino. Revista Novos Rumos, v. 55, n. 2, 2018. p. 11.

⁴⁰⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 170, 08/12/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁰⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 69, 09/08/1945. Rio de Janeiro.

havido em Buenos Aires”.⁴⁰⁶ Em 14 de agosto, a edição de *Através das Américas* destacou o que estava sendo “a grande incógnita do momento argentino”: a admissão e atuação do radical Hortensio Quijano como novo Ministro do Interior. Expulso da UCR pela adesão ao governo, o político afirmou que “não se impressionou com isso” porque, em suas palavras, “Se estou aqui – disse aos jornais – e não nas minhas empresas do Chaco há de ser para o bem do povo”.⁴⁰⁷ Em suma, a discussão a respeito da vida interna dos radicais e a análise sobre a sucessão presidencial na Argentina ocupará diversas horas da sua jornada de trabalho materializada na *Através das Américas*. O golpe de 1943, extinguindo a UCR, deu margem às divisões no interior do radicalismo, culminando em profundas divergências, afastamento e dispersão entre os radicais de diversas regiões dentro e fora do país. A entrada de Quijano no governo argentino materializou e aprofundou a já citada divergência entre os radicais de Buenos Aires, defensores de uma política sem alianças, e os exilados em Montevideú, favoráveis a um movimento unitário com as forças oposicionistas. A novidade foi a terceira via, futuramente nomeada de “getulista”, que constituía o desejo de alguns radicais de estar em conluio com Perón⁴⁰⁸.

De acordo com o estudo de Fábio Luís Barbosa dos Santos, o radicalismo argentino “originou-se de uma defecção no interior da classe dominante” e “o movimento teve origem patricia, atraindo sobretudo estudantes rebeldes da *aristocracia criolla*. Não havia um corte de classe no radicalismo, que contava com proeminentes proprietários de terra na sua direção”.⁴⁰⁹ Concordando com esse enfoque, a divisão interna do partido radical, informa Brasil Gerson, dava-se entre os unitários e antiunitários, afinal, os representantes da terceira via haviam sido expulsos do partido.⁴¹⁰ Em parágrafo de 26 de agosto, Brasil Gerson reclamava das contradições da UCR, afirmando tratar-se mais de uma “tendência de grupos diversos, que têm por denominador comum, hoje em dia, o culto à memória de Irigoyen” e não características de um partido disciplinado, centralizado e compacto.⁴¹¹ No dia 9 de outubro, na homenagem ao 31º aniversário da morte do ex-presidente Roque Sáenz Peña, cerca de 20.000 pessoas compareceram à avenida Roque Sáenz Peña, conhecida

⁴⁰⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 79, 21/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁰⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 73, 14/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁰⁸ Ainda que não seja mencionado na coluna, Hortensio Quijano liderou a fundação da União Cívica Radical - Junta Renovadora, em 1945, junto ao grupo de radicais que decidiram apoiar Perón politicamente.

⁴⁰⁹ SANTOS, Fábio Luís Barbosa dos. *Origens do pensamento e da política radical na América Latina: um estudo comparativo entre José Martí, Juan B. Justo e Ricardo Flores Magón*. Campinas: Editora da Unicamp, 2016. p. 138.

⁴¹⁰ Brasil Gerson faz uma distinção entre a União Cívica Radical (organização) e o radicalismo (tradição política), logo, Quijano mesmo expulso da UCR, permanecia como “radical”, portanto, não se tornava um “ex-radical” por compor o Ministério do governo Farrell.

⁴¹¹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 84, 26/08/1945. Rio de Janeiro.

popularmente como Diagonal Norte, para “render culto a sua memória”. Na manifestação, vibrava

o público e gritava “Eleições!” e “Viva a democracia” cada vez que uma delegação se aproximava do pedestal com corbelhas de flores. E as corbelhas foram muitas, destacando-se as do Partido Democrata-Progressista, da província de Santa Fé, da juventude radical, do Partido Comunista, da Junta da Vitória e da Confederação dos Trabalhadores da América Latina. Grandes aplausos provocou também um cartaz que dizia: “Pela unidade nacional, pela volta dos exilados e pela lei Sáenz Peña.”⁴¹²

Em seguida ao ato “enquanto a massa se dissolvia” sob aclamação dos mais entusiastas, os manifestantes, tomados por certo grau de espontaneidade, resolveram tomar diversas direções para desfilar pelas ruas do centro de Buenos Aires, até as Praça San Martín, Praça do Congresso e Via Callao, esta última a “rua mais movimentada da cidade, a dos teatros e dos cafés”.⁴¹³ A “aglomeração popular em marcha” apesar das tentativas de dispersão da polícia, a pé e a cavalo, conseguiu se reunir em frente ao palácio presidencial, a Casa Rosada. A multidão presente na praça improvisou um rápido comício, enfrentando a resistência do chefe da guarda presidencial que tentou dissolver o ato pela força. Desautorizando a repressão aos cerca de 500 manifestantes concentrados na praça de Maio – onde está o palácio do governo – e reunidos em torno do monumento do general Manuel Belgrano, um dos líderes da independência argentina e da “guerra democrática pela liberdade dos povos”⁴¹⁴. O Ato foi garantido pelo ministro Hortensio Quijano, “que mandou dizer ao povo por intermédio do seu secretário que ficasse à vontade”.⁴¹⁵ A coluna derramava elogios a Quijano por sua postura e entrevistas recentes à imprensa, entre elas a que designa a sua tarefa enquanto Ministro de “reestruturar a democracia argentina em bases novas e a margem da politicalha demagógica dos partidos tradicionais”. Carregando consigo o benefício da dúvida, Brasil Gerson conclui o seu artigo indicando que permaneceria atento aos desdobramentos: “Vamos ver, pois, se seus atos correspondem às suas palavras”.⁴¹⁶ Na avaliação retrospectiva de Brasil Gerson, ele rende graças à entrada na administração governamental de “radicais dissidentes”, o que, segundo ele, “começou a dar marcha atrás [o governo] do seu direitismo de antes”.⁴¹⁷

Brasil Gerson acompanha de perto a movimentação argentina e de seu Partido Comunista Argentino. No dia 16 de agosto, iniciou a sua coluna reproduzindo a declaração do Comitê da Província de Buenos Aires do PC, em La Plata, retomada com “entusiasmo”

⁴¹² TRIBUNA POPULAR, Ed. 73, 14/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴¹³ TRIBUNA POPULAR, Ed. 73, 14/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴¹⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 76, 17/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴¹⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 73, 14/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴¹⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 73, 14/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴¹⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 99, 13/09/1945. Rio de Janeiro.

da luta política legal, com as palavras de ordem: “em favor da união nacional que permita assegurar ao país uma era de democracia, justiça e progresso”.⁴¹⁸ Em seguida, respalda as novas declarações de Quijano, informando que as sedes de sindicatos e associações semelhantes fechadas pela polícia nos últimos anos poderiam atuar legalmente, e o seu parecer favorável a duas solicitações de realização de comícios, sendo o primeiro um grande comício comemorativo da derrota do nazismo, na praça do Congresso, e o segundo dos sindicatos operários na praça de San Martín.⁴¹⁹ Como visto, a redemocratização em curso no país parece ter como núcleo as garantias das liberdades constitucionais como um todo, referendada pela ação do ministro Hortensio Quijano. A opinião pública simpatizante a tais manifestações encontrou espaço em extensos editoriais sobre a ação dos “fascistas” da Aliança da Juventude Nacionalista. As vitrines de lojas que ostentavam bandeiras aliadas e retratos dos “líderes democráticos do mundo” foram os alvos escolhidos dos violentos ataques, assim como as redações de *Critica*, *La Razón* e *La Prensa*.⁴²⁰

Com o retorno dos partidos políticos e organizações operárias às ruas, os enfrentamentos abertos contra Perón resultou em violentos confrontos entre trabalhadores, policiais e militantes “nacionalistas” nas ruas de Buenos Aires. As manifestações públicas favoráveis aos aliados e da paz com o Japão resultaram em quatro mortos e mais de cem feridos, em sua maioria jovens de 17 a 24 anos.⁴²¹ Retratando a situação instalada do dia anterior, Perón enfatizou sobre os acontecimentos: “queriam liberdade? aí estão com ela agora. para que os provocadores e instigadoras da massa conspirassem contra a vitória democrática”.⁴²² O chefe de polícia, Velazco, em consonância com Perón, reuniu os repórteres em seu gabinete e assentiu: “Que ninguém depois nos queixe”.⁴²³ O discurso de ambos culpava os próprios manifestantes pelos conflitos ocorridos, minimizando o papel da polícia, do exército e da base pró-Perón. Conforme atesta o estudo de Cristina Sá, a “ordenação da sociedade em desordem foi a palavra de ordem do peronismo”⁴²⁴. O distúrbio popular, portanto, precisava ser enfatizado em todos os seus aspectos. Nos escritos sobre os conflitos daquela quarta-feira nas ruas portenhas, Brasil Gerson publicou a matéria na edição dominical da *Tribuna Popular*, na tradicional página três, sob o título *Buenos Aires, quarta-feira*. O colunista compreende a semana marcada por vários atos de rua e desfiles

⁴¹⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 75, 16/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴¹⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 75, 16/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴²⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 77, 18/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴²¹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 77, 18/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴²² TRIBUNA POPULAR, Ed. 77, 18/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴²³ TRIBUNA POPULAR, Ed. 84, 26/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴²⁴ SÁ, Cristina Isabel Abreu Campolina de. A palavra de Perón: análise do discurso e da política trabalhista argentina (1943-1949). Tese (Doutorado) Universidade Federal de Minas Gerais, 2007. p. 77.

populares, protagonizados pela juventude portenha “fazendo causa comum com o povo e exaltando o triunfo das democracias”⁴²⁵ e, em um primeiro momento, desabafava:

que nos perdoem as agências telegráficas, mas os telegramas de Buenos Aires não nos dão uma ideia perfeita dos tristes acontecimentos em que ali se converteram as ardorosas manifestações do povo pela vitória final e definitiva das Nações Unidas. E é natural que assim se suceda, pois episódios que tem geralmente exigido duas páginas de jornal para ser narrado nos seus detalhes não podem caber em cento e poucas linhas de “press” pelo rádio.⁴²⁶

A alusão às duas páginas de jornal refere-se ao periódico conservador *La Prensa*, lido por ele na quinta-feira; a reconstituição de fatos refere ao editorial e, dessa forma, rechaçava o viés anticomunista da Polícia de Buenos Aires, que, diante da “confusão medonha”, só viu uma coisa: “manobras comunistas para provocar desordem”.⁴²⁷ O escrito de Brasil Gerson advertia que dos comunistas sequer partiram as agressões a tenentes e sargentos, alguns deles hospitalizados, senão de “provocadores infiltrados na massa”. E destacava que, nas manifestações e passeatas, muitos jovens entusiasmados pelo calor dos acontecimentos agiram “sem a serenidade necessária e perderam a cabeça”, ainda assim “nada mais fez que vaiar e apedrejar tudo quanto era do governo”. Além da evidente parcialidade, é ressaltada nas suas linhas a exaltação, o entusiasmo e alguma imaturidade dos jovens envolvidos nos conflitos de rua, retratados também como vítimas da infiltração de provocadores na manifestação.

Durante as ocorrências do dia, notificadas por *La Prensa* e telegramas do “muito conhecido I.N.S.”, a coluna criticava a postura da polícia, por negligenciar sua obrigação e não intervir em nenhum momento dos conflitos, a não ser tarde da noite para restabelecer o tráfego de automóveis na região. Dessa forma, a polícia prestou o “melhor serviço aos inimigos da democracia, ao permitir que os fascistas e antifascistas se atracassem com fúria inaudita para que a culpa de tudo fosse depois, atribuída, como se esperava, aos comunistas”.⁴²⁸ O jornalista rechaça, sobretudo, as falas de Perón e a ação da polícia, argumentando que cerca de 200 soldados – número estimado por *La Prensa* – “apareceram à tarde no centro para provocar os grupos populares em desfiles numerosos” e afugentaram a multidão. Depois, dispendo de suas armas, rumaram para a sede de *Crítica* visando incendiar o edifício do vespertino. Entrincheirados na sede do jornal, os que ali se encontravam, atiraram improvisadamente garrafas cheias de gasolinas para repelir os agressores. Com

⁴²⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 78, 19/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴²⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 78, 19/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴²⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 78, 19/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴²⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 78, 19/08/1945. Rio de Janeiro.

vários militares feridos, recorreram à polícia, localizada nas proximidades da sede de *Crítica*, convencendo os militares, ao final, a voltarem aos quartéis.⁴²⁹

Na quarta-feira da semana seguinte – lembremo-nos, o jornal não circulava às segundas – Brasil Gerson retoma a discussão sobre os fatos na Argentina assinando a coluna *Clima de Guerra Civil*, quando afirma que a Argentina “na verdade está às portas da guerra civil”.⁴³⁰ É preciso ter em conta, nesse momento, questões relacionadas ao conflito entre a situação governamental, militarista, e a oposição, de “sentimento antimilitarista”.⁴³¹ Os grupos em disputa com Perón buscavam impor o princípio da ruptura constitucional, repudiando as tentativas de controle dos partidos. Para os grupos contrários a Perón, o Estatuto não foi visto como parte da democratização na Argentina. Assim, sustentando, de certa forma, as premissas pretéritas, a oposição começou a pressionar o governo a entregar o poder ao judiciário ou a um grupo de personalidades respeitáveis para conduzir a realização das eleições.⁴³²

Brasil Gerson passa, com o tempo, a enxergar com desconfiança esse entendimento da realidade argentina. Com o golpe de 17 de outubro na Argentina e 28 do mesmo mês no Brasil, enxergará na linha política dos comunistas argentinos algo de prejudicial ao país. De qualquer forma, o Estatuto tão polêmico e discutido, foi revogado em dezembro,⁴³³ devido a ser um “plano tão complexo, tão emaranhado” que o tornava impraticável, comentava o senador Palacios. Diferente do registro dos partidos brasileiros, junto ao TSE, os argentinos precisam pleitear a sua personalidade jurídica. O significado da derrota do Estatuto Orgânico dos Partidos, segundo a coluna *Através das Américas*, dá-se mais pelas pretensões exageradas da lei, abrindo margem para “uma exagerada intervenção da justiça eleitoral na vida do partido”, do que como resultado das mobilizações contrárias a ela por parte da oposição peronista. Assim, compartilha a impressão de que a sua revogação não foi uma vitória da oposição ou conquista da luta popular, senão o impedimento prático da almejada lei.

O sentimento antimilitarista é explicado alguns dias depois. Aprofundando de forma mais detalhada a tensão estabelecida entre civis e militares, a edição de 22 de agosto de *Através das Américas* reconstituiu a inauguração da exposição de gados de raça em Palermo, apresentada como uma “grande festa anual da sociedade”⁴³⁴ e descrita posteriormente como

⁴²⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 78, 19/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴³⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 80, 22/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴³¹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 80, 22/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴³² TRIBUNA POPULAR, Ed. 80, 22/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴³³ TRIBUNA POPULAR, Ed. 173, 12/12/1945. Rio de Janeiro.

⁴³⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 80, 22/08/1945. Rio de Janeiro.

“festa da alta sociedade”.⁴³⁵ Ocorrida no sábado, dia 18 de agosto, foi, para Brasil Gerson, uma prova da “ausência” de brilho de Perón e do Exército. Vaiado pelo público presente, o fato motivou a retirada dos soldados e oficiais da festa “tamanho era a aversão contra eles”.⁴³⁶ Acrescenta, na edição seguinte, que a aclamação – não dada aos militares – se dirigiu ao embaixador Braden. É preciso atentar, portanto, que o desprestígio de Perón entre a alta sociedade não representava uma prova completa do seu isolamento e impopularidade, senão como um fragmento da realidade, tornada universal pela perspectiva dos grãos-finos. A rigor, para o colunista, Perón parecia não se sustentar. Faltava-lhe apoio externo das camadas civis e até mesmo dentro das próprias Forças Armadas. Fruto disso, “Perón acabou se transformando no mais impopular dos membros do governo, arrastando nessa impopularidade o próprio exército que o apoia”.⁴³⁷ Numerosos oficiais, respondendo às vaias recebidas, declararam que “se outros achincalhes dessa espécie fossem praticados contra o exército”, os militares reagiriam à altura.⁴³⁸

O eixo de ação do PCB privilegiava a luta ordeira e pacífica. Assim, seus militantes e intelectuais procuraram reforçar a imagem da luta comunista dentro da ordem e da legalidade constitucional.⁴³⁹ Brasil Gerson, temeroso de uma reviravolta no processo de democratização da Argentina, declarou que, para a construção da democracia, é preciso encontrar uma solução pacífica e apelar à serenidade dos cidadãos, sejam civis ou militares. Embora o aparente quadro possa demonstrar a polarização ideológica no país, para que o cenário não perdesse, alguém teria que dar “dar marcha atrás”, ou “os que vão ou os que são vaiados”.⁴⁴⁰ Dado o grau de tensão, para reverter esse cenário, tendia a construir soluções pacíficas a tão conturbada democracia argentina. Isso não significa que o colunista se abstinhasse de exprimir a sua opinião. Em sua visão, assentiu ante as reivindicações do “povo”, pois estava no seu direito de exigí-lo e, em contrapartida, propunha aos militares no comando manifestar uma demonstração de patriotismo, renunciando ao poder pacificamente, sem desembainhar suas espadas para tentar conservá-lo.⁴⁴¹

Brasil Gerson advoga também em defesa de uma frente única. Em fins de agosto começam a germinar as bases do que viria a se tornar a União Democrática, idealizada por um Comitê de personalidades de variados matizes políticas, com representantes do comércio,

⁴³⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 81, 23/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴³⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 80, 22/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴³⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 81, 23/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴³⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 81, 23/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴³⁹ MAZZEO, Antonio Carlos. *Sinfonia inacabada: a política dos comunistas no Brasil*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2022. p. 88.

⁴⁴⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 80, 22/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁴¹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 80, 22/08/1945. Rio de Janeiro.

da indústria, da intelectualidade, dos artistas, dos trabalhadores e estudantes, com o intuito de apressar a unidade dos partidos e desse grande conjunto nacional, além de apresentar um ultimato ao governo militar, exortando-o a entregar o poder ao Judiciário.⁴⁴²

Ainda no fim do mês, infere-se, com Brasil Gerson, a qualidade do Poder Judiciário ao exercício do governo argentino, no breve interregno da renúncia de Farrell e Perón até a eleição e posse do próximo presidente. Dessa forma, o Magistrado seria o mediador adequado para solucionar os conflitos e impasses sociais no país, visando garantir a lisura do pleito eleitoral prometido. Essa nova perspectiva apresentada na coluna coincide com a análise de Nicolas Repetto, professor argentino exilado. Assim, por dois dias seguidos, Brasil Gerson ocupou-se em discutir o artigo “Armas civis disponíveis” de Repetto, líder do Partido Socialista. A tese central do professor, escrita ainda no exílio em Montevideu, buscava robustecer a luta contra “o poder ditatorial dos militares” por meio das armas civis disponíveis para pressionar pela renúncia de Farrell e Perón antes das eleições: “a greve geral do comércio e da indústria, pagando-se os salários aos trabalhadores, a paralisação de trens, e o não pagamento de impostos”.⁴⁴³ Adverte o professor que, em caso da não convocação de eleições, o “recurso extremo” deverá ser pressionar, em último caso, uma greve geral da sociedade civil contra o governo militar argentino e não recorrer a empreitadas armadas, como a realizada por alguns grupos insurrecionais, a exemplo de *Pátria Libre* durante os anos da Guerra⁴⁴⁴. Caso convocadas as eleições, o que acontece se houver a candidatura do oficialismo? Segundo Repetto, citado por Brasil Gerson: “A solução será a candidatura única de todas as forças democráticas unidas”, portanto, a união nacional.⁴⁴⁵

Três dias depois, a coluna de Brasil Gerson estampava a seguinte frase, logo abaixo do seu logotipo: *Luta contra o fascismo ou só contra Perón?* No texto assinado por “B.G.”, o seu leitor se deparou com passagens sobre a natureza do governo argentino, informando que, mesmo depois das várias medidas democráticas, semelhantes às “que aqui [Brasil] se decretaram no começo do ano: liberdade para os partidos, e desta vez para o Comunista também; liberdade para todos os presos políticos e sindicais; reabertura dos sindicatos fechados; suspensão a imprensa; o retorno dos exilados, etc.”, sintetizava a definição do regime como “fascista”, mesmo depois das conquistas das primeiras medidas de aberturas políticas ou, nas próprias palavras de Brasil Gerson, na “marcha atrás que se deu”.⁴⁴⁶ Logo, a

⁴⁴² TRIBUNA POPULAR, Ed. 84, 26/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁴³ TRIBUNA POPULAR, Ed. 87, 30/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁴⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 88, 31/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁴⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 88, 31/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁴⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 86, 29/08/1945. Rio de Janeiro.

análise sobre o governo argentino ainda em fins de agosto é de que permanecia como uma ditadura fascista. Sua leitura dos fatos, influenciada certamente pela perspectiva reinante na imprensa do Prata, será posta em dúvidas nos próximos meses. Os parágrafos seguintes sugerem que a luta contra o governo argentino está se convertendo, pela primeira vez e rapidamente, “numa luta contra a candidatura do coronel Perón à presidência”,⁴⁴⁷ mantendo, no entanto, a palavra de ordem da renúncia de Farrell e Perón em favor do presidente do Supremo. Há, em fins de agosto, uma mudança do panorama argentino e, nesse novo quadro, a verdadeira disputa será pela sucessão presidencial.

Para explicar tal conjectura, o colunista explica: dos quatro grandes partidos argentinos (comunista, socialista e conservador), restava apenas a resposta do radicalismo ao convite feito pelo já citado Comitê de personalidades, “para uma ação conjunta, na mais ampla união nacional, contra o regime”.⁴⁴⁸ A oposição sistemática a Perón, adotada pelos comunistas, socialistas, radicais e conservadores, foi o denominador comum na tentativa de consolidar a aliança pela união nacional na Argentina. No entanto, há dias os radicais deliberavam na *calle Tucuman*, e, parecendo titubear a proposição feita, Brasil Gerson adjetiva a direção do partido como “vacilante”. Essa vacilação tratava-se, na verdade, da posição “exclusivista” dos radicais, resumida da seguinte forma: “Somos a maioria e os outros é que tem que nos acompanhar”.⁴⁴⁹ Nada queriam os radicais com os homens conservadores “de la oligarquía” que derrubaram do poder a União Cívica Radical e o presidente Hipólito Yrigoyen em 1930, para persegui-los.⁴⁵⁰

A recusa do setor “intransigente do radicalismo” em compor uma coalizão com os conservadores, comunistas e socialistas dá-se, principalmente, pela importância conferida à rivalidade histórica com os conservadores maior do que aquela atribuída “aos anseios do povo, desejosos da luta unificada pela democracia”,⁴⁵¹ diz Brasil Gerson. Apesar do ponto em comum entre os radicais e conservadores ser a oposição ao governo militar, Brasil Gerson escrevia as suas impressões sobre a política do partido radical: “o que querem é que a União Radical lute sozinha, ou pelo menos desligada dos conservadores, pela reconstitucionalização da Argentina”.⁴⁵² A respeito dessas tensões, o colunista retoma o artigo do ex-deputado radical, Ernesto Sanmartino, sobre a publicação de uma fotografia sua ao lado de um conservador nos noticiários de Buenos Aires, por ocasião de um comício contra o governo.

⁴⁴⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 86, 29/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁴⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 86, 29/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁴⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 86, 29/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁵⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 195, 08/01/1946. Rio de Janeiro.

⁴⁵¹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 88, 31/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁵² TRIBUNA POPULAR, Ed. 88, 31/08/1945. Rio de Janeiro.

Sanmartino respondeu que “não passava de mero acaso”, pois “se soubesse disso, teria mudado de lugar...”.⁴⁵³ Impaciente com os radicais, escrevia que “mais úteis à causa democrática (...) estão sendo os radicais amigos de Perón”, os quais, “enfrentando a expulsão do partido, resolveram aceitar ministérios para dentro do governo favorecer medidas em favor da liberdade”.⁴⁵⁴

Consciente da contradição em sua avaliação, assume que existe, em suma, um curioso fenômeno dialético na candidatura de Perón, diagnosticada de forma que “pelo simples fato de aspirar à eleição à presidência, o braço forte da ditadura militar se converteria agora – mesmo contra a sua vontade – num fator de democratização, sobretudo por buscar o apoio de correntes do radicalismo”.⁴⁵⁵ Sua assertiva – lembraria numa crônica assinada em novembro – causou “espanto para muita gente”.⁴⁵⁶ Percorrendo os escritos do mês de agosto, identificamos um sistema de valores e representações sobre o desenrolar da crise argentina, que fornecem subsídios para entender o contexto do período. Perante a vastidão da América, do *câmbio* comemorado na Argentina e Bolívia, apenas um Chefe de Estado insistia ainda em “marchar contra a corrente” da democracia. Isolado do resto do continente, o Paraguai, sob o governo de Higinio Morínigo, foi alvo de duras críticas de Brasil Gerson, por manter de pé o regime de terror do seu governo ditatorial.⁴⁵⁷

No final do corrido mês, torna público o seu diagnóstico. Considera haver no país de fato um governo militar, com certa parcela de participação civil, porém, “com características fascistas já muito menos acentuadas este mês que no mês passado”.⁴⁵⁸ Em que pesem as características “fascistas” do regime argentino, Perón passava a se mostrar mais aberto à questão democrática. A discussão acerca da divisão no interior do radicalismo e as disputas pela palavra final do partido serão aproveitados por Brasil Gerson como tema relevante em *Através das Américas*. Em 13 de setembro, a palavra de ordem de todos os partidos era “Todo o poder ao judiciário”.⁴⁵⁹ No entanto, os radicais permaneciam divididos em, no mínimo, três correntes: a primeira, a união nacional para as eleições; a segunda, a colaboração com Perón; e a terceira – talvez a mais numerosa, supõe o colunista – “se bate pela fidelidade aos velhos princípios de intransigência do partido”.⁴⁶⁰ Ante a situação, lamentava a posição

⁴⁵³ TRIBUNA POPULAR, Ed. 88, 31/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁵⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 88, 31/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁵⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 88, 31/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁵⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 142, 06/11/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁵⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 67, 07/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁵⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 88, 31/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁵⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 99, 13/09/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁶⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 99, 13/09/1945. Rio de Janeiro.

predominante na União Cívica Radical porque “com ele periga a unidade e a confusão aumenta”.⁴⁶¹

No dia 14 de setembro, sexta-feira, a tradicional coluna *Através das Américas* estampava o seguinte título: *Os radicais contra a unidade*. Escrita com melancolia, trata-se de um texto de inquestionável tom pessimista. Nas suas linhas, denuncia as o discurso escandaloso de Gabriel Oddone, presidente da UCR, “espalhando confusão e desânimo entre aqueles que vinham de há tempo trabalhando pela união nacional de todos os democratas”⁴⁶² e, acusando ao mesmo tempo, que a “frente popular” de união nacional tem algo de “totalitário”. O que se lê na coluna é que, discursando em um comício organizado pelo radicalismo em Córdoba, “baseando-se em palavras de Irigoyen”, falou contra “tudo e contra todos, contra o passado e o presente, contra Perón e os que são contrários à Perón, contra os comunistas e os socialistas, os conservadores e a unidade...” enquanto a numerosa multidão gritava entusiasticamente “Radicales en el poder!”.⁴⁶³

Se havia aqueles radicais que, no dizer de Brasil Gerson, preferiam uma saída que poderia ser chamada de “getulista”, pela proposição de diálogo e colaboração com Perón para viabilizar “uma saída pacífica para a crise”, havia também aqueles que, com um discurso intransigente, constituíam um poderoso grupo e se autoconsideravam “inimigos do governo e dos partidos minoritários que se dizem democráticos, somos inimigos dos partidos que estão formando a unidade democrática”.⁴⁶⁴ Irigoyen funcionou como o símbolo mais apropriado pelo aparato de legitimação simbólica da União Cívica Radical para definir, praticamente, sua vinculação a uma política de raízes históricas dentro do país e do radicalismo.

Com a recusa do maior partido nacional em robustecer as pressões exercidas a Perón, estavam, decisivamente, findadas quaisquer possibilidades de união nacional na Argentina. Restava, grosso modo, uma frente que poderia abarcar “os conservadores (ou parte deles), os comunistas, os socialistas e os democratas-progressistas, partido local da província de Santa Fé”.⁴⁶⁵ A entrada do partido radical era indispensável ao projeto de unidade política. As mudanças e reviravoltas no país, como se pode notar, ocorriam em ritmo acelerado. As iniciativas da Junta de Coordenação Democrática – sem a UCR – se mantêm de pé, organizando comícios-monstros pela entrega do poder pelos militares ao judiciário.⁴⁶⁶ A resposta do governo é evidente: sentindo-se ameaçado por palavras de ordem que poderiam

⁴⁶¹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 99, 13/09/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁶² TRIBUNA POPULAR, Ed. 100, 14/09/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁶³ TRIBUNA POPULAR, Ed. 100, 14/09/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁶⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 100, 14/09/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁶⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 100, 14/09/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁶⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 103, 18/09/1945. Rio de Janeiro.

ter consequências imprevisíveis, consideravam-nas como “provocações de fora”. Nesse cenário, Perón, Ministro da Guerra, exortava as forças armadas a “permanecerem coesas e alertas”.⁴⁶⁷

Esse período foi marcado pela insegurança e intranquilidade, provocou um certo temor ao jornalista brasileiro. Sobre os protestos da terceira semana de setembro, alertava que, nesse “ambiente carregado de nervosismo e apreensões, não há saída pacífica para o caso argentino, um dos mais complicados que surgiram na América”.⁴⁶⁸ Como se observa, com a pressão da oposição e as diversas manifestações de rua, as Forças Armadas sofrem cada maior pressão pela deposição de Perón, até 8 de outubro, com o pronunciamento do comando do *Campo de Mayo* exigindo a retirada de Perón do governo⁴⁶⁹. Após as frustradas tentativas de união nacional, a conjuntura da Argentina circula, na coluna, com menor frequência entre meados de setembro e começos de outubro. Restava apostar e depositar as suas esperanças na solução “getulista”, conceito abasileirado do radical-peronismo, para que o governo argentino pudesse quebrar “o ímpeto insurrecional dos opositoristas mais afoitos ou impacientes e desarme o seu perigoso antimilitarismo, pois uma guerra civil neste momento só podia ser prejudicial para eles e para o continente em geral”.⁴⁷⁰

4.3 – Os golpes estilo “South América”: Perón, Medina e Vargas

Sobre a conjuntura após o falecimento de Roosevelt, em abril de 1945, o historiador Leandro Morgenfeld observa o recrudescimento da política de “linha dura” em Washington, relutante em estabelecer relações bilaterais com a Argentina. A primeira de suas diretrizes, antes mesmo de substituir Edward Stettinius da Secretária dos Estados Unidos, naquela conjuntura favorável a uma abordagem mais “pragmática” com o governo portenho, foi indicar Spruille Braden como embaixador do Estados Unidos em Buenos Aires.⁴⁷¹

Trata-se de personagem relevante para a escrita e leitura de *Através das Américas*, que publicará em várias edições um perfil bastante elogioso do embaixador, destacando sua atuação contra o governo portenho e, principalmente, o confronto com Juan Domingos Perón.

⁴⁶⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 103, 18/09/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁶⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 103, 18/09/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁶⁹ ROMERO, Luis Alberto. *História contemporânea da Argentina*. Rio de Janeiro: Zahar. 2006. p. 296.

⁴⁷⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 113, 29/09/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁷¹ MORGENFELD, Leandro. Nelson A. Rockefeller and the normalization of Argentina-US diplomatic relations in 1945. Rockefeller Archive Center, 2011. p. 15.

Acerca do embaixador dos Estados Unidos, variadas crônicas, ensaios, telegramas e artigos serão publicados nos periódicos brasileiros, argentinos, uruguaios e norte-americanos, com reportagens e entrevistas com o Embaixador, enquanto cumpria a sua missão de denúncia sobre a cumplicidade do regime argentino com os governos do Eixo. Brasil Gerson partilha com Spruille Braden, de início, a premissa de que a Argentina era o grande foco do fascismo no mundo pós-guerra, considerando o ponto de vista do diplomata norte-americano como o mais próximo da realidade portenha. Essa concepção era referenciada também pelos impressos portenhos e, sobretudo, pela posição de concordância do Partido Comunista Argentino com a embaixada de Washington.

O PCA e seus dirigentes, como Rodolfo Ghioldi, por sua vez, cerram fileiras com Spruille Braden até as eleições de fevereiro de 1946, quando da vitória eleitoral da coalizão de Perón. No entanto, em *Através das Américas*, Brasil Gerson se permite pouco a pouco questionar essa análise da conjuntura Argentina, traçando caminho inverso dos comunistas argentinos, uruguaios e chilenos. Testemunhamos, portanto, ações criativas, como as de Brasil Gerson, que subverteram a ordem e a norma da expectativa dos dirigentes, militantes e da intelectualidade comunista portenha. Interessa-nos acompanhar o posicionamento acerca de Spruille Braden, na ópera argentina do pós-guerra, assim como analisar as mudanças de interpretação sobre a Argentina, perpassando datas consagradas pela historiografia como a deposição de Perón, em 9 de outubro, a sua libertação da prisão em 17 do mesmo mês e em 24 de fevereiro com sua vitória à presidência da República, quando Brasil Gerson pisava em solo uruguaio e argentino, enviado como correspondente oficial da *Inter Press* e da *Tribuna Popular* para Montevideu e Buenos Aires para acompanhar o processo eleitoral. De lá, enviou os seus artigos ao Rio de Janeiro divulgados no alto da primeira página da *Tribuna Popular* e de outras publicações comunistas e não comunistas.

A adesão de Brasil Gerson à campanhas anti-Perón promovidas pelo ex-embaixador e Secretário de Assuntos Latino-americanos dos EUA, Spruille Braden, assim como a empatia compartilhada pelo diplomata, recorrendo a sua figura como de importante autoridade política, se traduz, sobretudo, até os meses finais de 1945, quando passa a combatê-lo visceralmente nas suas colunas. Analisar essas mudanças de posicionamentos implica, também, no entendimento e definição do conceito de fascismo.

No começo de setembro, segundo noticiado em *A atuação dinâmica de Mr. Braden*, o embaixador dos Estados Unidos era descrito como “homem de ação e de luta”.⁴⁷² Se não da

⁴⁷² TRIBUNA POPULAR, Ed. 89, 01/09/1945. Rio de Janeiro.

sua embaixada, o “animador da luta contra Perón em Buenos Aires”⁴⁷³ saltava para discursar nos salões dos hotéis mais aristocráticos da capital.⁴⁷⁴ Elogiado, o habilidoso Braden “pegou o pião na unha” enquanto confrontava as grandes autoridades argentinas, recebendo os entusiásticos aplausos ordinários de todas as “forças democráticas” da capital portenha, com a “alta sociedade à frente delas nesta difícil emergência”,⁴⁷⁵ diz o colunista.

O diretor de *Diário Popular*, de Montevideu, foi um dos que, diante da nítida tentativa dos Estados Unidos de hegemonizar o movimento em oposição a Perón, visou criticá-lo. Tratava-se de Juan Pazos, que, embora não nutrisse simpatia por Perón, discordava da intromissão de um “diplomata estrangeiro nas suas lutas políticas, e principalmente como dirigente”.⁴⁷⁶ Segundo o diretor uruguaio, era preciso ter em vista que a “atitude crescente contra o GOU, adotada pela diplomacia norte-americana, é a consequência – diz ele – e não a causa da união democrática do país irmão”⁴⁷⁷. No mais das vezes, fala-se em defesa do pan-americanismo e das Nações Unidas, quase como personificada na figura do diplomata, que se tornou, em outubro, subsecretário para Assuntos Latino-Americanos dos Estados Unidos. À medida que o leitor acompanha o combate entre Perón e Braden, depara-se, aos poucos, com uma inesperada reviravolta: as incongruências entre o discurso e a prática do diplomata norte-americano.

Agora, analisando os fatos a posteriori, estamos conscientes de que essa reflexão intelectual não foi linear e caracterizou-se, de início, por incipientes desconfianças e “ziguezagues”. Nesse período, o desencanto com Spruille Braden levou a Brasil Gerson a assentir, posteriormente, com a crítica feita aos militares argentinos, noticiado em *Através das Américas* em 23 de agosto de 1945: “certos grupos militares consideram [a atitude de Braden] ‘algo intervencionista’”. Inicialmente crítico a essa posição, pouco a pouco, passará a respaldá-la enfaticamente, dando razão ao caráter intervencionista do político norte-americano.

A crescente fragilização do governo de Perón se insere na conjuntura continental de golpes de Estado. No Cone Sul, no mês de outubro, o vice-presidente Juan Domingo Perón foi destituído de suas pastas ministeriais e encarcerado no dia 9 de outubro. O governo do presidente venezuelano em exercício, Angarita Medina, foi deposto em 20 de outubro por um golpe cívico-militar. Na calada da noite de 28 de outubro, foi a vez de Getúlio ser destituído

⁴⁷³ TRIBUNA POPULAR, Ed. 88, 31/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁷⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 89, 01/09/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁷⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 89, 01/09/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁷⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 88, 31/08/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁷⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 88, 31/08/1945. Rio de Janeiro.

por meio de um golpe de Estado. Outubro de 1945 coincide com a indicação de Spruille Braden para a Subsecretaria dos Estados Unidos para assuntos latino-americanos.⁴⁷⁸

Em 9 de outubro de 1945, Perón foi destituído de suas funções governamentais por um grupo de oficiais do Exército, da Marinha e das “forças vivas” que se opunham à sua crescente influência no seio militar e civil do país. Quando da destituição e prisão de Perón, talvez pela confusão de informações, ausência de detalhes nos telegramas e impressos, além da desconfiança na cobertura dos principais jornais do Rio de Janeiro, Brasil Gerson guardou suas impressões iniciais para si e seus pares, prevalecendo a serenidade e observação atenta antes da emissão de qualquer juízo, afinal, o que se escreve em *Através das Américas*, muitas vezes, são alguns fragmentos dispersos. E nem tudo que se lê, ainda mais em casos de repercussão e desfecho surpreendentes, deve ser aceito acriticamente.

Esse silêncio é rompido com a publicação, em 14 de outubro, domingo, na crônica *A liberdade sindical na Argentina*, apresentando as reformas decretadas como responsáveis por culminar na queda e prisão de Perón. O texto faz menção ao importante decreto 23.842 de 1945, sancionado no dia 2 de outubro, elaborado e assinado pelo Secretário do Trabalho, “ainda na gestão do coronel Perón”, que dispôs uma “nova organização sindical do país”⁴⁷⁹ e incorporou “as várias demandas dos dirigentes dos trabalhadores, foi uma das medidas adotadas para dar prosseguimento à sua missão de pôr ordem no caos social”,⁴⁸⁰ enfrentando o descontentamento da classe patronal, como abordado no estudo de Cristina Sá.⁴⁸¹

Sobre as demandas aprovadas “é provável que com os rumos que as coisas tomaram não chegue a converter-se em lei”. E continuava: “Se se trata de simples política demagógica, também é coisa que não sabemos”.⁴⁸² Há, todavia, muitas dúvidas sobre o modo como Perón foi alijado do poder. Nesse passo, Brasil Gerson evita emitir para o leitor qualquer juízo apressado sobre esse processo, considerado por ele como “golpe”. Publica sobre os detalhes do golpe que expulsou do governo Juan Perón só em 16 de outubro, na semana seguinte, sob o título *Outras bandeiras sob a do antifascismo*.⁴⁸³ A par dos acontecimentos que se gestavam há meses, reconstitui os eventos e o desfecho com o golpe contra Perón. Nas

⁴⁷⁸ NETO, Sydenham Lourenço. Entre Chapultepec e o Rio de Janeiro: o “problema argentino”, o Livro Azul e suas repercussões. Revista Eletrônica da ANPHLAC, n. 22, 2017, p. 236.

⁴⁷⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 126, 14/10/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁸⁰ SÁ, Cristina Isabel Abreu Campolina de. A palavra de Perón: análise do discurso e da política trabalhista argentina (1943-1949). Tese (Doutorado) Universidade Federal de Minas Gerais, 2007. p. 66.

⁴⁸¹ SÁ, Cristina Isabel Abreu Campolina de. Construção da “Peronização” na Argentina: da Secretaria do Trabalho e Provisão à presidência da República. História Revista, v. 21, n. 3, 2016. p. 99.

⁴⁸² TRIBUNA POPULAR, Ed. 126, 14/10/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁸³ TRIBUNA POPULAR, Ed. 127, 16/10/1945. Rio de Janeiro.

edições de quarta, quinta e sexta da semana seguinte ao golpe, observamos a sua posição a respeito da deposição de Perón.

Depois de relatar uma sequência de reportagens e matérias noticiando a derrota do peronismo como um triunfo da luta e forças antifascistas argentinas contra o fascismo personificado no vice-presidente Perón e ministro Quijano⁴⁸⁴. Nesse sentido, encarando Perón, diz que “não podemos botar as mãos no fogo” por ele, afirmava o colunista. Para Hortencio Quijano, um tratamento especial é dado, Brasil Gerson põe a mão no fogo afirma que o ministro radical não é fascista ou conivente com o fascismo. Quijano, portanto, não pode ser acusado do mesmo, pois a sua entrada e presença no governo “coincidiu com uma série de medidas evidentemente democráticas”⁴⁸⁵ e detalhá-las: a volta do PC à vida legal, o fim da censura à imprensa comunista e a libertação de presos políticos.

Na interpretação postulada na coluna, pondera sobre o até então vitorioso golpe: “Eram democratas, por acaso, os militares que precipitaram a crise?” questiona o jornalista. E, de modo certo, responde: “Pelo contrário, pois os que mais se destacavam, entre eles, eram chefes da Marinha e do Exército, que mais apoiavam o estado das coisas criadas em 1943”⁴⁸⁶. O alto comando das Forças Armadas da Argentina, ao decidir pelo expurgo do gabinete e ministros de Perón, escutou do coronel no momento da sua prisão de que “não era caso para tanto”, pois “acabaria vencendo pelas urnas e como simples cidadão, depois de retirar-se do serviço ativo do exército”⁴⁸⁷. Segundo sua análise, Perón foi vítima do seu próprio “caudilhismo”, “aventurismo” e “demagogia”,⁴⁸⁸ alarmando com as medidas trabalhistas os dirigentes da economia nacional, precipitando a crise que o vitimou.⁴⁸⁹ O significado da jornada golpista do regime militar contra o Secretário do Trabalho consistiu, na verdade, contra a imposição e hegemonia dentro do governo da tendência radical e “obreirista” de Perón, a serviço de suas “ vaidades eleitorais”.⁴⁹⁰ De toda maneira, acrescenta, os que aproveitaram o momento para expulsá-lo dos seus cargos e prendê-lo na ilha Martin Garcia, “não eram, de maneira alguma, expressão legítima do antifascismo”⁴⁹¹. Ressalta que a sua típica tendência radical-obreirista deve ser compreendida como “aventurismo individual” e “não tipicamente fascista”,⁴⁹² como vinha sendo destacado nas coberturas da imprensa

⁴⁸⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 127, 16/10/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁸⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 127, 16/10/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁸⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 127, 16/10/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁸⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 128, 17/10/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁸⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 127, 16/10/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁸⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 128, 17/10/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁹⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 127, 16/10/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁹¹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 128, 17/10/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁹² TRIBUNA POPULAR, Ed. 127, 16/10/1945. Rio de Janeiro.

carioca. Criticava, ainda, que ao abrir qualquer jornal do Prata, os leitores hão de pensar, frisa Brasil Gerson, que “em Buenos Aires acabou de ser posto abaixo um regime nazista semelhante ao de Franco ou de Hitler”.⁴⁹³

Quem são os mandantes do golpe e os já mencionados setores mais conservadores da economia e política? Explicando a tendência golpista na Junta Coordenadora, Brasil Gerson afirma que foi reforçada, principalmente, pela “adesão em massa da aristocracia agrária e dos negócios”⁴⁹⁴ para, primeiramente, obrigar as Forças Armadas a abandonar o governo, entregá-lo ao judiciário e, só depois, cuidar das eleições.⁴⁹⁵ Para os setores mais conservadores da economia e da política, Perón era, de fato, o inimigo imediato. Porque “tinha o poder e nele manobrava como candidato à presidência num sentido alarmante para eles no intuito de conquistar as simpatias dos trabalhadores da cidade e do campo” e acenando também com o tão popular projeto de reforma agrária.⁴⁹⁶

As reiteradas posições a respeito da crise argentina, da solução radical-peronista, apelidada de “getulista” nas suas colunas, ou da Junta Democrática, a ser resolvida eleitoralmente pela votação nas urnas, não agradou aos setores mais conservadores.⁴⁹⁷ A grande surpresa foi uma terceira solução, tipicamente golpista, nascida dos entendimentos dos grupos conservadores “que se achavam a vanguarda da frente democrática”, junto à cúpula de generais e almirantes das Forças Armadas, inconformados com a crescente influência de Perón no regime militar.⁴⁹⁸ Portanto, a aristocracia agrária e os homens de negócios nos bastidores eram os responsáveis pela queda de Perón. Ciente das ações patronais, para *Através das Américas*, o expurgo de Perón, Quijano e outros radicais dos seus cargos não representou a vitória dos setores civis, populares ou antifascistas, como apregoava a imprensa carioca e platina. A par do que estava se desenvolvendo, o texto de Brasil Gerson questionava o leitor:

onde já se viu, realmente, golpe de cima levado a efeito favorecer os de baixo? Saiu Perón e entrou Avalos, saiu Tesaire e entrou Vernengo, isto é, ficou tudo entre generais e almirantes, todos eles agindo não em função das correntes populares organizadas, mas dos canhões que tinham ou têm as suas ordens.⁴⁹⁹

Pelo contrário, os militares menos “plebeus” assumiram o comando do país. Nas reuniões do aristocrático Círculo Militar da Praça San Martín, estavam os almirantes

⁴⁹³ TRIBUNA POPULAR, Ed. 129, 18/10/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁹⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 159, 25/11/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁹⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 159, 25/11/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁹⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 127, 16/10/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁹⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 127, 16/10/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁹⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 129, 18/10/1945. Rio de Janeiro.

⁴⁹⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 128, 17/10/1945. Rio de Janeiro.

Verdengo e Mac Lean, os generais Von der Peck e Peluffo, “tão conhecidos como pró-nazistas, dando as cartas, demitindo, prendendo... Mas o povo logo percebeu a manobra, reagiu e foi dissolvido a bala”.⁵⁰⁰ O 9 de outubro significava a vitória de uma conspiração golpista, em certa medida antecipada pelos “perigosos” decretos econômicos de Perón, outorgando reivindicações e bandeiras que não eram e nem poderiam ser os da classe operária nesse momento histórico, como a sua já criticada participação dos empregados no lucro das empresas⁵⁰¹. A situação da Argentina era observada com atenção pelos dirigentes do Partido Comunista Brasileiro. Conjecturando sobre os recentes acontecimentos, parte da sabatina de Prestes com os trabalhadores mineiros foi publicada nas páginas do periódico *Tribuna Popular*. Na segunda página, encontramos parte da sua fala com o seguinte diagnóstico: “O que ocorre na atualmente na Argentina é a melhor comprovação do que afirmamos. Cria-se o ambiente de agitação do povo e em seguida promove-se o golpe armado para o qual é indispensável aquele ambiente”.⁵⁰²

Frente aos acontecimentos iniciados na última semana em Buenos Aires, Brasil Gerson sintetizava a sua posição pública enquanto intelectual comunista: “Para o povo trabalhador, no seu grande conjunto, nada mudou, na verdade. A mudança tem sido de forma e não de conteúdo”.⁵⁰³ Ante a deposição e prisão de Perón, não restou outra opção senão minimizar o seu significado e suas proporções. Traçando os próximos passos, diz ele: “A sorte do povo só poderá melhorar através da participação que seu partido de vanguarda venha a ter nos acontecimentos futuros, principalmente no parlamento a eleger-se ao que se anuncia, em abril”.⁵⁰⁴ Por esse lado, reforça um futuro candente para os comunistas, permeado pela ideia de vanguarda quanto ao destino da classe trabalhadora.

Ao contrário de suas expectativas, a sorte do povo não dependeu da motivação ou vanguarda do Partido Comunista. Na iminência da greve geral convocada pela CGT, para o dia 17 de outubro, pela libertação de Perón, os comunistas e socialistas desautorizam – por meio das entidades sindicais e da imprensa – a Manifestação. Considerando-as como movimento de natureza “nazifascista”, orientaram os trabalhadores para que se mantivessem à parte dessas “toscas demonstrações do *nazismo criollo*”.⁵⁰⁵ A preocupação do “povo” com a vitoriosa ofensiva golpista, frente à disposição das “forças vivas” de reverter os benefícios

⁵⁰⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 127, 16/10/1945. Rio de Janeiro.

⁵⁰¹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 129, 18/10/1945. Rio de Janeiro.

⁵⁰² TRIBUNA POPULAR, Ed. 130, 19/10/1945, Rio de Janeiro.

⁵⁰³ TRIBUNA POPULAR, Ed. 129, 18/10/1945. Rio de Janeiro.

⁵⁰⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 129, 18/10/1945. Rio de Janeiro.

⁵⁰⁵ SÁ, Cristina Isabel Abreu Campolina de. A palavra de Perón: análise do discurso e da política trabalhista argentina (1943-1949). Tese (Doutorado) Universidade Federal de Minas Gerais, 2007. p. 71.

sociais conquistados nos últimos anos, a resposta da massa operária foi de ampla ressonância e desdobramentos para a história da Argentina. Os militares, pressionados pela mobilização e contingência operária de 17 de outubro, preferiram trazer de volta Perón ao poder, frente à possível eclosão de uma guerra civil.⁵⁰⁶

Em 21 de outubro, o colunista retoma a discussão *A respeito da greve argentina*. Começa com um *mea culpa* em decorrência da avassaladora mobilização dos sindicatos peronistas para a libertação de Perón, na greve de 17 de outubro. Os comunistas ficaram à margem das mobilizações. Esse *mea culpa*, sem citar nominalmente sujeitos ou partidos, refere-se à atuação dos sindicatos conduzidos pelo PC e PS. A vista disso, Brasil Gerson se opôs às perspectivas hegemônicas dos comunistas do Prata, por terem feito coro e engrossando as colunas da “oposição mais desenfreada do aventurismo golpista”.⁵⁰⁷

O que fez a diferença para a definição dos acontecimentos no mês de outubro foi a afluência operária nas ruas, ou seja, a agência dos trabalhadores e sindicalistas peronistas. O isolamento de Perón, apontado há meses na *Através das Américas*, precisou ser revista, bem como a falta de respaldo de Perón junto ao operariado e a submissão da base e direção da CGT ao controle da polícia⁵⁰⁸ Brasil Gerson explica, assim, o desprestígio e ostracismo político do PC por subestimar os interesses da classe operária, assinalando que “esse abandono da massa nas mãos de outro pelo Partido faria com que ele se isolasse em vez de ser o seu dirigente” e, à vista disso:

os trabalhadores não mostram entusiasmo pelas frentes nas quais ao “seu” partido não é dado representar um papel de vanguarda, principalmente quando essas frentes, conduzidas por grupos que nunca se mostraram amigos do povo, nada mais viam que o aumento da sua influência através da conquista do poder...⁵⁰⁹

Nesta edição, a coluna do jornalista brasileiro analisa o peronismo diferentemente das esquerdas argentinas. O breve registro vale-se do pensamento de Lombardo Toledano. Recorrendo à autoridade do sindicalista mexicano, que, certa vez, disse “que nos países da América Latina não devia ser desprezada a ação dos Ministérios do Trabalho na conquista de melhores condições de vida para a classe operária, sobretudo quando neles não predominam exclusivamente os interesses da reação”.⁵¹⁰ A referência a Toledano, logo na primeira linha da edição de 21 de outubro, denota, como indicado, a anuência entre o colunista e o dirigente mexicano.

⁵⁰⁶ SÁ, Cristina Isabel Abreu Campolina de. A palavra de Perón: análise do discurso e da política trabalhista argentina (1943-1949). Tese (Doutorado) Universidade Federal de Minas Gerais, 2007. p. 70.

⁵⁰⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 132, 21/10/1945, Rio de Janeiro.

⁵⁰⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 65, 04/08/1945, Rio de Janeiro.

⁵⁰⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 132, 21/10/1945, Rio de Janeiro.

⁵¹⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 132, 21/10/1945, Rio de Janeiro.

Os telegramas recebidos sobre a libertação de Perón misturavam-se na mesa dos jornalistas às primeiras notícias de agências sobre o golpe de Estado na Venezuela. Para compreender o mês de outubro na América do Sul e a crescente fragilidade do quadro continental, vejamos a respeito das discussões sobre a Venezuela em *Através das Américas*. Ao contrário do Brasil, a Argentina e a Venezuela mantiveram uma posição de neutralidade durante praticamente toda a Segunda Guerra Mundial. Apesar da forte pressão exercida pelos Estados Unidos, para que adentrassem no campo dos Aliados, as declarações de guerra por parte da Venezuela e da Argentina se produziram apenas no começo de 1945, quando o desfecho da guerra já se encontrava praticamente definido e se avistava a vitória dos aliados.⁵¹¹ No entanto, o tratamento dado a cada um desses países por Brasil Gerson variou em forma, conteúdo e interpretação.

A primeira metade do século XX, na economia latino-americana, é empalmada pelos monopólios e “trustes” de petróleo, minérios, bananas, tabaco, entre outras riquezas naturais, cuja ação se estende das vastas terras às regiões insulares da América⁵¹². O resultado da ação desses monopólios, aliados do “capital colonizador”, para com os países da América, é espantosa. Vejamos o caso da Venezuela, maior proprietária de jazidas de petróleo à época, considerada fundamental às preocupações sociais de Brasil Gerson e, também, da diplomacia e economia norte-americana.

Desde a virada para o século XX, uma série de governantes na Venezuela autorizou concessões e privilégios para a Standard Oil, processo intensificado durante o *gomizmo*,⁵¹³ alimentando uma série de tensões sociais que se manifestaram nos centros urbanos. O presidente Venezuelano Medina Angarita, ex-ministro de Guerra da administração anterior, alçou-se à presidência via eleições indiretas feitas no executivo, sucedendo o ex-presidente López Contreras, considerado um dos herdeiros políticos do *gomizmo*. A sucessão, via eleição indireta, de Angarita Medina por López Contreras, evidenciou uma virada democrática. O militar de “ideias mais arejadas” em relação ao seu antecessor, mostrava-se favorável à redação de um novo texto constitucional sensível aos “anseios populares”.⁵¹⁴ A

⁵¹¹ PIÑERO, Jesús. Venezuela y la Unión Soviética, 1941-1945: coincidencias, tensiones y conflictos. Cuadernos UCAB, n. 18, 2020. p. 15.

⁵¹² MANGABEIRA, Francisco. Imperialismo, petróleo, Petrobras. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1964. p. 26-33.

⁵¹³ O *Gomizmo*, para Brasil Gerson, leva o nome do período da governança ditatorial de Juan Vicente Gomez, entre os anos 1908 a 1935, ano da sua morte, e a sucessão pelo Ministro de Guerra do seu último Governo: Eleazar López Contreras, de 1935 a 1941. Em maio de 1941, a posse via eleição indireta de Isaías Angarita Medina, antigo Ministro de Guerra de Contreras, representou a ruptura com o processo político conhecido como *gomizmo*.

⁵¹⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 96, 09/09/1945. Rio de Janeiro.

constituição vigente no país é datada dos governos de Juan Vicente Gómez, responsável por entregar “a maior riqueza nacional – o petróleo – nas mãos do capital estrangeiro colonizador”.⁵¹⁵ A sua existência era, para Brasil Gerson, sinônimo da “negação total dos nossos tempos.”⁵¹⁶ Para o intelectual, na terra de Bolívar, foi

onde dominou até há poucos anos a mais característica das ditaduras tipicamente hispano-americanas: a do general Gomez. Durante 25 anos esse atrasado privou o seu povo de todas as liberdades e até de escolas e impediu, além do mais, que o país progredisse, ao manter ali o latifúndio com todas as suas reminiscências feudais e ao colocar a maior riqueza nacional – o petróleo – nas mãos do capital estrangeiro colonizador. Tanto petróleo, vendido a altos preços no mundo inteiro, pouco tem contribuído, evidentemente, para transformar a estrutura econômica da Venezuela e com a sua estrutura econômica a vida geral do país, as condições de vida e de cultura do povo.⁵¹⁷

O alinhamento dos comunistas venezuelanos com o governo de Medina se intensificou ainda mais após medidas no seu mandato governamental que introduziram

modificações nos contratos com as empresas petrolíferas no interesse da economia nacional, restabeleceu aos poucos as liberdades fundamentais e estimulou uma nova legislação agrária, facilitando aos camponeses a aquisição de terras a prazos longos e preços baixos, e uma nova legislação social, que favorece, inclusive, a construção de magníficos bairros de residência para os operários nas cidades venezuelanas.⁵¹⁸

As reformas na legislação petrolífera e o restabelecimento de relações diplomáticas com a União Soviética, em 1943, foram recebidas com entusiasmo pelo Partido Comunista. No contexto das alianças antifascistas no período seguinte à Segunda Guerra Mundial, outros governos americanos que, ao reatar laços com a URSS, encontrarão, na *Através das Américas*, palco para sua repercussão. No país, o “movimento popular de democratização” havia conquistado maior espaço e possibilidade de atuação na presidência de Medina, levando inclusive o “povo” a discutir sobre os problemas sociais e compreender, didaticamente, que o mito da Venezuela como um dos países mais ricos do mundo, pelas reservas de petróleo no seu território, era verdade só para alguns poucos privilegiados e para os proprietários das companhias estrangeiras de petróleo⁵¹⁹. Sendo assim, sob a administração de Medina, em 1945, foi pleiteado e ratificado o funcionamento legal do Partido Comunista Venezuelano. À repercussão positiva do governo, somaram-se as exortações dos comunistas ao presidente, “prestigiando-o nos seus atos democráticos”, e a mudança advinda com as medidas políticas por ser “bem vista pelo povo”.⁵²⁰ Selando o destino venezuelano, como

⁵¹⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 50, 18/07/1945. Rio de Janeiro.

⁵¹⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 96, 09/09/1945. Rio de Janeiro.

⁵¹⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 50, 18/07/1945. Rio de Janeiro.

⁵¹⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 96, 09/09/1945. Rio de Janeiro.

⁵¹⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 96, 09/09/1945. Rio de Janeiro.

⁵²⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 134, 24/10/1945, Rio de Janeiro.

visto a seguir, emerge em 18 de outubro o Golpe de Estado que selou as expectativas geradas em relação à transformação econômica conduzida por Isaías Medina.

Na edição de sábado de 20 de outubro de 1945, a grande manchete da *Tribuna Popular* contém os dizeres em negrito “GOLPE MILITAR NA VENEZUELA”⁵²¹ seguido pelos primeiros telegramas enviados pelos correspondentes da United Press para o Rio de Janeiro, reproduzindo as falas transmitidas pelas estações de rádio de algumas cidades próximas a Caracas e países vizinhos. No domingo, a nova manchete na parte superior da folha destaca o desenrolar dos acontecimentos “O GOVERNO DA VENEZUELA, APOIADO PELOS COMUNISTAS, ESMAGA A INTENTONA REACIONÁRIA – As forças do general Medina dominam a situação em todo o país com o apoio do proletariado e do povo”.⁵²²

Na terça-feira, após a leitura atenta das enganosas informações oriundas da tentativa do golpe, um telegrama da Associated Press foi publicado na primeira página, para esclarecer os “equivocos das primeiras notícias” e apresenta as primeiras medidas da nova e vitoriosa junta governamental, como a convocação da Assembleia Constituinte e uma declaração do Partido Comunista Venezuelano, comprometendo-se com uma “Junta de Governo de integração nacional” e favorável a apoiar o programa do novo governo. O golpe, portanto, foi bem-sucedido. Uma pequena nota na primeira página da *Tribuna Popular* informa que os governos do Equador, Panamá e Cuba⁵²³ rapidamente reconheceram a Junta Revolucionária da Venezuela, chefiada pelo major Rômulo Betancourt⁵²⁴.

A primeira abordagem sobre o golpe na Venezuela é feita quase uma semana depois dos acontecimentos, com o escrito *A Venezuela vai para a Constituinte*. Dessa forma, prossegue o diálogo com o seu público observando os perigos envolvidos no Golpe da Venezuela, liderado por um grupo de oficiais do Exército e da Ação Democrática, considerado um partido “de oposição sistemática, demagógico na sua linguagem sempre violenta” que, irresponsavelmente, achou que podia realizar um golpe de Estado, “e nele se meteu, para vencer, como poderia ter perdido, também”.⁵²⁵ Há, por trás dessas linhas do texto de Brasil Gerson, um sentimento de frustração. “Há menos de dez dias”, escreve Brasil

⁵²¹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 131, 20/10/1945, Rio de Janeiro.

⁵²² TRIBUNA POPULAR, Ed. 132, 21/10/1945, Rio de Janeiro.

⁵²³ TRIBUNA POPULAR, Ed. 136, 26/10/1945, Rio de Janeiro.

⁵²⁴ Rômulo destacou-se como um dos principais líderes da Ação Democrática na Venezuela. Na sua juventude estabeleceu diálogos com os comunistas e o pensamento marxista, organizando passeatas estudantis e sendo preso na ditadura de Juan Vicente Gómez. Brasil Gerson crítica as posições de Betancourt e a imprensa por estar denunciando as perseguições sofridas na época da juventude, sob o *gomizmo*, atribuindo-as como se fosse durante o governo de Medina.

⁵²⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 134, 24/10/1945, Rio de Janeiro.

Gerson, havia publicado em *Através das Américas* um estudo sobre o caso venezuelano do jornalista Carlos Rafael Rodrigues, do Partido Socialista Popular de Cuba, elogiando as crescentes medidas de defesa da soberania nacional, como a nacionalização do petróleo, e as demandas por participação popular.

Porém, a atitude do Partido Comunista, no desenrolar do golpe, foi de simples “expectativa” mesmo porque, justifica, tudo aconteceu inesperadamente, enquanto os venezuelanos descansavam depois do almoço, e em poucas horas “o poder passava a outras mãos, a militares e civis cujos antecedentes não eram fascistas”, conclui.⁵²⁶ Dessa forma, derrotados todos os focos de resistência do governo Medina, que o Partido Comunista Venezuelano sequer compôs, restou, sobretudo, encarar “o fato consumado com a serenidade própria dos marxistas, pronto para tomar, diante dele, a posição que for mais favorável ao povo”. Brasil Gerson conclui a coluna referindo-se à posição do PCV, sinalizada no discurso do seu secretário-geral, Juan Fuenmayor, segundo o qual o partido prestará seu apoio à junta governamental se realmente cumprir as promessas feitas, de eleições livres e a convocação da Assembleia Constituinte⁵²⁷.

Em *Golpes tipo “South América”*, Brasil Gerson manifesta o receio de que o golpe obliterasse demandas políticas nacionais presentes no contexto da abertura promovida por Medina. Da mesma forma, os rumos políticos venezuelanos sofrem a influência de um novo ambiente de bipolaridade. Insatisfeitas, segundo a declaração do secretário-geral do PCV, as “forças políticas majoritárias do partido governista, do partido da burguesia nacional satisfeita com Medina por causa de suas reformas progressistas” poderão reagir através de um “contragolpe” se a base do governo não for ampliada consideravelmente, incluindo outros setores além dos militares e da AD, como “também poderão reagir os remanescentes do *gomismo*, os reacionários e latifundistas liderados pelo general López Contreras”.⁵²⁸

Para Brasil Gerson, os golpes contra Perón e Medina são métodos condenáveis, e a polêmica em torno dos golpes é notória. A aversão a quarteladas e golpes “salvadores” pode ser vista como uma tentativa de evitar os derramamentos e banhos de sangue nos novos horizontes vislumbrados nas Américas. Por conseguinte, Brasil Gerson e *Tribuna Popular* parecem ter sido, como visto em *Através das Américas*, uma voz dissonante sobre tais processos, tendo a imprensa corporativa comemorado com regozijo as destituições de Perón e Medina, e os periódicos cariocas imputando a Medina a responsabilidade dos crimes da

⁵²⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 134, 24/10/1945, Rio de Janeiro.

⁵²⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 134, 24/10/1945, Rio de Janeiro.

⁵²⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 137, 26/10/1945, Rio de Janeiro.

ditadura de Juan Vicente Gómez.

Dessa forma, o jornalista prossegue o diálogo com o seu público observando os perigos envolvidos no Golpe da Venezuela, liderado por um grupo civil-militar. Para Brasil Gerson, tais ações golpistas representavam retrocessos, pois não “parecia a solução indicada, porque os seus resultados poderiam ser, inclusive, contraproducentes, isto é, favoráveis a Contreras”⁵²⁹ e de novas e duradouras convulsões sociais. Na visão de Brasil Gerson, influenciado pelas teses do socialista argentino Nicolás Repetto, o “motim militar” permanece como o elemento característico do “atraso político da América do Sul”.⁵³⁰

Naquele momento, a noção de democracia em *Através das Américas* mais se associava às reformas sociais, políticas e econômicas para a realização da revolução democrático-burguesa do que, necessariamente, às demandas pela ampliação do sufrágio universal e incorporação de todos os setores da sociedade latino-americana nas eleições. Brasil Gerson reconhece, sobretudo, a necessidade do voto feminino e dos analfabetos.

Porém, a eleição para a sucessão presidencial na Venezuela, prevista para o fim de 1945 por vias indiretas parlamentares, não parece contrapor-se à noção de “democracia”. Em verdade, na Venezuela de Medina, naquele momento, não se encontrava no centro das discussões o sufrágio universal diante das eleições indiretas, previstas para o fim do ano. Mas sim o embate tático entre a “burguesia progressista”, pautada pelo discurso do desenvolvimento nacional (considerado o desenvolvimento do capitalismo como indispensável para a futura revolução socialista), o apelo às reformas econômicas e a inclusão dos trabalhadores organizados (no Partido Comunista e seus sindicatos) na cena política, e os setores que defendiam uma democracia liberal nos moldes de sufrágio universal, e, segundo o colunista, de cunho demagógico e pequeno burguês. Esse, ao menos, é o quadro apresentado por Brasil Gerson.

Além da crítica aos desdobramentos do golpe que poderiam ser favoráveis a Contreras, o colunista refere-se, ainda que indiretamente, ao golpe contra Perón, que pavimentou o caminho da candidatura presidencial. No intervalo de dez dias, Perón foi destituído dos seus cargos, preso, libertado e alvo de aclamação pública pela multidão de trabalhadores mobilizadas na frente do palácio presidencial, consolidando a vitória de Perón.⁵³¹

A resistência ao golpe foi inexpressiva, e Medina saiu do cenário político, anulando a

⁵²⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 134, 24/10/1945, Rio de Janeiro.

⁵³⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 87, 30/08/1945. Rio de Janeiro.

⁵³¹ SANTOS, Rodolpho Gauthier Cardoso dos. A construção da ameaça justicialista antiperonismo, política e imprensa no Brasil (1945-1955). 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. p. 83.

predileção do colunista continental da *Tribuna Popular*. A análise do seu quadro requer algumas considerações sobre, como o sentido de sua realização pelo autor. A história, plasmada como depositária do progresso e do futuro, baliza o seu ideário de interpretação da América. Trata-se de textos de combates, intelectual e militante, frente aos desafios e desdobramentos da contemporaneidade e também na concepção de formas adequadas de luta para o desenvolvimento e transformação da realidade do continente.

Os perigos do golpe ameaçam, agora, o clima de tranquilidade social existente na Venezuela, pela intempestiva intervenção militar da Ação Democrática, insuflada por interesses estrangeiros, contra o presidente em exercício e a burguesia progressista. Para Brasil Gerson e outros setores sociais, como visto no estudo de Mario Angelo Miranda, o ambiente de ordem interna, abertura política e funcionamento legal das organizações políticas seria fundamental para a promoção de reformas de desenvolvimento nacional.⁵³² Ainda assim, Brasil Gerson preocupou-se com a elaboração de uma resposta à vitoriosa ação golpista civil-militar. Para ele, além de um “golpe de sorte”, outro fator que dará o tom serão as desconfianças de intervenção externa na política venezuelana. Com isso, apesar dos acenos dos comunistas venezuelanos à nova Junta Militar, o jornalista brasileiro põe em evidência a sua desconfiança pessoal em relação ao novo governo estabelecido. Segundo Brasil Gerson,

muitos dos oficiais que tramaram e executaram todo esse plano haviam estado na América do Norte, fazendo curso de especialização, motivo porque se achava a cargo deles o material moderno recentemente chegado para as forças armadas. E foi com esse material que eles depuseram o governo para entregá-lo à minoria opositora da Ação Democrática, gente que, afinal de contas, não é reacionária. Mas e se fosse?⁵³³

Ante o cenário de estável “tranquilidade” no país, o que parece irritar profundamente o escritor é que

de uma hora para outra uma minoria insignificante de militares jovens, agindo por processos dos mais condenáveis (...) prendeu as autoridades constitucionais e entregou o poder ao partido de suas simpatias, um partido de intelectuais e doutores cuja influência sobre a população sempre foi reduzida.⁵³⁴

Jornalista, intelectual e comunista, dotado de intenções e projetos políticos, Brasil Gerson tendia a se autorrepresentar como porta-voz da política continental, imbuído da missão de defender a soberania e democracia latino-americana e, espriar os seus ideais e posições ao debate público. Ante os últimos acontecimentos na Venezuela, consciente de que

⁵³² MIRANDA, Mario Ângelo. Povo, democracia e legalidade nas linguagens políticas do Brasil (1945-1964) e do Chile (1939-1973) no contexto das experiências democráticas de massa. 2014. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. p. 393.

⁵³³ TRIBUNA POPULAR, Ed. 137, 26/10/1945, Rio de Janeiro.

⁵³⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 137, 26/10/1945, Rio de Janeiro.

de “surpresas dessa espécie” os povos da América ainda não estão livres, defendia a organização política e social dos povos da América Latina em defesa dos seus direitos.⁵³⁵ O exame das conjunturas cambiantes dos países latino-americanos parece ser feito com a finalidade de extrair lições, ensinamentos, advertências e exemplos, funcionando como depositária de orientações a serem seguidas. A articulação ideológica de *Através das Américas*, em torno das intervenções estrangeiras, dava margem ao entendimento da existência de interesses conflitantes entre o capital norte-americano e a soberania sul-americana, ganhando certo espaço na Coluna e expressando, ainda que de forma restrita, uma crítica à política de boa vizinhança como sinônimo de união continental. Não por acaso impulsionou uma série de reflexões e em *Tribuna Popular*, Brasil Gerson publicou o artigo *O capital colonizador em ofensiva*, onde, parafraseando o discurso de Prestes, o colunista se refere ao imperialismo no pós-guerra, como:

sem possibilidades de intervenções armadas como antes para a defesa dos seus interesses. Mas se não pode usar canhões (...) e um deles é de atuar nos bastidores da política, através dos seus agentes, sustentando os governos da sua convivência ou tramando golpes e o que mais for preciso para mudá-los por outros mais amigos.⁵³⁶

A posição de Brasil Gerson, ao parafrasear Luís Carlos Prestes, pode ser entendida como resultado do rearranjo das forças internacionais na Segunda Guerra Mundial e de um curto período de convivência pacífica entre a URSS e as potências capitalistas, estabilizando as relações diplomáticas entre esses três países.⁵³⁷ A política do PCB, ao fim da guerra, passará por revisões após bruscas interrupções na política continental, como dos golpes na Argentina, Venezuela, Brasil, Haiti e Bolívia entre o biênio de 1945 e 1946. O eixo de ação do PCB, resultado de uma série de complexas injunções precipitadas no quadro político brasileiro e latino-americano, e nas próprias relações internas do comunismo internacional, impondo a Brasil Gerson a análise de novos problemas e questões frente à consolidação da democracia nas Américas. Isto revigorou a ação do colunista contra o imperialismo, empenhado em travar na sua Seção debates intensos, combatendo a imagem da Argentina e do peronismo produzida pela oposição anti-Perón e, especialmente, por Spruille Braden, à frente da secretaria norte-americana.

Brasil Gerson mantém-se em constante diálogo com a conjuntura da época, lidando, por um lado, com os embargos à sua escrita sobre o panorama continental, –“difícilmente se

⁵³⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 137, 26/10/1945, Rio de Janeiro.

⁵³⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 138, 28/10/1945, Rio de Janeiro.

⁵³⁷ MAZZEO, Antonio Carlos. *Sinfonia inacabada: a política dos comunistas no Brasil*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2022. p. 89.

conseguem notícias [da Venezuela] aqui no Rio”,⁵³⁸ diz ele – e, por outro, com as notórias dificuldades de extrair dos “confusos” telegramas estrangeiros conteúdos esclarecedores. No entanto, o que escreve em *Através das Américas*, muitas vezes, é o que se lê nos impressos, debate-se nos cafés ou se ouve dizer nas rádios. Assim como nas rodas de redatores, na “tardinha” na sede da *Tribuna Popular*, “agradáveis bate-papos informais” atraíam diretores, jornalistas e frequentadores da redação, que discutiam sobre diversos assuntos relativos a conjuntura nacional, continental e internacional, sobre os quais, muito provavelmente, Brasil Gerson estaria incumbido de escrever, e que possivelmente influenciaram os textos de *Através das Américas*.⁵³⁹

A partir da condenação das suas ações golpistas no continente, é feita uma inferência imediata: a democracia deveria ser conquistada sem o uso das armas e da violência, dentro dos marcos da legalidade burguesa. Uma vez ocorridos os golpes na Argentina e Venezuela, e identificado suas características, ainda permanecem certas dúvidas sobre a intervenção estrangeira nesses processos. A partir desses episódios, a despeito da sua interpretação sobre as insurreições armadas, a desconfiança em relação às agências e personalidades políticas norte-americanas se percebe a incorporação de reflexões presentes no próprio núcleo dirigente do Partido Comunista Brasileiro. A principal crítica será, como veremos, à condução dos assuntos argentinos pelo ex-embaixador e Secretário dos Estados Unidos, Spruille Braden. O seu entendimento sobre esses episódios incidirá diretamente na revisão sobre a análise da política externa da Casa Branca sob a gestão Truman, até então vista como parceira na manutenção da elogiada e defendida política da boa vizinhança do governo Roosevelt.

Para Brasil Gerson, mostrou-se imperativo afirmar, naquele momento, que o Departamento de Estado dos EUA e a Standard Oil, insatisfeitos com os governos de Caracas e Buenos Aires, aprovaram sucessivas intervenções favoráveis à política externa norte-americana nos dois países, submetendo os países do Cone Sul a política expansionista da “grande irmã do norte”. A resignificação sobre os golpes de outubro influenciam diretamente na revisão das posições sobre os interesses da embaixada norte-americana na América do Sul. Não à toa, as poderosas agências de comunicação produziram uma carga legitimadora do golpe e da Junta Militar venezuelana, atribuindo os crimes das ditaduras do falecido Gomez ao governo de Angariata Medina. Ainda que Brasil Gerson enfatizasse as

⁵³⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 96, 09/09/1945. Rio de Janeiro.

⁵³⁹ QUADROS, Carlos Fernando de. Jacob Gorender, um militante comunista: estudo de uma trajetória política e intelectual no marxismo brasileiro (1923-1970). 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. p. 87.

reformas econômicas, seus questionamentos quanto à cobertura da imprensa hegemônica em torno do Golpe foram incorporados em suas colunas. Atemorizado, mantém sua desconfiança em relação a tudo isso e lamenta os rumos tomados pelos venezuelanos e a cobertura do golpe de Estado pelos periódicos locais.

Não custou para que o Brasil fosse afetado, menos de duas semanas após os acontecimentos venezuelanos, por um golpe de Estado que destituiu o então presidente, Getúlio Vargas. O golpe se concretizou com o empastelamento das redações e oficinas das folhas ligadas aos comunistas e a perseguição e prisão de dirigentes do PCB. Vale destacar a interpretação de Anita Prestes sobre o Golpe de 29 de Outubro, desenvolvendo seguinte raciocínio

embora o golpe fosse contra Vargas, o principal alvo da repressão era o PCB, cuja sede foi invadida e depredada pela polícia, assim como outros locais do Partido e dos sindicatos. Dirigentes do PCB passaram a ser perseguidos e presos, sendo que os tanques, canhões e metralhadoras do Exército não foram dirigidos contra Vargas, mas contra a sede central do Partido.⁵⁴⁰

A propósito dessa discussão, o estudo de David Ribeiro destaca que não por coincidência “no dia da intervenção militar, cerca de quatrocentos integrantes do PCB foram presos, e os comitês do partido, atacados em diversas regiões do país”,⁵⁴¹ por, entre outros fatores, agirem como uma força autônoma e com um projeto próprio de democratização, marcado pela participação dos trabalhadores na cena política.⁵⁴² Interrompida sua circulação por três dias, a *Tribuna Popular* volta às ruas do Rio de Janeiro na quinta-feira, 1º de novembro. Com o retorno às atividades jornalísticas, Pedro Motta Lima, o diretor da *Tribuna Popular*, pouco se queixou do trágico incidente e da interdição sobre o jornal. Para ele, prevaleceu o entendimento de que era preciso “cooperar com o novo governo para o mais breve restabelecimento da ordem material, imprescindível a execução de um programa tendente a completa normalização institucional” e que os comunistas deveriam permanecer como “esteio da ordem e da paz interna”.⁵⁴³ Subjaz ao discurso apaziguador, estava o receio de Pedro Motta Lima e da Comissão Executiva do Partido Comunista de um revés no processo de democratização em curso e, por extensão, a inviabilização dos comunistas no processo da transição à democracia. No entanto, quando da deposição de Vargas, o Partido Comunista já era um partido bem diferente: em funcionamento legal e com uma notável rede

⁵⁴⁰ PRESTES, Anita Leocádia. *Viver é tomar partido: memórias*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019. p. 52.

⁵⁴¹ RIBEIRO, David Ricardo. O PCB e o Conflito pelo Controle da Democratização. In: SECCO, Lincoln; PERICÁS, Luiz Bernardo. *História do PCB*. 2022. São Paulo: Ateliê Editorial. p. 142.

⁵⁴² RIBEIRO, David Ricardo. O PCB e o Conflito pelo Controle da Democratização. In: SECCO, Lincoln; PERICÁS, Luiz Bernardo. *História do PCB*. 2022. São Paulo: Ateliê Editorial. p. 137-141.

⁵⁴³ TRIBUNA POPULAR, Ed. 141. 04/11/1945, Rio de Janeiro.

de imprensa, contava com prestígio junto à população brasileira, reforçada pela figura de Luís Carlos Prestes e pela repercussão das vitórias do exército vermelho na guerra.⁵⁴⁴ A retomada da *Tribuna Popular* causou grande repercussão e mesmo já tendo “aumentado de forma considerável” a tiragem do matutino, suas edições rapidamente se esgotavam nas bancas.⁵⁴⁵

Os redatores da *Tribuna Popular* saíram às ruas para entrevistar os “setores populares” sobre a repercussão do manifesto de Prestes e do PCB. Um dos abordados foi o metalúrgico Francisco Gomes Pinto, relatando que achou “um grande manifesto. Minha opinião é que a “TRIBUNA POPULAR” deverá repeti-lo, pois, tendo esgotado muito cedo o nosso jornal, muitas pessoas não puderam lê-lo”.⁵⁴⁶

O Manifesto publicado na edição que rapidamente esgotou nas bancas intitulava-se “O Partido Comunista ao proletariado e ao povo” e analisava a nova situação criada depois do golpe civil-militar do dia 28 de outubro. Nele, o PCB critica a condução política de Vargas por manter dentro do seu governo elementos “reacionários” e cita o caso do recente golpe na Venezuela como parte da campanha do “capital financeiro mais reacionário que se reagrupa e se reorganiza para tentar levar o mundo a novas guerras e choques sangrentos que facilitam a exploração dos povos mais atrasados das colônias e semi-colônias”. Menciona, ainda, que, diferentemente dos acontecimentos “ensanguentantes” do país irmão, no Brasil, a situação só não se agravou graças à “madureza política de que deu prova o nosso povo, que, orientado e esclarecido pela vanguarda do proletariado, não se deixou arrastar pelos provocadores nem pela demagogia golpista de politiqueros sem princípios”.⁵⁴⁷

O movimento militar de deposição de Vargas teve uma enorme repercussão entre todas as camadas sociais. Os textos escritos na *Através das Américas* revelam as preocupações do seu tempo, presente e contemporâneo, assim como a sua intenção de tomar parte nos debates públicos e provocar reflexão e questionamentos ao leitor. O processo de abertura democrática sofreu um revés, ou, como classificaria Brasil Gerson, sofreu uma “marcha atrás” pela própria incapacidade de Getúlio de livrar-se dos “elementos fascizantes” do seu governo. Sua primeira coluna após a deposição de Vargas traz o título *Os êxitos do Partido Socialista Popular*. Uma leitura precipitada poderia indicar um completo desligamento e desinteresse sobre a realidade brasileira por parte do autor da coluna, no entanto, ao descrever a linha política dos “socialistas-populares” nos últimos anos,

⁵⁴⁴ DE ROCHA POMAR, Pedro Estevam. Os aparatos de comunicação de massa e a luta pela hegemonia no Brasil. *Lutas Sociais*, n. 19/20, p. 89.

⁵⁴⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 141. 04/11/1945, Rio de Janeiro.

⁵⁴⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 142, 06/11/1945, Rio de Janeiro.

⁵⁴⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 142, 06/11/1945, Rio de Janeiro.

especialmente durante a crise “provocado pela derrota da coalizão em torno de Batista e pela presença de Grau vitorioso, dos piores provocadores de Havana fizeram com que para ele se voltassem as grandes massas ainda vacilantes na confusão tremenda daquele final de 1944”.⁵⁴⁸

Na coluna, Brasil Gerson atribui ao partido cubano um papel principal “no desmascaramento da reação infiltrada dos dois lados, na polarização das forças políticas em luta”, fosse por parte dos liberais, conservadores, reacionários ou falangistas que “passaram a ir fazer causa comum na imprensa e no parlamento” em uma “frente única no combate” a moção e aprovação de todas “medidas verdadeiramente democráticas e progressistas do presidente [Gral San Martin] e do seu Partido Revolucionário Cubano, que quer ser a continuação do que Martí fundou no século passado para a campanha da independência”.⁵⁴⁹

O colunista busca demonstrar, como ele mesmo diz, que, nas fileiras comunistas, o “individualismo não medrava” e que, em Cuba (e, acrescentaríamos, no Brasil e na Venezuela também, como realçada sumariamente), só uma coisa era priorizada: “os sagrados interesse dos do povo, do povo trabalhador acima de tudo”.⁵⁵⁰ Esse artigo, redigido com redobrada atenção por ocasião do reaparecimento da *Tribuna Popular*, tenta influir junto a sociedade e em consonância com a direção do PCB.

Tais edições esgotaram-se rapidamente nas bancas de jornais. Consciente disso, as colunas publicadas nesse contexto assumem grande importância e destaque para o autor, veiculando conteúdos de forte teor crítico, certamente porque o *Através das Américas* foi objeto de leitura de milhares de leitores, homens e mulheres. Entre a turbulenta conjuntura latino-americana, a coluna volta-se à questão democrática a partir de um diálogo com o dirigente cubano Blas Roca, que em finais da década de 1930, assevera

primeiro bastou para que toda a nação inteira se convencesse de que a constituinte era a solução mais popular, porque Cuba precisava de uma nova constituição, realmente democrática e de um governo capaz de grandes realizações progressistas. Um ano depois a constituinte trabalhava, e para os cubanos começava já uma nova vida, ficando para trás o tempo dos caudilhos e dos golpistas. Cuba é hoje, com efeito, uma democracia que honra a América inteira.⁵⁵¹

O intuito do escrito, acompanhado de uma bela imagem da constituinte cubana para reforçando a bandeira do seu projeto de democratização, é evidente: afirmar a elaboração de uma nova Constituinte como a maneira mais adequada de efetivar e aperfeiçoar o regime democrático. É nesse sentido que o nosso redator conclama os cidadãos para a missão de

⁵⁴⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 140, 02/11/1945, Rio de Janeiro.

⁵⁴⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 140, 02/11/1945, Rio de Janeiro.

⁵⁵⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 140, 02/11/1945, Rio de Janeiro.

⁵⁵¹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 131, 20/10/1945, Rio de Janeiro.

começar uma nova vida, necessária à efetivação do exercício dos direitos democráticos. Para realizar esse projeto, seria necessário adotar uma via oferecida e a defesa de determinados princípios na luta contra os regimes “reacionários”. Não à toa, Cuba foi um dos primeiros países a reconhecer a União Soviética e “Batista o primeiro chefe de Estado sul-americano a bater-se por um ministro de união nacional com os comunistas, pois sem eles – diz e repete aos conservadores que o apoiam – não haverá união nacional digna desse nome”.⁵⁵²

É certo que, quando *Através das Américas* aborda a conjuntura de Cuba, também está referindo sobre a Argentina, Brasil e Venezuela. Mantendo as características próprias da coluna, constatamos a defesa das Constituintes na América para legitimar o seu argumento – e do PCB – sobre o Brasil, ou seja, a análise dos os rumos país e da política nacional se dá sob a perspectiva da América Latina.

O sucesso do caso cubano, ocorrido alguns anos após a prisão de Luís Carlos Prestes e de violenta repressão estatal ao PCB, alimentou as esperanças das propostas transformadoras da vida social brasileira. O desenrolar de 1945 parece ter dado razão aqueles comunistas. Com a eleição de uma bancada de um senador e catorze deputados constituintes, o modelo cubano de “união nacional” parecia comprovar o acerto da linha política adotada pelo partido. Tomando de empréstimo a expressão da poetisa cubana Mirta Aguirre, Brasil Gerson retrata a realidade brasileira como um “regueiro de pólvora” e, atravessado pela dimensão da narrativa gloriosa, afirma que a solução para enfrentar a crise cubana saiu de “dentro do coração popular (...) cortou a ilha de ponta a ponta, de Baracoa a Piñar del Río” com a seguinte palavra de ordem: “A nuestro Partido, al partido de la gente trabajadora!”.⁵⁵³

Para retratar as mudanças, e sobretudo para compreender o papel exercido pelo “povo”, sobretudo as camadas trabalhadoras, percebe-se, a partir da análise dos trechos das fontes mencionadas, características que vão convergindo em torno do caráter democratizante associado à Carta Magna. Esse é o caminho apontado para resolver os rumos de países oriundos de experiências “caudilhescas”, no marco interpretativo postulado na coluna, no caso de Cuba, com uma periodização iniciada em 1933, com a deflagração da rebelião que destituiu o governo de Gerardo Machado, atravessando a abertura democrática e a eleição para a Assembleia Nacional Constituinte em 1939, resultado das pressões da oposição.⁵⁵⁴ Sobretudo nos últimos anos da década de 1930, a proposta dos comunistas para a grave crise política em Cuba esteve sob o signo da formação de uma “frente de partidos democráticos

⁵⁵² TRIBUNA POPULAR, Ed. 79, 21/08/1945. Rio de Janeiro.

⁵⁵³ TRIBUNA POPULAR, Ed. 140, 02/11/1945, Rio de Janeiro.

⁵⁵⁴ CALEGARI, Ana Paula Cecon. Perspectivas teóricas, trajetória e o projeto político dos comunistas cubanos durante a década de 1940. *Tempos Históricos*, v. 21, n. 2, 2017. p. 147.

para a imediata eleição de uma Constituinte”, reunida entre fevereiro e julho de 1940 para escrever a nova carta magna do país, porém, “não faz a maioria da Constituinte, mas triunfa nos debates (...) e dá a terra cubana a constituição que ela desejava”.⁵⁵⁵

A respeito dessas discussões, esse não era o caso da Argentina. Apesar dos sucessivos golpes, os militares não revogaram a Carta Magna de 1853. Segundo o estudo de Ana Paula Calegari, os seis comunistas cubanos eleitos para a Constituinte foram “elementos fundamentais para a defesa e aprovação das demandas mais progressistas da constituição” e, ressaltou que eles redigiram e conquistaram a aprovação de 27 artigos na nova Constituição, entre os quais constavam o

o pagamento semanal aos trabalhadores, a delimitação da jornada semanal de 44 horas, mas com salário de 48 e as férias de um mês por onze trabalhados, liberdade de organização sindical e o direito de greve, contratos coletivos escritos e a proibição do trabalho de crianças menores de 14 anos (...) o relativo ao aumento salarial em atividades urbanas, o benefício da previdência social a grupos que ainda não possuíam este benefício e o reconhecimento ao direito de organização.⁵⁵⁶

Em seguida, a campanha presidencial de Batista, já como general reformado “por sua vontade”, vai às ruas “como civil” para liderar a vitoriosa campanha da Coalizão Democrática Socialista a Presidente da República, integrada pelos comunistas. Agora, discutindo o tempo presente, mas expondo o panorama dos anos recentes em Cuba, observando, selecionando e resgatando as experiências e testemunhos pretéritos, Brasil Gerson resalta que

Agora, que nós batemos aqui por uma Constituinte (que foi como os cubanos enveredaram pela democracia em 1938), convém recordar esta outra de suas afirmações [Fulgêncio Batista], oportuníssima para nós: “O povo melhor orientado é o que se vale do Congresso como um instrumento essencial da Democracia.”⁵⁵⁷

Assim como preconizada pelo PCB no segundo semestre de 1945, a respeito da sua participação na “Frente Ampla pela antecipação da Assembleia Constituinte”⁵⁵⁸, sua referência a Cuba surge para o leitor como um signo identificador. Essa é uma das características de *Através das Américas*, afinal, ao dialogar com o seu contexto social e as discussões políticas tidas como de interesse público, somos instados a compreender que a seção, para além de informar sobre os acontecimentos do continente, tem o papel de dialogar

⁵⁵⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 79, 21/08/1945. Rio de Janeiro.

⁵⁵⁶ CALEGARI, Ana Paula Cecon. Perspectivas teóricas, trajetória e o projeto político dos comunistas cubanos durante a década de 1940. *Tempos Históricos*, v. 21, n. 2, 2017. p. 149.

⁵⁵⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 79, 21/08/1945. Rio de Janeiro.

⁵⁵⁸ RIBEIRO, David Ricardo. O PCB e o Conflito pelo Controle da Democratização. *In*: SECCO, Lincoln; PERICÁS, Luiz Bernardo. *História do PCB*. 2022. São Paulo: Ateliê Editorial. p. 140.

com o leitor do jornal, buscando o convencimento, bem como estreitar os sentimentos de identidade e pertencimento, apresentando caminhos para o futuro do Brasil em busca de determinados objetivos político-institucionais, como a revisão e elaboração de uma nova Constituição.

Dessa forma, a positivação da figura do presidente cubano faz sentido antes do golpe de 28 de outubro, no contexto de aproximação entre os êxitos comprovados da política de união nacional pelos cubanos, como inspiração e legitimação ao que estava por vir na democratização do Brasil. O espírito de unidade democrático-popular presente na escrita sobre Cuba reverbera e dialoga com o programa adotado pelo PCB, e também como convencimento sobre a Constituinte e da política de união nacional como importantes marcos políticos. Os eventos narrados pareciam estar confirmando as evidências e justificando a posição adotada pela direção do partido, suas iniciativas de comunicação e debate por impresso dos intelectuais comunistas, porque, como escrito na manchete da *Tribuna Popular* de 21 de outubro: “A constituinte é a certeza da democracia”.⁵⁵⁹

Não é por acaso que a cooperação dos comunistas brasileiros com Getúlio Vargas, em prol da convocação Constituinte, é descrita, de modo paralelo, à aliança dos comunistas cubanos com Batista. Ambos os ditadores são alvos de uma conversão democrática, assim como Vargas, Batista foi responsável por criminalizar, censurar e perseguir os movimentos populares em Cuba. No entanto, no contexto de transformações operadas na conjuntura internacional, como o alinhamento da política externa de Brasil e Cuba com as forças aliadas, o processo de aproximação das realidades operada pelo escritor é sugestivo a respeito dos caminhos possíveis a seguir e das concessões a fazer em nome da união nacional. Tudo, em tese, para conquistar nas terras brasileiras, assim como foi na ilha caribenha, uma democracia que honre o continente inteiro, com os comunistas influenciando nos destinos da vida política nacional.

Dessa forma, que mudanças seriam vitais para os partidos comunistas na nova realidade do pós-guerra? A primeira, presente em todos os casos analisados, vinculava-se à necessidade de não mais se prender a fatos e rivalidades pretéritas para a adoção da linha política presente. Era preciso compreender a correlação de forças da “vida nova, própria da época da vitória da democracia contra o fascismo”.⁵⁶⁰ Em segundo lugar, dialogando diretamente com a primeira, estava a disputa de personalidades exemplares para reforçar a conversão à democracia, como foi o caso do marechal Bonavidez, ex-presidente do Peru, cujo

⁵⁵⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 132, 21/10/1945, Rio de Janeiro.

⁵⁶⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 17, 10/06/1945. Rio de Janeiro.

governo de caráter ditatorial chegou a importar para o país “uma missão fascista italiana para instruir a polícia política local”. Com a finalidade de garantir que o “clima peronista” não influísse nele, Bonavides publicou um manifesto pregando a unidade democrática, em torno do sufrágio de Bustamante y Rivero, candidato civil da Frente Democrática Nacional do Peru.⁵⁶¹ Em terceiro lugar, o imperativo de se colocar à disposição no apoio (crítico, parcial ou endosso completo) a quaisquer plataformas que beneficiassem a burguesia progressista, os trabalhadores e camponeses. A respeito dessas análises, é preciso apontar que não são excludentes entre si e podem ou não permear simultaneamente a linha política de um mesmo partido comunista.

Inicialmente adversários de San Martín na eleição de 1944, os comunistas cubanos, observando o rearranjo do quadro político e a reconfiguração das forças políticas atuantes, passaram a acenar para o presidente e valorizaram as medidas governamentais consideradas como favoráveis à melhoria da vida da classe trabalhadora.

Diante do exposto, as considerações de Brasil Gerson sobre a política latino-americana estão reunidas nos escritos diários de *Através das Américas*. Sua leitura fornece chaves para o entendimento das formulações sobre a realidade social, política e econômica do continente, orientações dos governantes e partidos de vanguarda. Desse modo, os PCs da Venezuela e Argentina são contrapostos aos partidos brasileiro e cubano, em termos de modelo a seguir destacando, pelo menos nas linhas de *Através das Américas*, como verdadeiras vanguardas centradas no processo social e capazes de desvendar as conspirações em curso.

4.4 – “O outubro de Perón foi diferente”: A tormenta argentina a vista

A greve geral no dia 17 de outubro foi um dos potentes desdobramentos das posições assumidas pelos trabalhadores em resposta ao já citado Manifesto das Forças Vivas, ocupando as ruas para exigir a libertação do líder proscrito.⁵⁶² Diz Brasil Gerson que o êxito da greve geral organizada pela CGT causou enorme surpresa a muita gente. Frente a essa surpresa, explicava que ela “não tinha razão de ser”, afinal, depois de dois anos de Perón com

⁵⁶¹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 17, 10/06/1945. Rio de Janeiro.

⁵⁶² SÁ, Cristina Isabel Abreu Campolina de. A palavra de Perón: análise do discurso e da política trabalhista argentina (1943-1949). Tese (Doutorado) Universidade Federal de Minas Gerais, 2007. p. 66; CAVLAK, Iuri. Revisitando o populismo: o caso argentino. Revista Novos Rumos, v. 55, n. 2, 2018. p. 9.

a sua Secretaria do Trabalho e Provisão, a adesão sindical e operária à CGT havia aumentado gradativamente desde a fundação da Secretaria.⁵⁶³

O juízo do jornalista brasileiro, em contrapartida à análise de seus irmãos argentinos, vai na contramão e parece discordar do diagnóstico dos sindicatos à margem da CGT, como o COU, dirigidos pelas tradicionais forças de esquerda. Embora demagógicas, o colunista lembra que essas medidas e reivindicações significavam, por certo, uma melhora na vida do trabalhador. Reconhecendo os benefícios sociais do Estado, eram uma novidade para os trabalhadores que, nos governos anteriores “não tinham garantia de espécie nenhuma”. E assinala que, até a criação da Secretaria do Trabalho e Provisão, em 1944, a Argentina possuía uma das legislações sociais mais atrasadas da América.⁵⁶⁴ É a partir de 17 de outubro, com a multidão nas ruas da capital exigindo sua libertação que se constroi uma nova forma de representação das bases de Perón, forma essa que vem a ser o padrão adotado pela coluna em futuras análises, marcadas principalmente pelo olhar da arregimentação peronista graças a “imaturidade” operária. Antes, as constantes manifestações operárias em defesa de Perón foram atribuídas a “alguns pequenos setores, sem dúvida os menos esclarecidos, da classe trabalhadora, dada a hábil política demagógicamente obreirista de Perón na Secretaria do Trabalho”.⁵⁶⁵

A coluna *Fim de semana em Buenos Aires* inaugurou um novo postulado pós-17 de outubro, com base numa entrevista de José Real na imprensa platense. Portanto, a chave de entendimento não se trata mais de denunciar os discursos demagógicos de Perón, sem a adesão dos trabalhadores, e negar o apoio do operariado a figura do líder laborista, considerado minoritário até a *huelga geral*⁵⁶⁶. Analisando a situação do país pós 17 outubro, Brasil Gerson atribuiu, ademais, à imaturidade política de considerável parcela da classe operária a razão da sedução pelo discurso de Perón, enxergando esses trabalhadores como meros marionetes, a serem manipulados ou cooptados pelo governo ou pelo partido criado por Perón para disputar as eleições presidenciais. A demagogia de Perón, considerada antes uma estratégia fadada ao insucesso, cede lugar aos habilidosos discursos dirigidos aos despossuídos. Transforma-se o palco da luta entre os setores operários mais antigos e os novos, estes, “mal politizados ainda”, “se deixam impressionar pela ação do peronismo no Ministério do Trabalho, que antes de 1943 não existia. E pela sua legislação, antes também

⁵⁶³ TRIBUNA POPULAR, Ed. 132, 21/10/1945, Rio de Janeiro.

⁵⁶⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 132, 21/10/1945, Rio de Janeiro.

⁵⁶⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 65, 04/08/1945, Rio de Janeiro.

⁵⁶⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 149, 14/11/1945, Rio de Janeiro.

inexistente.⁵⁶⁷ Agora, em contraste, para tratar das grandes adesões aos laboristas, a sua chave de leitura atribuía à imigração do jovem operariado vindo ultimamente do campo o massivo apoio a Perón⁵⁶⁸. Segundo cálculos dos estudiosos em Buenos Aires, estimavam-se em 400.000 mil novos operários a mais, “talvez, vindos dos campos e todos eles novíssimos de primeira geração e nele, a legislação peronista e a linguagem hábil do antigo ministro do Trabalho causou tal impressão de que, na capital portenha, muitos temem que seja para ele seus votos, ou quase todos”.⁵⁶⁹

Mencionando a imigração, o contraponto entre o campo e cidade, jovens e veteranos, a caracterização dos trabalhadores peronistas é feita levando em conta o novo perfil do operário urbano jovem, característica ressaltada por Brasil Gerson, com pouco contato com as importantes bandeiras operárias e, portanto, ainda imaturo ideologicamente, suscetível a se deixar levar e ser ludibriado pelas até então inéditas medidas governistas a favor dos trabalhadores. Em contraposição a esse novo tipo de trabalhador, estão os operários veteranos, esclarecidos e ligados às vanguardas políticas comunistas e socialistas, imbuídos da missão de conduzi-los à verdadeira vanguarda da democracia. Ele reforça, assim, a ótica de uma classe operária organizada e conduzida pelos próprios peronistas, à margem do que seria o natural: a sua orientação pautada pelo partido da vanguarda operária. Logo, parecem não ter eles a consciência de classe e os conhecimentos necessários para compreender os grandes debates políticos.

Dessa maneira, a representação que Brasil Gerson construiu especialmente sobre os trabalhadores favoráveis a Perón agregou a típica alusão a duas argentinas. Sua especificidade nacional, diz então, passa pelo divórcio entre as vastas regiões do país e o hiato entre as experiências de classe nos espaços urbanos, como Buenos Aires, e as regiões menos industrializadas no interior do país. Assim, o perfil dos operários peronistas foi disseminado como jovens entusiasmados e de origem rural, fazendo parecer que a multidão tem uma organização puramente orientada pelo impulso emocional, convencidos pelos discursos de fundo demagógico do seu caudilho. E chamava a atenção de que a geração dos “trabalhadores veteranos cabia, nesse caso, afastá-los desse falso amigo.”⁵⁷⁰

Como vimos, essa imagem construída sobre esses trabalhadores argentinos em *Através das Américas*, atribui a eles falta de maturidade política, sendo assim reféns das “paixões populares”. O equívoco de tal concepção é demonstrado por Edward Thompson.

⁵⁶⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 149, 14/11/1945, Rio de Janeiro.

⁵⁶⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 149, 14/11/1945, Rio de Janeiro.

⁵⁶⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 147, 11/11/1945, Rio de Janeiro.

⁵⁷⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 149, 14/11/1945, Rio de Janeiro.

Para o historiador britânico, os sujeitos são fala e mente, ativos no processo histórico,⁵⁷¹ devendo portanto ser analisado com muito cuidado pelos sujeitos históricos estranhos à ordem oligárquica, como os “descamisados” de Perón.

Tendo como mediadores os jornais do Prata, é preciso lembrar as suas construções não como verdades concretas, assim como também é preciso uma análise de forma não mecânica. Postulada essa perspectiva, a representação não é um reflexo da realidade, isso porque elas estão associadas a um determinado imaginário político, regido pela interação entre os sujeitos produtores e receptores de cultura, os sentidos ganham forma na folha impressa, tendo como mediadores processos de códigos, comunicação e diálogos, como bem assinala o estudo de François-Xavier Guerra⁵⁷².

No debate proposto por *Através das Américas* sobre o panorama político argentino, desvendamos a leitura-chave sobre o país, a partir da qual é possível entender como a coluna abordou os trabalhadores peronistas e as forças de oposição. A definição dos trabalhadores na coluna de Brasil Gerson remete aos conflitos reais de que essas representações – no caso, o proletariado – são o objeto de disputa.⁵⁷³ O resultado disso é o destacado esforço em mobilizar determinadas representações da sociedade, responsável por moldar um padrão de realidade a partir dos seus próprios interesses, nesse caso, uma explicação alternativa à narrativa de enxergar nos trabalhadores peronistas os soldados do Terceiro Reich.

Brasil Gerson reforça a ótica de uma classe operária não “desorganizada” ou “inconsciente”, como assinalado por Ângela de Castro Gomes nos seus estudos sobre o populismo. Por mais que o ânimo de um movimento operário organizado e atuante tenha encontrado na política peronista, de natureza corporativista e controladora, uma barreira à sua concretização⁵⁷⁴, ao contrário do que poderíamos pensar, Brasil Gerson tenta enxergar o envolvimento dos trabalhadores peronistas e das suas reivindicações, implicando na existência de sua autonomia, ainda que considere errônea.

Evidenciando os ganhos sociais alcançados pela classe trabalhadora, sob rigorosas acusações de “demagogia”, reconhece a importância dos efeitos práticos da legislação trabalhista e conjectura sobre o peronismo, distanciando-o de outros movimentos nazifascistas, por uma equação muito simples: não poderia Perón, afinal, conquistar os votos

⁵⁷¹ LINEBAUGH, Peter. Todas as montanhas atlânticas estremeceram. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, nº 6, 1984, p. 10-12

⁵⁷² GUERRA, François-Xavier. Modernidad e Independencias: Ensayos sobre la revoluciones hispánicas. 1992. p. 14-15.

⁵⁷³ PROST, Antoine. Social e cultural indissociavelmente. Para uma história cultural. Lisboa: Estampa, p. 1998, p. 130.

⁵⁷⁴ SÁ, Cristina Isabel Abreu Campolina de. A palavra de Perón: análise do discurso e da política trabalhista argentina (1943-1949). Tese (Doutorado) Universidade Federal de Minas Gerais, 2007. p. 56.

das massas da UCR, dos sindicatos da CGT e dos camponeses se apresentasse “medidas e ideias de tipo fascista”. Dizia ele não haver dúvida de que a sua observação sobre o peronismo foi confirmada pelos fatos, distante ideologicamente do fascismo⁵⁷⁵.

Por outro lado, os comunistas argentinos suspeitavam da demagogia de Perón e se portavam de acordo com suas experiências pregressas. Perante a “demagogia” ou astúcia de Perón – de acordo com as palavras de Cristina Sá –, a esquerda argentina não soube lidar com os trabalhadores e preveni-los contra os ardis do militar. Esses desajustes calcados na intransigência ideológica do PC causaram não só uma profunda divisão entre o movimento operário argentino, como escancarou a fragilidade do PCA em propor uma solução para os grandes problemas nacionais. Apreensivo, Brasil Gerson escreve

Eis porque a divisão nos preocupa, os sindicatos divididos em frações cada vez mais inimigas umas das outras, as da C.G.T. dizendo que os comunistas não passam de brigadas de choques dos conservadores, armados por eles, e os comunistas e socialistas acusando os peronistas de “banda nazis” em luta contra os trabalhadores.⁵⁷⁶

Percebendo a tônica do discurso da esquerda argentina, *Através das Américas* assume uma atitude de aconselhamento e serenidade – e não de intervenção – em relação ao tema. Depois da libertação de Perón e de longos períodos turbulentos, no final de outubro, “tudo parece voltar ao clima favorável de agosto”.⁵⁷⁷ Os partidos estão funcionando legalmente, “Perón será candidato na sua condição de simples oficial reformado”, assim como foi Fulgêncio Batista em Cuba e os líderes de partidos, sem exceção, serão convidados para reunir-se com o governo e discutir as medidas a serem adotadas para garantir a execução do pleito presidencial, inclusive discutindo a sua antecipação de abril para janeiro ou fevereiro.⁵⁷⁸

Em tom crítico, referindo-se aos exilados não operários – Brasil Gerson frisa

falando uma linguagem delirante, inclusive nos comícios que Uruguai se vem realizando em favor do rompimento de relações com “la sangrienta ditadura nazi del GOU” – nazismo tão estranho que, mesmo na vigência deste estado de sítio, não impede que continue circulando o órgão oficial do Partido Comunista...⁵⁷⁹

Em finais de outubro, Brasil Gerson acredita que

não prestam um bom serviço a paz entre os argentinos e os americanos em geral os que insistem em ver em Buenos Aires uma sucursal típica da Alemanha nazista e na parte do povo menos politizado que apoia Perón (são, entre outros, grupos

⁵⁷⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 135, 25/10/1945, Rio de Janeiro.

⁵⁷⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 135, 25/10/1945, Rio de Janeiro.

⁵⁷⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 135, 25/10/1945, Rio de Janeiro.

⁵⁷⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 135, 25/10/1945, Rio de Janeiro.

⁵⁷⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 135, 25/10/1945, Rio de Janeiro.

populares, milhares de honestos operários) uma turba ignara de desclassificados, as ordens de facinoras fascistas.⁵⁸⁰

O desígnio da sua escrita parece encontrar Nicolas Repetto, ainda no “exílio” na capital uruguaia - por vontade própria, ressalta Brasil Gerson - elaborado com o objetivo de criticá-lo, haja visto que na Argentina não se via nazismo triunfante ou censura das liberdades. E antecipando possíveis repercussões negativas, críticas e objeções, das quais certamente seria alvo, dizia: “Esta notícia não é contra nem a favor de ninguém: é apenas um simples registro objetivo dos acontecimentos portenhos, pois no drama argentino, não somos mais que simples espectadores, torcendo, porém, no bom sentido”. E conclui indagando: “Que acontecerá se essa excitação não for substituída por um estado de espírito mais sereno? Se não tiver um fim essa guerra dentro da própria classe, cuja missão é construir, unida, o mundo novo de amanhã?”.⁵⁸¹

O que constata Brasil Gerson em seu texto é que os ânimos da época, às vésperas da eleição, preocupavam pelo ímpeto violento e delirante da oposição, dos comunistas aos conservadores. Um temor de que as eleições não fossem tomadas como meio para alcançar a democracia, momento imprescindível em que o “povo” deveria adquirir consciência do seu papel social nesse contexto. O que criticava, enfurecido, era a vulgaridade das críticas feitas muitas vezes pelos grupos contrários a Perón. Não se trata, por óbvio, do intento de intervir na linha partidária dos “irmãos do prata”. Esboça, de início, algumas discordâncias que, gradativamente, transparecerão de maneira gritante com a proximidade das eleições. De igual maneira, *Através das Américas* torna-se cada vez mais ativa nas análises sobre a política argentina, e, acima de tudo, nos esforços de descartar, de maneira vigorosa, as teorias de infiltração nazistas, desvinculando os signos marcadamente nazistas da candidatura de Perón. Assim como também denunciar a intervenção estrangeira nas eleições de fevereiro de 1946.

Ao longo dos meses de existência, principalmente depois de outubro, *Através das Américas* notabiliza-se como um espaço de debate franco e, sobretudo, direciona a sua atenção às eleições argentinas, discutindo os programas de ambas as candidaturas, de Juan Perón e Hortênsio Quijano, pelo Partido Laborista, e José Tamborini e Enrique Mosca, pela União Democrática, privilegiando os fatos de ordem política.

Já definida a chapa presidencial, a coluna abordava no começo de novembro a proposta da reforma agrária, cogitada “mesmo que por demagogia” nos círculos peronistas.⁵⁸²

⁵⁸⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 135, 25/10/1945, Rio de Janeiro.

⁵⁸¹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 135, 25/10/1945, Rio de Janeiro.

⁵⁸² TRIBUNA POPULAR, Ed. 142, 06/11/1945, Rio de Janeiro.

Diziam, os jornais do Prata, tratar-se de simples peça de propaganda. Ainda que fosse, assume: “o problema decisivo, já é, sem dúvidas, de uma importância excepcional. E suas consequências podem ser muito sérias”.⁵⁸³ Se assim fosse, o que poderia acontecer com a Argentina? Porque, como se via à época, uma das contradições mais complexas do país à época, “contraditório por excelência” é a posição da União Democrática, composta pelos conservadores da aristocracia agrária. Brasil Gerson considera que, diante da conjuntura, não deixa de ser oportuno perguntar a eles, os grandes estancieiros e representantes da elite agrária – em coalizão com os comunistas e socialistas – se acaso incluiriam em sua plataforma “pontos tão avançados para o país?”, como fez a candidatura do Partido Laborista.⁵⁸⁴

Na crônica *Fim de semana em Buenos Aires*, Brasil Gerson acolhe os pronunciamentos de José Real⁵⁸⁵, correspondente de *Justicia* em Buenos Aires e do embaixador argentino, Guiraldes. Dedicou o primeiro parágrafo à discussão proposta por Real sobre as tentativas de unificação dos “partidos democráticos” em torno de uma candidatura presidencial e das permanentes mobilização para forçar “a saída do governo atual, manobrada pelo coronel reformado, e a sua substituição por outro cívico-militar, que conte com a colaboração do setor antiperonista das classes armadas”. Abrindo parênteses, escreve uma relevante consideração: “Uma observação nossa, entre parênteses: a ditadura de Buenos Aires não se está opondo à propaganda ativa dos socialistas e comunistas neste sentido”.⁵⁸⁶ No segundo parágrafo, referenciando-se a entrevista do embaixador argentino no Chile, a coluna apresentava um posicionamento distinto que, a partir de nossa investigação, julgava Brasil Gerson como o mais adequado ao entendimento da situação portenha. Diz o embaixador em defesa do governo argentino que

a campanha se está fazendo contra o seu país no mundo inteiro, e inclusive nos setores trabalhistas, é a “mais odiosa”, e se baseia numa apreciação errônea dos fatos. A Argentina não é um reduto de espões nazistas nem uma base nazista com vistas a preparação de uma nova guerra. Como isso seria possível num país onde gozam agora de todas as liberdades partidos como o Comunista e o Socialista? Este governo – acrescentou – foi o primeiro que ali correu ao encontro dos trabalhadores, dando-lhes garantias que eles não possuíam.⁵⁸⁷

E conclui a entrevista: “Estamos sendo vítimas de uma tremenda injustiça”.⁵⁸⁸

Antagônicas, as posições de José Real e Guiraldes apontam as contradições argentinas. De

⁵⁸³ TRIBUNA POPULAR, Ed. 142, 06/11/1945, Rio de Janeiro.

⁵⁸⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 142, 06/11/1945, Rio de Janeiro.

⁵⁸⁵ Já citado outrora como um dos presos políticos posto em liberdade no mês de julho do ano corrente, “bravo lutador antifascista” e dirigente nacional do Partido Comunista Argentino.

⁵⁸⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 149, 14/11/1945, Rio de Janeiro.

⁵⁸⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 149, 14/11/1945, Rio de Janeiro.

⁵⁸⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 149, 14/11/1945, Rio de Janeiro.

um lado, o dirigente nacional do Partido Comunista, de outro, o diplomata do governo Argentino. Ante tais dificuldades, o apreensivo colunista de *Através das Américas* movia-se num espaço paradoxal e contraditório. Em novembro de 1945, Brasil Gerson desabafa sobre as dificuldades do seu ofício:

Sendo de oposição todos os jornais portenhos que por aqui aparecem e atuando também as agências telegráficas nesse mesmo sentido antiperonista, dificilmente se pode de longe fazer uma ideia dos elementos de que dispõe, nesse partido [Laborista], os que pretendem empregar a sua direção em favor do coronel, que se reformou e não exerce mais nenhuma função pública.⁵⁸⁹

Há algum tempo, considerava equivocadas as tentativas de caracterizar a base de apoio a Perón como “hordas nazistas” e sujeitos irracionais. Na situação instalada no país, para amalgamar os trabalhadores argentinos, o recém fundado Partido Laborista aproveitou-se para recrutar os “milhares de jovens trabalhadores que nestes últimos quatro anos vieram dos campos para as fábricas, nas grandes cidades, trabalhadores mal politizados que os seus veteranos irmãos de classe ainda não conseguiram trazer para o seu lado”.⁵⁹⁰ Portanto, para entender os interesses da nova organização de Perón, carecia de uma fonte própria ao projeto editorial no qual os trabalhistas se articulavam. Devido ao contexto extremamente favorável à candidatura de Perón e à organização do Partido Laborista, bem como à apropriação da ideia do recrutamento de jovens operários, para a disputa eleitoral, deve-se levar em conta certos elementos como a criação de um “eleitorado novo e numeroso que há cinco ou seis anos era inexistentes, nascido do grande desenvolvimento da indústria de consumo no país”.⁵⁹¹

Sua intensa participação na imprensa, caracterizando a realidade argentina naquela conjuntura, apontava para um fato relevante, demonstrando haver em *Através das Américas* uma postura específica, que não acolhia e tampouco acompanhava a análise política e diretrizes do Partido Comunista Argentino, ainda que prevalecesse em sua escrita o respeito e confiança pelos “irmãos do prata”.

As principais críticas da oposição a Perón, ao associar a sua figura à de um espião e agente nazista, eram disseminadas por aqueles que achavam “que ali impera uma ditadura nazista e que a máquina eleitoral em favor de Perón é simplesmente monstruosa e que nela trabalham ativamente a política, no uso da força e da violência, e o Ministério do Trabalho com a demagogia mais desenfreada”. Nas ruas do centro de Buenos Aires, os topetudos

⁵⁸⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 147, 11/11/1945, Rio de Janeiro.

⁵⁹⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 155, 21/11/1945, Rio de Janeiro.

⁵⁹¹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 147, 11/11/1945, Rio de Janeiro.

gritam o nome de Spruille Braden, acusando o ex-secretário do trabalho de chefiar um bando nazista. Em contrapartida, os peronistas respondiam caracterizando a oposição como uma coligação de interesses estrangeiros em função de Washington, vazia de conteúdo social para o operariado⁵⁹². O clima de incerteza e terror na sociedade argentina pairava nas eleições de 1946, junto às ameaças aos trabalhadores, inclusive com a possibilidade de perderem os ganhos “outorgados” pela Secretaria de Provisão.⁵⁹³

As exposições acima referidas, longe de simples oposições e dicotomias, representavam as disputas conformando um pensamento contra-hegemônico. Importa mencionar que, entre os principais matutinos e vespertinos da cidade do Rio de Janeiro, estavam o *Diário Carioca*, da Família Macedo Soares, os *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand, *O Globo*, de Roberto Marinho, e o *Correio de Manhã*, de Paulo Bittencourt, todos anti-peronistas por excelência e partidários da derrota do Partido Laborista nas eleições de 1946.⁵⁹⁴ Quer dizer, Brasil Gerson, mobilizando a sua coluna como força social, entrincheirou-se numa batalha contra adversários muito poderosos, que dispunham de apoio e prestígio nos meios de comunicação tradicionais, como a imprensa e rádio. Sobre o papel da imprensa nesses momentos históricos, o estudo de Heloisa Cruz afirma: “Trata-se de entender que em diferentes conjunturas a imprensa não só assimila interesses e projetos de diferentes forças sociais, mas muito frequentemente é, ela mesma, espaço privilegiado da articulação desses projetos”.⁵⁹⁵

Na metade de novembro, o “caso Braden” parece ganhar força e incidir não somente sobre a classe operária, como entre a população geral, em dois campos antagônicos. O primeiro: “achando que a política norte-americana com relação à Argentina é puro intervencionismo com finalidades econômicas”, enxergando o norte-americano como um “intervencionista ousado, que devia ser expulso a toque de caixa de Buenos Aires”. Em contraposição, o segundo campo considerava que os “Estados Unidos nada mais visa que senão a democratização do país” e enxergavam, sobretudo em relação à ação de Braden, um amigo da Argentina⁵⁹⁶.

Ainda sobre a tentativa de tornar a narrativa mais verossímil, cabe fazer referência à crônica de Carlos Prado, de Buenos Aires, publicada em *El País* de Montevideu, sobre o

⁵⁹² TRIBUNA POPULAR, Ed. 190, 01/01/1946. Rio de Janeiro.

⁵⁹³ SÁ, Cristina Isabel Abreu Campolina de. A palavra de Perón: análise do discurso e da política trabalhista argentina (1943-1949). Tese (Doutorado) Universidade Federal de Minas Gerais, 2007. p. 174.

⁵⁹⁴ SANTOS, Rodolpho Gauthier Cardoso dos. A construção da ameaça justicialista antiperonismo, política e imprensa no Brasil (1945-1955). 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. p. 22-24.

⁵⁹⁵ FARIA CRUZ, Heloisa; CUNHA PEIXOTO, Maria do Rosário. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. Projeto História, São Paulo, v. 35, n. 1, dez. 2007. p. 259.

⁵⁹⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 155, 21/11/1945, Rio de Janeiro.

clima de violência política em que se desenvolve a campanha presidencial. As hostilidades entre as duas candidaturas pareciam não cessar; as consequências, por certo, não poderiam ser outras: confusões, distúrbios e assassinatos. Ainda nas reuniões na *calle* Tucumán, em meio às polêmicas e conflitos entre os radicais unitários e intransigentes, em certa ocasião, os dirigentes “puseram seus revólveres a mostra numa discussão violenta sobre uma questão de ordem, e por pouco que os mais exaltados não foram as vias de fato”.⁵⁹⁷ Numa sexta-feira, as jovens estudantes da Federação Universitária ocupam a *calle* Florida, “uma espécie de super-Ouvidor ou super-Gonçalves Dias na capital portenha” para vender o seu jornal estudantil, “que é dos que usam a mais violenta linguagem no combate ao que eles chamam de *laburo-nazi-peronismo*”, entoando seus slogans candentes. Criou-se logo uma atmosfera de irritação, de um lado os peronistas tentando rasgar os jornais apregoados e os “unionistas” formando barreira humana para defender as jovens estudantes. Referindo-se ao episódio, o encontro entre adversários políticos era sabido de antemão por parte das jovens universitárias que, conscientemente, foram atrás de confusão. E, mais uma vez, a imagem e o clima de uma Buenos Aires marcados pelas violências, inseguranças e conflitos é evocada nas colunas de *Através das Américas*.⁵⁹⁸

A cidade vai sendo dominada por uma atmosfera de violência, os “velhos observadores” afirmam não encontrar cenário equivalente na história do país. Brasil Gerson, atento à conjuntura Argentina, percebe as tensões em curso. A difusão da insegurança, do medo e da dúvida marcou a virada de 1945 para 1946. A impossibilidade de entendimento entre os adversários políticos argentinos fica manifesta na afirmação de que até os “mais calmos estão, como é natural, apreensivos e não veem como se possa pôr um paradeiro a esse estado de tensão que dia a dia piora”.⁵⁹⁹ Tampouco seria possível; para ele, os ânimos seriam acalmados apenas com a resolução do processo eleitoral e o respeito à decisão popular nas urnas. Nesse momento pré-eleitoral, os argentinos convivem com violentos embates, brigas, crimes, tiroteios e assassinatos. Os sérios conflitos de rua foram uma grande novidade para as multidões na capital, ao ponto que “agora até o revólver está se tornando frequente em Buenos Aires, tendo-se a impressão de que meio mundo anda armado”.⁶⁰⁰ Habituais e frequentes foram as notícias de comícios da UD ou laboristas de fins trágicos, com o encontro de socos, pontapés, tiroteios, feridos, assassinatos e “morras para cá, morras para lá”.⁶⁰¹

⁵⁹⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 190, 01/01/1946. Rio de Janeiro.

⁵⁹⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 190, 01/01/1946. Rio de Janeiro.

⁵⁹⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 190, 01/01/1946. Rio de Janeiro.

⁶⁰⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 190, 01/01/1946. Rio de Janeiro.

⁶⁰¹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 197, 10/01/1946. Rio de Janeiro.

Diariamente Buenos Aires se transformava num campo de batalha. O centro “se enche de grupos adversos, e os conflitos, e principalmente isolados, pouco a pouco se generalizam”.⁶⁰² Falando à tribuna da imprensa, os líderes peronistas reivindicam a cultura e a fidalguia do povo argentino, exigindo “que esses tristes espetáculos tenham fim”,⁶⁰³ finaliza Brasil Gerson em uma de suas colunas. A imagem de um país cindido, como se vê, era reforçada conscientemente e positivada como estratégia política para combater a candidatura do “nazista” Perón.

A cidade de Buenos Aires, nesse sentido, é pensada, descrita e representada no seu cotidiano como em meio aos rastros das ruas manchadas de sangue, “nos quais vemos milhares de pessoas como que alucinadas, gritando, aqui ou ali” palavras de ódio como “Morra Perón”, “Morram os judeus”, “Queremos a cabeça de Perón” e “Seja patriota e mate um estudante”.⁶⁰⁴ E não mais pela lembrança das vibrantes campanhas presidenciais em que “os adversários ainda se respeitavam mutuamente”.⁶⁰⁵ Em janeiro observamos as primeiras manifestações de evidente diferença de tratamento sobre os partidários da União Democrática, escritas entre dezembro e janeiro de 1946; num intervalo de três meses, o suficiente para notar claramente as extraordinárias mudanças de cobertura e tratamento que se dá na apreciação do caso argentino.

A noção de um país cindido pela polarização política aparece ainda nas descrições sobre o clima de terror e violência ocorrido no país vizinho, insuflado não só pela “massa fanática” dos seguidores peronistas, como também pelos homens e mulheres aderentes da União Democrática.⁶⁰⁶ A questão da violência volta a ser destacada e encontra espaço na Coluna, agora sob novo prisma.

Brasil Gerson discorre sobre a violência dos correligionários da União Democrática, apontando, sobretudo, a “mais violenta linguagem” dos jornais partidários. Conforme mencionado antes, a persistência em justificar as ações dos estudantes nos conflitos de ruas, mesmo após atos de violência e apedrejamento de vidraças, foi legitimada como parte do ímpeto acentuado pelo clima do momento, dos quebra-quebras estudantis no mês de agosto.

É nesse contexto, de virada do ano e inflexão político-intelectual do colunista, que se busca retratar a juventude da UD também como parte de um quadro geral da violência

⁶⁰² TRIBUNA POPULAR, Ed. 196, 09/01/1946. Rio de Janeiro.

⁶⁰³ TRIBUNA POPULAR, Ed. 196, 09/01/1946. Rio de Janeiro.

⁶⁰⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 190, 01/01/1946. Rio de Janeiro.

⁶⁰⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 190, 01/01/1946. Rio de Janeiro.

⁶⁰⁶ SANTOS, Rodolpho Gauthier Cardoso dos. A construção da ameaça justicialista: antiperonismo, política e imprensa no Brasil (1945-1955). 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. p. 113.

política da Argentina, e não como vítimas inocentes e perseguidas pelos adversários peronistas.

Essa afirmação, conforme dito anteriormente, marca a transição de perspectiva do colunista a respeito da política argentina. Depois da repercussão do 17 de outubro, a discussão começou de maneira tímida, intensificando-se de modo expressivo e estratégico, face à proximidade das eleições de fevereiro. Contudo, o caso mais interessante desse novo olhar e representação são as críticas tecidas pelo autor ao Secretário de Assuntos da América Latina, Spruille Braden. O colunista vai na direção contrária da condenação de Perón praticada pelos comunistas, socialistas, radicais e conservadores argentinos, ao distingui-lo do fascismo. A falta de afinidade com os seus “irmãos do prata” repercute nas páginas e editoriais da *Tribuna Popular* e, mais tarde, na própria autocrítica feita pelos PCA frente às bases peronistas e às eleições de 1946.

Vale a pena evidenciar a discordância de Brasil Gerson nesse momento com as posições assumidas pelos diversos impressos enviados de Buenos Aires e Montevideu para o Rio de Janeiro. Catalogando as publicações do Prata recebidas, e referidas para a escrita de *Através das Américas*, incluímos no rol de desconfiança e crítica: *Justicia*, *La Hora*, *El País*, *La Nación*, *El Mundo*, *La Prensa*, *La Razón*, *Crítica*, *Acción* e *Clarim*⁶⁰⁷. Sua pretensão polêmicas encontra espaço na edição *Os 3 planos quinquenais de Perón*. No ímpeto de problematizar o pensamento hegemônico sobre Perón, circulando à exaustão, diz Brasil Gerson que, a respeito dos “fascistas mais destacados do mundo, hoje em dia não há quem não inclua o coronel Perón entre eles”.⁶⁰⁸ Por certo, esse pensamento era bastante difundido no Brasil e no mundo pelas agências norte-americanas. Em seguida desabafava o difícil ofício dialético. Para ele, a política Argentina e o movimento de Perón representam, sem sombra de dúvidas, um dos fenômenos políticos dos mais desafiadores, curiosos e desconcertantes da política mundial.⁶⁰⁹ Escrevendo a luz dos fatos, dedica sua pena a questionar o seu caráter nazista. Seria, ele, um espécime raro? Afinal, como o designado “fascista Perón, exatamente

⁶⁰⁷ *Justicia* e *La Hora* eram órgão do PC do Uruguai e do PC da Argentina. *El País*, propriedade do senador Eduardo Larreta, do Partido Nacional (Uruguai), de contundente anticomunismo. O diário *La Razón* é de orientação democrática, Brasil Gerson trabalhou nesse jornal no exílio e, ainda no ano de 1945, contribuiu para a respectiva folha. *La Prensa* e *La Nación* são considerados os principais veículos de comunicação dos aristocratas e conservadores da Argentina, vinculado a setores da Igreja Católica e Forças Armadas, de perfil jornalístico elitista e tradicional. *Crítica*, tabloide de Buenos Aires, foi fundamental para a renovação da imprensa argentina, disputando, à época, o público leitor do país com a sua rival *La Nación*. *Clarim*, fundada em 1945, assegurou-se posteriormente no mercado como jornal de maior tiragem e circulação na Argentina.

⁶⁰⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 171, 09/12/1945. Rio de Janeiro.

⁶⁰⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 171, 09/12/1945. Rio de Janeiro.

ele, vem de fazer” – quando entrevistado sobre o sentido de um governo peronista – elogios à revolução soviética e ao Exército Vermelho?⁶¹⁰

As tentativas de equivaler a qualquer custo o movimento peronista com o nazifascismo, como difundidas pela imprensa hegemônica portenha e brasileira, encontram apregoadada resistência nas linhas de Brasil Gerson. A posição de “combate violento e persistente contra ele [Perón]” adotada pelo Partido Comunista Argentino, depois de outubro, não o apeteceu. Considerando, em hipótese, a validade dos argumentos do PCA, de Perón ser realmente “um grande aventureiro e um terrível demagogo”, deduzia:

Será ele um novo Getúlio, mais ágil e de visão maior, inimigo do feudalismo, disposto a dividir a classe operária argentina, graças a um espalhafatoso “obreirismo” que afaste do seu partido de vanguarda de seus vastos setores menos politizados? Nesse caso, como explicar-se a fúria, contra ele, do capital colonizador ianque e dos seus amigos daqui os “democratas” do anticomunismo nacional? E, sobretudo, esse seu reconhecimento de que o regime dominante na URSS não é o que a reação propala, mas o governo do povo, dos trabalhadores? Para a reação, para o fascismo, a negação, pura e simples, do caráter popular e operário do regime soviético é a base de tudo, em política. Como pode, pois, o fascista-mor do continente destruir ele mesmo, essa arma essencialíssima dos inimigos do proletariado? Golpe de efeito para minar na massa as bases da União Democrática, de que os comunistas são animadores? Não nos precipitamos. O melhor é esperar pelos comentários que a respeito hão de fazer os nossos irmãos do Prata.⁶¹¹

As campanhas de equiparação entre o comunismo e o nazismo foram um postulado básico no pós-guerra, conforme exposto anteriormente, na tentativa de desaprovar a popularidade soviética. O que pode ter sido usado como mais uma prova da igualdade entre comunismo e nazismo na imprensa liberal-conservadora do Rio de Janeiro, com o elogio de Perón à obra dos soviéticos, serviu a Brasil Gerson como comprovação irrefutável do caráter não nazista do líder do Partido Laborista. Segundo Brasil Gerson, era insuficiente entender o conflito político argentino somente como parte de uma luta antifascista ou antinazista, buscando assim analisar o papel de outros elementos primordiais à compreensão dos rumos da Argentina: os interesses dos militares do GOU e de Juan Perón, a intransigência da União Cívica Radical e os grupos opositores à candidatura dos laboristas. Aqui, sobretudo, Brasil Gerson manteve a sua autonomia frente às resoluções do PCA, no entanto, através de negociações e mediações, concedeu o benefício da dúvida aos comunistas de Buenos Aires, garantindo a confiança e credibilidade na condução do partido comunista irmão. No dia seguinte, alertava: “Não se deve subestimar a massa que está com Perón, formada pelas camadas menos politizadas do proletariado, sobretudo das que vieram nos últimos anos do

⁶¹⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 171, 09/12/1945. Rio de Janeiro.

⁶¹¹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 171, 09/12/1945. Rio de Janeiro.

interior”.⁶¹² Às vésperas da eleição, no começo de janeiro de 1946, Brasil Gerson retoma com destaque um problema lançado no percurso da sucessão presidencial: o da reforma agrária. Esse problema estava

assim lançado, e em tais bases, que difícil será ao vencedor, Perón ou Tamborini manobrar, depois em sentido contrário. A reivindicação é a mais das sentidas das massas, e, no pé em que está, defendida tão arduamente pela União Democrática e pelo peronismo, não vejo como desprezá-la, como não atendê-la depois do pleito. Será assim, a Argentina, o segundo país da América (o primeiro foi o México) a entrar pelo caminho da reforma agrária, que é o verdadeiro caminho do progresso, da realização da revolução democrático-burguesa.⁶¹³

Aqui, Brasil Gerson condiciona o futuro próspero da Argentina tanto a vitória de Perón ou Tamborini, prevalecendo a impressão que no próximo governo, dado o alcance e visibilidade da discussão sobre a reforma agrária, seria o momento da concretização das demandas sociais de base camponesa, como a reforma agrária, defendida especialmente por muitos dos ex-camponeses, agora compondo a base do operariado urbano favorável à Perón, que impulsionou e deu corpo às caravanas e campanhas eleitorais do Partido Laborista. O parecer contrário às expressões como “nazismo crioulo” manifesta que, de algum modo, não se invalidou o movimento com Perón como um todo. As violências cometidas por grupos fascistas argentinos no decorrer do pleito eleitoral, como a Aliança Libertadora Nacionalista, foram definidos pela oposição como a “vanguarda do peronismo”.⁶¹⁴ A Aliança Libertadora Nacionalista é apresentada como organização “semelhante ao integralismo no Brasil”⁶¹⁵ e menos numerosos “que os seus parentes de ideias brasileiras”, em contrapartida, são “muito agressivos”. A afirmação embasa uma visão particular sobre o candidato presidencial, não observamos um desejo e muito menos um aceno de Brasil Gerson em concordar ou legitimar tais movimentações dos “nacionalistas” e “fascistas” sob a órbita da candidatura laborista. Rebatendo as acusações, “Perón pessoalmente e agora, de novo, o comitê central de sua candidatura, declararam pela imprensa que condenam essas desordens e que nada tem com os que a provocam”.⁶¹⁶

Em contrapartida, é denunciada a organização de uma “campanha de desordem e intimidação desatada por hordas arregimentadas” e “aqueles que dela participam vivendo o candidato governista são seus inimigos”,⁶¹⁷ dizia um líder peronista na tribuna Argentina. A

⁶¹² TRIBUNA POPULAR, Ed. 172, 11/12/1945. Rio de Janeiro.

⁶¹³ TRIBUNA POPULAR, Ed. 193, 05/01/1946. Rio de Janeiro.

⁶¹⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 196, 09/01/1946. Rio de Janeiro.

⁶¹⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 187, 28/12/1945. Rio de Janeiro.

⁶¹⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 196, 09/01/1946. Rio de Janeiro.

⁶¹⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 196, 09/01/1946. Rio de Janeiro.

Através das Américas parece ter consolidado, parcialmente, o direito à resposta há tanto ensejado na sua coluna. Por meio da leitura nas entrelinhas dos jornais portenhos, Brasil Gerson elucidava as agências e ações dos peronistas.

As reportagens antes elogiosas sobre o perfil de Braden finalmente encontraram o seu revés. Em 10 de janeiro de 1946, criticava as posições do “chanceler ianque” em ocasião de uma entrevista para uma rádio em Washington, “Mr. Braden botou mais lenha ainda na fogueira, ao chamar o governo argentino de Nazista e ao exaltar, de maneira entusiástica, as agitações de agosto em Buenos Aires”.⁶¹⁸ O colunista nomeou esse período da complexa situação argentina como “às vésperas da tormenta”.⁶¹⁹

No começo de 1946, o informe de Vitório Clodovila no encerramento da conferência do Partido Comunista, tratou sobre a conjuntura nacional e a luta política para a derrota do “nazi-peronismo”. Ao longo de seu discurso, relata *Através das Américas*, a aclamação da sua fala foi unânime entre os presentes. Diz-se, em seguida, “Todos os partidos argentinos, inclusive os conservadores, dão essa mesma classificação à corrente que Perón lidera”.⁶²⁰ Além da apropriação do termo democracia, também estiveram de forma permanente e irrestrita a apropriação da ideia mobilizadora do suposto nazifascismo de Perón.

4.5 - As eleições de 1946: Brasil Gerson versus Spruille Braden

Para Brasil Gerson, os primeiros suspiros da democracia na Argentina podiam ser ouvidos em agosto de 1945, com a recomposição das liberdades democráticas e a abertura política promovida pelo regime. Logo, não concorda com a caracterização de “nazi-peronismo”; concordava com o seu caráter militar e ditatorial, mas não de tipo fascista.

É no mês de agosto, em *Através das Américas*, que nos deparamos com as primeiras notícias do livre funcionamento dos partidos e da imprensa na Argentina, facilitando o processo de abertura iniciado e transição política. É também a partir dos primeiros telegramas em agosto que Brasil Gerson pôde compreender a necessidade de uma maior problematização do fluxo de informações dedicadas à cobertura jornalística e à leitura da realidade filtradas por agências de notícias e repórteres sobre a Argentina. De início, “mais realista do que o rei”, passará a vislumbrar no processo argentino novos entendimentos da realidade do país,

⁶¹⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 197, 10/01/1946. Rio de Janeiro.

⁶¹⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 197, 10/01/1946. Rio de Janeiro.

⁶²⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 188, 29/12/1945. Rio de Janeiro.

manifestando, em *Através das Américas*, as alterações objetivas em curso na capital portenha, alternando o caráter das representações até então feitas sobre a política local e os segmentos em alianças do PCA; patrões, aristocratas e conservadores.

Assim, o período pós-agosto é um primeiro momento de inflexão da coluna de Brasil Gerson. Suas dúvidas, suspeitas e questionamentos serão consolidadas de forma central e definitivamente depois de 17 de outubro, data compreendida por nós como momento de ruptura dos processos políticos na Argentina, passando a partir daí, paulatinamente, a construir novas interpretações sobre o problema argentino, a União Democrática, Juan Perón e Spruille Braden. No começo de 1946, eram múltiplas as análises sobre as eleições portenhas. Desde o começo de *Através das Américas*, a questão da política argentina resultou na elaboração de múltiplas interpretações sobre a conjuntura do país. Era uma ditadura militar? Um governo fascista? Um regime nazista? Vivia sob a tutela sindical? Como se dava a demagogia contra os trabalhadores? Existiam hordas fascistas-peronistas e espiões hitleristas na Argentina? Ou se tratava de uma abertura política do regime militar para a transição à democracia, no que pese a violência estatal?

Essa polarização, certamente, não configura uma visão maniqueísta em *Através das Américas*. Brasil Gerson criticava essa perspectiva de bem *versus* mal, bem como democratas *versus* nazistas, para a compreensão da política argentina. O maniqueísmo político dos grupos contrários a Perón foi veementemente criticado; isto permitiu a Brasil Gerson desempenhar um papel central na compreensão e explicação da realidade e contradições da Argentina e a especificidade das suas eleições, apontando para o entendimento do processo na chave das tensões, negociações, alianças, barganhas e disputas em função dos seus interesses particulares de grupo.

Estudioso das medidas políticas e tomadas de posições de Perón, consciente do perfil dos seus apoiadores e da sua candidatura, a tomada de consciência desses fatores impossibilitam conferir autenticidade à classificação do “nazi-peronismo” e, sobretudo, de assentir com o evidente relato hostil construído na opinião pública em torno do movimento de Perón. Se há nazismo na Argentina, como “pela primeira vez não há ali partido que não goze de todos os direitos”?⁶²¹ Suplicava a seu leitor e seus colegas de profissão.

A estratégia do governo dos Estados Unidos de tentar isolar a Argentina em escala continental levantou uma série de suspeitas no colunista. Em seus comentários sobre o polêmico episódio envolvendo o livro *As forças armadas e os problemas nacionais* do

⁶²¹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 187, 28/12/1945. Rio de Janeiro.

coronel Bernardo Aranda, Chefe do Estado Maior do Paraguai, composto pela transcrição de uma série de discursos e conferências conduzida pelo próprio coronel, para as altas autoridades nacionais, “nas quais sugeriu a transformação do seu país numa potência armada, desenvolvendo planos parecidos com os do nazismo”.⁶²² O argumento central do escritor, oportunamente, ateve-se a seguinte questão:

O setor reacionário do Departamento de Estado de Washington vinha há muito promovendo abertamente o governo fascista do Paraguai, ao concentrar todo o fogo do fogoso Braden, nas suas declarações sobre a política latino-americana, apenas contra a Argentina, onde todos os partidos já gozam de completa liberdade. No Paraguai, como se sabe, isso não acontece ainda, já sete meses depois da derrota de Hitler. Em compensação, a Standard Oil havia obtido, em concessão, toda a vasta região petrolífera do Chaco.⁶²³

A reclamação de Brasil Gerson vai de encontro ao silêncio do “fogos” Braden, diante das proporções do “escândalo grande demais para que Braden não tomasse conhecimento”,⁶²⁴ levando o livro a ser retirado de circulação algumas semanas depois do seu lançamento, publicado em agosto. O embargo pelos Estados Unidos se ateve a um informe pedindo explicações ao general Morinigo, que telegrafou respondendo que “as ideias nele contidas são exclusivamente do coronel” e não do governo no seu conjunto.⁶²⁵ Por sua vez, a postura da atuação da chancelaria norte-americana que invalidava o fundamento do argumento de Braden contra Perón. Não por acaso, a caracterização de governos democráticos ou antidemocráticos, feitas pelos Estados Unidos, poderiam variar em cada conjuntura.

Como sabemos, imiscuir-se nos assuntos e “interesse das concessões a Standard Oil”⁶²⁶ nas vastas regiões do Cone Sul, por exemplo, garantia a conformidade democrática para uns e antidemocrática para outros. Não por acaso, semanas antes, havia repercutido na imprensa que a Standard Oil teve a sua entrada barrada na Argentina pelo governo Farrell. É frequente a identificação da Argentina como ameaça à democracia nas Américas pelos discursos da oposição anti-Perón. Um exemplo dessa associação encontra-se na notícia sobre o chanceler uruguaio Larreta, quando o periódico sob sua direção, *El País*, seria alvo de contundentes críticas por ter transcrito, na primeira página da edição de 8 de janeiro,

um editorial do *New York Times*, elogiando rasgadamente e sem cerimônia com que mr. Braden se refere às questões internas argentinas e suas persistências no combate

⁶²² TRIBUNA POPULAR, Ed. 187, 28/12/1945. Rio de Janeiro.

⁶²³ TRIBUNA POPULAR, Ed. 187, 28/12/1945. Rio de Janeiro.

⁶²⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 187, 28/12/1945. Rio de Janeiro.

⁶²⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 187, 28/12/1945. Rio de Janeiro.

⁶²⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 201, 15/01/1946. Rio de Janeiro.

direto “aos últimos baluartes do nazismo na América”, sempre esquecendo no entanto, o Paraguai...⁶²⁷

No contexto pós-guerra e de surgimento de *Através das Américas*, na primeira semana de junho, três regimes autoritários ainda imperavam na América do Sul: os governos argentino, o boliviano e o paraguaio, considerados os últimos diques antidemocráticos do continente e todos eles influenciados pelo GOU argentino.

Como assinalado sumariamente, o mês de agosto foi reportado como momento de transição nesse cenário, com o início do processo de abertura política na Argentina e Bolívia, verificado pelo retorno dos exilados políticos de ambos países. Dessa forma, depois de agosto de 1945, podemos falar de um único país a se “se opor por todos os meios a democratização”⁶²⁸ durante todo o período de 1945 a 1946, sendo o caso da terra guarani governada por Higinio Morínigo, com a sua ditadura dirigida sendo “responsável pelo maior terror que o povo paraguaio já conheceu”.⁶²⁹ Portanto, desde agosto, em *Através das Américas*, a ditadura argentina mostrava-se disposta a colaborar com a transição para o retorno à vida democrática. O problema é que, para o Departamento de Estado de Washington, aplicava-se com facilidade o ditado popular da época: “dois pesos e duas medidas”. Possível de ser aplicável a essa situação, o ditado é usado comumente para contestar a decisão de injustiças, por um lado, questionava os critérios usados para julgar e condenar a Argentina, enquanto se abstinha ou acobertava com silêncio a discussão sobre o Paraguai, considerada por Brasil Gerson como um verdadeiro perigo para a América.

Para ele, as hostes do “bradenismo” significavam a destruição e liquidação do imprescindível princípio de não intervenção na política interna das nações das Américas, e lamentava ainda a admiração por parte de tantos “democratas sinceros” ao trabalho de Spruille Braden, responsável por articular às claras um movimento tão condenável contra a sociedade argentina.⁶³⁰ Visto que na notícia também se fala da proposta e recomendação de Eduardo Larreta, de intervenção multilateral no país continental que os demais governos julgarem “fascista”, pois, segundo Larreta, “Não pode haver segurança na América enquanto Perón não for esmagado”. Ou seja, países rotulados como anti-democráticos poderiam ser alvos de intervenções externas, referindo-se diretamente a Argentina⁶³¹. A doutrina não repercutiu positivamente e tampouco encontrou apoio entre a grande maioria dos governos latino-americanos. Nas colunas de Brasil Gerson, prevaleceu o temor de que ela poderia

⁶²⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 198, 11/01/1946. Rio de Janeiro.

⁶²⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 67, 07/08/1945. Rio de Janeiro.

⁶²⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 21, 14/06/1945. Rio de Janeiro.

⁶³⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 198, 11/01/1946. Rio de Janeiro.

⁶³¹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 198, 11/01/1946. Rio de Janeiro.

servir para legitimar políticas intervencionistas por parte do “capital colonizador” dos Estados Unidos contra vários países latino-americanos. *Através das Américas* atribui o surgimento da Doutrina Larreta à influência de Spruille Braden. Dessa vez, Brasil Gerson acertou em cheio. Ministro das Relações Exteriores do Uruguai, Larreta propôs aos governos do continente um mecanismo de “intervenção coletiva para garantir a democracia” no sistema Interamericano.⁶³² Segundo Sydenham Neto, o chanceler defendeu “que em casos de ameaças à democracia e aos direitos humanos, justificava-se uma intervenção, inclusive militar, por parte dos países do continente para defender a democracia”.⁶³³

Nesse sentido, como podemos ver, as manifestações de Brasil Gerson no começo de 1946 articulam nas linhas de *Através das Américas* a seguinte conclusão:

Cremos que no Prata e no Chile se está encarando de maneira exagerada o fenômeno nazista, tal como ele ainda existe na atualidade. O que dele resta (o capital monopolista alemão, sobretudo?) constitui um perigo à medida em que estiver atuando como aliado deste ou daquele grupo mais reacionário das duas grandes potências capitalistas vencedoras. Exemplo disso é Franco, que se está mantendo à custa do capital colonizador anglo-americano. Como, pois, falar da luta dos argentinos pela democracia, a esta altura, uma luta essencialmente contra o nazismo, contra o imperialismo nazista? Ocupada a Alemanha pelos exércitos das nações unidas, onde é a base territorial, econômica e política desse imperialismo? Chegaremos, nesse caso, ao absurdo do “imperialismo” da literatura demagógica de Plínio Salgado: um imperialismo “judaico”, isto é, com ponto de apoio no ar para oprimir e explorar os povos débeis... O que era uma maneira de ser “anti-imperialista” sem entrar em choque com nenhum imperialismo.⁶³⁴

Escritos de combates, essas suas palavras fundamentaram e disseminaram o seu raciocínio sobre as eleições argentinas ao longo dos meses de janeiro e fevereiro de 1946. De modo contundente, escreveu seu argumento crítico que não foi compartilhado por seus camaradas da Argentina, os quais, ao contrário, defenderam durante todo o processo eleitoral a tese de que Perón era nazifascista. O surpreendente desta afirmação não é a apropriação e instrumentalização do passado, algo frequente e comum no campo da política, mas a comparação com o Plínio Salgado, líder integralista, ironizando os preceitos que regiam a frente única contra Perón, na luta contra espantalhos e moinhos de vento. Eram eles, afinal, os pescadores das águas turvas do rio do Prata.

No dia seguinte, sua seção começava relatando que os acontecimentos na Argentina “continuam prendendo a atenção do mundo inteiro” e que as “coisas estão cada vez mais claras, já não é mais segredo para ninguém que as lutas internas estão sendo ali insufladas

⁶³² MELLO, Celso. Princípio de não-intervenção. Revista de Ciência Política, v. 33, n. 3, 1990, p. 11.

⁶³³ NETO, Sydenham Lourenço. Entre Chapultepec e o Rio de Janeiro: o “problema argentino”, o Livro Azul e suas repercussões. Revista Eletrônica da ANPHLAC, n. 22, 2017. p. 236.

⁶³⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 198, 11/01/1946. Rio de Janeiro.

pelo capital colonizador norte-americano”.⁶³⁵ Brasil Gerson vai além e, a propósito das declarações de Braden nos Estados Unidos, se arrogou o direito de denunciar e combater o perigo que representava a intervenção norte-americana na Argentina e, ao mesmo tempo, atuou como instrumento contra-hegemônico, de modo a incidir diretamente na análise da imprensa e na compreensão do leitor sobre as eleições de 24 de fevereiro. Faltando poucas semanas para o dia das eleições, seria preciso difundir ostensiva e massivamente seus valores sobre a paz continental, que resume, resumindo, de certo modo, o espírito que animou *Através das Américas*.

Em razão disso, o colunista desfez a versão ingênua da suposta impressão de que o “povo brasileiro” estaria identificado com os *slogans* difundidos por Spruille Braden, sobre a necessidade de combater a natureza nazista do regime argentino. Esse suposto apoio às palavras de ordem dos Estados Unidos, diz Brasil Gerson, é errôneo, considerando que nada disso seria verdadeiro, pois “com o Brasil é que Wall Street não contará para essa aventura imperialista”.⁶³⁶ Ainda que não se restringissem unicamente a essas ideias, sendo elas forças aglutinadoras, Brasil Gerson não pensava mais na Argentina como palco de uma luta antifascista. Mas, noutra direção, como fica evidente no número 198 da *Tribuna Popular*, o momento eleitoral argentino deve ser percebido, ante a

luta política interna, a resolver-se na boca da urna, nas eleições em 24 de fevereiro. Se há uma ditadura e ela tem características fascistas, o simples fato dessas eleições terem sido convocadas quer dizer que ela não procura perpetuar-se à maneira de Hitler ou Mussolini ou Franco. Mas afirma mr. Braden e com ele seus admiradores: “Perón representa, porém, um perigo, e não se pode permitir que seja eleito pela fraude ou pela violência”. Como falar hoje de fraude num pleito que ainda não se realizou? Melhor do que nós, os argentinos é que sabem se devem ou não colocar este ou aquele candidato na presidência.⁶³⁷

A disseminação sobre as fraudes eleitorais, antes mesmo da realização das eleições, é sintomática da incapacidade em mitigar a crise vivida pela Argentina. Mais do que a garantia da legitimidade das eleições, respaldada por Brasil Gerson, é o sentimento da democracia e nazismo como elemento central de oposição permanente nas mais diferentes maneiras e abordagens veiculadas na imprensa de Buenos Aires e Montevideú. Agora, na própria “tormenta”, Brasil Gerson concentrava seus esforços em combater os planos do secretário Braden. Sua interpretação da política continental, como se pode ver, não é um dado natural, senão resultado de processos históricos, disputas de narrativas, debates, polêmicas, negociações e mediações intelectuais. Compreendendo o seu papel de intelectual comunista,

⁶³⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 199, 12/01/1946. Rio de Janeiro.

⁶³⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 199, 12/01/1946. Rio de Janeiro.

⁶³⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 198, 11/01/1946. Rio de Janeiro.

por meio de atenta observação de suas colunas, notamos a mudança do seu discurso, identificada temporalmente no turbulento mês de outubro, e a análise de novas nuances do problema argentino.

Essa leitura tão distinta das eleições argentinas, facilmente perceptível pela análise das fontes, carrega um forte simbolismo, atrelando os discursos exagerados, inflamados e perigosos dos grupos anti-Perón ao temperamento intempestivo de Spruille Braden, caracterizando a sua movimentação como desprovida de qualquer bom senso. Os comunistas argentinos, em contraponto, não compartilharam tal perspectiva e adotaram uma postura mais radical no quadro político argentino, acenando para Braden e sustentando ferrenha oposição a Perón durante todo o período de circulação da coluna *Através das Américas*. Já em 25 de janeiro, Brasil Gerson discorre:

Como se vê, a advertência de Prestes tinha e tem razão de ser, a cada dia que passa mais nos convencemos disso. Há, de fato, gente interessada em criar na América, e em torno da Argentina, um clima de guerra imperialista. O clima de paixão em que se desenvolve a campanha eleitoral argentina é o mais inflamável de que se estão servindo os agentes do capital colonizador para os seus sinistros propósitos.⁶³⁸

As questões levantadas por Prestes foram reforçadas por outras lideranças continentais sobre o perigo argentino. O ex-presidente da Colômbia, Eduardo Santos, declarou num banquete aos republicanos espanhóis que, a pretexto da “possível existência do fascismo no hemisfério ocidental”, deixavam de lado o verdadeiro fascismo de Franco. O embaixador da Venezuela em Buenos Aires, Antonio Oviedo, declarou em entrevista que “as palavras de mr. Braden não exprimem o sentimento americano quando ele concentra o seu fogo unicamente contra um determinado governo do continente, acobertando com o seu silêncio outras ditaduras da América. (Como a do Paraguai, por exemplo)”.⁶³⁹ O candidato do Partido Liberal na eleição presidencial na Colômbia, Gabriel Turbay, por sua vez, em declaração à imprensa uruguaia, afirmou “que estamos diante de “uma situação de conflito” entre os Estados Unidos e a Argentina e que ela pode ser o princípio da desintegração do sistema pan-americano”.⁶⁴⁰ Os comentários de autoridades de prestígio e confiança são veiculados de modo a reforçar a sua posição a respeito de Braden e da política intervencionista de Washington nas eleições argentinas, revestidas pela autoridade e prestígio das personalidades pronunciadas.

⁶³⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 210, 25/01/1946. Rio de Janeiro.

⁶³⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 210, 25/01/1946. Rio de Janeiro.

⁶⁴⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 210, 25/01/1946. Rio de Janeiro.

O final da campanha eleitoral argentina foi marcado pela extensa cobertura do colonista, caracterizada pelo reconhecimento do recrudescimento imperialista em terras portenhas e pondo em dúvidas se o projeto da UD, apresentado pelos peronistas como agentes a serviço das Embaixada de Washington, coincidia com os interesses imediatos da nação. Em janeiro, por exemplo, as notícias sobre as tentativas de *lockouts* patronais dominam a coluna, na tentativa de desestabilizar o país as véspera das eleições. Como era de se esperar, as denúncias se intensificaram à medida que as eleições de fevereiro de 1946 se aproximavam. O ex-embaixador Spruille Braden criticava severamente o governo de Farrell e a candidatura de Perón. *Através das Américas* qualifica a linguagem do “diplomata da família do Braden Bank” como “cada vez mais ameaçadora, no seu propósito de levar outra vez a oposição local a uma luta armada”.⁶⁴¹

Não se tratava agora mais de um homem de ação e luta, animador da oposição às autoridades argentinas. Braden surgia, se não como um interventor a serviço do “capital colonizador” anglófono, como um verdadeiro magnata, herdeiro de jazidas de cobre, bancos e créditos, inimigo da paz e tranquilidade da América. Pode-se dizer que o uso do termo “capital colonizador”, tão comum no vocabulário de Brasil Gerson e de outros intelectuais do PCB, refere-se ao conjunto de contradições, questões e problemas que mantinham os países latino-americanos submissos e dependentes aos interesses geopolíticos dos Estados Unidos. Portanto, para isso, as forças “democráticas” e “patrióticas” deveriam promover a tomada de posição contrária e de combate aos interesses do “capital colonizador”, responsável por impedir o desenvolvimento econômico, político e social dos países continentais e insulares.

Segundo o secretário Braden e os seus apoiadores, a Argentina se tornou a “nova cidadela do nazismo”⁶⁴² depois da queda de Berlim. Com o discurso de Prestes depositado na sua mesa, ao lado da sua máquina de datilografar, Brasil Gerson construiu uma interlocução com o secretário-geral do PCB em várias de suas edições. Pergunta, de forma urgente: “existe realmente em 1946 na Argentina nazifascismo escravizando e oprimindo seu povo e ameaçando o Brasil, por exemplo, com seus exércitos em pé de guerra?”⁶⁴³ Assinalando trechos do discurso de Prestes no último pleno do PCB, complementa suas análises anteriores. O entendimento de Prestes era de que o governo argentino não era, de fato nazista, classificando-o como “governo reacionário”.⁶⁴⁴ O líder comunista dispensava qualquer pretensão da diplomacia norte-americana de “nos proteger com seu zelo democrático de

⁶⁴¹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 208, 23/01/1946. Rio de Janeiro.

⁶⁴² TRIBUNA POPULAR, Ed. 210, 25/01/1946. Rio de Janeiro.

⁶⁴³ TRIBUNA POPULAR, Ed. 208, 23/01/1946. Rio de Janeiro.

⁶⁴⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 208, 23/01/1946. Rio de Janeiro.

última hora” porque sobre o desígnio da Argentina, cabia apenas ao “povo argentino decidir sobre os seus destinos”.⁶⁴⁵ A despeito da caracterização feita no referido pleno do PCB, *Através das Américas* volta a nomear a Argentina como uma “ditadura”, dado o partido ter batido o martelo sobre a natureza do governo argentino. O status jurídico do governo argentino, definido como “reacionário”, apesar de não concordar integralmente com o conteúdo reacionário do regime, o informe do PCB confirmou a questão crucial para Brasil Gerson: não era, de fato, o caso de um governo fascista⁶⁴⁶.

Para Brasil Gerson, tratava-se de admitir que, concomitantemente ao restabelecimento das liberdades políticas, iniciadas em agosto, se deu o afastamento dos elementos fascistas ou fascistizantes na condução do regime. Em função disso, assegurava através do seu argumento que Perón não era, de forma nenhuma, um fascista. Participando dessa discussão, coube a Brasil Gerson articular e difundir publicamente, depois das comemorações da virada de ano, o pressuposto e a imagem de que as instituições argentinas e os grupos apoiadores de Perón não tinham ligações com o fascismo ou nazismo. Para traduzir os seus interesses e valores, e apontar os caminhos naquela conjuntura, o colunista levantou o seguinte problema: como pode existir governo fascista ou de características fascistas, garantindo a liberdade de imprensa, o perfeito funcionamento legal de todos os partidos políticos, inclusive o comunista?. Se estavam desfrutando, finalmente e pela primeira vez em quinze anos, a tão almejada legalidade política, como poderia o regime nazista de Perón permitir tais fatos? Questionou desesperadamente.⁶⁴⁷

De olho em ações como essas, que ressoam com as tentativas de precipitar uma guerra civil, estampou no penúltimo parágrafo um importante questionamento ao seu leitor:

como e por que fustigar o povo argentino e a América inteira a uma guerra contra o “nazismo subsistente na Argentina” se ali, ainda em plena ditadura militar e sob estado de sítio, os partidos já estão funcionando, a imprensa é livre e ninguém está preso por questões ideológicas? Se estas liberdades já foram conquistadas pelo povo argentino ANTES DAS ELEIÇÕES, o natural é que depois delas a situação não piore, nesse particular, eleja-se A ou B.⁶⁴⁸

Ante a circulação de tantos periódicos, Brasil Gerson aconselhava ao leitor que, para compreender a polarização entre os Estados Unidos e Argentina, era preciso recordar e não perder de vista que historicamente a república norte-americana sempre esteve em minoria, derivando disso a tradicional oposição da “chancelaria da terra de San Martín ao

⁶⁴⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 208, 23/01/1946. Rio de Janeiro.

⁶⁴⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 208, 23/01/1946. Rio de Janeiro.

⁶⁴⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 208, 23/01/1946. Rio de Janeiro.

⁶⁴⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 208, 23/01/1946. Rio de Janeiro.

departamento de Estado de Washington”.⁶⁴⁹ Conclui-se, por efeito, que a intransigência do governo dos Estados Unidos que tanto leva “mr. Braden a querer intervir em Buenos Aires” são as ligações da Argentina com o capital estrangeiro inglês, explica. Acrescenta, noutra edição, o credo e raciocínio de que a Argentina é alvo de disputa entre o imperialismo inglês e norte-americano:

Suplantar os ingleses na Argentina sempre foi o desejo do capital colonizador norte-americano, e eis porque mr. Braden quer dar agora a luta dos argentinos pela democracia, nas eleições deste mês, um sentido que ela não tem. Infelizmente muitos partidos e organizações democráticas, mal informadas pelas agências telegráficas, estão fazendo o seu jogo, que é um jogo intervencionista e guerreiro, perigoso sobretudo para os povos do Brasil e da Argentina, os que mais teriam a perder numa desgraça dessas.⁶⁵⁰

O exame do debate entre Braden e Perón, inicialmente esteve circunscrito ao diálogo entre o ex-diplomata norte-americano e aos círculos oposicionistas ao Ministério do Trabalho. Partindo de Spruille Braden, as denúncias a Farrell-Perón, consentidas e reafirmadas por Brasil Gerson, de junho a outubro de 1945, com o tempo darão forma a uma extensa polémica que se estende por toda a existência de *Através das Américas*, em confronto direto com as suas antigas posições e a tese do “nazismo criollo” do candidato do Partido Laborista nas eleições de 1946.

As mudanças operadas na conjuntura argentina submeteram não só a Brasil Gerson, como também o embaixador inglês David Kelly a revisar sua atitude frente a diplomacia norte-americana. Kelly reconheceu que os esforços de Washington “llevaron a exagerar las inclinaciones pro-Eje de la dirigencia civil y militar argentina (...) Sin negar la existencia de un pequeño pero influyente núcleo de simpatizantes pro-Eje en círculos civiles así como en las fuerzas armadas”.⁶⁵¹ Brasil Gerson escreve as suas advertências ao leitor brasileiro e lamentava que Spruille ainda recebesse os

aplausos sinceros de muito democrata sincero, mas transtornados pelas paixões do momento, o que mr. Braden está fazendo brandir uma arma de dois gumes. E quem nos diria que contra nós também não se procuraria fazer uso dela, se aqui a campanha pela Constituinte tivesse triunfado em maior escala e antes do golpe de 29 de outubro?⁶⁵²

Encontram-se nessa passagem vários pontos de tensão entre o entendimento do PCB e as diretrizes de Washington que convergem para a acusação de interferência externa como

⁶⁴⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 208, 23/01/1946. Rio de Janeiro.

⁶⁵⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 216, 01/02/1946. Rio de Janeiro.

⁶⁵¹ KLICH, Ignacio. Perón, Braden y el antisemitismo: opinión pública e imagen internacional. Ciclos en la historia, la economía y la sociedad, v. 2, n. 2, 1992. p. 36.

⁶⁵² TRIBUNA POPULAR, Ed. 198, 11/01/1946. Rio de Janeiro.

forma de intervenção e dominação que implicaria no pior dos cenários para o continente, ou seja, na eclosão de uma guerra civil e, conseqüentemente, no derramamento de sangue dos trabalhadores no conflito armado. Parte significativa da coluna de 11 de janeiro tratou de assegurar o princípio dos acordos de não agressão, justificada somente e em último caso “se o governo argentino, de A ou B, se dispuser a uma guerra de agressão”, o que não era o caso atual.⁶⁵³ Para Brasil Gerson, a

insinceridade dessa excitação democrática de mr. Braden, tão empenhado em fazer com que as coisas no Prata se compliquem de tal maneira que a intervenção do capital colonizador “yankee” se torne possível, mas tirando nós, os uruguaios, os chilenos, etc., as castanhas do fogo para eles... Daí a “sua” necessidade de transferir para Buenos Aires o nazismo que foi liquidado na Alemanha e de chamar a atenção dos vizinhos da Argentina para o perigo que esse “foco de guerras e violência” representa.⁶⁵⁴

Aliviado, desdenha que o plano da doutrina Larreta “não conseguiu felizmente o êxito que desejava”. “Teve ela o que se chama de excelente ‘acolhida diplomática’, isto é, muitos elogios, mas com tantas restrições” que, na prática, significou não mais do que o seu “arquivamento”,⁶⁵⁵ zomba alegremente. Para Brasil Gerson, não foi mera coincidência o alinhamento entre Larreta e Braden. Para ele, o léxico agressivo que vinha sendo cultivado pelo secretário norte-americano estava sendo usado estrategicamente na América. Assim, Braden direcionava parte dos seus esforços e tentativas para “apenas criar condições para uma guerra civil na Argentina, e intrigando, para uma possível guerra entre o nosso povo e o povo argentino”.⁶⁵⁶ Ou seja, uma tentativa de levar o país a uma guerra civil e, de quebra, arrastar os países do continente para uma guerra de agressão imperialista contra a população civil da Argentina.

Parte da construção do pânico coletivo em torno das eleições passou pela linguagem, elemento constitutivo da argumentação política, logo, os termos empregados têm, portanto, bastante relevância. Foi comum escutar que caberia a Perón, encarnado como o fascismo na América, a “incumbência de converter a Argentina na base de que servirá o nazismo para a preparação da sua guerra de revanche”⁶⁵⁷. Isso não implica que se eleito a Argentina seria a nova versão da Alemanha Nazista.

Por isso Brasil Gerson enfatizava a necessidade de dar o nome certo às coisas: primeiro, Perón e os laboristas não são nazi-fascistas. Depois, a UD e Braden viabilizaram, de

⁶⁵³ TRIBUNA POPULAR, Ed. 198, 11/01/1946. Rio de Janeiro.

⁶⁵⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 211, 26/01/1946. Rio de Janeiro.

⁶⁵⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 222, 08/02/1946. Rio de Janeiro.

⁶⁵⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 208, 23/01/1946. Rio de Janeiro.

⁶⁵⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 174, 13/12/1945. Rio de Janeiro.

acordo com sua leitura de conjuntura, a ideia de envolver outros países do continente para confrontos violentos por conta do problema da sucessão presidencial argentina, como se nota pela Doutrina Larreta.

Em fins de janeiro e começo de fevereiro, os comentários acerca da confiabilidade do pleito eleitoral eram noticiados com serenidade. Em 31 de janeiro, Brasil Gerson menciona o convite do chanceler da Argentina feito à “imprensa das nações unidas e, especialmente, das nações americanas” para acompanhar as eleições de 24 de fevereiro. Complementando, disse Juan Cooke: “Gostaria também – disse ele – que viessem representantes dos partidos democráticos do continente e das suas organizações operárias. Se assim procedo – adiantou – é porque tenho a certeza de que essas eleições serão as mais limpas e livres da nossa história”.⁶⁵⁸

A *Através das Américas* também noticiou a viagem de Farrell e Perón à Inglaterra, mencionando o banquete com o primeiro-ministro Clement Attlee e o rei Jorge VI, enquanto na *calle Corrientes* nada se falava de nazismo, “mas na contribuição argentina para a vitória inglesa”.⁶⁵⁹ Apesar do exagerado valor atribuído à atuação da Argentina na Segunda Guerra Mundial, por certo, importa-nos mais a preocupação e o esforço de Brasil Gerson em desvincular a Argentina fora da órbita do Eixo e do campo das forças pró-fascistas, dispondo de variados mecanismos e estratégias para a sua concretização, como visto anteriormente.

Na primeira edição de fevereiro, reafirma a sua posição de discordância quanto aos comunistas e organizações aliadas de diversas partes do continente, ainda que sem mencioná-los nominalmente. Diz “Está visto que aqui não pensamos, neste particular, como a generalidade dos partidos políticos argentinos, chilenos e uruguaios (...) nem se observa ali nenhuma infiltração de fascista por parte dos argentinos”.⁶⁶⁰

A chegada das eleições buscava tumultuar o país. A montagem de estações clandestinas de rádios “espalham coisas que (...) ganham amplitude e são retransmitidas pelas agências telegráficas”.⁶⁶¹ “Anteontem”, escreve Brasil Gerson, foi dito que Perón havia fugido para o Paraguai, quando, na verdade, tratava-se de uma viagem de propaganda do candidato para a região fronteira com Assunção.⁶⁶² Menciona, para completar, outros boatos propagados, entre eles, que o Ministro da Marinha havia se demitido, que as eleições haviam sido adiadas e que Partido Comunista fora fechado pelo Partido Laborista. Como se nota, as

⁶⁵⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 215, 31/01/1946. Rio de Janeiro.

⁶⁵⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 211, 26/01/1946. Rio de Janeiro.

⁶⁶⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 216, 01/02/1946. Rio de Janeiro.

⁶⁶¹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 218, 03/02/1946. Rio de Janeiro.

⁶⁶² TRIBUNA POPULAR, Ed. 216, 01/02/1946. Rio de Janeiro.

mentiras políticas eram mobilizadas para deslegitimar o processo político e deslegitimar o processo em curso para tumultuar a “boa ordem e a honestidade do pleito”.⁶⁶³ Também pelas transmissões radiofônicas, a doutrina Larreta voltou a ser apresentada “fazendo uma guerra de nervos intensíssima através de rádios clandestinos”, apresentando-se eles como exilados, propondo a ajuda da ONU para depor o governo de Buenos Aires.⁶⁶⁴

Tomando novamente de empréstimo a autoridade de Prestes, Brasil Gerson diz que o dirigente comunista já “colocou em termos bem claros essa questão”. De modo geral, os discursos e informes das lideranças e intelectuais do PCB compreendiam que o “inimigo dos povos da América” não era, nesse momento, a “ditadura militar de tipo sul-americano de Buenos Aires”. É o imperialismo que “quer roubar para si a vitória dos povos”,⁶⁶⁵ citando discurso de Blas Roca na última semana de janeiro.

Afastando-se de dicotomias, Brasil Gerson argumentava que não se tratava de uma eleição para definir o imperialismo a dominar a Argentina. “Seria também esquemático ver na sua candidatura [Perón] um movimento de orientação inglesa, e na U.D. um movimento de orientação dos ianques”. Justificava isso porque o jornal mais antiperonista em Buenos Aires é o *El Mundo*, e “ele está ligado aos capitais ingleses”.⁶⁶⁶ Assim, até mesmo entre setores do imperialismo inglês, o apoio a Perón encontrava resistência, não sendo um consenso unívoco.

O final da campanha eleitoral foi marcado pelas intervenções do Departamento de Estado norte-americano para levar a eleição de Perón ao fracasso. Com isso, às vésperas do pleito eleitoral, faltando menos de duas semanas para os eleitores sufragarem o próximo presidente do país, o Departamento de Estado dos EUA publicou o *Livro Azul* como peça eleitoral para o fracasso da eleição de Perón. Sua divulgação reverberou na imprensa brasileira.

Duas semanas antes da eleição, Brasil Gerson admoestava aos setores da UD argentina que continuavam fazendo coro “com as jogadas intervencionistas do chanceler Larreta e com os propósitos muito conhecidos de mr. Braden”. Teimosos, insistem em converter “a luta interna do seu país numa causa de vida ou morte para todo o mundo democrático”.⁶⁶⁷ Procurando respostas e soluções para os dilemas do seu tempo, Brasil Gerson encontrava-se entre os que partilharam da visão da existência de um grande sentimento anti-imperialista na população argentina para refrear o imperialismo no destino

⁶⁶³ TRIBUNA POPULAR, Ed. 216, 01/02/1946. Rio de Janeiro.

⁶⁶⁴ TRIBUNA POPULAR, Ed. 222, 08/02/1946. Rio de Janeiro.

⁶⁶⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 216, 01/02/1946. Rio de Janeiro.

⁶⁶⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 216, 01/02/1946. Rio de Janeiro.

⁶⁶⁷ TRIBUNA POPULAR, Ed. 222, 08/02/1946. Rio de Janeiro.

nacional⁶⁶⁸. Essa discussão é importante porque passa por aquilo que ele já havia discutido anteriormente, porque o “povo argentino”, graças ao seu espírito e tradição de luta, havia começado a reconquistar suas liberdades em agosto de 1945, “e daí em diante só as tem ampliado”,⁶⁶⁹ reafirmava o jornalista.

Novamente, o mês de agosto surge como a data afirmada em *Através das Américas* para demonstrar a ruptura de processos políticos. Nesse propósito, Brasil Gerson seleciona eventos-chaves para demonstrar e explicar o processo de inflexão do poder ditatorial, daí o critério utilizado ser o mês de agosto, quando o governo sofria sérios abalos internos e externos, dada a pressão popular e ante o cenário geopolítico internacional, afirmando uma série de medidas considerados como os primeiros passos para a redemocratização do país.

Essa análise da política assume aparentemente uma marcha progressiva e, para o jornalista, esse foi o momento central de inflexão do poder ditatorial. Atribuímos, portanto, o processo pós-agosto como recorte temporal de mudança da política interna, permitindo vislumbrar uma normalização democrática, no entanto, só depois de outubro Brasil Gerson revisará de forma significativa os seus olhares para o que envolvia o cenário político da República Argentina, tecendo ácidos comentários na sua coluna contra os grupos anti-peronistas.

Ter essa atenção importa, no entanto, não minimizou a confusão geral a que o leitor e até mesmo os trabalhadores da imprensa estavam submetidos quando o assunto do dia era a eleição da Argentina. Consciente das disputas de narrativas e acostumado com as dificuldades do trabalho jornalístico, Brasil Gerson assentiu que, em relação a muitas das notícias chegadas ao Rio de Janeiro, nunca saberiam “a verdade desses fatos”.⁶⁷⁰

A grande quantidade de matérias contrárias a Spruille Braden antes mesmo da divulgação do panfleto, caracteriza como *locus intelectual* de Brasil Gerson sua campanha contra a política intervencionista do secretário norte-americano. Contudo, quando da publicação da peça de propaganda dos Estados Unidos, este se encontrava como correspondente especial e, no dia em que a *Tribuna Popular* registrava que o *Livro Azul* repercutiu na Assembleia Constituinte, também publicou a reportagem *Qual é o objetivo do “Livro Azul”?* como “enviado especial da Inter Press”.⁶⁷¹ Produzindo material próprio, obteve diretamente de Montevideú o relato de que o “que se discute agora apaixonadamente nas duas

⁶⁶⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 216, 01/02/1946. Rio de Janeiro.

⁶⁶⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 222, 08/02/1946. Rio de Janeiro.

⁶⁷⁰ TRIBUNA POPULAR, Ed. 217, 02/02/1946. Rio de Janeiro.

⁶⁷¹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 232, 20/02/1946. Rio de Janeiro.

margens do Prata é o peronismo e o movimento antiperonista, a que dá um apelo franco o Departamento de Estado “yankee”, através de mr. Braden”.⁶⁷²

A matéria de Brasil Gerson questionava a respeito dos seus objetivos: se tem o propósito de extirpar os “remanescentes do fascismo em toda a face da terra” ou “visa como simples folhetim agitativo influir nas urnas argentinas?”. Na segunda hipótese, “deve ser condenado pela opinião continental como (...) intervenção estrangeira” e, mais ainda, configura-se um grave “erro psicológico, tornando-as contraproducente” porque fornece a Perón “um motivo de agitação apaixonante ligando-o a grandes massas” pelo “sentimento de defesa da soberania nacional, que a política Argentina se faça dentro de suas fronteiras”. No entanto, nos editoriais da imprensa, nas agências telegráficas estrangeiras e no rádio a provocação “está comendo solta”, conclui.⁶⁷³

Visualizamos, no entanto, que, ao mesmo tempo em que os comunistas argentinos apoiavam claramente as denúncias de Braden, Brasil Gerson, já como enviado especial, noticiou o perigo da publicação do *Livro Azul*, como continuidade da Doutrina Larreta, confirmando as suas predileções, com as tentativas de intervenção externa de arrastar o “povo brasileiro” para uma guerra imperialista contra o país fronteiriço.

Os apontamentos de Cristina Sá ajudam a compreender as posições de Brasil Gerson a respeito de entregar nas mãos de Perón um instrumento para habilmente manipular a seu favor, assim, o jornalista da *Tribuna Popular* parece ter feito uma leitura bastante atenta da conjuntura após a repercussão do *Livro Azul*. Segundo a historiadora,

O efeito esperado com a divulgação do “Blue Book” foi contrário à intenção do autor, dada à xenofobia dos argentinos, que não admitiam a intervenção estrangeira nos assuntos políticos domésticos. Oportunista, Perón utilizou a crítica a seu favor, criando a fórmula “Braden o Perón”, o primeiro, o representante do imperialismo yankee e o segundo, a Pátria.⁶⁷⁴

No que pese a divergência entre ambos os autores, para o colunista, a explicação para a resolução dos problemas pelos próprios argentinos é explicada por um sentimento patriótico e anti-imperialista, enquanto Cristina Sá aponta para a cultura xenófoba predominante na Argentina. Em 8 de outubro, Brasil Gerson publicou a sua última coluna em *Através das Américas* e embarcou para Montevidéu, em companhia de Pedro Motta Lima até a capital uruguaia, de onde este seguiria em missão cultural e jornalística, em nome da Associação

⁶⁷² TRIBUNA POPULAR, Ed. 232, 20/02/1946. Rio de Janeiro.

⁶⁷³ TRIBUNA POPULAR, Ed. 232, 20/02/1946. Rio de Janeiro.

⁶⁷⁴ SÁ, Cristina Isabel Abreu Campolina de. A palavra de Perón: análise do discurso e da política trabalhista argentina (1943-1949). Tese (Doutorado) Universidade Federal de Minas Gerais, 2007. p. 113.

Brasileira de Imprensa, para Buenos Aires e Assunção⁶⁷⁵. Brasil Gerson foi enviado como correspondente da *Inter Press* para acompanhar desde a vésperas a eleição presidencial na Argentina. Brasil Gerson parece ter atendido a solicitação do chanceler Cooke, mas não só. A sua esposa, Rosália, ainda residia em Montevideú. Sustentamos a hipótese que o seu prestígio como colunista continental, o ávido interesse pelas eleições argentinas e a familiaridade com as viagens a Montevideú, permitiu a Brasil Gerson passar cerca de um mês no estrangeiro, trabalhando como correspondente especial e desfrutando seu amor à Rosália.

Dessa maneira, a narrativa de *Através das Américas* desautoriza o uso de conceitos como fascismo e nazismo na órbita do movimento peronista. Posteriormente à ida dos eleitores argentinos às urnas, em 24 de fevereiro, Brasil Gerson escreveu a matéria publicada na primeira capa da *Tribuna Popular*, estampando uma foto 3x4 de seu rosto abaixo do título da reportagem em negrito: *Braden em maus lençóis ante as eleições argentinas*.⁶⁷⁶

De Buenos Aires, escreveu especialmente para a *Tribuna Popular*. Diz

essas eleições vieram confirmar inteiramente o ponto de vista do Partido Comunista do Brasil (...) de que na Argentina, ao contrário do que apregoava mr. Braden e as agências telegráficas, não havia uma ditadura igual a de Hitler, mas uma ditadura de tipo sul-americano, submetida, pela pressão popular e dos acontecimentos mundiais a um processo de democratização, mas perturbado por forças reacionárias locais, fantasiadas de democráticas, do que por elas mesmas.

E reafirma, em linhas gerais, o seu entendimento sobre a situação da Argentina debatida em *Através das Américas*. Para ele, foi uma vitória sucinta vitória pessoal, após acalorados meses de polêmicas, intrigas e debates, as eleições confirmaram suas perspectivas e as do PCB. Esse processo não foi linear e se caracteriza pelas incipientes articulações e desconfianças, perpassadas pelas dúvidas sobre a procedência das notícias de certos jornalistas e agências telegráficas, até o afastamento definitivo e conscientemente do diplomata Spruille Braden, recusando suas adjetivação sobre a Argentina “nazista” como chave de interpretação das contradições políticas do país.

A análise de Brasil Gerson a respeito dos incidentes na Argentina é bem mais vívida do que as transmitidas pelas agências de notícias internacionais e publicadas na imprensa na época sobre Perón. Contudo, a imagem vislumbrada nas linhas escritas em *Através das Américas* causa certa estranheza quando nos damos conta da aproximação dos comunistas junto às forças conservadoras, patronais, aristocráticas e até mesmo em consonância com a diplomacia norte-americana, não podendo visualizar os trabalhadores dentro das suas

⁶⁷⁵ TRIBUNA POPULAR, Ed. 223, 09/02/1946. Rio de Janeiro.

⁶⁷⁶ TRIBUNA POPULAR, Ed. 240, 01/03/1946. Rio de Janeiro.

alianças, que certamente estavam conscientes do que estava em jogo naquele contexto e percebiam vitória da frente anti-Perón como a derrota das incipientes conquistas trabalhistas.

Enquanto reúnem-se todos os partidos da União Democrática, do Conservador ao Comunista, agitando chapéus e lenços brancos nas esquinas do centro portenho, nos bairros operários, os trabalhadores, imigrantes, despossuídos e “descamisados”, desterrados em suas próprias terras, encontra no projeto e discurso de Perón um eco sobre as causas sociais, uma alternativa frente ao aperto e exploração causados pelos contrastes sociais na Argentina. O arsenal conceitual marxista não deu conta de responder ao acirramento das tensões na luta de classes, e atuação do PCA e de outros partidos comunistas heterodoxos esteve sujeita a polêmicas no seio das esquerdas na conjuntura do pós-guerra.

Embora não assuma uma posição clara e definida em favor de Perón, Brasil Gerson manifesta, ao longo do tempo, a sua simpatia, com muitas ressalvas, às reivindicações operárias outorgadas pela Secretaria do Trabalho e Provisão, de Perón. O Partido Comunista Argentino, no pós-eleições, no seu XI Congresso Nacional, reviu as suas posições e assumiu um tom bem mais moderado e de colaboração com as medidas econômicas favoráveis aos trabalhadores no novo governo instalado, adequando a sua estratégia sindical e adentrando nos sindicatos oficiais da CGT. Enquanto isso, o Partido Socialista manteve a sua linha de oposição sistemática e radical contra o governo Perón nos anos pós-1946.⁶⁷⁷ Posteriormente, escreveu Brasil Gerson que os fatos deram razão às suas predileções. A União Democrática da Argentina, de fato, assemelhava-se, em proposta e conteúdo. Vazia de conteúdo social, não se enraizou em grande parte dos setores precarizados da sociedade.

Enquanto Getúlio Vargas “vacilou e capitulou”, frente aos inimigos da democracia e do proletariado, o “outubro” de Juan Domingo Perón foi inteiramente diferente. Ele “foi para a luta”, para as ruas e uniu as massas laboristas para a “vitória contra o vento e a maré”, em um pleito que mobilizou os grupos mais poderosos da economia nacional, as federações estudantis, toda a grande imprensa e o imperialismo norte-americano. Para o ex-colunista de *Através das Américas*, cabia agora a adotar um comportamento e posição de vigilância para o “cumprimento imediato do programa peronista votado nas urnas, a reforma agrária imediata inclusive”.⁶⁷⁸

⁶⁷⁷ SÁ, Cristina Isabel Abreu Campolina de. A palavra de Perón: análise do discurso e da política trabalhista argentina (1943-1949). Tese (Doutorado) Universidade Federal de Minas Gerais, 2007. p. 131-144.

⁶⁷⁸ TRIBUNA POPULAR, Ed. 258, 23/03/1946. Rio de Janeiro.

CONCLUSÃO

A figura de Juan Domingos Perón e as eleições argentinas de 1946 ocuparam, sem sombra de dúvidas, espaços importantes nas páginas da imprensa carioca. Se a tarefa do historiador consiste, de fato, em estudar a relação do homem no tempo, como aprendido em March Bloch, é preciso dar à História novos contornos, ao refletir sobre os caminhos percorridos ao longo do século XX e XXI.

Nossa pesquisa procurou analisar, além do tempo e espaço, a dimensão intelectual e geográfica a partir do enfoque transnacional. Brasil Gerson é, indiscutivelmente, além de um mediador intelectual, um mediador de espaços sociais e geográficos, ao se mover constantemente pela América do Sul, cria formas e sentidos à discussão de certos tópicos relevantes e atrativos para ele e outros intelectuais.

A história da Argentina no biênio de 1945/1946 não pode ser contada sem a presença dos capitais estrangeiros, das particularidades nacionais, como o histórico de eleições fraudulentas, golpes militares e disputas entre radicais e conservadores, tampouco sem o protagonismo e a luta dos sindicatos operários por melhores condições de trabalho.

Percebemos a influência e importância da linha política dos comunistas argentinos para a construção do Estado democrático no país. Evidentemente, repercute positivamente a existência da vanguarda do proletariado para a sociedade argentina, ao mesmo tempo que passa a ver com suspeita os descaminhos entre o discurso e a prática do PCA. Uma vez que procurando compreender a política dos países latino-americanos no contexto continental e internacional, no qual as transições democráticas se desenrolaram, dedicado a entender também o papel dos partidos comunistas dentro dos cenários à sua volta.

Do Caribe ao Cone Sul, todos os conflitos político-econômicos se viram entrelaçados pelo “capital colonizador”. Numa série de acontecimentos históricos e cotidianos para a América, Brasil Gerson selecionou alguns temas a serem analisados e difundidos, como uma forma também de disputar a interlocução nestes debates, como a relação entre os militares, a política e os interesses estrangeiros; os comunistas e as alternativas Constituintes; os Golpes de Outubro e, indiscutivelmente, o tema predileto e de maior relevância em sua coluna, o pleito eleitoral argentino.

Essas questões, muitas vezes, estiveram entrelaçadas umas nas outras. O imperialismo norte-americano, materializado na figura de Spruille Braden, com os jornais, rádios e holofotes do Rio de Janeiro a Buenos Aires voltados para si. Para isso, os periódicos fluminenses souberam usar em seu proveito a Argentina como exemplo de país a não se prestar como exemplo de ética ao leitor, pois ali estavam os remanescentes do nazifascismo.

O objetivo desta dissertação radica também na hipótese de que o intelectual Brasil Gerson se debruçou sobre os veios da conjuntura política argentina difundidas por órgãos de imprensa adversários de Perón, inicialmente reproduzindo-as sem contestação. Pouco a pouco, com as próprias discussões internamente ao PCB e ante os golpes militares de outubro de 1945, passa a enxergar com desconfianças o lastro de argumentação do periodismo portenho e a leitura política expressa pelo Partido Comunista Argentino. A deposição de Vargas e a entrega do poder ao judiciário, palavra de ordem defendida pela União Democrática Nacional no Brasil (criticada pelo PCB), foi compartilhada com a União Democrática na Argentina. Se, de um lado da fronteira, a ação golpista recrudescer, não haveria de ser um caminho certo apoiar para outro país o mesmo discurso em prol do motim militar.

Cada vez mais disposto a decifrar a incógnita do país, Perón tornou-se figura central não só no processo argentino, como também em *Através das Américas*. Não pretendemos realizar um estudo sobre Perón ou o peronismo em si, mas a respeito dos debates, interpretações e repercussões da política dos radicais, conservadores, comunistas, socialistas e peronistas, na visão de Brasil Gerson em seus escritos em *Através das Américas*. Neste trabalho cuidamos em evidenciar as preocupações com as temáticas relacionadas à democracia, ditadura, alianças, eleições, cartas constitucionais, censura, violência, liberdade de expressão, direitos trabalhistas, sindicalismo, imperialismos e Nações Unidas, levando em conta a conjuntura vivida na América Latina.

A relação de Brasil Gerson com a questão argentina foi inusitada, de certa forma surpreendente pela nítida desqualificação dos argumentos dos partidos comunistas do Cone Sul. Na maior parte das vezes, trata-se seja de conselhos políticos, crítica as atitudes da *inteligência* portenha, quer de críticas pela fisionomia golpista dos comunistas e socialistas. Sua postura pode ser explicadas como uma tática em não incidir diretamente na política partidária do PCA, afinal, estar no PC significava entrar na rede nacional e internacional da organização, então o “preço a se pagar” preconizava a não-condenação direta e nominal nas linhas da *Através das Américas* ao Partido Comunista Argentino.

Porém, buscou usar da sua posição de prestígio no Rio de Janeiro, São Paulo e Montevidéu para trazer ao debate sócio-político novos elementos para a compreensão daquela realidade cambiante, capaz de constituir um risco real à América pela chantagem em razão da chantagem e ameaças dos dirigentes políticos dos Estados Unidos.

A definição das eleições argentinas favoráveis a Perón parece ter “lavado a alma” do jornalista catarinense, quando os Estados Unidos pretendiam pressionaram os países sul-americanos para o rompimento de relações diplomáticas com a Argentina e uma hipotética invasão, sob a Doutrina Larreta, lançada a pretexto de combate a um hipotético “último reduto do Eixo no mundo”.

A justificativa da atitude de frente política reunida em torno de Spruille Braden se assenata na análise de que, para reconquistar a democracia no país, seria preciso condenar reiteradamente a excrescência nazista imputada a Perón, mantendo distância de seus partidários e rejeitando até mesmo suas políticas favoráveis aos trabalhadores, consideradas “demagogas”.

Sem desconsiderar tais relevantes discussões, esta dissertação buscou demonstrar que a *Tribuna Popular* e Brasil Gerson tiveram papel significativo na batalha das ideias e em particular sobre a caracterização da crise argentina. Contudo, entendemos que se fazem necessários, ainda, estudos mais aprofundados sobre as relações entre os partidos comunistas brasileiro e argentino. Uma questão de partida se impõe: teriam os dirigentes e intelectuais brasileiros exercido algum grau de influência na conjuntura de ratificação do apoio a Juan Domingo Perón no congresso do Partido Comunista Argentino em 1946? Brasil Gerson, por exemplo, tinha estreito contato com Rodolfo Ghioldi, entusiasta do *Livro Azul* e inimigo visceral de Perón até as eleições de fevereiro. Em fevereiro, Brasil Gerson viaja para Montevidéu e Buenos Aires, o que possibilita algumas indagações: quais debates teria construído naquela conjuntura com os comunistas dos dois lados do Prata, no círculo comunista continental, visto que teria laços de amizade e firmado compromissos em tempos pretéritos? Como reagiram os comunistas de Buenos Aires e Montevidéu frente a esse processo? As relações entre Brasil Gerson e seus ex-camaradas de exílio tornaram-se menos amistosas? Indagações que demandam novas pesquisas.

Procuramos neste trabalho contribuir para o debate em torno das relações entre intelectuais, imprensa, comunismo, militares, democracia e “peronismo” no imediato pós-guerra, elegendo como estudo de caso a trajetória do intelectual Brasil Gerson e como principal argumento de sua escrita naquela conjuntura sua coluna *Através das Américas*.

Os textos assinados por Brasil Gerson na terceira página do periódico podem ser interpretados de múltiplas maneiras, observado o foco de sua análise. Entre elas, cresceram de relevo os escritos que analisaram a crise argentina, onde uma escrita de combate, em tom de apelo contra o extremismo e a favor da moderação no enfrentamento a Perón, defendendo que a eleição da chapa do Partido Laborista não significava a continuação do fascismo, do nazismo ou da sobrevida do Eixo no continente.

Em suas colunas, assesta sua crítica, ainda que indiretamente, as elaborações do Partido Comunista Argentino e, por extensão, de diversas outras figuras do comunismo continental, pelos apelos feitos à luta contra o nazismo supostamente imperante na Argentina, encabeçado pelo movimento de Perón e dos seus apoiadores.

Em vários momentos, Brasil Gerson apelou aos leitores brasileiros por uma reflexão consistente sobre o que estavam lendo e escutando sobre a conjuntura argentina. Nos momentos de confrontação, questionava a seletividade e parcialidade dos veículos de imprensa que responsabilizavam unicamente os peronistas pela situação de violência e calamidade pública vivenciada em Buenos Aires.

As posições e a lógica das esquerdas argentinas, são por ele consideradas paradoxais, são escritas de clamor frente a sua moderação política. Para o colunista, a adoção da prática impetuosa à frente da luta de classes argentina significou que os seus esforços, na verdade, provocaram grandes riscos a ruptura da ordem instituída e da eclosão possível de uma sangrenta guerra civil no Cone Sul.

De um lado, abaixo das fronteiras da Foz do Iguaçu, o Partido Comunista Argentino arrefeceu as suas críticas a Juan Domingo Perón. Do outro, na capital carioca, o triunfo do Partido Laborista foi apresentado pelos círculos políticos e opinião pública como um continuinismo da ditadura nazista de Farrel e Perón, de 1944. O fato de não ter conseguido derrotar a narrativa da grande imprensa fluminense, que ao longo dos anos seguintes disseminou um vasto repertório anti-peronista, identificando Perón como parte do fascismo local e das tentativas de sua expansão no continente, não diminui a importância que a mobilização intelectual e jornalística teve para acompanhar a turbulenta crise Argentina no pós-guerra.

De maneira geral, Brasil Gerson definiu na pauta do dia, como sua prioridade política a transição pacífica para a democracia, ao usar seus instrumentos de difusão de ideias na batalha em defesa da paz continental, frente a ideologia imperialista.

O evidente protagonismo da política argentina na luta de Brasil Gerson permite visualizar e compreender a valorização da tradição, cultura e histórica do país desde a sua

juventude, quando se voltou ao exame sobre a importância do tango argentino no teatro e seguindo com a ampliação de suas preocupações enquanto latino-americano em seu exílio no Prata, mas principalmente por suas ideias, articuladas ao imperativo de forjar um ideal de América “patriótica” e anti-imperialista, contrário às ideologias fascistas e do “capital colonizador”.

A guerra não se realizou. As eleições foram limpas e soberanas. O imperialismo não logrou pleno êxito, ao menos momentaneamente. Brasil Gerson, posteriormente, ativava o debate sobre a expectativa a realização da Reforma Agrária na Argentina, um dos pontos da plataforma dos candidatos sufragados, segundo ele, o caminho para desmontar a estrutura feudal legada da colonização espanhola, mantida após a ruptura com a metrópole e ascensão do Estado nacional e dos governos republicanos. Sustentamos a hipótese de que a prática política de Perón fez Brasil Gerson enxergar no líder argentino um possível aliado para a revolução democrático-nacional. De amplos leques, isso significaria um primeiro passo para o estabelecimento da soberania nacional, com reformas estruturais na tão sofrida sociedade argentina.

Apesar do seu permanente trabalho e polêmica na imprensa, a recepção de suas análises foi, consideravelmente, menor no universo dos periódicos do Rio de Janeiro, o que não diminui a importância de *Através das Américas* para a apreciação da política argentina, postulando ao leitor uma série de questionamentos. O perfil, a moldura engajada da seção de Brasil Gerson tinha o mérito de conceder legitimidade e humanizar os personagens até então distorcidos nas páginas de seus concorrentes.

Ao passo que ganham espaço em *Através das Américas*, Brasil Gerson também veiculou uma série de informações, notícias e debates que dificilmente seriam publicados fora da coluna *Através das Américas* ou dos periódicos comunistas.

O “benefício da dúvida” que imprimiu a chapa presidencial do Partido Laborista, levou a busca da compreensão dos fatores nacionais a ser eleito como a principal chave de leitura da política argentina daquele período. Após a definição presidencial, coube a ele destacar a vitória do líder laborista com as seguintes palavras, “O outubro de Perón foi diferente”.

Nessa perspectiva, o estreitamento de relações entre os comunistas e o governo argentino, a partir do segundo semestre de 1946, consolidou uma aliança e revisão das orientações do PCA no campo da política, motivada pelo interesse de abrir caminhos na sociedade para a sua participação social, tão alcançada pela atmosfera “reacionária” a que esteve submetido.

Em agosto de 1946, os órgãos de imprensa do Partido Comunista Brasileiro publicaram as primeiras matérias e reportagens sobre o apoio dos comunistas argentinos ao recém empossado presidente da República da Argentina: Juan Domingo Perón. Brasil Gerson confiou no poder das palavras, nas adjetivações e nas francas discussões políticas para refrear as novas táticas do imperialismo. Seus esforços, ao que indica, parecem não ter sido em vão. Sob tal prisma, a América ilustrada em sua Seção continental sentiu-se aliviada após a iminência de derrotas ante as perigosas tentativas de intervenção externa na Argentina e, particularmente, para Brasil Gerson e a intelectualidade comunista brasileira, o regozijo diante da revisão dos discursos e linha de atuação de seus correligionários do Prata sobre os fenômenos político-sociais da época.

A leitura compartilhada por Brasil Gerson, a *Tribuna Popular* e o PCB não deve ser vista como apropriação e reprodução totalizante do outro. Há, é certo, uma aproximação mútua entre intelectual, imprensa e partido, no entanto, Brasil Gerson, intelectual maduro e de longa trajetória no partido, soube ver no espaço aberto uma oportunidade para concretizar a sua vocação criativa e garantir autonomia própria para escrever de acordo com suas experiências, projetos, interesses e ideias-forças. Inicialmente, sustentamos a hipótese de que o encerramento de *Através das Américas* foi causa da desimportância ou frustração do estudo e divulgação da política latino-americana pelo seu próprio autor ou pela direção do jornal. No entanto, o seu fim no mês de abril de 1946 foi acompanhado, quase ao mesmo tempo, pelo encerramento das demais seções da “página nobre”, em razão das mudanças na própria linha do PCB. Assim, as Colunas assinadas, na terceira página desapareceram, ao passo que se passou a conferir prioridade editorial e política e espaço às reportagens propriamente ditas; introduzindo mudanças no modo de ver o matutino, a orientação editorial e o trabalho da equipe jornalística. Não é por acaso que, depois de retornar de viagem, nas edições de março e abril da *Tribuna Popular*, Brasil Gerson trabalha como correspondente do periódico em Santos, interior de São Paulo. Em 15 de março, na parte superior da primeira página, há o registro fotográfico do encontro entre Brasil Gerson e o respectivo entrevistado, encimada pelo seguinte texto: “Manuel Martin Gonzalez, evadido do inferno franquista, fala em Santos a *Tribuna Popular*”⁶⁷⁹. Outros textos, entrevistas e reportagens escritas de Santos serão publicadas na capa do jornal carioca, assinadas por Brasil Gerson, quando já se encontrava encerrada a Seção *Através das Américas*. Dessa forma, ao que os fragmentos das fontes indicam, pode ter sido deslocado pelo Partido para trabalhar em Santos, nesse contexto de

⁶⁷⁹ TRIBUNA POPULAR, Ed. 250, 15/03/1946. Rio de Janeiro.

profissionalização da *Tribuna Popular*. Assim, ao menos, na fase inicial da folha carioca, ligado ao partido por convicções políticas, militantes, intelectuais e por sua trajetória na imprensa, o profundo vínculo de Brasil Gerson moldou uma leitura particular da política em *Através das Américas*.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Josélia. Jorge Amado: uma biografia. São Paulo: Todavia, 2018.
- AIAPE, por la defensa de la cultura* (1937-1948). Montevideú. Acervo de la Biblioteca Nacional de Publicaciones Periódicas del Uruguay.
- Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Comercial* (1919-1924). Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.
- ALMEIDA, Paulo Mendes de. *De Anita ao museu*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- A Manhã* (1935): Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.
- AMARAL, Aracy. *Arte para quê?: A preocupação social na arte brasileira, 1930-1970: subsídios para uma história social da arte no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel, 2003.
- AMARAL, Samuel. La renuencia de las masas: el Partido Comunista ante el peronismo, 1945-1955. *Argentina: Universidad del CEMA*, 2008.
- ANDRADE, Everaldo de Oliveira. *A revolução boliviana*. São Paulo: Unesp, 2007.
- ANDRETO, Lucas Alexandre. *A formação do Partido Comunista do Brasil (PCB) na cidade de São Paulo (1922-1930)*. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018.
- ANTELO, Raul. Doce de abóbora dá chumbo para canhão: Brasil Gerson. *Cadernos de Literatura Comparada*, n. 46, 2022.
- A Razão: Orgão Popular* (1921): Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, 1998, n. 21.
- ARRUDA, Cláudia Maria Calmon. Memórias num bordado: traços de Genny Gleizer no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS, Uberlândia*, v. 23, n 1, jan.-jun. 2010.
- BARTZ, Frederico Duarte. A Gênese do PCB (1918-1930). In: Secco, Lincoln; PERICÁS, Luiz Bernardo. *História do PCB*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2022.
- BARTZ, Frederico Duarte. *Movimento Operário e Revolução Social no Brasil: ideias revolucionárias e projetos políticos dos trabalhadores organizados no Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Porto Alegre entre 1917 e 1922*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014
- BEZERRA, Gregório. *Memórias: 1900-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- BISSO, Andrés. El antifascismo latinoamericano: usos locales y continentales de un discurso europeo. *Asian Journal of Latin American Studies*. Seul, v. 13, n. 2, 2000.

- BUONICORE, Augusto. *Partido Comunista, cultura e intelectuais*, 2019. Disponível em: <https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/augusto-buonicore-partido-comunista-cultura-e-intelectuais/>. Acesso em: 28 jul. 2023.
- CAVLAK, Iuri. Revisitando o populismo: o caso argentino. *Revista Novos Rumos*, v. 55, n. 2, 2018.
- CALEGARI, Ana Paula Cecon. Perspectivas teóricas, trajetória e o projeto político dos comunistas cubanos durante a década de 1940. *Tempos Históricos*, v. 21, n. 2, 2017.
- CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. *Estrangeiros e ordem social: São Paulo (1926-1945)*. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 17, n. 33, 1997.
- CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; KOSSOY, Boris. *A imprensa confiscada pelo DEOPS, 1924-1954*. São Paulo: Ateliê Editorial; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Arquivo do Estado, 2003.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros proibidos, ideias malditas: o DEOPS e as minorias silenciadas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- CARRERI, Márcio Luiz. *O socialismo de Oswald de Andrade: cultura, política e tensões na modernidade de São Paulo na década de 1930*. Tese (Doutorado) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2015.
- CARONE, Edgard. *O marxismo no Brasil – das origens a 1964*. DEAECTO, Marisa Midori; SECCO, Lincoln (org.). *Leituras marxistas e outros estudos*. São Paulo: Xamã, 2004.
- CHILCOTE, Ronald H. *O Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração, 1922-1972*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- CORDEIRO, Cristiano. *Memória & história*, São Paulo, nº 2, LECH, 1981.
- CUNHA, Paulo Ribeiro da. *Militares e militância: uma relação dialeticamente conflituosa*, Editora UNESP, 2020.
- Correio Paulistano* (1928): Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.
- Cultura: Mensário Democrático* (1938): Biblioteca Mário de Andrade.
- D'AMBROSIO, Matteo. FT Marinetti in Brasile (1926): i Manifesti Contro i capelli corti (con la risposta di Toddi) e Fascismo e Futurismo; il Manifesto futurista paulista di Brasil Gérson. *Transparenze*, n. 31/32. 2007,
- DALMÁS, Carine. *Frentismo cultural em prosa e verso: comparações, conexões e circulação de ideias entre comunistas brasileiros e chilenos. (1935-1948)*. Tese apresentada a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), 2012.

- DE ARRUDA CAMPOS, Alzira Lobo; GOMES, Álvaro Cardoso; GODOY, Marília Gomes Ghizzi. Autocríticas e expurgos nos círculos revolucionários paulistas (1928-1935). *Antíteses*, v. 9, n. 17, p. 115-135, 2016.
- DE CASTRO GOMES, Ângela; HANSEN, Patrícia Santos. *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- DE CASTRO GOMES, Ângela Maria. *Velhos militantes: depoimentos*. Jorge Zahar, 1988.
- DE ROCHA POMAR, Pedro Estevam. Os aparatos de comunicação de massa e a luta pela hegemonia no Brasil. *Lutas Sociais*, n. 19/20. p. 80-93, 2008.
- DE ROCHA POMAR, Pedro Estevam. Dutra, Adhemar e a repressão ao PCB: o incidente de Ribeirão Preto. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista. 2000.
- DEL ROIO, Marcos. *A classe operária na revolução burguesa: a política de alianças do PCB, 1928-1935; ensaio histórico-político*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1988
- DEL ROIO, Marcos. A trajetória de Astrojildo Pereira (1890-1965), fundador do PCB. *Revista Novos Rumos*, 52.
- DEL ROIO, Marcos. Os comunistas na revolução burguesa (1928-1948). In: SECCO, Lincoln; PERICÁS, Luiz Bernardo. *História do PCB*. São Paulo: Ateliê Editorial. *Diário da Noite* (1926-1934): Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.
- DUPRAT, Andréia Carolina Duarte. *Clube de Gravura de Porto Alegre e revista Horizonte (1949-1956): arte e projeto político*. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Porto Alegre, 2017.
- EVAGELIDIS, José Esteves. História oral produzida por instituições públicas: a experiência da fundação Arquivo e Memória de Santos. Fundação Arquivo e Memória de Santos, Santos.
- FARIA CRUZ, Heloisa; CUNHA PEIXOTO, Maria do Rosário. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, v. 35, n. 1, dez. 2007.
- FERNÁNDEZ, Jorge Christian. História e memória de um exílio esquecido: os militares de esquerda brasileiros na Argentina e Uruguai, 1936-1942. *Historia, voces y memoria*, n. 8, 2015.
- FERREIRA, Jorge. O nome e a coisa: o populismo na política brasileira. In: FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

- FERREIRA, Luiz Mateus da Silva. *Terra, trabalho e indústria na colônia de imigrantes Dona Francisca (Joinville), Santa Catarina, 1850-1920*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2019.
- GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Folha Carioca Editora, 1965.
- GERSON, Brasil. *História popular de Tiradentes*. São Paulo: Atena editora, 1944.
- GIL, Natália. Analfabetismo da população brasileira nas análises de Giorgio Mortara sobre o censo de 1940. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 39, 2022.
- GUERRA, François-Xavier. *Modernidad e Independencias: Ensayos sobre las revoluciones hispánicas*. 1992.
- GUIMARÃES, Valéria Lima. *O PCB cai no samba: os comunistas e a cultura popular (1945-1950)*. Dissertação (Mestrado) Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS-PPGHIS, 2001.
- GUERELLUS, Natália de Santanna. História de um nome: um estudo sobre Rachel de Queiroz jornalista (1927-1950). In: LUSTOSA, Isabel; OLIVIERI-GODET, Rita. *Imprensa, história e literatura: o jornalista-escriptor*. (org.). Fundação Casa Rui Barbosa, RJ, 2021,
- HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. Editora Companhia das Letras, 1995.
- HOBSBAWM, Eric. *Como mudar o mundo: Marx e o marxismo, 1840-2011*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- HUYSSSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política, amnésia. In: *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000, p. 9-37.
- Imprensa Popular (1953)*: Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.
- JUBERTE, Vinícius. José Calvino Filho: A trajetória de um editor comunista no Brasil (1930-1959). *Amoxltli*, n. 1, p. 19-52, 2018.
- KAREPOVS, Dainis. *A classe operária vai ao Parlamento: O Bloco Operário e Camponês no Brasil (1924-1930)*. São Paulo: Alameda, 2006.
- KLICH, Ignacio. Perón, Braden y el antisemitismo: opinión pública e imagen internacional. *Ciclos en la historia, la economía y la sociedad*, v. 2, n. 2, 1992.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora Puc-RJ, 2006.
- LACERDA, Felipe Castilho de. *Octávio Brandão e as Matrizes intelectuais do Marxismo no Brasil*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2020.
- LIMA, Heitor Ferreira. *Caminhos percorridos: memórias de militância*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

- LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *In: Projeto História*, n. 17, 1998.
- Marcha* (1939-1974): Acervo da Hemeroteca Digital do Uruguai.
- MANGABEIRA, Francisco. Imperialismo, petróleo, Petrobras. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1964.
- MARI, Marcelo. Pauliceia nas revoluções: artes visuais e agitação política nas primeiras décadas do século XX. *PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais*, v. 26, n. 45, 2021.
- MARTINEZ, Paulo Henrique. *A dinâmica de um pensador crítico: Caio Prado Jr. (1928-1935)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2008.
- MARTINS, Maria Antonia Dias. Identidade Ibero-americana em revista: Cuadernos Americanos e Cuadernos Hispanoamericanos, 1942-1955. 2012. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- MAZZEO, Antonio Carlos. *Sinfonia inacabada: a política dos comunistas no Brasil*. Boitempo Editorial, 2022.
- MELLO, Celso. Princípio de não-intervenção. *Revista de Ciência Política*, v. 33, n. 3, 1990.
- MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adélia Maria. Intelectuais no exílio: onde é a minha casa?. *Dimensões: Revista de História da Ufes*, n. 26, 2011.
- MILARÉ, Sebastião. *Batalha da quimera*. Funarte, Ministério da Cultura, 2009.
- MIRANDA, Mario Ângelo. Povo, democracia e legalidade nas linguagens políticas do Brasil (1945-1964) e do Chile (1939-1973) no contexto das experiências democráticas de massa. 2014. 2018. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- MONTALVÃO, Sérgio. O intelectual e a política: a militância comunista de Caio Prado Júnior (1931-1945). *Revista de História Regional*, 2002.
- MORENA, Roberto. Morena por ele mesmo. *Memória & História*, vol. 3. São Paulo, 1987.
- MORGENFELD, Leandro. Nelson A. Rockefeller and the normalization of Argentina-US diplomatic relations in 1945. Rockefeller Archive Center, 2011.
- NEPOMUCENO, Maria Margarida Cintra. A missão cultural brasileira no Uruguai: a construção de um modelo de diplomacia cultural do Brasil na América Latina (1930-1945). Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2015.
- NETO, Sydenham Lourenço. Entre Chapultepec e o Rio de Janeiro: o “problema argentino”, o Livro Azul e suas repercussões. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 22, 2017.
- NOGUEIRA, Antônio Gilberto; GONÇALVES, Adelaide. *Caio Prado Jr.: Legado de um saber-fazer histórico*. São Paulo: Hucitec, 2013.

- OLIVEIRA, Ângela Meirelles. Exilados brasileiros nos países do Prata: mediações e luta antifascista (1933-1939). *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n.19, 2015.
- OLIVEIRA, Ângela Meirelles. *Palavras como bala. Imprensa e intelectuais antifascistas no cone sul (1933-1939)*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2013.
- OLIVEIRA, Luís Eduardo. Na “Tribuna Popular”: a atuação sindical do PCB e o início da luta pelo abono de Natal no Rio de Janeiro (1945-1946). In: FERREIRA, Jorge (org.). *O Rio de Janeiro nos jornais*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.
- OLIVEIRA, Francisco. No silêncio do pensamento único: intelectuais, marxismo e política no Brasil. In: NOVAES, Adauto (org.). *O silêncio dos intelectuais São Paulo: Companhia das Letras*, 2006.
- OZÓRIO, Luiz Augusto. *FABER MARCUS JOHNSON GORRËSEN*. Disponível em: <https://www.saofranciscodosul.sc.gov.br/faber-marcus-johnson-gorresen>. Acesso em: 24 jul. 2023.
- PALAMARTCHUK, Ana Paula. Em Nome da Segurança Nacional: Os Escritores na Mira da Polícia, *Revista Crítica Histórica*, v. 2, n. 3, 2011.
- PALAMARTCHUK, Ana Paula. *Os Novos Bárbaros: Escritores e Comunismo no Brasil (1928-1948)*. Tese de Doutorado. IFCH/Unicamp, 2003.
- PALAMARTCHUK, Ana Paula. *Ser intelectual comunista: escritores brasileiros e o comunismo, 1920-1945*. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1997.
- PAVANELLO, Laércio José. *Ferramentas, fumo, farinha... Um estudo sobre o patrimônio comercial de Joinville*. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) Universidade da Região de Joinville, 2012.
- PANDOLFI, Dulce Chaves. *Rasgando a fantasia: Um estudo sobre a identidade do Partido Comunista Brasileiro*. Tese de doutoramento apresentado ao curso de pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 1994.
- Para Todos* (1926-1932): Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.
- Para Todos* (1919-1958). Rio de Janeiro. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.
- PERICÁS, Luiz Bernardo. *Processo e desenvolvimento da revolução boliviana*. Lutas Sociais, 2004.
- PEGORARO, Mônica Renata Schmidt. *A questão trabalhista em debate (1930-1937)*. Tese (Doutorado em História) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

- PEREIRA, Jaqueline Pierazzo. O Clube dos Artistas Modernos por Flávio de Carvalho. *Língua, Literatura e Ensino*-ISSN 1981-6871, v. 5, 2010.
- PÉREZ, José Luis Monereo. *La Democracia en Crisis*. Barcelona: Editorial El Viejo Topo, 2004.
- PESSANHA, Eline Gonçalves; NASCIMENTO, Regina Helena. *PCB: 1929-1935 – Caminhos da Revolução*. Rio de Janeiro: Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro, 1995.
- PESSOA, Ana. Argila, ou falta uma estrela... és tú!. *Fênix-Revista de História e Estudos Culturais*, v. 3, n. 1, 2006
- PESSOA, Ana. Carmen Santos e o cinema brasileiro: trajetórias indelévelis. *Arquivo em Cartaz*, v. 1, p. 35-43, 2015.
- PEIXOTO, Artur. *Da organização a frente única: a repercussão da ação política do Partido Comunista do Brasil no movimento operário gaúcho (1927-1930)*. Dissertação apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.
- PETRA, Adriana. *Intelectuales y cultura comunista: Itinerarios, problemas y debates en la Argentina de posguerra*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica Argentina, 2022.
- PEREIRA, Astrojildo. *Construindo o PCB (1922-1924)*. São Paulo: Livrarias Editoras Ciências Humanas, 1980.
- PIÑERO, Jesús. Venezuela y la Unión Soviética, 1941-1945: coincidencias, tensiones y conflictos. *Cuadernos UCAB*, n. 18, 2020.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio; DEL ROIO, Marcos. *Combates na história: a trajetória de Heitor Ferreira Lima*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: FAPESP, 1990.
- PRESTES, Anita Leocádia. *Da insurreição armada (1935) à união nacional (1938-1945): a virada tática na política do PCB*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- PRESTES, Anita Leocádia. *Viver é tomar partido: memórias*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.
- PRIMO, Jacira Cristina Santos. *Tempos vermelhos: a Aliança Nacional Libertadora e a política brasileira (1934-1937)*. Salvador: Sagga Editora, 2017.
- PROST, Antoine. *Social e cultural indissociavelmente: Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998,
- QUADROS, Carlos Fernando de. *Jacob Gorender, um militante comunista: estudo de uma trajetória política e intelectual no marxismo brasileiro (1923-1970)*. 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

RANGEL, Livia de Azevedo Silveira. Lídia Besouchet e Newton Freitas: mediações políticas e intelectuais entre o Brasil e o Rio da Prata (1938-1950). Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

República (1921): Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

RIBEIRO, David Ricardo. O PCB e o Conflito pelo Controle da Democratização. In: SECCO, Lincoln; PERICÁS, Luiz Bernardo. *História do PCB*. 2022. São Paulo: Ateliê Editorial.

ROLLEMBERG, Denise. Entre raízes e radares, o exílio brasileiro (1964-1979). In: XI JORNADAS INTERESCUELAS. *Anais...* San Miguel de Tucumán: Departamento de Historia, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Tucumán, 2007. Disponível em: <http://cdsa.aacademica.org/000-108/758.pdf>.

ROMERO, Luis Alberto. *História contemporânea da Argentina*. Rio de Janeiro: Zahar. 2006.

ROXO, Marco; SACRAMENTO, Igor. *Intelectuais partidos: os comunistas e as mídias no Brasil*. Editora E-papers, 2012.

RUBIM, Antônio Canelas. *Marxismo, Cultura e Intelectuais no Brasil*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTOS, Fabio Luís Barbosa dos. *Origens do pensamento e da política radical na América Latina: um estudo comparativo entre José Martí, Juan B. Justo e Ricardo Flores Magón*. Campinas, SP; Editora da Unicamp, 2016.

SANTOS, Rodolpho Gauthier Cardoso dos. A construção da ameaça justicialista: antiperonismo, política e imprensa no Brasil (1945-1955). 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. In: América : *Cahiers du CRICCAL*, nº9-10, 1992.

SECCO, Lincoln. *A batalha dos livros*. Formação da esquerda no Brasil. São Paulo: Ateliê Editorial, 2017.

SENA JUNIOR, Carlos Zacarias Figueirôa de. *Os impasses da estratégia: os comunistas e os dilemas da União Nacional na revolução (im) possível-1936-1948*. 2007.

SILVA, Carine Neves Alves da. *Secretariado Sul Americano e Partido Comunista do Brasil (1926- 1930)*. Dissertação (Mestrado em História Social). UERJ-FFP, 2011.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Mauad Editora, 1998.

SOUSA, Raimundo Alves de. *Os desconhecidos da História da Imprensa Comunista*. Rio de Janeiro: Fundação Dinarco Reis, 2005.

TAVARES, Rodrigo Rodrigues. *A “Moscouzinha” brasileira: cenários e personagens do cotidiano operário de Santos (1930-1954)*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: FAPESP, 2007.

THOMPSON, Edward Palmer. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. São Paulo: Editora UNICAMP, 2012.

Tribuna Popular (1945-1947): Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Jornal do Commercio (1829-2016). Rio de Janeiro. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Z Aidan, Michel. *PCB (1922-1929): Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: Global, 1985

ZIMBARG, Luís Alberto. *O cidadão armado comunismo e tenentismo (1927-1945)*.

Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista, 2001.